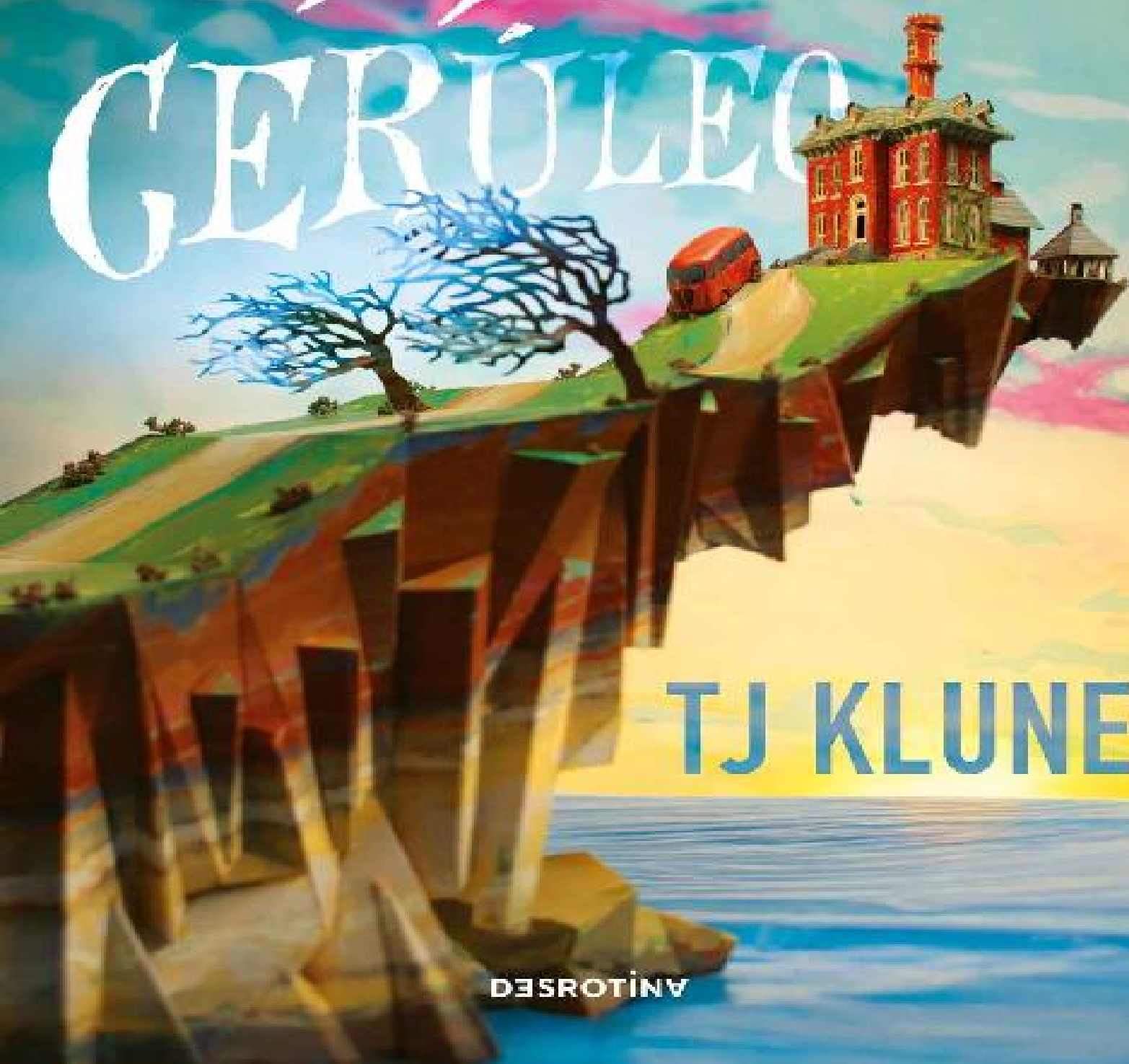


A CASA NO MAR CERÚLEO

«Simplesmente
perfeito.»

V. E. SCHWAB



TJ KLUNE

DESROTEIRA



DEVEMOS ARRANJAR SEMPRE
TEMPO PARA AS COISAS DE
QUE GOSTAMOS. SE NÃO
O FIZERMOS, PODEMOS
ESQUECER-NOS DE COMO SER

FELIZES

A CASA
NO MAR
CERÚLEO



TJ KLUNE

A CASA
NO MAR
CERÚLEO

TRADUÇÃO DE ALEXANDRA CARDOSO

DESROTIN

DESROTINA 

TÍTULO ORIGINAL: *The House In The Cerulean Sea*

The House in the Cerulean Sea – © 2020 by T. J. Klune

This edition is published by arrangement with The Knight Agency through Yañez,
part of International Editors' Co. S.L. Literary Agency

© Desrotina Editora

A presente edição segue a grafia da nova Acordo Ortográfico da língua Portuguesa:

TÍTULO: *A Casa no Mar Cerúleo*

AUTORIA: T.J. Klune

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: Red Nose Studio

ISBN: 9789899096646

EDIÇÃO EM PAPEL: maio de 2022

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrônico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outro, nem ser introduzida numa base de dados, difundida em de qualquer forma exigida para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito da Editor.

Desrotina Editora é uma chancela


infinito particular
Criatividade a medida

info@particular.pt | www.particular.pt

Para aqueles que têm estado comigo desde o início, vejam só o que fizemos. Obrigado.

UM

— Oh, céus — disse Linus Baker, enxugando o suor da testa. — Isto não é nada normal.

Era um eufemismo. Ele observava, maravilhado, uma menina de onze anos, chamada Daisy, que fazia levitar blocos de madeira bastante acima da sua cabeça. Os blocos giravam em círculos concêntricos lentos. Daisy franzia a testa em concentração, espetando a ponta da língua por entre os dentes. Aquilo continuou durante um bom minuto até os blocos descerem lentamente até ao chão. O nível de controlo dela era surpreendente.

— Estou a ver — disse Linus, rabiscando furiosamente no seu bloco de notas.

Estavam no escritório da diretora, uma sala arrumada com uma carpete castanha e móveis antigos em estilo oficial. As paredes estavam forradas com pinturas horrorosas de lémures em várias poses. A diretora exibira-as com orgulho, dizendo a Linus que pintar era a sua paixão e que, se não se tivesse tornado diretora deste orfanato específico, viajaria com um circo como treinadora de lémures ou teria aberto uma galeria para partilhar a sua arte com o mundo. Linus achava que era melhor para o mundo as pinturas estarem nesta sala, mas guardou esse pensamento para si mesmo. Não estava ali para se envolver em críticas de arte amadora.

— E com que frequência é que... bom, tu sabes, fazes as coisas flutuar?

A diretora do orfanato, uma mulher atarracada com cabelos crespos, deu um passo em frente.

— Oh, nem sempre — respondeu rapidamente. Torceu as mãos, movendo os olhos de um lado para o outro. — Talvez uma ou duas

vezes... por ano?

Linus tossiu.

— Por mês — corrigiu a mulher. — Que tolice. Não sei porque disse «por ano». Foi um engano. Sim, uma ou duas vezes por *mês*. Sabe como é. Quanto mais velhas as crianças se tornam, mais elas... fazem coisas.

— É verdade? — perguntou Linus a Daisy.

— Ah, sim — disse Daisy. — Uma ou duas vezes por mês e nada mais. — Ela sorriu-lhe beatificamente e Linus interrogou-se se alguém teria treinado as respostas com ela antes da sua chegada. Não seria a primeira vez que isso acontecia e duvidava de que fosse a última.

— Claro — disse Linus.

Elas esperaram enquanto ele continuou a rabiscar o papel com a caneta. Podia sentir os olhos delas fixos nele, mas manteve-se concentrado nas suas palavras. A precisão exigia atenção. Era extremamente metuculoso e a sua visita a este orfanato específico tinha sido esclarecedora, para dizer o mínimo. Precisava de anotar o máximo de pormenores possível a fim de terminar o seu relatório final assim que voltasse ao escritório.

A diretora afanava-se em volta de Daisy, puxando o seu cabelo preto rebelde para trás e prendendo-o com ganchos de plástico em forma de borboleta. Daisy olhava com um ar infeliz para os seus blocos no chão, como se desejasse que estivessem a levitar mais uma vez, e franzia as sobrancelhas espessas.

— Consegues controlá-los? — perguntou Linus.

Antes que Daisy pudesse abrir a boca, a diretora respondeu:

— Claro que consegue. Nunca permitiríamos que ela...

Linus ergueu a mão.

— Minha senhora, eu gostaria de poder ouvir a Daisy. Embora não tenha dúvidas de que a senhora quer o melhor para ela, acho que crianças como a Daisy tendem a ser mais... diretas.

A diretora pareceu querer falar novamente até Linus arquear uma sobancelha. Então, suspirou enquanto assentia, dando um passo atrás e afastando-se de Daisy.

Depois de rabiscar uma nota final, Linus tapou a sua caneta, arrumando-a e ao bloco de notas na sua pasta. Levantou-se da cadeira e agachou-se diante de Daisy, sentindo os joelhos gemer em protesto.

Daisy mordiscou o lábio inferior de olhos arregalados.

— Daisy? Consegues controlá-los?

Ela assentiu lentamente.

— Acho que sim. Não magoei ninguém desde que vim para cá. — Os cantos da sua boca descaíram. — Não até ao Marcus. Não gosto de magoar as pessoas.

Quase conseguia acreditar nela.

— Ninguém disse que gostavas, mas, às vezes, nem sempre conseguimos controlar os... dons que recebemos. E isso não é necessariamente culpa daqueles que têm esses dons.

Aquilo não pareceu fazê-la sentir-se melhor.

— Então, de quem é a culpa?

Linus pestanejou.

— Bem, suponho que existem diversos fatores. A investigação moderna sugere que estados emocionais extremos podem desencadear casos como o teu. Tristeza, raiva, até felicidade. Talvez estivesses tão feliz que atiraste acidentalmente uma cadeira contra o teu amigo Marcus. — Aquela tinha sido a razão pela qual ele fora enviado para ali. Marcus fora atendido no hospital para lhe tratarem da cauda, a qual tinha ficado dobrada num ângulo estranho, e o hospital relatara o facto diretamente ao Departamento Responsável pela Juventude Mágica, conforme lhe era exigido. O relatório desencadeara uma investigação, razão pela qual Linus fora destacado para este orfanato específico.

— Sim — disse Daisy. — Foi isso mesmo. O Marcus deixou-me tão feliz quando roubou os meus lápis de cor que eu atirei sem querer uma cadeira contra ele.

— Percebo — disse Linus. — E pediste desculpa?

Ela olhou novamente para os blocos, arrastando os pés.

— Sim. E ele disse que não estava zangado. Até me afiou os lápis antes de os devolver. É melhor a fazê-lo do que eu.

— Foi muito atencioso — disse Linus. Pensou em estender a mão e dar-lhe uma palmadinha no ombro, mas não era adequado. — E eu sei que não lhe quiseste fazer mal, não a sério. Talvez, no futuro, possamos parar e pensar antes de deixar as nossas emoções dominar-nos. O que achas?

Ela assentiu furiosamente.

— Oh, sim. Prometo parar e pensar antes de atirar mais cadeiras com o poder da minha mente.

Linus suspirou.

— Acho que não era exatamente isso que eu...

Um sino tocou algures no interior da velha casa.

— Biscoitos — suspirou Daisy antes de correr em direção à porta.

— Apenas *um* — gritou a diretora atrás dela. — Não queres estragar o jantar!

— Não estrago! — gritou Daisy em resposta antes de bater com a porta atrás de si. Linus podia ouvir o tamborilar dos seus passinhos enquanto ela corria pelo corredor em direção à cozinha.

— Vai estragar — murmurou a diretora, afundando-se na sua cadeira atrás da mesa. — Estraga sempre.

— Acho que os mereceu — disse Linus.

Ela passou a mão sobre o rosto antes de olhar para ele com cautela.

— Bem, é isso. O senhor entrevistou todas as crianças, inspecionou a casa e viu que o Marcus está bem. E, embora tenha

havido... o incidente com a cadeira, Daisy não tinha obviamente intenção de o magoar.

Acreditava que ela tinha razão. Marcus parecera mais interessado em deixar Linus assinar o seu gesso do que em arranjar problemas para Daisy. Linus recusara, dizendo-lhe que não era correto. Marcus ficara desapontado, mas recuperara quase de imediato. Linus sentira-se maravilhado — como às vezes acontecia — com o facto de eles serem tão resilientes perante tudo.

— Pois.

— Suponho que não me vai dizer o que vai escrever no seu relatório...

Linus endireitou-se.

— De modo nenhum. A senhora receberá uma cópia assim que eu a enviar, como sabe. O conteúdo ser-lhe-á, então, divulgado e nem um segundo antes.

— Com certeza — disse a diretora apressadamente. — Não tive a intenção de sugerir que o senhor...

— Ainda bem que concorda — disse Linus. — E sei que o DRPJM também agradece. — Atarefou-se com a pasta, reorganizando o conteúdo até ficar satisfeito. Fechou-a e trancou os fechos. — Agora, a menos que haja mais alguma coisa, vou-me embora e desejo-lhe...

— As crianças gostam de si.

— Eu gosto delas — disse ele. — Não faria o que faço se não gostasse.

— Nem sempre é assim com outras pessoas como o senhor. — Ela pigarreou. — Ou melhor, com os outros assistentes sociais.

Olhou com anseio para a porta. Estivera tão perto de escapar. Segurando a pasta à sua frente, como um escudo, virou-se novamente.

A diretora levantou-se da cadeira e contornou a mesa. Ele deu um passo atrás, mais por hábito. Ela não se aproximou, apoiando-se em

vez disso na secretária.

— Nós tivemos... outros — disse.

— Sim? Era de esperar, é claro, mas...

— Eles não veem as crianças — disse ela. — Não por quem são, mas apenas por aquilo de que são capazes.

— Elas devem ter uma oportunidade, como todas as crianças. Que esperança podem ter de ser adotadas se forem tratadas como algo a ser temido?

A diretora soltou uma risada.

— Adotadas.

Linus semicerrou os olhos.

— Disse algum disparate?

Ela abanou a cabeça.

— Não, perdoe-me. O senhor é refrescante, à sua maneira. O seu otimismo é contagiante.

— Sou um verdadeiro raio de Sol — disse Linus categoricamente.

— Agora, se não houver mais nada, posso ir...

— Como é que pode fazer o que faz? — perguntou ela e, então, empalideceu como se não pudesse acreditar no que dissera.

— Não sei o que quer dizer.

— Trabalhar para o DRPJM.

O suor escorria-lhe pela nuca até à gola da camisa. Estava terrivelmente quente no escritório. Pela primeira vez em muito tempo, Linus desejou estar lá fora à chuva.

— E qual é o problema com o DRPJM?

Ela hesitou.

— Não o queria ofender.

— Espero que não.

— É só que... — Ela afastou-se da secretária, de braços ainda cruzados. — Não se interroga?

— Nunca — disse Linus prontamente. E depois: — Em relação a quê?

— Ao que acontece a um lugar como este depois de o senhor enviar o seu relatório final. O que acontece às crianças.

— A menos que me peçam para regressar, espero que elas continuem a viver como crianças alegres e felizes até se tornarem adultos alegres e felizes.

— Que ainda são regulados pelo governo por causa de quem são.

Linus sentiu-se encurralado. Não estava preparado para isto.

— Eu não trabalho para o Departamento Responsável pelos Adultos Mágicos. Se tiver alguma dúvida a esse respeito, sugiro que fale com o DRPAM. O meu foco é exclusivamente no bem-estar das crianças, nada mais.

A diretora sorriu tristemente.

— Elas nunca permanecem crianças, Sr. Baker. Acabam sempre por crescer.

— E fazem-no usando as ferramentas que alguém como a senhora lhes fornece, caso não sejam adotadas e acabem por deixar o orfanato ao atingir a maioridade. — Deu outro passo atrás em direção à porta. — Agora, se me dá licença, tenho de apanhar o autocarro. Tenho uma viagem bastante longa até casa e não quero perdê-lo. Obrigado pela sua hospitalidade. E, mais uma vez, assim que o relatório for preenchido, receberá uma cópia para os seus próprios arquivos. Informe-nos se tiver alguma questão.

— Na verdade, tenho outra...

— Envie-a por escrito — exclamou Linus, já a passar pela porta. — Fico à espera de a receber. — Fechou a porta atrás de si, ouvindo o trinco prender com um clique. Inspirou profundamente antes de expirar lentamente. — Agora é que a fizeste bonita, meu caro. Ela vai enviar-te centenas de perguntas.

— Ainda o consigo ouvir — disse a diretora através da porta.

Linus sobressaltou-se antes de se apressar a percorrer o corredor.

Estava prestes a sair pela porta da frente quando parou ao ouvir uma explosão de risos vinda da cozinha. Contra tudo o que o bom senso lhe dizia, avançou em bicos de pés em direção ao som. Passou por pôsteres pregados nas paredes, com as mesmas mensagens que estavam penduradas em todos os orfanatos sancionados pelo DRPJM em que tinha estado. Mostravam crianças sorridentes por baixo de legendas como SOMOS MAIS FELIZES QUANDO OUVIMOS OS RESPONSÁVEIS e UMA CRIANÇA CALMA É UMA CRIANÇA SAUDÁVEL e QUEM PRECISA DE MAGIA QUANDO TEMOS A NOSSA IMAGINAÇÃO?

Enfiou a cabeça pela porta da cozinha.

Ali, em volta de uma grande mesa de madeira, estava um grupo de crianças.

Havia um rapaz com penas azuis que lhe cresciam dos braços.

Havia uma menina que gargalhava como uma bruxa; o que era apropriado, já que era o que o seu dossiê dizia que ela era.

Havia uma rapariga mais velha que cantava de forma tão sedutora que fazia os navios espatifarem-se contra a costa. Linus assustara-se quando o lera no seu relatório.

Havia um *selkie*, um menino com uma capa de pelo sobre os ombros.

E Daisy e Marcus, é claro. Sentados lado a lado, Daisy soltava exclamações com a boca atulhada de biscoitos enquanto olhava para a cauda engessada dele. Marcus sorria-lhe. O seu rosto era um campo de sardas enferrujadas e tinha a cauda apoiada sobre a mesa. Linus observou enquanto ele perguntava se ela lhe faria outro desenho no gesso com um dos seus lápis de cor. Ela concordou imediatamente.

— Uma flor — disse ela. — Ou um inseto com dentes afiados e um ferrão.

— Oh — sussurrou Marcus. — O inseto. Tens de fazer o inseto.

Linus deixou-os, satisfeito com o que vira.

Avançou mais uma vez até à porta. Suspirou quando percebeu que se tinha esquecido novamente do seu guarda-chuva.

— Raios partam...

Abriu a porta e saiu para a chuva, a fim de iniciar a sua longa viagem de regresso a casa.

DOIS

— Sr. *Baker*!

Linus gemeu para si mesmo. O dia estava a correr tão bem. Mais ou menos. Tinha uma mancha de molho cor de laranja na sua camisa branca causada pela salada cheia de molho que comprara na cafetaria, uma mancha persistente que cada vez se esborratava mais quando a tentava esfregar. E a chuva caía trovejando sobre o telhado acima dele, sem sinais de diminuir nos tempos mais próximos. Esquecera-se do seu guarda-chuva em casa, mais uma vez.

Mas, fora isso, o dia estava a correr bem.

Em geral.

O barulho das teclas dos computadores parou em redor dele quando a Sra. Jenkins se aproximou. Era uma mulher severa, com o cabelo puxado para trás com tanta força que fazia a sua monossobrancelha subir até ao meio da testa. Ele perguntava-se, de vez em quando, se ela alguma vez teria sorrido na vida. Achava que não. A Sra. Jenkins era uma mulher azeda com a disposição de uma cobra teimosa.

Era também a sua supervisora e Linus Baker não se atrevia a contrariá-la.

Puxou nervosamente pelo colarinho da sua camisa enquanto a Sra. Jenkins se aproximava, abrindo caminho por entre as secretárias com os seus saltos a matraquear contra o chão frio de pedra. O seu assistente, um homem desprezível semelhante a um sapo, chamado Gunther, seguia atrás dela, transportando uma prancheta e um lápis obscenamente comprido que usava para fazer a contagem daqueles que não pareciam estar a esforçar-se no

trabalho. A lista era somada no fim do dia e os deméritos eram adicionados a uma contagem semanal contínua. No fim da semana, aqueles com cinco ou mais deméritos recebiam o registo dos mesmos nos seus ficheiros pessoais. Ninguém queria isso.

Aqueles por quem a Sra. Jenkins e Gunther passavam mantinham a cabeça baixa, fingindo trabalhar, mas Linus sabia que era só aparência; estavam à escuta o melhor que podiam para descobrir o que teria ele feito de errado e qual seria o seu castigo. Possivelmente, seria forçado a sair mais cedo com redução de pagamento ou talvez tivesse de ficar até mais tarde do que o normal e, mesmo assim, receber uma redução de pagamento. Na pior das hipóteses, seria despedido, a sua vida profissional acabaria e nunca mais teria nenhuma redução de pagamento.

Não conseguia acreditar que era apenas quarta-feira.

E sentiu-se ainda pior quando percebeu que, na verdade, era terça-feira.

Não conseguia pensar numa única coisa que tivesse feito fora de ordem, a menos que tivesse voltado um minuto atrasado do seu almoço de quinze minutos ou o seu último relatório tivesse sido insatisfatório. Tinha a mente num turbilhão. Será que passara demasiado tempo a tentar tirar a mancha de molho? Ou será que havia um erro ortográfico no seu relatório? Com certeza que não. Estava imaculado, ao contrário da sua camisa.

Mas a Sra. Jenkins tinha uma expressão distorcida no rosto, o que não era um bom presságio para Linus. Considerando que ele sempre achara a sala fria, esta estava agora desconfortavelmente quente. Embora tivesse correntes de ar — o tempo miserável só piorava as coisas —, isso não conseguia impedir o suor de lhe escorrer pela nuca. O brilho verde do ecrã do seu computador parecia-lhe excessivamente intenso e esforçou-se por manter a respiração lenta e uniforme. No seu último exame clínico, o médico

dissera-lhe que a sua tensão arterial estava muito elevada e que precisava de eliminar os elementos de stresse da sua vida.

A Sra. Jenkins era um elemento de stresse.

Guardou esse pensamento para si mesmo.

A sua pequena secretária de madeira ficava quase no centro da sala. Fila L, Mesa Sete, numa sala com vinte e seis filas e catorze mesas em cada fila. Quase não havia espaço entre as mesas. Uma pessoa magra não teria problemas para passar, mas uma que transportasse alguns quilos a mais na barriga (sendo alguns a palavra-chave, é claro)? Se eles tivessem autorização para ter bugigangas pessoais nas suas mesas, isso seria provavelmente um desastre para alguém como Linus. Contudo, como era contra as regras, na maior parte do tempo apenas esbarrava contra as mesas com as suas ancas largas, desculpando-se rapidamente perante os olhares irritados que recebia. Era uma das razões pelas quais esperava normalmente que a sala estivesse quase vazia antes de dar o dia por terminado. Isso e o facto de ter recentemente completado quarenta anos e tudo o que conseguira fora uma casinha minúscula, um gato mal-humorado, que provavelmente viveria mais do que toda a gente, e uma cintura cada vez maior, que o seu médico gostava de examinar e tocar com estranha satisfação, enquanto discorria sobre as maravilhas da dieta.

Daí a salada com molho da cafetaria.

Pendurados por cima deles, havia cartazes terrivelmente alegres que proclamavam: «ESTÁ A FAZER UM BOM TRABALHO» e «TOME NOTA DE CADA MINUTO DO SEU DIA PORQUE UM MINUTO PERDIDO É UM MINUTO DESPERDIÇADO». Linus detestava-os.

Apoiou as mãos espalmadas sobre a mesa para não cravar as unhas nas palmas. O Sr. Tremblay, que estava sentado na Fila L, Mesa Seis, sorriu-lhe de modo sinistro. Era um homem muito mais jovem que parecia apreciar o seu trabalho.

— Agora é que foi apanhado — murmurou ele para Linus.

A Sra. Jenkins, com a boca a formar uma linha fina, alcançou a sua mesa. Como era seu costume, parecia ter aplicado generosamente a maquilhagem no escuro sem a ajuda de um espelho. O pesado *blush* nas suas faces era magenta e o batom parecia sangue. Usava um fato de calças e casaco preto, cujos botões estavam fechados até ao queixo. Era magra como um sonho, feita de ossos protuberantes cobertos por uma pele demasiado esticada.

Gunther, por outro lado, era tão jovem como o Sr. Tremblay. Dizia-se que era filho de Alguém Importante, provavelmente pertencente à Direção Extremamente Superior. Embora Linus não falasse muito com os seus colegas de trabalho, ainda assim ouvia os seus sussurros coscuvilheiros. Aprendera bem cedo na vida que, se não falasse, as pessoas esqueciam-se muitas vezes de que ele estava presente ou até de que existia. A mãe dissera-lhe uma vez, quando era criança, que ele se fundia com a tinta da parede, sendo apenas memorável quando alguém era recordado da existência da tinta.

— Sr. Baker — disse novamente a Sra. Jenkins, praticamente rosnando o nome dele.

Gunther estava ao seu lado, sorrindo-lhe. Não era um sorriso muito simpático. Os seus dentes eram perfeitamente brancos e quadrados e tinha covinhas no queixo. Era bonito de uma forma assustadora. O sorriso poderia ser encantador, mas não lhe chegava aos olhos. As únicas ocasiões em que Linus poderia dizer que acreditara no sorriso de Gunther era quando este realizava inspeções de surpresa, com o seu lápis comprido a rabiscar na prancheta, marcando demérito após demérito.

Talvez fosse isso. Talvez Linus recebesse o seu primeiro demérito, algo que conseguira milagrosamente evitar desde a chegada de Gunther e do seu sistema de pontos. Sabia que eram constantemente vigiados. Havia grandes câmaras penduradas no teto que gravavam tudo. Se alguém fosse apanhado a fazer algo de errado, os grandes altifalantes fixados nas paredes estalariam e

ouvir-se-ia um grito de deméritos para a Fila K, Mesa Dois, ou Fila Z, Mesa Treze.

Linus nunca fora apanhado a gerir mal o seu tempo. Era demasiado inteligente para isso. E demasiado medroso.

Talvez, no entanto, não fosse inteligente ou medroso o suficiente. Ia receber um demérito.

Ou talvez fosse receber *cinco* deméritos, o que iria para o seu ficheiro pessoal, uma marca que mancharia os seus dezassete anos de serviço no Departamento. Talvez tivessem visto a mancha de molho. Havia uma política rígida em relação ao traje profissional. Estava descrita em pormenor nas páginas 242–246 das *REGRAS E REGULAMENTOS*, o manual do funcionário do Departamento Responsável pela Juventude Mágica. Talvez alguém tivesse visto a mancha e o tivesse denunciado. Seria algo que não surpreenderia minimamente Linus.

Não tinham algumas pessoas sido despedidas por coisas menos importantes?

Linus sabia que sim.

— Sra. Jenkins — disse, com a voz quase num sussurro. — É um prazer vê-la hoje. — Era mentira. Nunca era bom ver a Sra. Jenkins. — Em que a posso ajudar?

O sorriso de Gunther alargou-se. Possivelmente *dez* deméritos. Afinal, o molho era cor de laranja. Ele não ia precisar de uma caixa de cartão. As únicas coisas que lhe pertenciam eram as roupas do corpo e o tapete do rato que continha uma imagem desbotada de uma praia de areia branca e o oceano mais azul do mundo. No topo estava a legenda: NÃO GOSTARIA DE ESTAR AQUI?

Sim. Todos os dias.

A Sra. Jenkins não parecia inclinada a responder à saudação de Linus.

— O que é que você fez? — exigiu ela saber, erguendo as sobrancelhas até junto da linha do cabelo, o que deveria ser

fisicamente impossível.

Linus engoliu em seco.

— Perdoe-me, mas não sei a que se refere.

— Acho isso difícil de acreditar.

— Oh. Lamento...?

Gunther rabiscou algo na sua prancheta. Estava provavelmente a dar a Linus mais um demérito pelas óbvias manchas de suor debaixo dos braços, mas não podia fazer nada em relação a isso agora.

A Sra. Jenkins não parecia ter aceitado o seu pedido de desculpas.

— Deve ter feito *alguma* coisa — disse ela com grande insistência.

Talvez devesse confessar sobre a mancha de molho. Seria como arrancar um penso rápido. Era melhor fazê-lo de uma só vez, em vez de arrastar a situação.

— Sim. Bem, estou a tentar comer de modo mais saudável. Uma espécie de dieta.

A Sra. Jenkins franziu a testa.

— Uma dieta?

Linus acenou com a cabeça de modo brusco.

— Ordens médicas.

— Temos um pouco de peso a mais, não é? — perguntou Gunther, parecendo muito satisfeito com a ideia.

Linus corou.

— Acho que sim.

Gunther fez um som de simpatia.

— Eu reparei. Coitado. Mais vale tarde do que nunca, suponho. — Bateu na sua própria barriga lisa com a borda da prancheta.

Gunther era odioso. Linus guardou esse pensamento para si mesmo.

— Maravilhoso.

— Ainda não respondeu à minha pergunta — disparou a Sra. Jenkins. — O que é que fez?

Era melhor acabar com aquilo.

— Um erro. Sou um desajeitado. Estava a tentar comer a salada, mas aparentemente a couve tem vontade própria e escorregou da minha...

— Não faço a mais pequena ideia do que está para aí a tagarelar — disse a Sra. Jenkins, inclinando-se para a frente e colocando as mãos sobre a mesa. As suas unhas estavam pintadas de preto e ela fê-las tamborilar contra a madeira. Pareciam ossos a chocalhar. — Pare de falar.

— Sim, senhora.

Ela fitou-o.

O estômago dele contorceu-se bruscamente.

— Foi-lhe pedido — disse ela lentamente — para participar, amanhã de manhã, numa reunião com a Direção Extremamente Superior.

Linus não esperava por aquilo. Nada. Na verdade, de todas as coisas que Bedelia Jenkins poderia ter dito naquele exato momento, aquela era a opção menos provável.

Pestanejou.

— Pode repetir?

Ela endireitou-se, cruzando os braços debaixo do peito e agarrando os cotovelos.

— Eu li os seus relatórios. São marginalmente adequados, na melhor das hipóteses. Portanto, imagine a minha surpresa quando recebi um memorando informando de que Linus Baker fora convocado.

Linus sentiu frio. Nunca fora convidado para se reunir com a Direção Extremamente Superior em toda a sua carreira. A única vez que realmente *vira* a Direção Extremamente Superior fora durante a época de Natal, quando ocorrera um almoço e a Direção Extremamente Superior se pusera em fila na parte da frente da sala, a servir presunto seco e batatas com grumos em bandejas de

alumínio, sorrindo para cada um dos seus subordinados e dizendo-lhes que tinham merecido aquela boa refeição por todo o seu trabalho árduo. Claro que tiveram de comer à secretária porque a sua pausa de quinze minutos para o almoço tinha sido gasta na fila, mas, ainda assim.

Era *setembro*. O Natal ainda estava a *meses* de distância.

Agora, de acordo com a Sra. Jenkins, queriam vê-lo pessoalmente. Nunca ouvira falar de nada semelhante antes. Não podia significar nada de bom.

A Sra. Jenkins parecia estar à espera de uma resposta. Não sabia o que dizer, portanto respondeu:

— Talvez tenha havido um erro.

— Um erro — repetiu a Sra. Jenkins. — Um *erro*.

— Sim...?

— A Direção Extremamente Superior não comete erros — disse Gunther com afetação.

Pois, havia isso.

— Então, não sei.

A Sra. Jenkins não ficou satisfeita com a resposta dele. Ocorreu, então, a Linus que *e/a* não sabia mais do que lhe estava a dizer e, por razões que ele não queria explorar, a ideia provocou-lhe uma pequena emoção mesquinha. Era verdade, estava tingida por um terror inimaginável, mas estava ali, mesmo assim. Ele não sabia que tipo de pessoa isso fazia dele.

— Oh, Linus — dissera-lhe a mãe uma vez. — Nunca é educado nos deleitarmos com o sofrimento dos outros. É uma coisa terrível.

Ele nunca se permitia deleitar-se.

— Não sabe — disse a Sra. Jenkins, soando como se estivesse a preparar-se para atacar. — Talvez tenha apresentado algum tipo de reclamação? *Talvez* não aprecie a minha técnica de supervisão e tenha achado que poderia ir acima de mim? É isso, Sr. Baker?

— Não, senhora.

— *Gosta* da minha técnica de supervisão?

De modo nenhum.

— Sim.

Gunther rabiscou com o lápis na prancheta.

— Do que é que gosta *exatamente* na minha técnica de supervisão? — perguntou a Sra. Jenkins.

Dilema. Linus não gostava de mentir sobre nada. Mesmo as pequenas mentiras inocentes faziam-lhe doer a cabeça e, assim que uma pessoa começava a mentir, tornava-se mais fácil fazê-lo uma e outra vez, até a pessoa ter de manter o controlo de *centenas* de mentiras. Era mais fácil ser-se sincero.

Mas, depois, havia momentos de grande necessidade, como este. E não era como se tivesse de mentir, não completamente. Uma verdade pode ser distorcida e, ainda assim, parecer-se com a verdade.

— É bastante confiável.

As sobrancelhas dela ergueram-se até à linha do cabelo.

— É, não é?

— Bastante.

Ela ergueu a mão e fez estalar os dedos. Gunther folheou alguns dos papéis na sua prancheta antes de lhe passar uma página de cor creme. Ela segurou-a com dois dedos apenas, como se o pensamento de lhe tocar com qualquer outra parte do corpo lhe pudesse causar uma infeção virulenta.

— Às nove em ponto amanhã, Sr. Baker. Deus o ajude se se atrasar. Irá, é claro, compensar depois o tempo que perder. No fim de semana, se necessário. Não está na sua programação ir para campo durante, pelo menos, mais uma semana.

— Claro — concordou rapidamente Linus.

Ela inclinou-se para a frente novamente, baixando a voz até esta ser apenas um sussurro.

— E se eu descobrir que se queixou de mim irei tornar a sua vida um inferno. Está a perceber, Sr. Baker?

Ele percebia.

— Sim, senhora.

Ela deixou cair o papel sobre a mesa. Este esvoaçou para um canto, quase caindo no chão. Linus não se atreveu a estender a mão e agarrá-lo, não enquanto ela ainda estava inclinada sobre ele.

Então, ela girou sobre os calcanhares e gritou que era *melhor* estarem todos a trabalhar se sabiam o que era melhor para eles.

Imediatamente, o som de teclados a matraquear foi retomado.

Gunther manteve-se perto da mesa, fitando-o de forma estranha.

Linus remexeu-se na cadeira.

— Não sei por que razão eles quereriam falar consigo — disse Gunther finalmente, mais uma vez com aquele sorriso terrível. — Há de certeza pessoas... mais *adequadas*. Oh, e Sr. Baker?

— Sim?

— Tem uma mancha na sua camisa. Isso é inaceitável. Um demérito. Certifique-se de que não volta a acontecer. — Virou-se, então, e seguiu a Sra. Jenkins pelas filas.

Linus susteve a respiração até eles chegarem à Fila B, exalando depois de forma explosiva. Precisava de lavar a camisa assim que chegasse a casa se queria ter alguma esperança de conseguir tirar as manchas de suor. Passou a mão pelo rosto, sem saber como se estava a sentir. Vexado, de certeza, e, provavelmente, assustado.

Na mesa ao lado, o Sr. Tremblay nem sequer tentava esconder o facto de estar a esticar o pescoço para ver o que estava escrito na página deixada pela Sra. Jenkins. Linus agarrou rapidamente o papel, com cuidado para não dobrar as bordas.

— Já era de esperar, não era? — perguntou o Sr. Tremblay, parecendo demasiado alegre com a perspetiva. — Pergunto-me quem será o meu novo vizinho de mesa.

Linus ignorou-o.

O brilho verde do ecrã do computador iluminou a página, tornando a escrita espessa das palavras muito mais sinistra.

Dizia:

**DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL PELA JUVENTUDE MÁGICA
MEMORANDO DA DIREÇÃO EXTREMAMENTE SUPERIOR**

CC: BEDELIA JENKINS

O SR. LINUS BAKER DEVE COMPARECER NOS ESCRITÓRIOS DA DIREÇÃO EXTREMAMENTE SUPERIOR ÀS NOVE DA MANHÃ DE QUARTA-FEIRA, 6 DE SETEMBRO.

SOZINHO.

E era tudo.

— Oh, céus — sussurrou Linus.

Naquela tarde, quando o relógio bateu as cinco horas, as pessoas em redor de Linus começaram a desligar os seus computadores e a vestir os seus casacos. Foram conversando entre si enquanto saíam em fila da sala. Nem uma única pessoa disse boa noite a Linus. Pelo contrário, a maioria olhou para ele enquanto saíam. Aqueles que estavam demasiado longe para ouvir o que a Sra. Jenkins dissera foram provavelmente informados através de sussurros especulativos em redor da máquina da água. Os rumores eram provavelmente loucos e completamente imprecisos, mas como Linus não sabia por que razão fora convocado, não podia contradizer o que quer que estivesse a ser dito.

Esperou até às cinco e meia antes de, também, se começar a preparar para sair. Por essa altura, a sala já estava quase vazia, embora ainda pudesse ver a luz acesa no escritório da Sra. Jenkins, na outra ponta. Sentia-se grato por não ter de passar por ali ao sair. Achava que não ia conseguir lidar com outro confronto com ela hoje.

Assim que o ecrã do seu computador se apagou, levantou-se e tirou o sobretudo das costas da cadeira. Vestiu-o, gemendo ao recordar que tinha deixado o guarda-chuva em casa. Pelo som que

se ouvia, a chuva ainda não tinha diminuído. Se se apressasse, ainda conseguiria apanhar o autocarro.

Só bateu contra seis mesas em quatro filas diferentes ao sair, mas fez questão de as colocar de volta nos seus lugares.

Teria de comer outra salada esta noite. Sem molho.

Perdeu o autocarro.

As luzes traseiras do autocarro brilhavam através da chuva enquanto descia a rua com o motor a roncar. O anúncio na traseira, ainda visível apesar da chuva, continha uma mulher sorridente que dizia: VEJA ALGUMA COISA, DIGA ALGUMA COISA! O REGISTO AJUDA TODOS!

— Claro — murmurou para si mesmo.

Haveria outro dali a quinze minutos.

Segurou a pasta por cima da cabeça e esperou.

Desceu do autocarro (que chegara, é claro, dez minutos atrasado) na paragem a alguns quarteirões da sua casa.

— Está uma bela noite molhada — disse o motorista.

— Uma bela observação — respondeu Linus enquanto descia para o passeio. — A sério. Obrigado por...

As portas fecharam-se atrás de si e o autocarro afastou-se. A roda traseira direita atingiu uma poça bastante grande, salpicando e encharcando as calças de Linus até aos joelhos.

Linus suspirou e começou a arrastar-se até casa.

A vizinhança era tranquila e os candeeiros estavam acesos e convidativos, mesmo sob a chuva fria. As casas eram pequenas, mas a rua estava ladeada de árvores cobertas por folhas que começavam a mudar de cor, com o verde mortiço a transformar-se em vermelhos e dourados ainda mais mortiços. Havia roseiras no 167 Lakewood que floresciam silenciosamente, um cão no 193 Lakewood que ladrava animadamente sempre que o via e o 207

Lakewood tinha um baloiço feito com um pneu pendurado numa árvore, mas as crianças que moravam ali achavam, aparentemente, que estavam demasiado velhas para o continuar a usar. Linus nunca tivera um baloiço feito com um pneu. Sempre quisera um, mas a mãe dizia que era muito perigoso.

Virou à direita para uma rua mais pequena e ali, à esquerda, estava o 86 Hermes Way.

A sua casa.

Não era muito. Era minúscula e a cerca traseira precisava de ser substituída, mas tinha uma bela varanda onde uma pessoa se podia sentar e ver o dia passar, se quisesse. Havia girassóis no canteiro da frente, umas coisas altas que balançavam com a brisa fresca, embora estivessem fechados agora devido à noite que se aproximava e à chuva sombria. Chovia há semanas a fio, maioritariamente uma chuva miudinha intercalada com aguaceiros aborrecidos.

Não era muito, mas pertencia a Linus e a mais ninguém.

Parou junto da caixa de correio, à frente, e retirou o correio do dia. Pareciam ser apenas anúncios dirigidos de modo impessoal a residentes. Linus não se conseguia lembrar da última vez que recebera uma carta.

Subiu para a varanda e estava a sacudir inutilmente a água do sobretudo quando ouviu o seu nome ser chamado da casa ao lado. Suspirou, perguntando-se se seria possível escapar fingindo não ter ouvido.

— Nem pense nisso, Sr. Baker — disse ela.

— Não sei o que quer dizer, Sra. Klapper.

Edith Klapper, uma mulher de idade indiscernível (embora ele achasse que ela tinha passado pela *velhice* para entrar na lendária terra da *antiguidade*), estava sentada na sua varanda, vestindo um roupão de banho atalhado. Tinha um cachimbo aceso na mão, como de costume, e o fumo subia em redor do seu coque volumoso.

Ela soltou uma tosse húmida para um lenço de papel, o qual deveria ter sido descartado uma hora antes, provavelmente.

— O seu gato esteve outra vez no meu quintal, a perseguir os esquilos. Já sabe o que acho disso.

— A *Calliope* faz o que quer — recordou ele. — Não tenho controlo sobre ela.

— Talvez deva *tentar* — retorquiu a Sra. Klapper.

— Certo. Vou tratar disso imediatamente.

— Está a responder-me torto, Sr. Baker?

— Nem sequer me atreveria a sonhar com isso. — Linus sonhava com isso muitas vezes.

— Também me pareceu. Vai ficar em casa hoje?

— Sim, Sra. Klapper.

— Nada de encontros outra vez, hã?

Apertou com força a pega da pasta.

— Nada de encontros.

— Nenhuma amiga com sorte? — Ela chupou o cachimbo e exalou o fumo espesso pelo nariz. — Oh. Desculpe. Devo ter-me esquecido. Nada de senhoras para si, não é?

Ela não se tinha esquecido.

— Não, Sra. Klapper.

— O meu neto é contabilista. Muito estável, a maior parte do tempo. Tem uma tendência para o alcoolismo desenfreado, mas quem sou eu para julgar os vícios dele? A contabilidade é um trabalho difícil. Todos aqueles números. Vou pedir-lhe para lhe ligar.

— Preferia que não o fizesse.

Ela soltou uma risada.

— É bom demais para ele?

— Eu não... não sou... não tenho *tempo* para essas coisas — balbuciou Linus.

A Sra. Klapper troçou dele:

— Talvez devesse pensar em arranjar tempo, Sr. Baker. Estar sozinho na sua idade não é saudável. Nem quero pensar no que aconteceria se decidisse explodir os miolos. Iria prejudicar o valor de revenda para toda a vizinhança.

— Não estou deprimido!

Ela olhou-o de cima a baixo.

— Não está? E por que raio não está?

— Mais alguma coisa, Sra. Klapper? — perguntou Linus através de dentes cerrados.

Ela fez um gesto de desdém com a mão.

— Está bem, pronto. Vá, vista o pijama, ligue aquele seu giradiscos velho e dance pela sala como de costume.

— Eu *pedi-lhe* para parar de me observar pela janela!

— Claro que pediu — disse ela. Recostou-se na cadeira e enfiou o cachimbo entre os lábios. — Claro que pediu.

— Boa noite, Sra. Klapper — disse enquanto enfiava a chave na porta.

Não esperou por uma resposta. Fechou a porta atrás de si e trancou-a.

Calliope, uma coisinha malvada, estava sentada na beira da cama com a cauda preta a contorcer-se, enquanto o observava com uns olhos verdes brilhantes. Começou a ronronar. Na maioria dos gatos, isso seria um som calmante. Em *Calliope*, indicava intenções tortuosas envolvendo atos nefastos.

— Não deves ir ao quintal do lado — repreendeu-a enquanto tirava o casaco do fato.

Ela continuou a ronronar.

Linus encontrara-a um dia, há quase dez anos, uma gatinha minúscula a gritar debaixo da sua varanda como se tivesse o rabo a arder. Felizmente não tinha, mas, assim que rastejou para debaixo da varanda, ela bufou-lhe e o pelo preto das suas costas eriçou-se

enquanto ela se arqueava. Em vez de esperar para ficar com a cara cheia de arranhões, recuou rapidamente e voltou para casa, decidindo que se a ignorasse por tempo suficiente ela ir-se-ia embora.

Não fora.

Em vez disso, passou a maior parte da noite a uivar. Tentou dormir, mas ela fazia demasiado barulho. Tapou a cabeça com a almofada. Não ajudou. Por fim, agarrou numa lanterna e numa vassoura, decidido a empurrar a gata até ela se ir embora. Ela estava à espera dele na varanda, sentada diante da porta. Ficou tão surpreendido que largou a vassoura.

Ela entrou em casa como se esta lhe pertencesse.

E nunca mais se foi embora, não importava quantas vezes Linus a tivesse ameaçado.

Seis meses depois, desistira finalmente. Por essa altura, a casa estava cheia de brinquedos e havia uma caixa de areia e pequenos pratos com CALLIOPE impresso dos lados, para a comida e a água dela. Não tinha a certeza de como aquilo havia acontecido, mas aí estava.

— A Sra. Klapper vai apanhar-te um dia — disse enquanto despia as roupas molhadas. — E eu não vou estar aqui para te salvar. Vais estar a banquetear-te com um esquilo e ela vai... Pronto, não sei o que ela fará, mas será *alguma coisa*. E eu não vou ter pena nenhuma.

Ela pestanejou lentamente.

Ele suspirou.

— Está bem. Um bocadinho de pena.

Linus vestiu o pijama, abotoando-o à frente. Tinha um monograma com um *LB* no peito, um presente do Departamento após quinze anos de serviço. Escolhera-o a partir de um catálogo que recebera nesse dia. O catálogo tinha duas páginas. Uma página era o pijama e a outra um castiçal.

Escolhera o pijama. Sempre quisera ter algo com um monograma.

Pegou nas roupas molhadas e saiu do quarto. O baque alto atrás dele disse-lhe que estava a ser seguido.

Colocou as roupas de trabalho sujas na máquina de lavar e programou-a para demolhar enquanto preparava o jantar.

— Não preciso de um contabilista — disse ele a *Calliope* enquanto ela se metia por entre suas pernas. — Tenho outras coisas em que pensar. Como amanhã. Porque é que tenho sempre de me preocupar com o amanhã?

Aproximou-se instintivamente do velho gira-discos. Procurou entre os discos na gaveta por baixo do aparelho até encontrar o que queria. Fê-lo deslizar para fora da capa e colocou-o na plataforma giratória antes de baixar a agulha.

Em breve, os Everly Brothers começavam a cantar que tudo o que tinham de fazer era sonhar¹.

Balançou-se para a frente e para trás enquanto se dirigia para a cozinha.

Comida seca para *Calliope*.

Um saco de salada para Linus.

Fez batota, mas só um pouco.

Um toque de molho nunca fez mal a ninguém.

— Sempre que te quiser — cantarolou baixinho. — Tudo o que tenho de fazer é sonhar.

Se alguém perguntasse se Linus Baker se sentia sozinho, ele teria franzido o rosto, surpreendido. O pensamento ser-lhe-ia estranho, quase chocante. E embora a mais pequena das mentiras lhe fizesse doer a cabeça e revirar o estômago, era provável que dissesse que não, mesmo que estivesse e de modo quase desesperado.

E talvez parte dele acreditasse. Tinha aceitado há muito tempo que, não importando quão bom fosse o seu coração ou quanto amor tivessem para dar, algumas pessoas estariam sempre sozinhas. Era

o seu destino na vida e Linus percebera, aos 27 anos, que esse parecia ser o seu caso.

Oh, não ocorrera nenhum acontecimento específico que causasse esse tipo de pensamentos. Dava-se apenas o facto de se sentir... mais apagado do que os outros. Como se estivesse desbotado num mundo cristalino. Não estava destinado a ser visto.

Aceitara-o na altura e agora tinha quarenta anos, tensão alta e um pneu sobressalente na cintura. Claro, havia momentos em que se olhava ao espelho, perguntando-se se conseguia ver o que os outros não conseguiam. Era pálido, mantinha o cabelo escuro curto e bem cuidado, embora parecesse estar a ficar ralo na parte superior, tinha rugas em redor da boca e dos olhos, as suas bochechas eram cheias, o pneu sobressalente parecia poder servir a uma *scooter*, embora, se não tomasse cuidado, poderia transformar-se num mais adequado a um camião. Ele parecia... bem.

Parecia-se com quase todas as pessoas quando chegavam aos quarenta.

Enquanto comia a sua salada com uma ou duas gotas de molho, na sua minúscula cozinha, na sua minúscula casa, ao som dos Everly Brothers que tinham começado a pedir à Pequena Susie para acordar, acorda, Pequena Susie², preocupado com o que o amanhã traria com a Direção Extremamente Superior, o pensamento de estar sozinho nem sequer passou pela cabeça de Linus Baker.

Afinal, havia pessoas com muito menos do que ele. Tinha um teto sobre a cabeça, comida para coelhos na barriga e o seu pijama tinha um monograma.

E depois, isso não interessava.

Não tinha tempo para se sentar em silêncio a pensar em coisas tão frívolas. Às vezes, o silêncio era a coisa mais barulhenta de todas. E isso não podia ser.

Em vez de permitir que os seus pensamentos vagueassem, pegou na cópia que mantinha em casa das *REGRAS E REGULAMENTOS* (todas as suas 947 páginas, compradas por quase duzentos dólares; tinha uma cópia no trabalho, mas parecia correto ter também uma em casa) e começou a ler as letras miúdas. O que quer que o amanhã trouxesse, era melhor estar preparado.

Referência à letra da canção *All I Have To Do Is Dream* dos Everly Brothers (N. da T.).
Referência à letra da canção *Wake up, Little Susie* (N. da T.).

TRÊS

Na manhã seguinte, chegou ao escritório quase duas horas mais cedo. Mais ninguém tinha chegado, provavelmente estariam ainda aninhados na segurança das suas camas, sem nada que os preocupasse.

Dirigiu-se à sua secretária, sentou-se e ligou o computador. A familiar luz verde não fez nada para o confortar.

Tentou realizar o máximo de trabalho possível, constantemente ciente do relógio mais acima que avançava a cada segundo.

A sala começou a encher-se às oito menos um quarto. A Sra. Jenkins chegou precisamente às oito horas, com os saltos a matraquear no chão. Linus afundou-se na sua cadeira, mas conseguiu sentir os olhos dela em cima de si.

Tentou trabalhar. Tentou mesmo. As palavras verdes eram um borrão no ecrã à sua frente. Nem sequer as *REGRAS E REGULAMENTOS* conseguiam acalmá-lo.

Exatamente às oito e quarenta e cinco, levantou-se cadeira.

As pessoas nas mesas em seu redor viraram-se e fitaram-no.

Ignorou-os, engolindo em seco enquanto pegava na sua pasta e percorria as filas.

— Desculpe — murmurava de cada vez que ia contra uma mesa.
— Desculpem. Lamento. Sou só eu ou as mesas estão cada vez mais próximas? Desculpe. Lamento.

A Sra. Jenkins estava parada à porta do seu gabinete quando ele saiu da sala. Ao seu lado, Gunther rabiscava com o longo lápis na prancheta.

Os escritórios da Direção Extremamente Superior estavam localizados no quinto andar do Departamento Responsável pela Juventude Mágica. Tinha ouvido rumores sobre o quinto andar, a maior parte deles francamente alarmantes. Nunca lá estivera, mas presumia que pelo menos *alguns* dos rumores deviam ser verdade.

Estava sozinho no elevador quando carregou num botão em que nunca esperara carregar.

O cinco dourado brilhante.

O elevador começou a subir. O estômago de Linus pareceu ficar na cave. Foi a viagem de elevador mais longa da sua vida, com uma duração de pelo menos dois minutos. Não ajudou nada que o elevador parasse no primeiro andar, abrisse as portas e começasse a encher-se de gente. As pessoas carregaram no dois, no três e no quatro, mas ninguém carregou no cinco.

Um grupo saiu no segundo andar, outro ainda maior no terceiro e foi no quarto que os restantes saíram. Olharam para ele com curiosidade. Linus tentou sorrir, mas tinha a certeza de que o sorriso saiu mais como uma careta.

Estava sozinho quando o elevador começou a subir novamente.

Quando as portas do quinto andar se abriram, ele estava a suar.

Não ajudou nada que o elevador desse para um corredor longo e frio, com um piso feito de mosaicos de pedra e arandelas de ouro na parede que emitiam uma luz fraca. Numa extremidade do corredor estavam os elevadores, onde se encontrava; na outra extremidade havia um painel de vidro com persianas, ao lado de duas grandes portas de madeira. Acima destas havia uma placa de metal:

**DIREÇÃO EXTREMAMENTE SUPERIOR
APENAS COM HORA MARCADA**

— Muito bem, meu rapaz — sussurrou. — Tu consegues fazer isto.

Os seus pés não receberam a mensagem. Permaneceram firmemente presos ao chão.

As portas do elevador começaram a fechar-se. Ele deixou-as fecharem-se. O elevador não se moveu.

Naquele momento, Linus pensou seriamente em voltar para o primeiro andar, sair do prédio do DRPJM e, talvez, caminhar até não poder mais, só para ver onde iria parar.

Parecia-lhe bem.

Em vez disso, carregou novamente no cinco.

As portas abriram-se.

Ele tossiu. O som ecoou pelo corredor.

— Não é hora para covardias — repreendeu-se em voz baixa. — Queixo para cima. Tanto quanto sabes, talvez seja uma promoção. Uma *grande* promoção. Uma com um salário mais alto para poderes finalmente ter aquelas férias com que sempre sonhaste. A areia da praia, o azul do mar. Não gostarias de estar lá?

Gostaria. Gostaria muito.

Linus começou a andar lentamente pelo corredor. A chuva açoitava as janelas à sua esquerda. As luzes nas arandelas à sua direita tremeluziam ligeiramente. Os seus mocassins rangiam no chão. Ele puxava a gravata.

Quando alcançou finalmente a extremidade oposta do corredor, tinham-se passado quatro minutos. De acordo com o seu relógio, eram nove menos cinco.

Experimentou as portas.

Estavam trancadas.

A janela ao lado das portas tinha uma grade de metal puxada para baixo pelo lado de dentro. Havia uma placa de metal ao lado com um pequeno botão.

Linus debateu brevemente antes de premir o botão. Do outro lado da grade de metal ouviu-se uma campainha sonora. Esperou.

Podia ver o seu reflexo na janela. A pessoa ali refletida tinha os olhos arregalados e parecia chocada. Alisou apressadamente o cabelo onde este tinha começado a ficar espetado de lado, como sempre acontecia. Não ajudou muito. Endireitou a gravata, endireitou os ombros e encolheu a barriga.

A grade de metal deslizou para cima.

Do outro lado estava uma jovem com um ar aborrecido, que fazia estalar uma pastilha elástica por trás de uns lábios vermelhos brilhantes. Ela fez um balão cor-de-rosa, que estourou antes que o pudesse voltar a meter na boca. Depois, inclinou a cabeça fazendo os seus caracóis loiros baloiçar sobre os ombros.

— Posso ajudar? — perguntou.

Linus tentou falar, mas nenhum som saiu. Pigarreou e tentou novamente.

— Sim. Tenho uma reunião às nove.

— Com quem?

Era uma pergunta interessante e para a qual não tinha resposta.

— Não sei bem.

A Mna. Pastilha Elástica olhou para ele.

— O senhor tem uma reunião, mas não sabe com quem?

Era mais ou menos isso.

— Sim?

— Nome?

— Linus Baker.

— Giro — disse ela, batendo no teclado com umas unhas perfeitamente bem cuidadas. — Linus Baker, Linus Baker, Linus...

— Os seus olhos arregalaram-se. — Oh, estou a ver. Espere um momento, por favor.

Ela fechou a grade de metal novamente. Linus pestanejou, sem saber o que devia fazer. Esperou.

Passou um minuto.

E depois outro.

E mais outro.

E depois...

A grade de metal voltou a subir. A Mna. Pastilha Elástica parecia muito mais interessada nele agora. Ela inclinou-se para frente, até o seu rosto estar quase encostado ao vidro que os separava, fazendo embaciar ligeiramente a janela com a sua respiração.

— Eles estão à sua espera.

Linus recuou um passo.

— Quem está?

— Todos — disse ela enquanto o olhava de cima a baixo. — Toda a Direção Extremamente Superior.

— Oh — disse Linus em tom fraco. — Maravilhoso. E temos a certeza de que sou eu quem eles querem?

— O senhor é o Linus Baker, não é?

Esperava que sim, porque não sabia ser outra pessoa.

— Sou, sim.

Soou outra campainha e ouviu um clique vindo das portas ao seu lado. Estas abriram-se assentes em dobradiças silenciosas.

— Então, sim, Sr. Baker — disse ela, com a bochecha ligeiramente protuberante por causa da pastilha. — É o senhor quem eles querem. Eu apressava-me, se fosse a si. A Direção Extremamente Superior não gosta de ficar à espera.

— Certo — disse ele. — Como é que estou? — Encolheu um pouco mais o estômago.

— Como se não tivesse a mais pequena ideia do que está a fazer — disse ela antes de fechar novamente a grade de metal.

Linus olhou ansiosamente para os elevadores na outra ponta do corredor.

Não gostaria de estar aqui?, perguntaram-lhe eles.

Gostaria. Muito mesmo.

Afastou-se da janela e dirigiu-se às portas abertas.

Dentro havia uma sala circular com um teto redondo feito de vidro. Havia uma fonte no centro da sala com uma estátua de pedra de um homem vestindo uma capa. Água caía num fluxo contínuo das suas mãos estendidas. Ele fitava o teto com uns olhos cinzentos, frios. Em torno dele, agarrando-se às suas pernas, havia pequenas crianças de pedra e a água caía no topo das suas cabeças.

Uma porta abriu-se à direita de Linus. A Mna. Pastilha Elástica saiu da sua cabina. Alisou o vestido, fazendo estalar ruidosamente a pastilha elástica.

— O senhor é mais baixo do que parece através do vidro — disse-lhe ela.

Linus não soube como responder àquilo, portanto, não disse nada. Ela suspirou.

— Siga-me, por favor. — E moveu-se como um pássaro, com passos minúsculos e rápidos. Avançou até ao meio da sala antes de olhar para ele. — Não foi uma sugestão.

— Certo — disse Linus, quase tropeçando nos seus próprios pés enquanto se apressava a alcançá-la. — Desculpe. Eu... nunca estive aqui antes.

— Obviamente.

Achou que estava a ser insultado, mas não conseguiu descobrir como.

— Eles estão... *todos*?

— Estranho, não é? — Ela soprou outro balão, que rebentou delicadamente. — E para o receber a si, entre tanta gente. Eu não sabia da sua existência até este momento.

— Isso acontece-me muito.

— Não consigo imaginar porquê.

Sim, insultado, sem dúvida.

— Como é que eles são? Só os vi quando me serviram batatas com grumos.

A Mna. Pastilha Elástica parou abruptamente e virou-se para olhar para ele por cima do ombro. Linus achou que ela talvez conseguisse girar completamente a cabeça se se concentrasse nisso.

— Batatas com grumos.

— No almoço de Natal?

— Eu faço aquelas batatas. Desde o *princípio*.

Linus empalideceu.

— Bem, eu... é uma questão de gosto... tenho a certeza de que a menina...

A Mna. Pastilha Elástica fez um som de desdém e avançou novamente.

Linus não começara bem.

Chegaram a outra porta do outro lado da rotunda. Era preta com uma placa de identificação dourada fixada perto do topo. A placa estava em branco. A Mna. Pastilha Elástica estendeu a mão e bateu três vezes com a unha na porta.

Houve uma pausa, depois outra e então...

A porta abriu-se lentamente.

Estava escuro lá dentro.

Como breu, mesmo.

A Mna. Pastilha Elástica deu um passo para o lado enquanto se virava para o encarar.

— Faça favor.

Ele perscrutou a escuridão.

— Hum, bem, talvez pudéssemos marcar para outra data. Estou muito ocupado, como tenho a certeza de que sabe. Tenho muitos relatórios para preencher...

— Entre, Sr. Baker — uma voz ecoou através da porta aberta.

A Mna. Pastilha Elástica sorriu.

Linus estendeu a mão e limpou a testa. Quase deixou cair a pasta.

— Acho que é melhor entrar, então.

— Assim parece — disse a Mna. Pastilha Elástica.

E ele fez exatamente isso.

Já devia estar à espera de que a porta se fechasse com estrondo atrás de si, mas, ainda assim sobressaltou-se, quase estremecendo. Segurou a pasta contra o peito como se esta o pudesse proteger. Era desorientador estar no escuro. Tinha a certeza de que isto era uma armadilha e de que iria passar o resto dos seus dias a vaguear sem ver nada. Seria quase tão mau como ser despedido.

Mas, então, umas luzes começaram a brilhar junto dos seus pés, iluminando um caminho diante de si. Eram suaves e amarelas, como uma estrada de tijolos. Deu um passo hesitante para longe da porta. Quando não tropeçou em nada, deu outro.

As luzes conduziram-no muito mais longe do que esperava, antes de formar um círculo junto dos seus pés. Parou, sem saber para onde devia ir. Esperava não precisar de fugir de nada terrível.

Outra luz, esta muito mais brilhante, acendeu-se por cima dele. Linus ergueu os olhos, semicerrando-os perante a luminosidade. Parecia um holofote, brilhando sobre ele.

— Pode pousar a sua pasta — disse uma voz profunda vinda de algum sítio acima de si.

— Estou bem assim — disse Linus, segurando-a com força.

Então, como se alguém tivesse carregado num interruptor, mais luzes começaram a brilhar acima dele, iluminando os rostos de quatro pessoas que Linus reconheceu como sendo a Direção Extremamente Superior. Estavam sentados bem acima de Linus, no topo de uma grande parede de pedra, olhando para baixo a partir dos seus poleiros com diferentes expressões de interesse.

Havia três homens e uma mulher e, embora Linus tivesse aprendido os seus nomes no início da sua carreira no DRPJM, não era capaz de se lembrar deles naquele momento nem para salvar a vida. A sua mente chegara à conclusão de que estava a experimentar dificuldades técnicas e transmitia apenas uma névoa difusa.

Olhou para cada um deles, começando da esquerda para a direita, acenando com a cabeça enquanto o fazia e tentando manter uma expressão neutra.

A mulher tinha o cabelo pelo queixo e usava uma grande pregadeira em forma de besouro com uma carapaça iridescente.

Um dos homens estava a ficar careca e tinha uma papada pendurada no rosto. Fungou para um lenço, eliminando da garganta o que parecia ser um pouco de catarro.

O segundo homem era muito magro. Linus achou que ele desapareceria se se virasse de lado. Usava uns óculos demasiado grandes para o rosto com umas lentes em forma de meia-lua.

O último homem era mais jovem do que os outros, possivelmente com idade próxima da de Linus, embora fosse difícil de dizer. Tinha cabelo ondulado e era bonito de um modo intimidante. Linus reconheceu-o quase imediatamente como aquele que servia sempre o presunto seco com um sorriso.

Foi ele quem falou primeiro:

— Obrigado por participar nesta reunião, Sr. Baker.

A boca de Linus estava seca. Humedeceu os lábios.

— De... nada?

A mulher inclinou-se para frente.

— O seu ficheiro pessoal diz que trabalha no Departamento há dezassete anos.

— Sim, senhora.

— E, durante todo esse tempo, tem mantido a sua posição atual.

— Sim, senhora.

— Porquê?

Porque não tinha perspetivas de ser mais nada e nenhum desejo de ser Supervisor.

— Gosto do trabalho que faço.

— Gosta? — perguntou ela, inclinando a cabeça.

— Sim.

— Porquê?

— Sou um assistente social — disse ele, enquanto a pasta lhe escorregava ligeiramente dos dedos. — Não sei se existe uma posição mais importante. — Os olhos dele arregalaram-se. — Além do que os senhores fazem, é claro. Eu não teria a pretensão de pensar...

O homem dos óculos folheou os papéis à sua frente.

— Tenho aqui os seus seis últimos relatórios, Sr. Baker. Quer saber o que vejo?

Não, Linus não queria.

— Por favor.

— Vejo alguém que é muito meticoloso. Sensato. Clínico a um nível surpreendente.

Linus não tinha a certeza se aquilo era um elogio ou não. Não se parecia nada com um.

— Um assistente social deve manter um certo grau de distanciamento — recitou obedientemente.

O Papada fungou.

— Ah é? De onde é que tirou isso? Parece familiar.

— É das *REGRAS E REGULAMENTOS* — disse o Bonito. — Esperava que o reconhecesses. Escreveste a maior parte.

O Papada assoou o nariz no lenço.

— De facto, eu sabia.

— Por que razão é importante manter um certo grau de distanciamento? — perguntou a mulher, ainda a fitá-lo.

— Porque não seria bom apegar-me às crianças com quem trabalho — disse Linus. — Estou ali para garantir que os orfanatos que inspeciono são mantidos em boas condições e nada mais. O seu bem-estar é importante, mas como um todo. A interação individual é desaconselhada. Pode afetar a minha perceção.

— Mas o senhor entrevista as crianças — disse o Bonito.

— Sim — concordou Linus. — Entrevisto. Mas uma pessoa pode ser profissional enquanto lida com jovens mágicos.

— Alguma vez já recomendou o encerramento de um orfanato durante os seus dezassete anos, Sr. Baker? — perguntou o homem dos óculos.

Eles já deviam saber a resposta.

— Sim. Cinco vezes.

— Porquê?

— Os ambientes não eram seguros.

— Então, o senhor importa-se.

Linus estava a ficar nervoso.

— Nunca disse que não. Apenas faço o que me é exigido. Há uma diferença entre formarmos um apego e sermos empáticos. Estas crianças... não têm mais ninguém. É por essa razão que estão nos orfanatos. Não deviam ter de deitar as cabeças na almofada à noite de estômago vazio ou preocupar-se por terem de trabalhar até à exaustão. Só porque estes órfãos devem ser mantidos separados das crianças normais, não significa que devam ser tratados de forma diferente. Todas as crianças, independentemente da sua... disposição ou do que são capazes de fazer, devem ser protegidas, não importa o custo.

O Papada soltou uma tosse húmida.

— Acha mesmo?

— Sim.

— E o que aconteceu às crianças dos orfanatos que fechou?

Linus pestanejou.

— Isso é um assunto para a Supervisão. Eu faço a minha recomendação e o Supervisor trata do que se segue. O mais provável é que sejam colocados em escolas geridas pelo DRPJM.

O Bonito recostou-se na cadeira. Olhou para os outros em seu redor.

— Ele é perfeito.

— Concordo — disse o Papada. — Realmente, não há outra escolha para algo tão... sensível.

O homem dos óculos olhou para Linus.

— O senhor sabe manter a discrição, Sr. Baker?

Linus sentiu-se insultado.

— Trabalho diariamente com jovens considerados informação confidencial — retorquiu de modo mais ríspido do que pretendia. — Sou um túmulo. Nada sai daqui.

— E parece que nada entra — disse a mulher. — Ele serve.

— Desculpem, mas posso perguntar do que estão *exatamente* a falar? Sirvo para *quê*?

O Bonito passou a mão pelo rosto.

— O que será dito a seguir não sai desta sala, Sr. Baker. Compreende? Isto é informação confidencial de nível quatro.

Linus inspirou profundamente, estremecendo. O nível quatro era a categoria mais elevada. Ele sabia que existia, em teoria, mas não sabia que estava de facto a ser usada. Só tivera um caso com uma categoria de nível três, uma vez antes, e fora muito preocupante. Havia uma menina num orfanato que acabara por se revelar uma *banshee*, um arauto da morte. O DRPJM fora convocado assim que ela começou a dizer a todas as outras crianças que iam morrer. O problema acabou por ser, é claro, o facto de ela ter razão. O diretor do orfanato decidira usar as crianças como parte de um sacrifício pagão. Linus mal conseguira escapar com as crianças e a sua vida. Depois da situação tinham-lhe sido dados dois dias de férias, a maior folga que tivera em anos.

— Porquê eu? — perguntou quase num sussurro.

— Porque não há mais ninguém em quem possamos confiar — disse a mulher simplesmente.

Aquilo deveria ter deixado Linus orgulhoso, mas, em vez disso, sentiu apenas pavor a revirar-se-lhe no estômago.

— Pense nisto mais como uma verificação — disse o homem dos óculos. — Não recebemos notícias de nenhum delito, mas o orfanato para onde vai é... especial, Sr. Baker. O orfanato não é tradicional e as seis crianças que lá vivem são diferentes de tudo o que já viu antes, algumas mais do que outras. São... problemáticas.

— Problemáticas? O que é que isso quer...

— O seu trabalho será garantir que está tudo a funcionar bem — disse o Bonito, com um pequeno sorriso no rosto. — É importante, sabe. O diretor deste orfanato específico, um certo Arthur Parnassus, é qualificado, sem dúvida, mas temos... preocupações. As seis crianças são extremamente diversas e temos de garantir que o Sr. Parnassus continua a ser capaz de lidar com elas. Uma seria uma carga de trabalhos, mas seis?

Linus vasculhou o cérebro. Tinha a certeza de que ouvira falar de *todos* os diretores da região, mas...

— Nunca ouvi falar do Sr. Parnassus.

— Não, suponho que não — disse a mulher. — Mas isso é porque estamos a lidar com informação confidencial de nível quatro. Se tivesse ouvido falar dele, isso significaria que tínhamos uma fuga. Não lidamos bem com fugas, Sr. Baker. Está entendido? Fugas têm de ser tapadas. Rapidamente.

— Sim, sim — disse ele apressadamente. — Claro. Eu nunca...

— Claro que não — disse o Papada. — É parte da razão pela qual foi escolhido. Um mês, Sr. Baker. Vai passar um mês na ilha onde está situado o orfanato. Esperamos relatórios semanais. Qualquer coisa que faça soar um alarme deve ser relatada imediatamente.

Linus sentiu os olhos esbugalharem-se.

— Um *mês*? Não me posso ir embora por um *mês*. Tenho responsabilidades!

— Os seus casos atuais serão distribuídos — disse o homem dos óculos. — Na verdade, isso já está a ser feito. — Pegou noutra folha. — E aqui diz que vive completamente sozinho. Não tem

cônjuge, nem filhos. Ninguém sentirá a sua falta se tiver de estar fora por um período prolongado de tempo.

Aquilo feriu-o mais do que deveria. Estava ciente desses factos, é claro, mas vê-los expostos de modo tão descarado fez o seu coração estremecer. Ainda assim...

— Eu tenho um gato!

O Bonito soltou uma risadinha.

— Os gatos são criaturas solitárias, Sr. Baker. Tenho a certeza de que nem sequer notará que não está em casa.

— Os seus relatórios serão dirigidos à Direção Extremamente Superior — disse a mulher. — Serão supervisionados pelo Sr. Werner, embora todos estejamos envolvidos. — Ela acenou com a cabeça na direção do Bonito. — E esperamos que sejam tão completos como os que fez no passado. Na verdade, insistimos nisso. Mais ainda, se julgar necessário.

— A Sra. Jenkins...

— Será informada da sua missão especial — assegurou-lhe o Bonito, o Sr. Werner. — Embora os pormenores sejam reduzidos ao mínimo. Pense nisto como uma promoção, Sr. Baker, uma que acredito já merecer há algum tempo.

— Não tenho uma palavra a dizer sobre o assunto?

— Pense nisto como uma promoção *obrigatória* — corrigiu o Sr. Werner. — Esperamos grandes coisas de si. E quem sabe onde isto o poderá levar se correr tudo bem? Por favor, não nos desiluda. Bom, esteja à vontade para tirar o resto do dia para organizar os seus assuntos. O seu comboio parte amanhã, bem cedo. Tem alguma pergunta?

Dezenas. Tinha *dezenas* de perguntas.

— Sim! O que faço com...

— Excelente — disse o Sr. Werner, batendo palmas. — Eu sabia que podíamos contar consigo, Sr. Baker. Estamos ansiosos para saber as suas impressões sobre a situação na ilha. Deverá ser

interessante, para dizer o mínimo. Agora, toda esta tagarelice deixou-me com a garganta seca. Acho que é hora do chá. A nossa secretária irá acompanhá-lo até lá fora. Foi um prazer conhecê-lo.

A Direção Extremamente Superior ergueu-se em uníssono, curvou-se perante ele e depois todas as luzes se apagaram.

Linus soltou um guincho. Antes que pudesse começar a tatear no escuro, uma luz acendeu-se novamente no topo da parede. Ele pestanejou, fitando-a. O Sr. Werner olhava para ele com uma expressão curiosa no rosto. Os outros já tinham saído.

— Mais alguma coisa? — perguntou Linus nervosamente.

— Tenha cuidado, Sr. Baker — disse o Sr. Werner.

Aquilo era sem dúvida ameaçador.

— Cuidado?

O Sr. Werner acenou com a cabeça.

— Deve preparar-se. Volto a sublinhar o quão importante é esta tarefa. Não deixe nenhum pormenor de fora, não importa quão pequeno ou inconsequente possa parecer.

Linus eriçou-se. Uma coisa era questionar a sua prontidão, mas outra totalmente diferente era questionar a exatidão dos seus relatórios.

— Eu sempre...

— Digamos apenas que tenho grande interesse no que encontrar — disse o Sr. Werner, ignorando a indignação latente de Linus. — Vai além da mera curiosidade. — Sorriu, embora o sorriso não lhe alcançasse os olhos. — Não gosto de ficar desapontado, Sr. Baker. Por favor, não me desaponte.

— Porquê este sítio? — perguntou um tanto desamparado. — O que chamou a sua atenção para este orfanato que requer a supervisão de um assistente social? O diretor fez alguma coisa para...

— É mais o que ele *não* fez — disse o Sr. Werner. — Os seus relatórios mensais são... esparsos, especialmente considerando

quem são os seus pupilos. Precisamos de saber mais, Sr. Baker. A ordem só funciona se houver transparência total. Se não a pudermos ter corremos o risco de cair no caos. Mais alguma coisa?

— O quê? *Sim*. Tenho...

— Ótimo — disse o Sr. Werner. — Desejo-lhe sorte. Acho que vai precisar.

E, com isso, a luz apagou-se mais uma vez.

— Oh, céus — disse Linus.

As luzes douradas no chão acenderam-se novamente.

— Já terminou? — perguntou uma voz perto do seu ouvido.

Ele não gritou, de modo nenhum, independentemente das provas em contrário.

A Mna. Pastilha Elástica estava atrás dele, fazendo estalar a pastilha.

— Por aqui, Sr. Baker. — Ela virou-se, fazendo o vestido rodopiar em redor dos seus joelhos, e marchou em direção à saída.

Linus seguiu-a rapidamente, apenas olhando uma vez por cima do ombro, para a escuridão.

Ela esperava por ele do lado de fora da sala, batendo o pé com impaciência. Linus estava quase sem fôlego quando passou pela porta aberta. Não tinha a certeza se o que acabara de acontecer não era apenas um sonho febril. Ele *sentia-se* febril, sem dúvida. Era possível que a Mna. Pastilha Elástica fosse uma alucinação conjurada por uma doença prévia não diagnosticada.

Uma alucinação muito *agressiva*, sem dúvida, pois ela atirou-lhe bruscamente um dossiê grosso para as mãos, fazendo-o atrapalhar-se e quase deixar cair a pasta.

— O bilhete de comboio está aí dentro — disse ela. — Além disso, vai encontrar um envelope lacrado junto dos dossiês de que vai precisar. Não sei do que se trata e não me interessa. Sou paga para

não bisbilhotar, se é que dá para acreditar. Só deve abrir o envelope depois de sair do comboio no seu destino final.

— Acho que preciso de me sentar — disse Linus fracamente.

Ela semicerrou os olhos.

— Claro que se pode sentar. Certifique-se apenas de que o faz longe daqui. O seu comboio parte às sete da manhã de amanhã. Não se atrase. A Direção Extremamente Superior ficará muito descontente se se atrasar.

— Preciso de voltar para a minha mesa, e...

— De modo nenhum, Sr. Baker. Fui instruída para lhe dizer que deve sair imediatamente das instalações. Não fale com ninguém. Suponho que isso não deve ser um problema para si, mas tinha de ser dito.

— Não faço ideia do que está a acontecer — disse. — Nem sequer tenho a certeza se estou *aqui*.

— Sim — disse a Mna. Pastilha Elástica com simpatia. — Parece uma crise existencial. Talvez deva considerar tê-la noutro sítio.

Estavam parados diante dos elevadores. Nem sequer notara que se tinham deslocado. As portas abriram-se diante dele. A Mna. Pastilha Elástica empurrou-o lá para dentro e carregou no botão para o rés do chão, saindo do elevador.

— Obrigada por visitar os escritórios da Direção Extremamente Superior — disse ela alegremente. — Tenha um dia fantástico.

As portas fecharam-se antes que ele pudesse dizer mais uma palavra.

Ainda estava a chover. Ele mal notou.

Num momento, estava diante do Departamento Responsável pela Juventude Mágica e, no seguinte, estava no caminho de pedra que levava à sua varanda.

Não sabia como tinha chegado ali, mas essa parecia ser a menor das suas preocupações.

Foi despertado do seu torpor quando a Sra. Klapper o chamou.

— Veio para casa cedo, Sr. Baker. Foi despedido? Ou talvez tenha recebido terríveis notícias de saúde e precise de tempo para se reconciliar com o seu futuro sombrio? — O fumo do cachimbo dela enrolava-se em torno do seu coque volumoso. — Lamento sabê-lo. A sua falta será terrivelmente sentida.

— Não estou a morrer — conseguiu ele dizer.

— Oh. É uma pena, suponho. Então, só resta ter sido despedido. Pobre coitado. Como é que vai viver? Especialmente nesta economia. Suponho que terá de vender a sua casa e encontrar um apartamento deprimente algures na cidade. — Ela abanou a cabeça. — Provavelmente, vai acabar assassinado. O crime está a aumentar, sabe?

— Eu não fui despedido!

Ela soltou uma risada.

— Não acredito em si.

Linus bufou.

Ela inclinou-se para frente na sua cadeira de baloiço.

— Sabe, o meu neto está à procura de um secretário pessoal na firma de contabilidade dele. Pode ser a sua entrada, Sr. Baker. Acho que li histórias que começaram exatamente assim. Pense nisso. A sua vida está no seu ponto mais baixo, neste momento, e o senhor precisa de começar de novo, o que o leva a encontrar o seu verdadeiro amor. Escreve-se praticamente sozinha!

— Bom dia, Sra. Klapper! — exclamou Linus enquanto subia os degraus tropeçando.

— Pense nisso! — gritou ela atrás dele. — Se tudo correr bem, poderíamos ser da mesma *família*...

Bateu com a porta atrás de si.

Calliope estava sentada no seu lugar do costume, a agitar a cauda, aparentemente nada surpreendida com o seu retorno precoce.

Linus deixou-se cair contra a porta. As pernas cederam e escorregou até ao tapete.

— Sabes — disse —, não sei se tive um dia muito bom. Não, acho que não tive um dia nada bom.

Calliope, como era seu costume, apenas ronronou.

Ficaram assim durante muito tempo.

QUATRO

A carruagem foi-se esvaziando à medida que o comboio avançava pelo campo. As pessoas que entravam e saíam olhavam com curiosidade não disfarçada para o homem, um tanto desmazelado, sentado no assento 6A com uma grande caixa de plástico no assento vazio ao seu lado. Lá dentro, um grande gato olhava ameaçadoramente para qualquer um que se inclinasse para se meter com ele. Uma criança quase perdeu um dedo ao tentar enfiá-lo por entre as ripas da caixa.

O homem, um certo Linus Baker a viver em 86 Hermes Way, mal reparou.

Não tinha dormido bem na noite anterior, revirando-se na cama antes de finalmente desistir e decidir que utilizaria melhor o seu tempo se andasse de um lado para o outro na sala de estar. A sua bagagem, uma mala velha e gasta com uma roda partida, estava perto da porta, a troçar dele. Linus arrumara as suas coisas antes de tentar dormir, sabendo que não teria tempo de manhã.

Mas, afinal, tinha todo o tempo do mundo, visto que o sono permanecia fugidio.

Quando embarcou no comboio às seis e meia estava atordoad, tinha umas olheiras fundas e os cantos da boca descaídos. Mantinha os olhos fixos em frente e uma mão apoiada em cima da caixa onde *Calliope* fumegava. Ela nunca se dera bem com viagens, mas ele não tinha outra escolha. Considerara pedir à Sra. Klapper para cuidar dela na sua ausência, mas o desastre do esquilo provavelmente azedara qualquer hipótese de *Calliope* sobreviver àquele mês ilesa.

Esperava que nenhuma das crianças fosse alérgica.

A chuva escorria pelas janelas enquanto o comboio seguia através de campos vazios e florestas com grandes árvores antigas. Estava no comboio há quase oito horas quando percebeu que havia silêncio.

Demasiado silêncio.

Ergueu os olhos das *REGRAS E REGULAMENTOS* que trouxera de casa.

Era o único que restava na carruagem.

Não tinha reparado quando a última pessoa saíra.

— Hum — disse para si mesmo. — Não seria perfeito se eu passasse a minha paragem? Até onde será que o comboio vai? Talvez continue indefinidamente, nunca chegando ao fim.

Calliope não ofereceu nenhuma opinião sobre o assunto.

Estava prestes a começar a recear ter, de facto, *passado* a sua paragem (Linus era uma pessoa sempre preocupada com tudo), quando um funcionário de uniforme elegante abriu uma porta na ponta da carruagem. Estava a cantarolar baixinho para si mesmo, mas interrompeu-se quando reparou em Linus.

— Olá — disse amigavelmente. — Não esperava encontrar mais ninguém aqui! Deve ir para bem longe neste belo sábado.

— Tenho o meu bilhete — disse Linus. — Se o quiser ver.

— Se não se importa. Para onde vai?

Durante um instante, Linus não conseguiu pensar. Enfiou a mão no casaco para tirar o bilhete e o grande livro no seu colo quase caiu para o chão. O bilhete estava ligeiramente amachucado e tentou alisá-lo antes de o entregar. O funcionário sorriu-lhe antes de olhar para o bilhete. Assobiou baixinho.

— Marsyas. O fim da linha. — Furou o bilhete. — Bem, boas notícias, então. Mais duas paragens e já chegou. Na verdade, se... Ah, sim, olhe. — Fez um gesto na direção da janela.

Linus virou a cabeça e ficou com a respiração presa na garganta.

Era como se as nuvens de chuva tivessem chegado o mais longe que podiam.

A escuridão cinzenta deu lugar a um azul brilhante e maravilhoso, como Linus nunca tinha visto antes. A chuva parou, à medida que iam saindo da tempestade e avançando em direção ao sol. Fechou os olhos brevemente, sentindo o calor contra o seu rosto através do vidro. Não se conseguia lembrar da última vez que sentira a luz do Sol. Abriu os olhos novamente e foi então que o viu, à distância.

Havia verde. Uns belos tons de verde brilhante da erva ondulante e o que pareciam ser flores em tons de cor-de-rosa, lilás e dourado. Estes tons desapareciam ao chegar a uma areia branca e, para lá do branco, havia cerúleo.

Linus mal notou quando as *REGRAS E REGULAMENTOS* caíram no chão do comboio com um baque forte.

Não gostaria de estar aqui?

— Aquilo é o mar? — sussurrou Linus.

— É, sim — disse o funcionário. — Uma bela visão, não é? Mas o senhor age como se nunca... Diga-me, nunca *viu* o mar antes?

Linus abanou a cabeça devagar.

— Só em fotografias. É muito maior do que eu pensava que seria. O funcionário riu-se.

— E aquilo é apenas uma pequena parte. Acho que vai ver um pouco mais quando sair do comboio. Há uma ilha perto da vila. É preciso apanhar o *ferry* para se ir até lá, se quiser. A maioria não quer.

— Eu quero — disse Linus, ainda a olhar para os vislumbres do mar.

— E quem temos nós aqui? — perguntou o funcionário, curvando-se sobre Linus em direção à caixa.

Calliope bufou.

O funcionário endireitou-se rapidamente.

— Acho que vou deixá-la sossegada.

— É capaz de ser melhor.

— Mais duas paragens, senhor — disse o funcionário, dirigindo-se para a porta na extremidade oposta da carruagem. — Desfrute da sua visita!

Linus mal o ouviu sair.

— Está realmente ali — disse baixinho. — Está mesmo, mesmo ali. Nunca pensei... — Suspirou. — Talvez isto não seja tão mau, afinal.

Não era mau.

Era pior.

No entanto, Linus não soube logo disso. No instante em que desceu do comboio, com a caixa numa das mãos e a bagagem na outra, sentiu um cheiro a sal no ar e ouviu o piar dos pássaros marinhos por cima da sua cabeça. Uma brisa despenteou-lhe o cabelo e ele virou o rosto para o Sol. Deixou-se respirar por um instante, desfrutando do calor. Só quando a campainha do comboio tocou e este começou a sair ruidosamente da estação é que olhou em volta.

Estava numa plataforma elevada. Havia bancos de metal debaixo de um alpendre à sua frente, o qual fora pintado com riscas azuis e brancas. Ao longo das bordas da plataforma e estendendo-se até onde ele podia ver havia erva a crescer no topo das dunas de areia. Ouviu o que pareciam ser ondas a quebrar-se ao longe. Nunca tinha visto nada tão luminoso. Era como se este lugar nunca tivesse visto uma nuvem de chuva.

O comboio desapareceu numa curva e Linus Baker percebeu que estava completamente sozinho. Havia uma pequena estrada de paralelepípedos que desaparecia por entre as dunas, mas Linus não conseguia ver aonde levava. Esperava não precisar de a percorrer a pé, não a transportar a sua bagagem e um gato zangado.

— O que é que devemos fazer? — perguntou em voz alta.

Ninguém respondeu, o que provavelmente era o melhor. Se alguém *tivesse* respondido, ele teria provavelmente...

O som de uma campainha a tocar alto despertou-o com sobressalto dos seus pensamentos. Virou bruscamente a cabeça.

Ali, pendurado num dos lados da plataforma do comboio, estava um telefone num tom de cor de laranja vivo.

— Será que devo atender? — perguntou ele a *Calliope*, inclinando a cabeça em direção à parte da frente da caixa.

Calliope virou-se completamente, apresentando-lhe o seu traseiro.

Percebeu que era o melhor que iria conseguir.

Deixou a bagagem onde estava e dirigiu-se ao telefone. Pousou a caixa à sombra e, durante um instante, olhou para o telefone que tocava, antes de ganhar coragem para o atender.

— Estou?

— Ah, finalmente — disse uma voz em resposta. — Está atrasado.

— Estou?

— Sim. Liguei quatro vezes na última hora. Como não tinha a certeza se iria realmente chegar, não queria fazer a viagem para fora da ilha até ter a certeza de que estaria aí.

— Está a ligar para Linus Baker, certo?

Ela soltou uma risada de desdém.

— Para quem é que estaria a ligar?

Sentiu-se aliviado.

— Sou o Linus Baker.

— Que bom para si.

Linus franziu a testa.

— Perdão?

— Estarei aí numa hora, Sr. Baker. — Ouviu um sussurro em fundo. — Disseram-me que tem um envelope que precisa de abrir agora que já chegou. Seria melhor se o fizesse. As coisas farão mais sentido quando o fizer.

— Como é que sabia sobre...

— Adeusinho, Sr. Baker. Até já.

A ligação foi cortada e ele ficou a ouvir o tom de espera.

Fitou o auscultador antes de o pousar no descanso. Fitou-o durante mais um momento antes de abanar a cabeça.

— Bom — disse ele a *Calliope*, enquanto se sentava no banco com um suspiro frustrado. Puxou a mala na sua direção. — Vamos ver o porquê de todo este sigilo, está bem?

Calliope ignorou-o.

Abriu o fecho-éclair da mala o suficiente para tirar o envelope que tinha colocado no topo. Era grosso, quase a rebentar pelas costuras. O selo na parte de trás era feito de cera vermelho-sangue e tinha a palavra DRPJM gravada. Quebrou o selo e a cera desfeita caiu para o seu colo e deslizou para o chão.

Retirou um maço de papéis preso por uma tira de couro.

No topo havia uma carta endereçada a si, datilografada de modo ordenado e limpo.

**DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL PELA JUVENTUDE MÁGICA
ESCRITÓRIOS DA DIREÇÃO EXTREMAMENTE SUPERIOR**

Sr. Baker,

O senhor foi escolhido para a mais importante das missões. Como lembrete, este é um assunto CONFIDENCIAL DE NÍVEL QUATRO. Quaisquer partes que divulguem informações àqueles que não cumpram o nível de classificação exigido receberão uma punição, que pode ir desde a rescisão imediata até uma pena de dez anos de prisão.

Junto, encontrará sete dossiês.

Seis pertencem às crianças do Orfanato da Ilha Marsyas.

O sétimo pertence ao Diretor Arthur Parnassus.

Em nenhuma circunstância deve partilhar qualquer parte do conteúdo destes dossiês com os residentes do Orfanato da Ilha Marsyas. Estes são apenas para sua informação.

Este orfanato é diferente de todos os outros onde já estive, Sr. Baker. É importante que faça o melhor para se proteger. Ficará hospedado na casa de hóspedes na ilha e sugerimos que tranque todas as portas e janelas à noite para evitar quaisquer... perturbações.

— Oh, céus — suspirou Linus.

O seu trabalho em Marsyas é importante. Os seus relatórios fornecer-nos-ão as informações necessárias para vermos se este orfanato pode permanecer aberto ou se precisa de ser encerrado permanentemente. Arthur Parnassus foi incumbido de uma grande responsabilidade, mas resta saber se essa confiança ainda é merecida. Olhos e ouvidos abertos, Sr. Baker. Sempre. Esperamos a sinceridade lancinante pela qual é conhecido. Se algo parecer estar fora de ordem, deve informar-nos. Não há nada mais importante do que garantir que as coisas estejam sempre em ordem.

Certifique-se também de que as crianças estão a salvo, é claro. A salvo umas das outras e de si mesmas. Uma, em particular. O seu dossiê é o primeiro que verá.

Aguardamos com expectativa os seus relatórios extraordinariamente completos.

Atentamente,



CHARLES WERNER

DIREÇÃO EXTREMAMENTE SUPERIOR

— Em que raio me fui meter agora? — sussurrou Linus enquanto outra brisa agitava a carta na sua mão.

Leu a carta uma segunda vez, tentando ler nas entrelinhas, mas ficou com mais perguntas do que respostas.

Dobrou a carta e colocou-a no bolso da camisa antes de olhar para os dossiês nas suas mãos.

— Não há melhor altura do que o presente, suponho — disse ele a *Calliope*. — Vamos ver quão grande é, de facto, este segredo. Tenho a certeza de que foi tudo exagerado. Quanto mais elevadas as expectativas, maior será a desilusão.

Abriu o primeiro dossiê.

Presa ao topo estava a fotografia de um menino de talvez seis ou sete anos que sorria de modo um tanto diabólico. Tinha os dois dentes da frente em falta, o cabelo estava todo despenteado, espetado em todas as direções, e os olhos eram...

Bem. Pareciam sofrer do efeito de olhos vermelhos, quando o *flash* surge depressa demais para as pupilas reagirem. Havia um anel

azul em redor do vermelho. Era certamente assustador, mas Linus já tinha visto aquilo muitas vezes antes. Apenas um truque da luz. Era só isso.

Por baixo da fotografia, em letras maiúsculas, havia um nome.

LUCY.

— Um menino chamado Lucy — disse Linus. — É, sem dúvida, novidade. Pergunto-me por que razão escolheram... o nome... Lucy...

A última palavra saiu sufocada.

Ali, escrito numa linguagem clara, estava exatamente o motivo.

O dossiê dizia:

NOME: LÚCIFER (ALCUNHA LUCY)

IDADE: SEIS ANOS, SEIS MESES, SEIS DIAS (NO MOMENTO DESTE RELATÓRIO)

CABELO: PRETO

COR DOS OLHOS: AZUIS/VERMELHOS

MÃE: DESCONHECIDA (PRESUME-SE MORTA)

PAI: O DIABO

ESPÉCIE DE JUVENTUDE MÁGICA: ANTICRISTO

Linus Baker desmaiou de imediato.

— ... S'embora — murmurou quando sentiu uma pancadinha na face. — Não é hora do pequeno-almoço, *Calliope*.

— É bom saber — disse uma voz que obviamente não pertencia a *Calliope*. — Considerando que é de tarde. A menos que o pequeno-almoço seja tomado mais tarde na cidade. Não faço ideia. Tendo a evitar esses sítios, são demasiado barulhentos para o meu gosto.

Linus abriu os olhos, pestanejando lentamente.

Uma mulher olhava para ele com a sua silhueta recortada pelo Sol.

Linus sentou-se rapidamente.

— Onde estou?

A mulher deu um passo atrás com uma expressão de divertimento calmo no rosto.

— Na Estação de Comboios de Marsyas, é claro. Um sítio estranho para uma sesta, mas suponho que seja um lugar tão bom como qualquer outro.

Linus levantou-se do chão da plataforma. Sentia-se perro e maldisposto. Tinha uma dor de cabeça e parecia ter acumulado uma grande quantidade de areia nas costas. Sacudiu-se enquanto olhava freneticamente em redor. *Calliope* estava sentada na sua caixa, mexendo o rabo enquanto o observava com cautela. A sua bagagem estava ao lado dela.

E, ali, no banco onde estivera sentado, estava uma pilha de dossiês.

— Isso é tudo o que trouxe? — perguntou a mulher, e Linus voltou a sua atenção para ela. Ficou imediatamente preocupado por não conseguir definir qual seria a sua idade. O cabelo parecia uma nuvem branca e fofa no topo da sua cabeça e tinha flores de cores vivas entrelaçadas nele. Tinha uma pele escura encantadora, mas eram os seus olhos que mais confundiam Linus. Eram os olhos de alguém muito mais velho do que o resto da sua aparência sugeria. Devia ser uma ilusão devido à luz forte do Sol, mas eles pareciam quase violeta. Não conseguia perceber por que razão a achava familiar.

Ela usava uma camisa fina e leve que pendia solta sobre o seu corpo. As calças eram beges e terminavam a meio da canela. Os pés estavam descalços.

— Quem é você? — exigiu saber.

— A Sra. Chapelwhite, é claro — disse ela, como se ele devesse saber. — Guardiã da Ilha Marsyas.

— Guardiã — repetiu ele.

— Esta é toda a bagagem que trouxe? — perguntou ela novamente.

— Sim, mas...

— Cada um sabe de si — disse ela.

Linus ficou pasmado quando ela passou por ele, pegando na sua mala como se esta estivesse cheia de penas. Ficara a suar quando a arrastara até ao comboio, mas ela parecia não ter esse problema.

— Junte os seus papéis e o seu gato gigante, Sr. Baker. Não gosto de perder tempo e o senhor já está mais atrasado do que eu esperava. Tenho responsabilidades, sabe?

— Ouça aqui — começou, mas ela ignorou-o, movendo-se em direção às escadas na extremidade da plataforma e descendo-as graciosamente como se flutuasse no ar. Só então é que reparou num pequeno carro parado na estrada. O teto parecia ter sido cortado, deixando os assentos expostos. Um descapotável, embora nunca tivesse visto um pessoalmente.

Linus pensou seriamente em agarrar em *Calliope* e fugir pelos carris do comboio.

Em vez disso, juntou os dossiês e levantou a caixa, seguindo a mulher estranha.

Ela já tinha colocado a sua mala no porta-bagagem quando ele chegou ao carro. Olhou para ele e depois para a caixa.

— Suponho que não queira colocar essa coisa na bagageira?

— De modo nenhum — disse, moderadamente ofendido. — Isso é simplesmente cruel.

— Certo — murmurou ela. — Muito bem. Terá de a levar ao colo, então. Ou podemos prendê-la ao capô, se achar melhor.

Ficou escandalizado.

— Ela ficaria *furiosa*.

A Sra. Chapelwhite encolheu os ombros.

— Tenho a certeza de que depois esquecia.

— Não vou prendê-la ao capô do carro!

— A escolha é sua. Entre, Sr. Baker. Temos de nos despachar. Disse ao Merle que não demorávamos.

A cabeça de Linus estava a girar.

— Merle?

— O barqueiro — disse ela, abrindo a porta e entrando no carro. — Ele vai levar-nos até à ilha.

— Ainda não decidi se *quero* ir para a ilha.

Ela semicerrou os olhos, fitando-o.

— Então, porque é que está aqui?

— Foi... disseram-me... isto não é... — gaguejou.

Ela estendeu a mão para o tabliê do carro, agarrando num par de enormes óculos de sol brancos.

— Entre no carro ou não entre, Sr. Baker. Sinceramente, preferia que não entrasse. O Departamento Responsável pela Juventude Mágica é uma farsa e o senhor não parece ser mais nada a não ser um lacaio sem noção. Não tenho nenhum problema em deixá-lo aqui. Tenho a certeza de que o comboio acabará por voltar. Volta sempre.

Aquilo irritou-o mais do que esperava.

— O que eu faço *não* é de modo nenhum uma farsa!

O carro começou a trabalhar e o motor tossiu de modo retumbante antes de se acalmar. Um fumo negro saiu pelo escape.

— Isso — disse a Sra. Chapelwhite — é o que iremos ver. Entra ou fica, Sr. Baker?

Ele entrou.

A Sra. Chapelwhite parecia estar a divertir-se imenso com a maneira como Linus gritava sempre que faziam uma curva a alta velocidade. Ela conduzia o carro habilmente, mas Linus estava convencido de que tinha entrado no veículo de uma louca.

O vento agitava os cabelos de ambos e Linus pensou que ela iria perder as flores ornamentais, mas estas agitavam-se, baloiçavam e continuavam no sítio. Segurava os dossiês contra o topo da caixa, não querendo que estes voassem por cima do carro.

O carro percorria uma estrada estreita através de dunas que subiam e desciam. Quando as montanhas de areia estavam no seu nível mais baixo, tinha vislumbres do oceano, muito mais perto agora do que do comboio. Linus tentou não se distrair com a vista, mas falhou miseravelmente. Embora tivesse a certeza de que estava prestes a morrer, ainda era uma vista maravilhosa.

Só quando foi atirado contra a porta, depois de mais uma curva, é que encontrou novamente a voz.

— Importa-se de ir mais *devagar*?

E, maravilha de todas as maravilhas, ela fez o que ele pediu.

— Só me estou a divertir.

— À minha custa!

Ela olhou para ele com o cabelo a baloiçar em redor da sua cabeça.

— Está demasiado tenso.

Linus indignou-se:

— Querer viver não é estar *tenso*.

— Tem a gravata torta.

— Tenho? Obrigado. Detesto parecer desganhado... não tem graça.

Viu um lampejo de dentes através do sorriso dela.

— Talvez haja esperança para si, afinal. Não muita, mas um pouco.

— Ela olhou para ele novamente, durante mais tempo do que Linus achou seguro. — É diferente do que eu esperava.

Não sabia como interpretar aquilo. Nunca tinha sido realmente *visto* antes.

— O que é que isso quer dizer?

— Que é inesperado.

— Costuma falar sem dizer nada?

— Muitas vezes, mas não agora, Sr. Baker. — Ela fez outra curva a uma velocidade bastante inferior. — Achei que seria mais novo. O seu tipo geralmente é.

— O meu tipo?

— Assistentes sociais. Já faz isto há muito tempo?

Franziu a testa.

— O tempo suficiente.

— E gosta do seu trabalho, Sr. Baker?

— Sou bom a fazê-lo.

— Não foi isso que perguntei.

— É a mesma coisa.

Ela abanou a cabeça.

— Porque é que estava a dormir na plataforma? Não podia ter feito isso no comboio?

— Eu não estava a dormir. Estava... — Caiu em si, então, e lembrou-se do que tinha esquecido desde que fora rudemente acordado. — Oh, céus.

— O que foi?

— Oh, *céus*. — Não conseguia respirar.

A Sra. Chapelwhite pareceu alarmada.

— Está a ter um ataque cardíaco?

Não sabia. Nunca tivera um antes e não tinha a certeza de como era, mas, dado que tinha quarenta anos, quilos a mais e tensão alta, parecia certamente uma possibilidade.

— Raios! — ouviu-a murmurar enquanto desviava o carro para a berma da estrada, carregando com força nos travões.

Linus lutava para respirar, apoiando a testa no topo da caixa. A sua visão reduzira-se a pequenos pontos e os seus ouvidos rugiam. Tinha a certeza de que estava prestes a desmaiar novamente (ou possivelmente a morrer de ataque cardíaco), quando sentiu uma mão fria pressionar a sua nuca. Conseguiu respirar fundo enquanto a sua frequência cardíaca diminuía.

— Pronto — ouviu a Sra. Chapelwhite dizer. — Está melhor. Respire outra vez, Sr. Baker. Isso mesmo.

— O dossiê — conseguiu dizer. — Eu li o dossiê.

Ela apertou a nuca dele uma vez antes de o largar.

— Sobre Lucy?

— Sim. Não esperava aquilo.

— Não, suponho que não.

— É...

— Verdade?

Acenou com a cabeça com o rosto ainda encostado à caixa.

Ela não respondeu.

Linus ergueu a cabeça e encarou-a.

Ela estava a olhar para a frente, com as mãos no colo.

— Sim — disse finalmente. — É verdade.

— Como é que isso é possível?

Ela abanou a cabeça.

— Não é... *e/ele* não é o que pensa. Nenhum deles é.

Aquilo assustou-o.

— Nem sequer olhei para os dossiês. — Um pensamento terrível atingiu-o. — Os outros são piores?

Ela arrancou os óculos de sol, olhando para ele com severidade.

— Não podem ser piores porque não há nada de errado com nenhum deles. São crianças.

— Sim, mas...

— Nada de mas — retorquiu ela. — Eu sei que tem um trabalho a fazer, Sr. Baker. E sei que o faz provavelmente bem. *Demasiado* bem, se é que quer saber. Tem de ser para o DRPJM o enviar para cá. Não somos exatamente ortodoxos.

— Obviamente que não. Vocês têm o *Anticristo* na ilha.

— Lucy não é... — Ela abanou a cabeça, obviamente frustrada. — Porque é que está aqui?

— Para garantir a segurança das crianças — disse como se fosse uma segunda natureza. — Para ver se eles estão a ser bem tratados. Cuidados. E que não estão em perigo, nem de si mesmos nem dos outros.

— E isso é verdade para *todas* as crianças, correto?

— Sim, mas...

— Nada de *mas*. Não importa de onde veio ou o que é. É uma criança e o seu trabalho, tanto como o meu ou o de Arthur, é protegê-lo. E a todos os outros.

Ficou boquiaberto a olhar para ela.

Ela voltou a pôr os óculos de sol.

— Feche a boca, Sr. Baker. Não quer engolir um inseto.

Ela ligou novamente o motor e voltou para a estrada.

— Sete dossiês — disse ele alguns minutos depois, após sair do seu torpor.

— O quê?

— Sete dossiês. Recebi sete dossiês. Seis crianças e o diretor do orfanato. São sete.

— A contagem rudimentar é uma prioridade no DRPJM, não é?

Ignorou a farpa.

— Não há nenhum sobre si. — Viu uma placa à distância, no topo da colina seguinte do lado direito, que se ia aproximando.

— Claro que não. Não sou funcionária do DRPJM. Já lhe disse, sou a guardiã.

— Da casa?

— Sim e também da ilha. Está na família. É assim há gerações.

Linus Baker fazia este trabalho há muito tempo. E, sim, era bom a fazê-lo. Conseguia pensar analiticamente e conseguia perceber as pequenas pistas que outros não conseguiam. Fora por isso, pensou, que havia sido escolhido para esta tarefa.

Dito isto, deveria tê-lo percebido no momento em que abriu os olhos na plataforma. Desmaiar depois de receber o maior choque da sua vida não deveria ser uma desculpa.

O violeta nos olhos dela devia tê-lo revelado. Não tinha sido um truque da luz.

— Você é uma fada — disse. — Uma fada da ilha.

Surpreendeu-a. Ela tentou encobrir e, se ele não soubesse o que procurar, não o teria notado.

— O que o faz achar isso? — perguntou ela num tom de voz uniforme.

— É uma guardiã.

— Isso não significa nada.

— Os seus olhos.

— Pouco habituais, claro, mas não são únicos, com certeza.

— Você pegou na minha bagagem.

— Oh, peço desculpa. Se soubesse que estava a destruir a sua masculinidade tóxica, não teria...

— Está descalça.

Aquilo fê-la interromper-se.

— Eu vivo perto do mar — disse ela lentamente. — Talvez ande sempre descalça.

Linus abanou a cabeça.

— O Sol está alto, a estrada deve estar extremamente quente e, no entanto, andou em cima dela como se não fosse nada. As fadas não gostam de sapatos, são demasiado restritivos, e nada lhes magoa os pés. Nem sequer o asfalto quente.

Ela suspirou.

— É mais inteligente do que parece. Isso não pode ser bom.

— Está registada? — quis saber. — O DRPJM sabe que é...

Ela mostrou os dentes.

— Eu nunca estive no sistema, Sr. Baker. A minha linhagem é muito mais antiga do que as regras dos homens. Só porque vocês decidiram que todos os seres mágicos precisam de ser marcados em estado selvagem para ser seguidos, isso não lhe dá o direito de me questionar ou ao meu estado legal.

Linus empalideceu.

— Isso... Tem razão. Não devia ter dito aquilo.

— Isso era um pedido de desculpas?

— Acho que sim.

— Ótimo. Não me volte a perguntar sobre o meu estatuto.

— É que... nunca conheci uma fada da ilha antes. Uma fada da água, sim, e até uma das cavernas uma vez. Foi assim que a consegui reconhecer. Não sabia que existiam.

Ela soltou uma risada de desdém.

— Tenho a certeza de que há muita coisa que não sabe sobre a existência, Sr. Baker. Veja, ali. Estamos quase no *ferry*.

Olhou para onde ela estava a apontar. Mais à frente, o sinal que tinha visto à distância aproximava-se à medida que chegavam ao topo da colina. Acima da imagem de uma palmeira e das ondas do mar estava uma placa: VILA DE MARSYAS.

— Nunca tinha ouvido falar deste sítio antes — admitiu enquanto passavam. — A vila. É simpática?

— Depende da sua definição de simpático. Para si, sim, provavelmente. Para mim, não.

Tinham chegado ao topo da colina. Abaixo deles, à beira-mar, havia um aglomerado de edifícios de cores vivas aninhados por entre árvores altas, que tinham sido dobradas pelos ventos ao longo do tempo. Podia ver as casas espalhadas pela floresta, todas em tons pastéis e com telhados de colmo. Parecia-se com a imagem que ele sempre sonhara que um lugar perto do mar teria. Fazia-lhe doer o coração.

— Não vamos parar, portanto não me peça para o fazer — avisou ela. — Eles não gostam quando paramos.

— O que quer dizer?

— Nem todos são tão progressistas como você, Sr. Baker — disse ela, e ele *soube* que estava a ser ridicularizado. — Os habitantes de Marsyas não nos apreciam.

Aquilo surpreendeu-o.

— As fadas?

Ela riu-se novamente, mas com uma forte amargura.

— Todos os seres mágicos, Sr. Baker.

Não demorou muito para perceber o que ela queria dizer. Assim que entraram na estrada principal, que atravessava a vila, as pessoas nas ruas e nas lojas voltavam-se ao ouvir o som do carro. Linus tinha recebido muitos olhares de desaprovação durante a sua vida, mas nunca olhares cheios de tanta hostilidade. Pessoas de calções, biquínis e chinelos de borracha viravam-se para os fitar abertamente com irritação enquanto eles passavam. Tentou acenar para alguns, mas não ajudou. Até viu um homem, dentro do que parecia ser uma barraca de mariscos, estender a mão e trancar a porta quando passaram.

— Bem, nunca vi — disse Linus torcendo o nariz.

— Habituo-nos — disse a Sra. Chapelwhite. — Surpreendentemente.

— Porque é que eles são assim?

— Não aspiro a conhecer as mentes dos homens — disse ela, apertando as mãos no volante quando uma mulher no passeio pareceu puxar os seus filhos gorduchos e palradores para longe do carro. — Eles temem o que não entendem e esse medo transforma-se em ódio por razões que, tenho a certeza, nem eles conseguem compreender. E como não entendem as crianças, como as temem, odeiam-nas. Esta não pode ser a primeira vez que ouve isto. Acontece em todo o lado.

— Eu não odeio nada — disse Linus.

— Está a mentir.

Ele abanou a cabeça.

— Não. O ódio é uma perda de tempo. Estou demasiado ocupado para odiar alguma coisa. Prefiro ser assim.

Ela olhou para ele, mas a sua expressão estava escondida por trás dos óculos de sol. Abriu a boca — para dizer o quê, ele não sabia —, mas pareceu mudar de ideias. Em vez disso, disse:

— Chegámos. Fique no carro.

Ela estacionou à beira de um cais e saiu antes que Linus pudesse dizer outra palavra. Havia um homem parado ao lado de um pequeno *ferry*, batendo impacientemente com o pé. Atrás dele, Linus pensou ter visto o contorno ténue de uma ilha.

— Está a ficar tarde — disse o homem bruscamente para a Sra. Chapelwhite quando ela se aproximou, mas a voz flutuou até Linus. — Sabe que não posso estar na ilha depois de escurecer.

— Está tudo bem, Merle. Eu não deixaria que nada lhe acontecesse.

— Isso não é tão reconfortante como parece achar que é. — Cuspiu para a água para lá da beira do cais, antes de olhar por cima do ombro para Linus. — É ele?

Ela olhou rapidamente para trás.

— É ele.

— Pensei que seria mais novo.

— Foi o que eu disse.

— Muito bem, vamos embora. E diga ao Parnassus que os meus preços duplicaram.

Ela suspirou.

— Eu digo-lhe.

Merle assentiu e, com um último olhar fulminante para Linus, virou-se e saltou habilmente para o *ferry*. A Sra. Chapelwhite voltou para o carro.

— Acho que podemos ter-nos metido em algo maior do que fomos levados a acreditar — sussurrou Linus para *Calliope*.

Ela ronronou em resposta.

— Tudo bem? — perguntou enquanto a fada voltava para dentro do carro. Não tinha a certeza se estava; Merle parecia ser um sujeito problemático.

— Tudo bem — murmurou ela. O carro deu a volta mais uma vez e ela avançou enquanto Merle baixava a rampa do *ferry*. Houve um

momento em que Linus sentiu um frio no estômago, quando a rampa rangeu e gemeu sob o peso deles, mas passou antes que ele pudesse reagir.

Ela estacionou o carro e carregou num botão. Linus assustou-se quando ouviu um barulho de engrenagens vindo da parte de trás do carro. Olhou para trás a tempo de ver uma capota de vinil a erguer-se sobre eles. A capota encaixou no seu lugar com uma terrível sensação de finalidade. Ela desligou o carro antes de se virar para ele.

— Olhe, Sr. Baker, acho que começámos mal.

— Quer dizer que nem sempre é assim tão simpática? Enganou-me bem.

Ela fitou-o irritada.

— Sou uma fada, o que significa que sou muito protetora daquilo que é meu.

— A ilha — disse Linus.

Ela acenou com a cabeça.

— E todos os seus habitantes.

Ele hesitou, mas depois continuou:

— Você e este Sr. Parnassus...

Ela arqueou uma sobrancelha.

Linus corou, tossiu e desviou o olhar.

— Esqueça.

Ela riu-se dele, embora não de modo indelicado.

— Não. Acredite em mim quando lhe digo que isso nunca poderia acontecer.

— Oh. Bem, é bom saber.

— Eu sei que tem um trabalho a fazer — continuou ela. — E está a descobrir que é diferente de tudo o que já fez antes. Peço-lhe apenas que lhes dê uma oportunidade. Eles são mais do que aquilo que está nos seus dossiês.

— Está a dizer-me como fazer o meu trabalho? — perguntou empertigado.

— Estou a pedir um pouco de compaixão.

— Eu sei o que é a compaixão, Sra. Chapelwhite. É por isso que faço o que faço.

— Acredita realmente nisso, não acredita?

Fitou-a intensamente.

— O que quer dizer com isso?

Ela abanou a cabeça.

— Não tem um dossiê sobre mim porque eu não deveria existir. O Arthur — o Sr. Parnassus — enviou-me como um ato de boa-fé, para mostrar a sua seriedade. Ele sabe o tipo de pessoa que você pode ser e espera que seja essa pessoa aqui.

Linus sentiu um arrepio de medo na base da espinha.

— Como é que ele sabe o que quer que seja sobre mim? Não pode saber quem foi designado. Nem *eu* sabia até ontem.

Ela encolheu os ombros.

— Ele tem as suas formas. É melhor usar o tempo que lhe resta antes de chegar à ilha para rever o resto dos dossiês. É melhor se souber no que se está a meter antes de lá chegar. Será mais seguro, acho.

— Para quem?

Não houve resposta.

Virou-se e descobriu que o assento do condutor estava vazio, como se ela nunca tivesse estado ali.

— Bolas — murmurou.

Considerou fazer o que ela pedira. Um homem prevenido vale por dois e tudo isso, mas, depois do que descobrira no dossiê de Lucy, não teve coragem de examinar os restantes, por medo de que a situação piorasse exponencialmente. A Direção Extremamente Superior não tornara de modo nenhum as coisas mais fáceis,

considerando os seus sérios avisos de que os habitantes da ilha eram diferentes de tudo o que já vira. A Sra. Chapelwhite apenas parecera confirmá-lo. Interrogou-se brevemente se teria falado demais, ou se ela conseguira espreitar os dossiês enquanto ele estivera deitado na plataforma. Ambas as coisas pareciam prováveis e ele decidiu manter-se atento a partir de agora.

Não confiando em si mesmo para se manter consciente, ficou sentado com os dossiês no colo, contraindo os dedos, enquanto a vontade de saber no que se estava a meter ia diminuindo diante do desejo de manter firmemente a sua sanidade mental. Pensou em todo o tipo de coisas, desde monstros terríveis com dentes perversamente afiados até fogo e enxofre. Eram crianças, dizia a si mesmo, mas até as crianças podem morder se provocadas. E se, por acaso, fossem piores do que imaginava, preferia não o saber de antemão, não fosse descobrir que era incapaz de sair do *ferry*.

Mas, ainda assim...

Vasculhou os dossiês, procurando um em especial. Respirou fundo quando viu o de Lucy e passou à frente o mais rapidamente possível até encontrar o que queria.

O diretor da casa.

Arthur Parnassus.

O dossiê era fino, composto por uma fotografia tremida de um homem magro contra um fundo azul e uma única folha de papel. Ele parecia, sem dúvida... normal, mas as aparências enganam.

O dossiê (se é que algo tão esparso poderia chamar-se assim) não lhe disse muito mais, já que certas partes tinham sido editadas e o resto eram fragmentos sem qualquer lógica. Além de descobrir a sua idade (quarenta e cinco) e que a sua ocupação do cargo em Marsyas não parecia ter nenhum problema significativo, não havia muito mais que Linus pudesse extrair dali. Não sabia se estava desapontado ou aliviado.

O Sol já se começara a pôr quando um sino tocou, sinalizando a chegada à ilha. Estava perdido em pensamentos quando o *ferry* estremeceu debaixo dele. Olhou pela janela de trás e viu a rampa do *ferry* ser baixada sobre um pequeno cais.

Virou-se novamente para a frente no momento em que uma sombra se estendeu sobre o para-brisas.

— É aqui que sai! — gritou-lhe uma voz.

Espreitou pelo para-brisas.

Merle estava debruçado sobre ele, de mãos nos quadris.

— Saia — repetiu.

— Mas...

— Saia do meu barco, raios!

— Que idiota — murmurou Linus. A chave ainda estava na ignição e Linus pensou que devia pelo menos estar grato por isso. Abriu a porta do lado passageiro e quase caiu. Conseguiu salvar-se a si mesmo e a *Calliope* no último instante, embora ela não tivesse apreciado as suas acrobacias. Colocou-a no assento e fechou a porta enquanto ela bufava. Ofereceu uma saudação alegre a Merle e contornou a parte de trás do carro.

Merle não respondeu.

— É, sem dúvida, um começo auspicioso — disse Linus baixinho. A porta do lado do condutor rangeu quando a fechou atrás de si. Já se passara algum tempo desde que conduzira. Nunca tivera carro próprio, pois era demasiado incómodo na cidade. Alugara um uma vez, há alguns anos, planeando passar um fim de semana a conduzir no campo, mas fora chamado para trabalhar à última hora e acabara por entregar o carro apenas uma hora depois de o levantar.

Empurrou o banco para trás antes de girar a chave.

O carro ganhou vida à sua volta.

— Muito bem — disse Linus a *Calliope*, com as mãos a suar apoiadas no volante. — Vamos ver o que temos para ver, está bem?

CINCO

Não havia sinais a indicar nenhuma direção, mas, como havia apenas uma estrada, Linus deduziu que devia estar a ir na direção certa. Poucos minutos depois de se afastar do cais do *ferry* deu por si numa velha floresta de árvores enormes, com copas que quase tapavam completamente o céu riscado em tons de rosa e cor de laranja. Trepadeiras folhosas pendiam dos galhos das árvores e pássaros barulhentos chamavam de poleiros invisíveis.

— Será que isto é algum tipo de armadilha? — disse Linus a *Calliope*, à medida que ia ficando cada vez mais escuro quanto mais fundo na floresta eles avançavam. — Talvez seja para aqui que todos vêm depois de ser despedidos. Acham que estão a receber uma tarefa importante, mas, em vez disso, acabam sacrificados no meio do nada.

Não era um pensamento agradável, portanto, afastou-o.

Não conseguiu encontrar o manípulo dos faróis, por isso, inclinou-se para a frente o mais próximo que pôde do para-brisas. Estava a anoitecer. O seu estômago roncou, mas ele nunca tivera menos vontade de comer na vida. Sabia que *Calliope* iria provavelmente procurar uma caixa de areia em breve, mas não queria parar até ter alguma ideia de onde estava. Com a sua sorte, *Calliope* correria para a floresta, forçando Linus a ir atrás dela.

— E eu provavelmente não o faria — disse. — Deixava-te aqui e tinhas de te safar sozinha.

Não o faria, mas ela não precisava de saber disso.

O conta-quilómetros tinha avançado mais três quilómetros e ele estava prestes a entrar em pânico — afinal, a ilha não podia ser

muito grande, ou podia? — quando a floresta desapareceu em seu redor e ele a viu.

Ali, à sua frente, contra o Sol poente, estava uma casa.

Linus nunca vira nada de semelhante antes.

Fora construída sobre uma colina num penhasco com vista para o oceano. Parecia ter, pelo menos, cem anos. Era feita de tijolos e tinha um grande torreão, espantosamente, mesmo no meio do telhado. O lado da casa voltado para Linus estava coberto de hera verde, a qual crescia em redor de várias janelas brancas. Pensou ter visto o contorno de uma pérgula ao lado da casa e interrogou-se se haveria um jardim. Gostava que houvesse. Poderia passear nele, cheirar o sal no ar e...

Abanou a cabeça. Não estava aqui para essas coisas. Não haveria tempo para frivolidades. Tinha um trabalho para fazer e ia fazê-lo bem.

Virou o carro em direção ao que parecia ser o longo caminho de acesso que conduzia até à casa. Quanto mais se aproximava, maior esta se tornava e Linus não sabia como é que nunca tinha ouvido falar daquele sítio. Oh, não do orfanato, não se a Direção Extremamente Superior não quisesse que ninguém soubesse, mas esta ilha, esta *casa*, deveriam ser do seu conhecimento. Vasculhou o cérebro, mas não encontrou nada.

O caminho de acesso alargava-se perto do topo da colina. Havia um outro veículo estacionado ao lado de uma fonte vazia, coberta pelas mesmas trepadeiras que se agarravam ao orfanato. Era uma furgoneta vermelha, grande o suficiente para seis crianças e o diretor da casa. Perguntou-se se eles fariam muitas viagens. Não até à vila, claro, não se as pessoas ali não eram simpáticas.

Contudo, quando se aproximou, viu que a furgoneta parecia não ser movida há algum tempo. Havia ervas daninhas a crescer em redor das rodas.

Parecia que não faziam muitas viagens, se é que tinham feito alguma.

Por um instante, Linus sentiu uma pontada, algo semelhante a tristeza. Esfregou o peito com a mão, tentando eliminá-la.

Tinha razão, no entanto. Havia um jardim. Os últimos raios de sol pareciam iluminar as flores existentes de um dos lados da casa e Linus pestanejou pensando ter visto um movimento, algo fugaz que logo desapareceu.

Baixou ligeiramente a janela, apenas o suficiente para ser ouvido.

— Olá? — chamou.

Não houve resposta.

Sentindo-se um pouco mais corajoso, baixou a janela até meio. O cheiro forte do mar encheu-lhe o nariz. As folhas farfalhavam nos galhos das árvores.

— Olá?

Nada.

— Certo — disse. — Bem, talvez possamos ficar aqui até amanhã.

E, então, ouviu a risadinha inconfundível de uma criança.

— Ou talvez devêssemos ir embora — disse com voz fraca.

Calliope arranhou a parte da frente da caixa.

— Eu sei, eu sei, mas parece haver algo ali fora e acho que nenhum de nós quer ser comido.

Ela arranhou novamente.

Suspirou. Ela tinha-se portado bem a maior parte do tempo. A viagem fora longa e não era justo deixá-la confinada.

— Está bem. Mas ficas quieta enquanto eu fico aqui sentado a pensar e tento ignorar o riso infantil que vem da casa estranha tão longe de tudo o que conheço.

Ela não resistiu quando ele abriu a caixa e a puxou para o seu colo. Sentou-se regamente, a olhar pela janela de olhos arregalados. Não fez nenhum som quando ele lhe acariciou as costas.

— Pronto — disse Linus. — Vamos rever a situação, está bem? Posso fazer o que fui enviado aqui para fazer ou posso sentar-me aqui e esperar por uma ideia melhor, de preferência onde possa manter todas as minhas peças tal como estão.

Calliope cravou-lhe as garras nas pernas.

Ele estremeceu.

— Sim, sim. És capaz de ter razão. *É* uma covardia, mas também significa que continuamos vivos.

Ela lambeu lentamente a pata antes de a passar sobre o focinho.

— Não precisas de ser mal-educada — resmungou. — Está bem, se tem de ser. — Estendeu a mão para a maçaneta da porta. — Eu consigo fazer isto e *vou* fazer isto. Tu ficas aqui e eu...

Não teve tempo de reagir. Abriu a porta e *Calliope* saltou-lhe do colo. A gata aterrou no chão e correu disparada em direção ao jardim.

— Mas que... Sua gata estúpida! Eu deixo-te aqui!

Não faria tal coisa, mas falsas ameaças eram melhores do que nenhuma ameaça.

Calliope desapareceu atrás de um grupo de arbustos perfeitamente tratados. Pensou ter visto um lampejo da sua cauda, mas depois ela sumiu.

Linus Baker não era tolo e orgulhava-se disso. Estava bem ciente das suas limitações enquanto ser humano. Quando estava escuro, preferia ficar trancado em segurança dentro de casa, com o seu pijama com monograma, um disco a tocar no gira-discos e uma bebida quente nas mãos.

Dito isso, *Calliope* era essencialmente a sua única amiga no mundo inteiro.

Então, quando desceu do carro, fazendo as pedras do caminho de acesso estalar debaixo dos seus pés, foi porque percebeu que às vezes é preciso fazermos coisas desagradáveis por aqueles de quem gostamos.

Seguiu pelo caminho por onde ela fugira, esperando não ter de ir muito longe. O Sol tinha quase desaparecido e, embora a casa ainda lhe inspirasse maus pressentimentos, apesar de as luzes parecerem estar acesas no seu interior, o céu acima estava iluminado com cores que ele não tinha a certeza de ter visto antes, pelo menos não misturadas daquela maneira. Podia ouvir as ondas quebrar-se muito mais abaixo no penhasco e gaivotas a gritar por cima de si.

Alcançou a linha de arbustos por onde *Calliope* tinha desaparecido. Havia um pequeno caminho de pedra que conduzia ao que pensava ser o jardim e hesitou apenas ligeiramente antes de entrar.

O jardim era muito maior do que parecia à primeira vista. A pérgula que tinha visto da estrada encontrava-se mais à frente. Estava decorada com lanternas de papel vermelhas e cor de laranja que baloiçavam com a brisa. As suas luzes tremeluziam suavemente e ouvia-se o som distante de pequenos sinos.

O jardim florescia descontroladamente. Não viu girassóis, mas havia jarros e lírios raiados, dalias, cristas-de-galo, crisântemos, gerberas cor de laranja e campainhas-da-china. Havia até calicarpas, algo que não via desde a infância. O ar estava denso e perfumado, o que o deixou um pouco tonto.

— *Calliope* — chamou suavemente. — Vem. Não tornes isto difícil. Ela não apareceu.

— Está bem — disse irritado. — Posso sempre arranjar um novo amigo. Afinal, existem muitos gatos que precisam de ser adotados. Um gatinho novo resolve este problema com bastante facilidade. Vou deixar-te aqui. É melhor.

Não faria tal coisa, é claro. Continuou a avançar.

Havia uma macieira a crescer perto da casa e Linus pestanejou quando viu maçãs vermelhas, verdes e rosadas, variedades completamente diferentes a crescer nos mesmos galhos. Seguiu o tronco até ao solo e viu...

Uma pequena estátua.

Um gnomo de jardim.

— Que singular — murmurou aproximando-se da árvore.

A estátua era maior do que as que vira antes, pois a ponta do seu gorro pontiagudo quase chegava à altura da sua cintura. Tinha uma barba branca e as mãos cruzadas à sua frente. A pintura que fora feita na estátua era incrivelmente detalhada, quase realista na luz fraca. Os olhos eram de um azul brilhante e as bochechas rosadas.

— És uma estátua estranha, não és? — disse, agachando-se diante dela.

Se Linus estivesse na posse do seu juízo perfeito teria reparado nos olhos. No entanto, estava cansado, desconcentrado e preocupado com a sua gata.

Portanto, o barulho que emitiu não foi assim tão surpreendente quando a estátua do gnomo pestanejou e disse com arrogância:

— Não pode dizer essas coisas sobre uma pessoa. É má-educação. Não tem maneiras?

Ele soltou um grito estrangulado e caiu para trás, agarrando-se à erva por baixo de si com a mão.

O gnomo fungou.

— O senhor é muito barulhento. Não gosto quando as pessoas fazem barulho no meu jardim. Se falar alto, não consegue ouvir as flores a conversar. — E ela (porque *era* uma ela, com barba e tudo) estendeu a mão e ajeitou o gorro. — Os jardins são espaços tranquilos.

Linus lutou para encontrar a voz.

— Tu és... tu és...

Ela franziu o sobrolho.

— Claro que sou eu. Quem mais seria?

Abanou a cabeça, conseguindo limpar as teias de aranha antes de se agarrar a um nome.

— És um gnomo.

Ela piscou os olhos como uma coruja.

— Sim, sou. Chamo-me Talia. — Baixou-se e pegou numa pequena pá que estava caída na erva ao seu lado. — É o Sr. Baker? Se for, temos estado à sua espera. Se não for, está a invadir a propriedade alheia e tem de se ir embora antes que eu o enterre aqui no meu jardim. Ninguém descobriria porque as raízes comeriam as suas entranhas e os ossos. — Franziu a testa novamente. — Acho. Nunca enterrei ninguém antes. Seria uma experiência de aprendizagem para ambos.

— Eu sou o Sr. Baker!

Talia suspirou, parecendo incrivelmente desapontada.

— Claro que é. Não é preciso gritar. Mas seria pedir muito querer um invasor? Sempre quis ver se os seres humanos dão bons fertilizantes. Parece que sim. — Olhou-o de cima a baixo de modo esfomeado. — Toda essa carne.

— Oh, céus — conseguiu dizer Linus.

Ela bufou.

— Não temos invasores aqui. A menos que... vi um gato. Trouxe-o como presente para a casa? O Lucy vai ficar entusiasmado. E quando ele terminar, talvez me deixe usar o que sobrar. Não é o mesmo que um humano, mas tenho a certeza de que vai funcionar.

— Ela não é uma oferta — disse Linus, horrorizado. — É um *animal de estimação*.

— Oh. Bolas.

— O nome dela é *Calliope*!

— Bem, é melhor irmos procurá-la antes que os outros a encontrem. Não sei o que irão pensar dela. — Ela sorriu-lhe, mostrando uns dentes grandes e quadrados. — Além de parecer saborosa, é claro.

Linus guinchou.

Ela avançou para ele num passo bamboleante, movendo rapidamente as suas pernas grossas.

— Vai ficar aí deitado a noite toda? Levante-se, levante-se!

Ele levantou-se. De alguma forma, levantou-se.

Linus suava profusamente enquanto a seguia pelo jardim, ouvindo enquanto ela murmurava baixinho. Parecia estar a falar gnomês, com uns grunhidos baixos e guturais, mas Linus nunca ouvira falar o idioma antes, portanto, não tinha a certeza.

Alcançaram a pérgula, que rangeu quando entraram nela. As lanternas de papel estavam mais luminosas agora, baloiçando nos seus fios. Havia cadeiras com almofadas grossas e confortáveis e, debaixo destas, um tapete ornamentado com as bordas enroladas.

Talia dirigiu-se a um pequeno baú colocado num dos lados. Abriu a tampa e pendurou a pá num gancho lá dentro, ao lado de outras ferramentas de jardinagem. Depois de parecer satisfeita por tudo estar no seu lugar, acenou com a cabeça e fechou a tampa.

Virou-se, então, para ele:

— Agora, se eu fosse um gato onde é que estaria?

— Não sei...

Ela revirou os olhos.

— Claro que não. Os gatos são astutos e misteriosos e isso não parece ser algo que o senhor entenda.

— Perdão...?

Ela acariciou a barba.

— Precisamos de ajuda. Felizmente, sei exatamente a quem pedir.

— Olhou para o teto da pérgula. — Theodore!

Linus pensou freneticamente nos dossiês que não lera. Oh, que idiota tinha sido.

— Theodore. Quem é...

De algum lugar mais acima surgiu um grito que causou arrepios na espinha de Linus.

Os olhos de Talia brilharam.

— Ele vem aí. Ele saberá o que fazer. É capaz de encontrar qualquer coisa.

Linus deu um passo atrás, pronto para agarrar em Talia e correr se necessário.

Uma forma escura mergulhou dentro da pérgula, pousando sem floreios no chão. Grasnou irritado ao tropeçar nas suas asas demasiado grandes e rebolou sem parar até bater contra as pernas de Linus. Este fez o seu melhor para não gritar, mas, infelizmente, o seu melhor não foi suficiente.

Uma cauda escamosa estremeceu quando o seu dono ergueu uns olhos cor de laranja brilhantes para ele.

Linus nunca antes tinha visto uma serpe pessoalmente. Eram muito raras e pensava-se que descendiam dos antigos répteis que tinham em tempos vagueado pela terra, embora fossem pouco maiores do que um gato doméstico. Muitos consideravam-nas um estorvo e durante muito tempo tinham sido caçadas, sendo as suas cabeças usadas como troféus e as peles transformadas em sapatos da moda. Só quando foram promulgadas leis protegendo todas as criaturas mágicas é que os atos bárbaros cessaram, mas, então, já era praticamente tarde demais, especialmente perante a evidência empírica de que as serpentes eram capazes de raciocínios emocionalmente complexos que rivalizavam até mesmo com os seres humanos. O seu número diminuía de forma alarmante.

Por isso, foi com fascínio (tingido, é claro, de horror) que Linus olhou para a serpe a seus pés, cuja cauda começara a enrolar-se no seu tornozelo.

Aquilo — *ele*, recordou Linus a si mesmo — era mais pequeno do que *Calliope*, embora não muito. As suas escamas eram iridescentes, brilhando num caleidoscópio de cores à luz das lanternas penduradas acima. As patas traseiras eram fortemente musculosas e as garras nas pontas dos pés eram negras e terrivelmente afiadas. Não tinha patas dianteiras; em vez disso, as suas asas eram longas e coriáceas como as de um morcego. A cabeça estava curvada para baixo e o focinho terminava em duas

fendas. A sua língua serpenteava para a frente e para trás, batendo contra os mocassins de Linus.

Os seus olhos cor de laranja pestanejaram lentamente. Sacudiu a cabeça em direção a Linus, e... trinou.

O coração de Linus batia como um trovão no seu peito.

— Theodore, presumo?

A serpe trinou novamente. Não era diferente de um pássaro, um pássaro muito grande e escamoso.

— Então? — perguntou Talia.

— Então o quê? — disse Linus com voz rouca, perguntando-se se seria rude tentar afastar a serpe com um chuto. A cauda estava a apertar-se em torno da sua perna e as presas de Theodore eram terrivelmente grandes.

— Ele está a pedir-lhe uma moeda — disse Talia, como se fosse óbvio.

— Uma... moeda?

— Para o seu tesouro — disse Talia como se ele fosse idiota. — Ele vai ajudá-lo, mas tem de lhe pagar.

— Isso não é... Eu não...

— Ohhhh — disse Talia. — Não tem uma moeda? Isso não é bom. Olhou para ela desvairado.

— O quê? Porquê?

— Talvez eu possa ter fertilizante humano, afinal — disse ela de modo sinistro.

Linus procurou imediatamente nos bolsos. Com certeza que tinha... tinha de haver *algo*...

Aha!

Retirou a mão de modo triunfante.

— Pronto! — exclamou. — Eu tenho um... botão?

Sim, um botão. Era pequeno e feito de latão e, por tudo o que era sagrado, Linus não se conseguia lembrar de onde tinha vindo. Não

era realmente o seu estilo. Linus tendia para cores suaves e aquilo era luminoso e brilhante e...

Theodore emitia um estalo no fundo da garganta. Quase parecia estar a ronronar.

Linus olhou para baixo novamente e viu Theodore levantar-se do chão. Parecia ter alguma dificuldade. As suas asas eram demasiado grandes para alguém do seu tamanho e as pernas ficavam presas nelas, fazendo-o tropeçar. Theodore piou irritado, antes de usar a cauda enrolada em torno da canela de Linus como suporte. Conseguiu endireitar-se antes de largar Linus, nunca tirando os olhos do botão. Assim que se pôs de pé, começou a saltitar em redor de Linus, abrindo e fechando as mandíbulas.

— Bem, dê-lho — disse Talia. — Não pode simplesmente oferecer um presente a uma serpe e depois não lho entregar. A última vez que alguém fez isso ele pegou-lhe fogo.

Linus olhou para ela bruscamente.

— As serpes não cospem fogo.

Ela sorriu mais uma vez.

— O senhor não é tão crédulo como parece e parece *realmente* crédulo. Vou ter de me lembrar disso.

Theodore estava a saltar cada vez mais alto, tentando chamar a sua atenção enquanto fazia estremecer as asas. Estava a gorjear alto e os seus olhos brilhavam.

— Está bem, está bem — disse Linus. — Já to dou, mas não quero que faças uma birra. A paciência é uma virtude.

Theodore pousou no chão e girou num círculo antes de arquear o pescoço em direção a Linus. Abriu a boca e esperou.

As suas presas eram muito grandes e muito afiadas.

— Tem de o pôr na boca dele — sussurrou Talia. — Muito possivelmente, com a mão toda.

Linus ignorou-a. Engolindo em seco, baixou-se e colocou a ponta do botão na boca de Theodore. A serpe mordeu lentamente,

agarrando o botão. Linus retirou a mão e Theodore caiu de costas, espalhando as asas pelo chão. O seu estômago era pálido e parecia macio. Levou as patas traseiras à boca até conseguir agarrar o botão. Segurando-o com as garras, ergueu o botão em direção à cabeça, estudando-o cuidadosamente e girando-o para ver os dois lados. Trinou alto enquanto se virava. Deitou uma olhadela a Linus, antes de abrir as asas e levantar voo desajeitadamente. Quase tropeçou, mas no último momento conseguiu voar em direção à casa.

— Onde é que ele vai? — perguntou Linus com voz fraca.

— Juntá-lo ao resto do seu tesouro — disse Talia. — É algo que o senhor nunca vai encontrar, portanto, nem sequer pense nisso. Uma serpe é muito protetora do seu tesouro e mutilará qualquer um que lho tentar tirar. — Fez uma pausa, considerando. — Está debaixo do sofá da sala. É melhor ir vê-lo.

— Mas acabaste de dizer... Ah, estou a ver.

Ela olhou inocentemente para ele.

— Ele ia ajudar-nos a encontrar a *Calliope* — recordou-lhe.

— Ia? Eu nunca disse isso. Só queria ver o que o senhor lhe daria. Porque é que tem botões no bolso? Não é aí que eles servem. — Ela semicerrou os olhos, fitando-o. — Não sabe disso?

— Eu sei onde... — Abanou a cabeça. — Não, não vou responder. Vou encontrar o meu gato com ou sem a tua ajuda e se tiver de espezinhar o teu jardim para o fazer, que seja.

— O senhor não se *atreveria*.

— Não?

Ela fungou.

— Phee.

— Santinha — disse Linus.

— O quê? Eu não espirrei. Eu estava... Phee!

— Sim, sim — disse outra voz. — Ouvi-te à primeira.

Linus virou-se de repelão.

Havia uma menina suja de talvez dez anos parada atrás deles. Tinha manchas de terra no rosto que quase cobriam as sardas brilhantes que salpicavam a sua pele pálida. Ela suspirou, fazendo uma madeixa de cabelo vermelho-fogo esvoaçar da sua testa. Vestia uns calções e um *top* de alças. Estava descalça e as unhas dos pés tinham sujidade por baixo.

Mas foram as asas finas que se erguiam das suas costas que mais chamaram a atenção de Linus. Eram translúcidas, atravessadas por veias e enrolavam-se em torno dos seus ombros, muito maiores do que esperaria em alguém do tamanho dela.

Uma fada, como a Sra. Chapelwhite, embora houvesse diferenças marcantes. Emanava dela uma fragrância terrestre, densa e espessa, que recordou a Linus a viagem por entre as árvores até chegar à casa. Pensou que era possível que fosse obra dela.

Uma fada da floresta.

Linus conhecera apenas um punhado de fadas antes. Tendiam a ser criaturas solitárias e quanto mais jovens, mais perigosas. Não tinham o controlo total da sua magia. Certa vez, Linus vira as consequências de uma jovem fada do lago que se sentira ameaçada por um grupo de pessoas num barco. O nível da água subira quase dois metros e o que restara do barco ficara a flutuar em pedaços na superfície agitada.

Não sabia o que tinha acontecido a essa fada depois de ter preenchido o seu relatório. Essa informação estava acima da sua categoria.

No entanto, esta fada — Phee — recordava-o da fada do lago anos antes. Olhava para ele com desconfiança, contraindo as asas.

— É ele? — perguntou ela. — Não parece grande coisa.

— Não é crédulo — disse Talia. — Tem isso a seu favor, pelo menos. Trouxe um gato que fugiu.

— É melhor não deixarmos o Lucy encontrá-lo. Sabes o que ele fará.

Linus teve de recuperar o controlo da situação. Afinal, elas eram apenas crianças.

— O meu nome é Linus Baker. E o nome *dela* é *Calliope*. Eu estou...

Phee ignorou-o enquanto passava por ele, acertando-lhe com a ponta da asa esquerda no rosto.

— Não está na floresta — disse Phee a Talia.

Talia suspirou.

— Não pensei que estivesse, mas achei melhor perguntar.

— Tenho de me ir limpar — disse-lhe Phee. — Se não o tiveres encontrado quando eu acabar, volto e ajudo-te. — Ela deitou uma olhadela a Linus antes de sair da pérgula em direção à casa.

— Ela não gosta de si — disse Talia. — Mas não se sinta mal por isso. Ela não gosta da maioria das pessoas. Não é pessoal, acho. Ela preferia que o senhor não estivesse aqui, ou vivo.

— Acredito — disse Linus rigidamente. — Agora, se me pudesses indicar...

Talia bateu palmas diante da sua barba.

— É isso! Sei onde temos de procurar! Eles devem estar a prepará-la para si e aposto que ela está com o Sal. Ele é bom com animais perdidos.

Ela bamboleou-se em direção à extremidade oposta da pérgula, antes de olhar para ele por cima do ombro.

— Venha! Não quer ir buscar a sua gata?

Linus queria.

Portanto, seguiu-a.

Talia conduziu-os pelo jardim, em volta do lado da casa que não tinha conseguido ver da estrada. A luz estava a diminuir e podia ver as estrelas aparecerem mais acima. O ar estava fresco agora e ele estremeceu.

Talia, por sua vez, ia apontando para cada flor que encontravam, dizendo-lhe os nomes e quando as plantara. Avisou-o para não lhes tocar ou teria de lhe bater na cabeça com a pá.

Linus não se atreveu a testá-la. Ela tinha obviamente propensão para a violência e ele precisava de se lembrar disso para o colocar nos seus relatórios. Esta investigação não tivera um bom começo. Tinha muitas preocupações, especificamente o facto de todas estas crianças parecerem estar espalhadas por ali.

— Onde está o diretor da casa? — perguntou Linus quando deixaram o jardim para trás. — Porque é que não vos está a vigiar?

— O Arthur? — perguntou Talia. — Por que raio estaria?

— O Sr. Parnassus — insistiu Linus. — É boa educação referires-te a ele usando o nome adequado. E ele *devia* estar porque és uma criança.

— Eu tenho 263 anos!

— E os gnomos só atingem a maturidade aos quinhentos anos — disse Linus. — Podes achar que sou tolo, mas isso seria um erro.

Ela resmungou algo numa língua que Linus estava agora convencido ser gnomês.

— Das cinco às sete da tarde, temos tempo para atividades pessoais. O Arthur — oh, *desculpe*, o Sr. Parnassus — acha que devemos explorar o que nos interessa.

— Muito pouco habitual — murmurou Linus.

Talia olhou para ele.

— É? O senhor não faz as coisas de que gosta depois de acabar de trabalhar?

Bem... sim. Sim, fazia. Mas ele era um adulto e isso era diferente.

— E se um de vocês se magoar durante as vossas explorações pessoais? Ele não pode andar a preguiçar enquanto...

— Ele não está a preguiçar! — exclamou Talia. — Ele trabalha com o Lucy para garantir que ele não causa o fim do mundo como o conhecemos!

Foi nesta altura que Linus sentiu a sua visão escurecer, mais uma vez, perante o pensamento de... desta *criança*. Este *Lucy*. Não conseguia acreditar que tal criatura existia sem o seu conhecimento. Sem o conhecimento do *mundo*. Oh, entendia a razão de ser segredo e podia até mesmo compreender a necessidade disso, mas o facto de haver uma arma de destruição maciça no corpo de uma criança de seis anos e o mundo não estar preparado era simplesmente chocante.

— O senhor ficou terrivelmente pálido — disse Talia olhando para ele de olhos semicerrados. — E está a cambalear. Está doente? Se estiver, acho que devemos voltar para o jardim para poder morrer lá. Não quero ter de o arrastar até lá. O senhor parece ser muito pesado. — Ela estendeu a mão e tocou-lhe com um dedo no estômago. — Tão macio.

Estranhamente, aquela ação simples conseguiu desanuviar-lhe a visão.

— Não estou doente — retorquiu. — Estou apenas... a processar.

— Oh, que pena. Se o seu braço esquerdo começar a doer, pode avisar-me?

— Porque é que eu... isso é um dos sinais de um ataque cardíaco, não é?

Ela acenou com a cabeça.

— Exijo que me leves ao Sr. Parnassus imediatamente!

Ela inclinou a cabeça, fitando-o.

— Mas e a sua gata? Não a quer encontrar antes que ela seja comida e só reste a cauda porque tem demasiado pelo para poder ser engolida?

— Isto é muito perturbador e irregular. Se esta é a forma como este orfanato é gerido, vou ter de informar...

Os olhos dela arregalaram-se antes de o agarrar pela mão e começar a puxá-lo.

— Nós estamos bem! Está a ver? Está tudo bem. Eu não morri, nem o senhor, e ninguém está ferido! Afinal, estamos numa ilha sem nenhuma maneira de alguém entrar ou sair exceto de *ferry*. E a casa tem eletricidade e as casas de banho funcionam, uma coisa da qual temos muito orgulho! O que é que nos poderia acontecer? E a Zoe vigia-nos quando o Sr. Parnassus está ocupado.

— Zoe? — quis saber Linus. — Quem é...

— Oh! Eu quis dizer a Sra. Chapelwhite — disse Talia apressadamente. — Ela é maravilhosa. Tão carinhosa. Toda a gente o diz. É parente distante de um rei das fadas chamado Dimitri, se é que dá para acreditar! Mas ele não é daqui.

A mente de Linus era um turbilhão.

— O que queres dizer com *rei das fadas*? Eu nunca...

— Por isso, como pode ver, não há absolutamente nada com que se preocupar. Somos sempre vigiados em tudo o que fazemos, portanto, não é preciso informar ninguém sobre nada. E, veja só! Eu *sabia* que o Sal tinha a sua gata. Os animais adoram-no, ele é espetacular. Está a ver? A *Calliope* parece muito feliz, não parece?

E, de facto, parecia. Estava a esfregar-se contra as pernas de um grande rapaz negro, que estava sentado na varanda de uma casinha situada um pouco afastada da casa grande, arqueando as costas enquanto ele fazia deslizar um dedo pela sua espinha e baloiçando a cauda preguiçosamente de um lado para o outro. O rapaz sorriu-lhe e, então, maravilha das maravilhas, *Calliope* abriu a boca e *miou*, um som que Linus não se conseguia lembrar de a ter ouvido fazer antes. Era enferrujado e profundo e quase o fez parar no meio do caminho. Ela ronronava, é claro — geralmente para indicar que não gostava de algo —, mas nunca *miava*.

— Sim — dizia o rapaz, em voz baixa. — És uma linda menina, não é? És, sim. A menina mais linda.

— Pronto — disse Talia baixinho. — Nada de movimentos bruscos, está bem? O senhor não quer...

— Essa gata é minha! — disse Linus em voz alta. — Eh, tu. Como é que conseguiste que ela fizesse isso?

— ... assustá-lo — terminou Talia com um suspiro. — Agora é que estragou tudo.

O rapaz ergueu os olhos assustado ao ouvir a voz de Linus. Os seus ombros largos curvaram-se e ele pareceu afundar para *dentro*. Num instante, havia um belo rapaz de olhos escuros e, no seguinte, as roupas que usava caíram na varanda como se o corpo que as vestia tivesse desaparecido da face da Terra.

Linus parou de boca aberta.

No entanto, enquanto observava, a pilha de roupas começou a mover-se. Houve um lampejo de pelos brancos e depois as roupas deslizaram para o chão.

Sal, o rapaz grande que devia pesar pelo menos 70 quilos, tinha desaparecido.

Mas não completamente.

Porque tinha-se transformado num lulu-da-pomerânia de 2,5 quilos.

Um lulu-da-pomerânia *peludo* com 2,5 quilos. O pelo em redor da sua cabeça era branco, salpicado num tom de cor de laranja enferrujado que se estendia pelas suas costas e pernas. A cauda estava enrolada sobre as costas e, antes de Linus poder processar o facto de ter visto um verdadeiro mutante transformar-se diante de si, Sal deu um latido agudo, virou-se e correu para dentro da casa de hóspedes.

— Não posso crer — murmurou Linus. — Aquilo era... — Não sabia como terminar.

— Eu disse-lhe para não o assustar — disse Talia irritada. — Ele é muito nervoso, sabe? Não gosta de estranhos nem de barulhos e o senhor está a ser ambos.

Calliope pareceu concordar, fitando Linus irritada antes de subir os degraus e desaparecer também dentro da casa.

A casa em si era minúscula, ainda mais pequena do que a de Linus. A varanda não era grande o suficiente para uma cadeira de baloiço, mas era encantadora, com flores a crescer ao longo da fachada por baixo das janelas pelas quais saía uma luz quente e convidativa. Também era feita de tijolos, tal como a casa principal, mas não exalava o mau presságio que Linus sentira ao chegar.

Podia ouvir latidos vindos de dentro da casa. Houve uma resposta num som agudo e distorcido, como se alguém atirasse uma esponja molhada repetidamente para o chão.

— O Chauncey também está cá — disse Talia, parecendo encantada. — Trouxe provavelmente a sua bagagem quando estávamos no jardim. É muito hospitaleiro, sabe? Quer ser um carregador de hotel quando crescer, com o uniforme, o chapeuzinho e tudo o resto. — Ela olhou para ele com uns olhos grandes e inocentes de que Linus desconfiou imediatamente. — Acha que ele seria bom nisso, Sr. Baker?

E, porque acreditava no poder do pensamento positivo, Linus respondeu: — Não vejo porque não — embora se perguntasse o que Chauncey poderia ser.

Talia sorriu docemente, como se não acreditasse numa única palavra.

O interior da casa era tão cativante como o exterior. Havia uma sala de estar com uma cadeira de aparência confortável diante de uma lareira de tijolos e uma mesa num recanto em frente de uma das janelas. O som de latidos vinha do fundo do corredor e, por um instante, Linus ficou um pouco desorientado, porque parecia não haver...

— Onde é a cozinha? — perguntou.

Talia encolheu os ombros.

— Não há. O dono anterior da casa deve ter achado que as pessoas deviam comer juntas na casa principal. O senhor vai comer

connosco. É provavelmente melhor para poder ver que comemos apenas alimentos saudáveis e somos civilizados e isso.

— Mas há...

— Senhor! — Uma voz húmida e gorgolejante exclamou atrás dele.
— Posso levar o seu casaco?

Linus virou-se para ver...

— Chauncey! — exclamou Talia, parecendo encantada.

Ali, de pé (sentado?) no corredor, com um cãozinho a espreitar atrás dele, estava uma bolha verde amorfa com uns lábios vermelhos brilhantes. E dentes pretos. E olhos presos a hastes que se erguiam bem acima da sua cabeça, movendo-se aparentemente de modo independente um do outro. Não tinha braços, mas sim tentáculos com minúsculas ventosas ao longo do seu comprimento. Não era totalmente transparente, embora Linus pudesse distinguir o ténue contorno de Sal escondido atrás dele.

— Não estou a usar um casaco — ouviu-se Linus dizer, embora não tivesse realmente instruído o seu cérebro para responder.

Chauncey franziu a testa.

— Oh. Isso é... dececionante. — Os seus olhos mexeram-se e ele pareceu iluminar-se. Literalmente, porque ficou num tom mais claro de verde. — Não faz mal! Já tratei da sua bagagem, senhor! Foi colocada no seu quarto, assim como a jaula bárbara que suponho ser para o seu gato que está agora a dormir na sua almofada. — Estendeu um dos seus tentáculos.

Linus ficou a olhar para ele.

— Hum — tossicou Chauncey, virando a ponta do tentáculo em direção a si mesmo, duas vezes.

— Tem de lhe pagar — sibilou Talia atrás dele.

Mais uma vez, independente de qualquer pensamento, Linus deu por si a pegar na sua carteira. Abriu-a, encontrou uma nota pequena e entregou-a. Esta ficou imediatamente encharcada quando o tentáculo de Chauncey se fechou sobre ela.

— Uau — sussurrou ele enquanto puxava a nota para perto e os olhos desciam nas suas hastes para a examinar. — Consegui. Sou um carregador.

Antes que Linus pudesse responder àquele *comentário*, uma voz arrepiante fez-se ouvir, soando como se viesse de *todo o lado*. Do ar, do chão, das próprias *paredes* que os rodeavam.

— Eu sou o mal encarnado — disse a voz traiçoeira. — Eu sou a praga na pele deste mundo. Vou colocá-lo de *joelhos*. Preparem-se para o Fim dos Tempos! A vossa hora chegou e os rios correrão com o sangue dos inocentes!

Talia suspirou.

— Ele é tão dramático.

SEIS

Era um facto que valia o que valia, mas Linus Baker importava-se realmente com as crianças que tinha a tarefa de observar. Achava que uma pessoa com falta de empatia não podia fazer o que ele fazia, embora não conseguisse compreender como é que alguém como a Sra. Jenkins tinha alguma vez sido assistente social antes de ser promovida a Supervisora.

Portanto, tendo deparado com uma ameaça percebida, e embora tudo parecesse estar do avesso, Linus fez a única coisa que podia fazer: moveu-se para proteger as crianças.

Talia guinchou irritada quando ele a empurrou para trás de si em direção a Sal e Chauncey.

— O que é que está a *fazer*?

Ignorou-a, sentindo o zumbido nos seus ouvidos, que o acompanhava desde que chegara à ilha, transformar-se agora num rugido forte. Deu um passo em direção à porta aberta e jurou por tudo o que tinha que a escuridão que caía lá fora se tornara de alguma forma mais *escura*. Acreditava que se saísse para a varanda as estrelas acima seriam apagadas e tudo o que restaria seria a noite eterna.

— O que se passa? — sussurrou Chauncey atrás dele.

— Não faço ideia — disse Talia irritada.

Sal ladrou nervosamente num latido agudo.

— Provavelmente — disse Talia.

Linus deu um passo em direção à porta. Devia ter percebido que aceitar esta missão seria a última coisa que faria. Perguntou-se se Lucy já teria eliminado o Sr. Parnassus e quem (ou o *que* quer que fosse) estaria na casa principal com eles. Não tinha a certeza se

havia outras coisas para as quais a Direção Extremamente Superior não o alertara. Se o caminho estivesse livre, talvez pudesse levar as crianças até ao carro. Iria precisar de colocar *Calliope* na sua caixa, mas preferia lidar com um gato zangado do que com um demónio. Não sabia como os iria tirar da ilha, mas...

Saiu para a varanda.

Estava mais escuro, talvez mais escuro do que alguma vez estivera. Mal conseguia ver as flores para lá da varanda. Tudo o resto estava perdido na escuridão. Era como se a noite fosse uma coisa viva e tivesse consumido o mundo. Linus sentia a pele eletrizada.

— Olá — disse uma voz doce ao seu lado.

Linus soltou uma exclamação e virou a cabeça.

Ali, de pé, à beira da varanda, estava uma criança.

Lucy tinha exatamente o mesmo aspeto que na fotografia. O seu cabelo preto estava despenteado pelo vento e tinha olhos vermelhos com anéis azuis. Parecia muito *pequeno*, mas o sorriso no seu rosto estava torcido em desdém e os seus dedos estremeciam ao lado do corpo, como se mal se contivesse para estender a mão e desfazer Linus, membro por membro.

— É um prazer vê-lo — cantarolou Lucy antes de soltar uma risadinha. — Eu sabia que o senhor viria, Sr. Baker. No entanto, quando eu tiver acabado consigo, vai desejar não ter vindo. — O sorriso alargou-se até parecer que o rosto dele se ia partir ao meio. Chamas começaram a erguer-se atrás dele, embora não parecessem queimar a casa e Linus não conseguisse sentir o calor que devia emanar delas. — Vou gostar muito mais disto do que alguma vez poderia...

— Já chega, Lucy.

E, de imediato, tudo desapareceu.

Lucy gemeu e o vermelho desapareceu dos seus olhos. O fogo diminuiu, a escuridão desvaneceu-se e os restos do pôr do sol

apareceram no horizonte. As estrelas brilhavam e Linus podia ver a casa principal em frente.

— Eu só me estava a divertir — murmurou Lucy, raspando o sapato contra a varanda. — Eu sou o fogo do inferno. Eu sou as partes mais sombrias de...

— Ainda tens de tomar banho depois do jantar — disse a voz e Linus sentiu o seu coração falhar uma batida. — Talvez pudéssemos guardar o fogo do inferno e as partes mais sombrias para amanhã.

Lucy encolheu os ombros.

— Está bem. — Depois passou a correr por Linus e entrou na casa a gritar por Talia e Chauncey. — Viram o que eu fiz? Ele estava tão *assustado*!

Linus olhou para o exterior da varanda.

Ali, parado na relva, estava um homem.

Era diferente de qualquer pessoa que Linus já vira antes. Era muito magro e o seu cabelo claro estava despenteado, espetado em ângulos estranhos, e a começar a ficar grisalho em torno das têmporas. Os seus olhos escuros eram vivos e brilhavam na quase escuridão e tinha um nariz aquilino com uma protuberância no centro, como se o tivesse partido há muito tempo e este não tivesse ficado bem alinhado. Tinha um sorriso no rosto e as mãos cruzadas à sua frente. Os seus dedos eram compridos e elegantes e fazia girar os polegares. Usava um casaco assertoado verde, com a gola puxada em redor do pescoço por causa da brisa do mar. As suas calças pareciam demasiado curtas para as suas pernas compridas, com as bainhas a terminar acima dos tornozelos, revelando umas meias vermelhas. Usava sapatos tipo Oxford pretos e brancos.

— Olá, Sr. Baker — disse Arthur Parnassus, parecendo divertido. — Bem-vindo à Ilha Marsyas. — A sua voz era mais leve do que Linus esperava, quase como se houvesse notas musicais por trás de cada palavra. — Espero que a sua viagem tenha sido muito

agradável. O mar pode ser às vezes agitado na travessia e o Merle é... o Merle. Afinal, é da vila.

Linus estava pasmo. Lembrava-se da fotografia tremida do dossiê e nela o Sr. Parnassus estava de pé contra um fundo azul sem nenhum sorriso. Contudo, as suas sobrancelhas apresentavam uma curva jovial e Linus ficara a olhar para elas durante mais tempo do que era provavelmente adequado.

Parecia mais jovem em pessoa, muito mais jovem do que os seus 45 anos sugeriam. O seu rosto era tão jovial como os jovens que entravam no DRPJM, com os seus diplomas brilhantes e ideias sobre como as coisas *deviam* ser feitas, em vez de como realmente eram. Aprendiam rapidamente a entrar na linha. Não havia lugar para o idealismo numa carreira no Estado.

Linus abanou a cabeça, tentando clarear as ideias. Não era bom para alguém na sua posição ficar a olhar boquiaberto para o diretor de um orfanato. Linus Baker era um profissional consumado e tinha um trabalho a fazer.

— Costuma saudar os seus convidados com ameaças de morte e destruição, Sr. Parnassus? — perguntou severamente, tentando recuperar o controlo da situação.

O Sr. Parnassus soltou uma risadinha.

— Normalmente não, embora deva dizer que não temos muitos convidados. Por favor, trate-me por Arthur.

Linus estava tenso, ouvindo o murmúrio de vozes atrás de si. Sentia-se desconfortável por ter alguém como Lucy atrás dele, fora da sua vista.

— Acho que Sr. Parnassus será suficiente. Eu serei o Sr. Baker durante esta visita. Para si e para as crianças.

O Sr. Parnassus assentiu com um deleite mal disfarçado. Linus não tinha exatamente a certeza do que exigia tal resposta na presente situação. Perguntou-se se estaria a ser ridicularizado de alguma forma e sentiu uma onda de raiva tomar conta de si.

Conseguiu reprimi-la antes que esta pudesse contorcer a sua expressão.

— Sr. Baker será, então. As minhas desculpas por não o receber pessoalmente à sua chegada. — Deitou um olhar à casa, por cima do ombro de Linus, antes de voltar a fitá-lo. — Estava ocupado com o Lucy, embora suspeito de que ele tentou esconder a sua presença de mim.

Linus estava pasmado.

— Ele consegue... fazer isso?

O Sr. Parnassus encolheu os ombros.

— Ele consegue fazer muitas coisas, Sr. Baker, mas suponho que descobrirá por si mesmo. É por isso que está aqui, não é? Phee informou-nos da sua chegada e Lucy decidiu recebê-lo à sua própria maneira especial.

— Especial — disse Linus com voz fraca. — É assim que lhe chama.

Ele deu um passo em direção à varanda.

— Este é um lugar diferente, cheio de coisas que não acredito que tenha visto antes. Seria melhor se deixasse as suas noções preconcebidas para trás, Sr. Baker. A sua visita será muito mais agradável se o fizer.

Linus endireitou-se irritado.

— Não estou aqui para me divertir, Sr. Parnassus. Isto não são *férias*. Estou aqui, conforme ordenado pelo Departamento Responsável pela Juventude Mágica, para determinar se o Orfanato Marsyas deve permanecer como está ou se devem ser tomadas outras medidas. Seria bom se se lembrasse disso. O facto de as crianças estarem descontroladas e sem supervisão não é o melhor começo.

O Sr. Parnassus mal pareceu afetado.

— Descontroladas, disse? Fascinante. E estou ciente da razão pela qual está aqui. Só não sei se o Sr. Baker está.

— O que é que isso quer dizer?

Ele fazia zigue quando Linus esperava que ele fizesse zague.

— Soube que deu um botão ao Theodore.

Linus pestanejou.

— Perdão?

O Sr. Parnassus estava no fundo da escada. Linus mal o vira mover-se.

— Um botão — repetiu ele lentamente. — De latão. Deu um ao Theodore.

— Sim, bem, foi a primeira coisa que encontrei no bolso.

— De onde é que veio?

— O que quer dizer?

— O botão, Sr. Baker — disse ele. — De onde veio o botão?

Linus deu um passo atrás.

— Não... Não estou a perceber o que quer dizer.

O Sr. Parnassus acenou com a cabeça.

— São as pequenas coisas, acho. Pequenos tesouros que encontramos sem saber a sua origem e que aparecem quando menos esperamos. É belo, se pensarmos nisso. Ele adorou-o profundamente. Foi muito gentil da sua parte.

— Foi-me quase ordenado que lho desse!

— Foi? Não me diga. — Ele estava na varanda em frente de Linus. Era alto, muito mais alto do que parecia na relva diante da casa. Linus tinha de inclinar a cabeça para trás para o encarar. Tinha um sinal quase em forma de coração por baixo do olho esquerdo. Uma madeixa de cabelo caíra-lhe para a testa.

Linus estremeceu ligeiramente quando o Sr. Parnassus lhe estendeu a mão. Ficou a olhar para ela por um instante e depois caiu em si, pegando na mão que lhe era oferecida. A pele estava fresca e seca e, quando os dedos envolveram os seus, Linus sentiu uma pequena onda de calor no fundo da sua mente.

— É um prazer conhecê-lo — disse o Sr. Parnassus. — Independentemente da razão pela qual está aqui.

Linus retirou a mão, sentindo a palma a formigar.

— Tudo o que peço é que me deixe cumprir as minhas funções sem interferências.

— Por causa das crianças.

— Sim — disse Linus. — Por causa das crianças. Afinal, elas são o mais importante.

O Sr. Parnassus estudou-o, embora Linus não soubesse o que ele procurava. Depois, disse:

— Bom, estou satisfeito por termos começado de um modo tão maravilhoso. É um bom presságio para o que será, certamente, um mês esclarecedor.

— Eu não lhe chamaria *maravilhoso*...

— Crianças! — chamou o Sr. Parnassus. Curvou-se habilmente, apanhando as roupas descartadas de Sal. — Vá, venham, está bem?

Houve uma debandada de pés atrás de Linus, alguns pesados, outros soando como se patinhassem. Linus foi empurrado enquanto eles passavam por ele a correr.

Sal foi o primeiro, ainda como um pequeno lulu-da-pomerânia. Latiu nervosamente, dando um amplo espaço a Linus, antes de saltar para o colo do Sr. Parnassus, abanando o rabo.

— Olá, Sal — disse o Sr. Parnassus, olhando para baixo. Depois, surpreendentemente, soltou um latido agudo. Sal respondeu na mesma moeda, com uma série de latidos, antes de sair disparado em direção à casa. — Trouxe um gato?

Linus ficou boquiaberto.

— Não me diga que consegue falar...

— Com o Sal? — perguntou o Sr. Parnassus. — Claro que consigo, é um dos meus. É importante para... Talia, obrigado por mostrares o jardim ao nosso convidado. Foi muito gentil da tua

parte. E Chauncey, duvido de que tenha havido um melhor carregador em todo o mundo.

— A sério? — gorgolejou Chauncey, com os olhos a baloiçar nas suas hastes. — No *mundo* inteiro? — Ele empinou o peito ou, melhor, *pareceu* empinar ainda mais o peito. Linus não tinha a certeza se ele tinha sequer peito. — Ouviste, Talia? O *mundo* inteiro. Talia soltou uma risada.

— Ouvi. Ainda vais ter o teu próprio hotel antes de dares por isso. — Ela olhou para Linus enquanto acariciava a sua barba. — E o senhor também pode agradecer por não lhe ter esmagado a cabeça com a pá quando tive oportunidade. — Ela estremeceu ligeiramente quando o Sr. Parnassus falou num tom baixo e gutural, quase como se estivesse a sufocar.

Linus demorou um instante para perceber que ele estava a falar gnomês.

Talia soltou um grande suspiro dramático.

— Desculpe, Sr. Baker. Prometo que não lhe esmago a cabeça com a minha pá. Hoje.

E, dizendo aquilo, ela e Chauncey desceram as escadas e dirigiram-se para a casa principal.

Linus sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha quando ouviu o chão ranger atrás de si. Lucy apareceu ao lado deles, sorrindo de modo maníaco para Linus. Nem sequer parecia pestanejar.

— Sim? — perguntou Linus com um grasnido rouco. — Hum, posso ajudar?

— Não — disse Lucy, com um sorriso cada vez maior. — Não pode, ninguém pode. Eu sou o pai das cobras, o vazio no...

— Já chega — disse o Sr. Parnassus suavemente. — Lucy, é a tua vez de ajudares a Sra. Chapelwhite na cozinha. Já estás atrasado. Vai lá.

Lucy suspirou, murchando.

— Ah, a sério?

— A sério — disse o Sr. Parnassus, baixando-se e dando-lhe uma pancadinha no ombro. — Despacha-te. Sabes que ela não gosta quando foges das tuas responsabilidades.

Lucy resmungou baixinho, enquanto descia saltitando as escadas. Quando chegou ao fundo olhou por cima do ombro, para Linus, que sentiu os joelhos a vacilar.

— Ele está a fingir — disse o Sr. Parnassus. — Adora trabalhar na cozinha. Acho que está apenas a dar espetáculo para si. É um palhacinho.

— Acho que preciso de me sentar — disse Linus, sentindo-se entorpecido.

— Claro — disse o Sr. Parnassus com à-vontade. — Teve um longo dia. — Olhou para o pulso, puxando a manga do casaco para revelar um grande relógio. — O jantar é às sete e meia, portanto, tem algum tempo para se acomodar. A Sra. Chapelwhite preparou um banquete em sua homenagem para lhe dar as boas-vindas a Marsyas. Disseram-me que vai haver torta para a sobremesa. Adoro torta. — Pegou de novo na mão de Linus, apertando-a suavemente. Linus olhou para ele. — Eu sei por que razão está aqui — disse ele calmamente. — E sei o poder que detém. Tudo o que peço é que mantenha a mente aberta, Sr. Baker. Pode fazer isso por mim?

Linus puxou a mão, sentindo-se desequilibrado.

— Farei o que devo fazer.

O Sr. Parnassus acenou com a cabeça. Parecia que ia dizer outra coisa, mas, em vez disso, abanou a cabeça. Virou-se e saiu da varanda, seguindo os seus protegidos na escuridão.

Não olhou para trás.

Linus mal se lembrava de percorrer o corredor em direção ao seu quarto. Sentia-se como se tivesse sido apanhado num sonho estranho do qual não sabia como escapar. A sensação persistiu quando passou pela casa de banho minúscula e viu que os seus

produtos de higiene pessoal tinham sido colocados numa prateleira por baixo do espelho.

— O que foi? — perguntou a ninguém em particular.

O quarto no fim do corredor era pequeno, mas funcional. Havia uma secretária virada para a janela que dava para o penhasco com vista para o mar. Uma cadeira fora encostada contra ela. Perto do que parecia ser a porta de um armário havia uma pequena cómoda. Uma cama com uma colcha enorme estava encostada à parede oposta. *Calliope* estava deitada na almofada, com o rabo enrolado em seu redor. Abriu um único olho quando ele entrou, seguindo os seus movimentos.

Ele abriu a boca e estava prestes a falar com ela quando as palavras lhe ficaram presas na garganta.

A sua mala estava em cima da cama, aberta e vazia.

Correu para ela.

— Onde estão as minhas coisas?

Calliope bocejou e enfiou o focinho nas patas, respirando profundamente.

Os dossiês das crianças e do Sr. Parnassus ainda estavam guardados num bolso lateral com o fecho-éclair fechado. Parecia que não tinham sido mexidos, mas as suas roupas tinham desaparecido, assim como...

Olhou freneticamente em volta.

Ali, no chão, perto da mesa, estavam as tigelas de *Calliope*. Uma estava cheia de água e a outra continha a ração, cujo saco estava colocado ao lado da mesa. Em cima da mesa estava a sua cópia das *REGRAS E REGULAMENTOS*.

Foi até ao armário e abriu as portas.

As suas camisas, gravatas e calças estavam cuidadosamente penduradas nos cabides. Ao lado delas estava o único casaco que trouxera, embora não tivesse a certeza de ir precisar dele.

Os seus mocassins extras estavam no chão.

Deixando a porta aberta, foi até à cómoda. Dentro, empilhadas de modo ordenado, estavam as suas meias e roupas íntimas.

Na gaveta seguinte encontrava-se o seu pijama e as únicas roupas que trouxera que não eram de trabalho, umas calças e um polo.

Linus afastou-se lentamente da cómoda recuando até as suas pernas tocarem na beira da cama. Sentou-se bruscamente, olhando para as gavetas e para o armário aberto.

— Acho — disse ele a *Calliope* — que isto é demasiado para mim.

Ela não emitiu nenhuma opinião, nem a favor nem contra.

Abanando a cabeça, pegou na pasta. Tirou os dossiês para fora e pousou-os no colo.

— Imbecil — murmurou. — Da próxima vez, vê se sabes no que te estás a meter.

Respirou fundo antes de abrir o dossiê de cima.

— Oh — disse quase sem fôlego quando leu sobre uma serpe chamado Theodore.

— O quê? — exclamou ao abrir o dossiê de um rapaz de catorze anos chamado Sal.

Não conseguiu dizer nada em relação a Talia, embora uma gota de suor escorresse pela sua testa.

Tinha razão sobre Phee. Era uma fada da floresta, e poderosa, ainda por cima.

Encolheu-se imenso com o que viu sobre um menino chamado Chauncey. Tinha dez anos e ao lado da palavra *Mãe* dizia *DESCONHECIDA*, o mesmo acontecendo para o pai e para a sua espécie. Parecia que ninguém sabia exatamente o que Chauncey era de facto e, agora que o tinha visto pessoalmente, Linus também não tinha a certeza.

A Direção Extremamente Superior tinha razão.

As crianças não eram como nada que já tivesse visto antes.

Considerou seriamente ignorar o convite para jantar e puxar a colcha pesada para cima da cabeça, bloqueando o mundo estranho em que se encontrava. Talvez se dormisse as coisas fizessem mais sentido ao acordar.

Mas, então, o seu estômago roncou e Linus percebeu que estava com fome.

Esfomeado, até.

Empurrou o seu estômago nada desprezível com um dedo.

— Tens mesmo de fazer isso?

O estômago gorgolejou novamente.

Suspirou.

E foi assim que se viu parado diante da porta da frente da casa principal, preparando os nervos.

— Não é diferente de qualquer outra tarefa — murmurou para si mesmo. — Já estiveste nesta situação antes. Vamos em frente, meu caro. Tu consegues.

Estendeu a mão e bateu com a aldrava de metal três vezes na porta.

E esperou.

Um minuto depois, bateu novamente.

Continuou a não haver resposta.

Enxugou o suor da testa enquanto dava um passo atrás, olhando para a zona lateral da casa. Havia luzes nas janelas, mas não parecia que alguém viesse abrir a porta.

Abanou a cabeça enquanto se aproximava novamente da porta. Após um momento de indecisão, estendeu a mão para a maçaneta. Esta girou facilmente sob a sua mão e ele empurrou a porta.

Esta abriu-se.

Lá dentro havia uma entrada que conduzia a uma escadaria ampla que levava ao primeiro andar. Os corrimões eram de madeira polida e havia um grande lustre pendurado sobre a entrada com os cristais a brilhar sob a luz. Enfiou a cabeça pela porta, à escuta.

Ouviu... música? Era um som fraco, mas, ainda assim. Não conseguia distinguir a canção, mas parecia-lhe familiar de alguma forma.

— Olá? — chamou.

Ninguém respondeu.

Entrou na casa, fechando a porta atrás de si.

À sua direita havia uma sala de estar com um grande sofá estofado diante de uma lareira escura. Por cima da lareira estava uma pintura, um retrato excêntrico de redemoinhos rodopiantes. Pensou ter visto mexer a saia de folhos do sofá, mas não tinha a certeza de não ser apenas um truque da pouca luz.

Adiante estavam as escadas.

À sua esquerda havia uma sala de jantar formal, embora não parecesse ser usada. O lustre mais pequeno sobre a mesa estava apagado e a mesa estava coberta de livros, antigos pelo que parecia.

— Olá? — tentou novamente.

Ninguém respondeu.

Ele fez a única coisa que podia fazer.

Seguiu o som da música.

Quanto mais se aproximava, mais as notas se avolumavam. Os sons baixos e agudos dos trompetes faziam-se ouvir, acompanhados por uma voz masculina doce que cantava que algures para lá do mar ela está ali à minha espera³.

Linus tinha este disco e adorava-o.

Enquanto Bobby Darin cantava sobre ver navios de areias douradas, Linus moveu-se no meio do sonho, fazendo deslizar os dedos pelos livros sobre a mesa. Mal olhou para os títulos, hipnotizado pelo arranhar revelador de um disco a girar.

Chegou a duas portas em vaivém com vigias no centro.

Pôs-se em bicos de pés e espreitou por elas.

A cozinha era luminosa e arejada e maior do que qualquer cozinha que já vira. Tinha a certeza de que toda a casa de hóspedes caberia lá dentro e ainda sobraria espaço. Do teto pendiam lâmpadas rodeadas por globos de vidro como aquários e podia ver um gigantesco frigorífico ao lado de um forno de tamanho industrial. As bancadas de granito estavam limpas e a brilhar e...

Linus ficou boquiaberto.

A Sra. Chapelwhite movia-se pela cozinha mal tocando no chão com os pés. As suas asas cintilavam atrás dela, muito mais brilhantes do que as de Phee, vibrando a cada passo que ela dava.

Mas foi a outra pessoa na cozinha que mais chamou a atenção de Linus.

Lucy estava de pé numa banquetta em frente da bancada. Tinha uma faca de plástico na mão e estava a cortar um tomate, atirando os pedaços para uma grande tigela cor-de-rosa à sua esquerda.

E baloiçava-se ao som de Bobby Darin. À medida que a orquestra ia ganhando intensidade, a meio da canção, com os tambores a retumbar e os trompetes a soar, ele abanou o corpo inteiro ao ritmo da música. Bobby voltou, dizendo que sabia, sem dúvida, que o seu coração o levaria até lá.

E Lucy atirou a cabeça para trás, berrando as palavras enquanto dançava.

A Sra. Chapelwhite cantava juntamente com ele, girando pela cozinha enquanto aparecia e desaparecia de vista.

Uma sensação de irrealidade tomou então conta de Linus, uma onda discordante que parecia estar a sugá-lo. Não conseguia recuperar o fôlego.

— O que está a fazer? — sussurrou uma voz.

Linus soltou um guincho estrangulado e virou-se para deparar com Phee e Talia de pé atrás de si. Phee tinha-se limpado e o seu cabelo vermelho parecia da cor do fogo enquanto as suas sardas estavam mais pronunciadas. Tinha as asas dobradas contra as costas.

Talia tinha mudado para uma roupa diferente, embora fosse notavelmente semelhante à que usava antes, sem gorro. Os seus longos cabelos brancos, da mesma cor luxuriante da sua barba, caíam-lhe sobre os ombros.

As duas olhavam para ele com desconfiança.

Linus não sabia o que dizer.

— Estou...

— A espiar? — sugeriu Phee.

Ele endireitou-se.

— Claro que não...

— Não gostamos de espiões aqui — disse Talia ameaçadoramente. — O último espião que se tentou infiltrar na nossa casa nunca mais ninguém ouviu falar dele. — Ela inclinou-se para frente, semicerrando os olhos. — Porque nós cozinhámo-lo e comemo-lo ao jantar.

— Não fizeram nada disso — disse o Sr. Parnassus, aparecendo do nada. Linus estava a começar a perceber que aquilo era algo que ele fazia. Tinha tirado o casaco a certa altura e usava agora uma camisola grossa, cujas mangas lhe caíam sobre as costas das mãos. — Porque nunca tivemos a sorte de ter um espião. Um espião sugere alguém capaz de se infiltrar sem mostrar as suas intenções. Qualquer pessoa que tenha vindo aqui deixou as suas intenções perfeitamente claras. Não é verdade, Sr. Baker?

— Sim — disse. — Exatamente.

O Sr. Parnassus sorriu.

— E, além disso, não magoamos os nossos hóspedes. Não ao ponto de os assassinar, obviamente. Seria má-educação.

Aquilo não fez Linus sentir-se melhor.

Beyond the Sea deu lugar a Bobby cantando sobre querer uma rapariga a quem chamar sua para não ter de sonhar sozinho⁴.

— Vamos? — perguntou o Sr. Parnassus.

Linus acenou com a cabeça.

Todos olharam para ele.

Demorou um pouco para perceber que estava a bloquear a porta. Então, deu um passo para o lado. Phee e Talia entraram na cozinha e o Sr. Parnassus gritou por cima do ombro:

— Theodore! Jantar!

Linus ouviu um rastejar barulhento vindo da sala de estar. Olhou para trás do Sr. Parnassus a tempo de ver Theodore sair de debaixo do sofá, tropeçando nas asas. Rosnou enquanto rebolava, batendo com o rabo no chão. Ficou deitado de costas por um instante, respirando pesadamente.

— Devagar e com calma, Theodore — disse o Sr. Parnassus gentilmente. — Nunca começaríamos sem ti.

Theodore suspirou (possivelmente, Linus não tinha a certeza) e endireitou-se. Chilreou enquanto se elevava cuidadosamente nas patas traseiras, dobrando as asas atrás de si com muito cuidado, primeiro a direita e depois a esquerda. Deu um passo hesitante para a frente e as garras deslizaram no chão de madeira antes de encontrarem apoio.

— Ele prefere voar para todo o lado — sussurrou o Sr. Parnassus para Linus. — Mas quando é hora de comermos, peço-lhe sempre para andar.

— Porquê?

— Porque tem de se habituar a ter os pés no chão. Não pode passar o tempo todo suspenso nas asas. Vai-se cansar, especialmente sendo tão jovem. Se alguma vez se encontrar em perigo, precisa de aprender a usar as pernas, bem como as asas.

Linus ficou surpreendido.

— Perigo, porque é que ele...

— Quantas serpes é que existem no mundo, Sr. Baker?

Aquilo calou Linus rapidamente. A resposta, embora não pudesse ser exato, era não muitas.

O Sr. Parnassus acenou com a cabeça.

— Precisamente.

Theodore deu uns passos exagerados na direção deles com a cabeça inclinada para o lado. Quando chegou junto dos pés deles, olhou para o Sr. Parnassus, piou e abriu as asas.

— Sim, sim — disse o Sr. Parnassus, inclinando-se para lhe passar o dedo pelo focinho. — Impressionante. Estou orgulhoso de ti, Theodore.

Theodore dobrou as asas novamente e ergueu os olhos para Linus antes de se inclinar e morder suavemente a ponta de um dos seus mocassins.

O Sr. Parnassus olhou para ele com expectativa.

Linus não sabia porquê.

— Ele está a agradecer pelo botão.

Linus teria preferido não ser mordido numa demonstração de gratidão, mas já era tarde.

— Oh. Bem, de... nada?

Theodore piou novamente e passou pela porta que o Sr. Parnassus segurava aberta.

— Vamos? — perguntou ele a Linus.

Linus acenou com a cabeça e passou pela porta, entrando na cozinha.

Havia uma mesa posta na outra extremidade da cozinha que parecia ser mais usada do que a da sala de jantar formal. Uma toalha de mesa ligeiramente gasta, sobrecarregada por pratos e talheres, estava estendida por cima dela. De um lado, havia três pratos e os respetivos talheres e, do outro, quatro pratos, embora um não tivesse nenhuma colher ou garfo. Também havia pratos em cada extremidade da mesa e tinham sido acesas velas que tremeluziam.

No centro, havia alimentos empilhados. Viu batatas gratinadas e pão e um tipo de carne que não conseguiu reconhecer. Havia

vegetais folhosos e os tomates que Lucy tinha estado a picar pareciam besouros vermelhos à luz das velas.

Um banquete, disseram-lhe, em sua homenagem.

Linus perguntou-se se estaria envenenado.

A maioria das crianças já estava sentada à mesa. Chauncey ficava no meio, com Phee e Talia de cada lado. Diante deles estavam Theodore (a subir para a cadeira diante do prato sem garfos ou colheres) e a Sra. Chapelwhite. Ao lado dela estava uma cadeira vazia e depois Sal. Este deitou uma olhadela a Linus, viu que estava a ser observado e virou-se rapidamente, baixando a cabeça e depenicando a toalha da mesa.

O Sr. Parnassus sentou-se numa das pontas da mesa.

Aquilo deixava a outra extremidade como o único lugar vago, considerando que Linus provavelmente não se ia sentar ao lado de Sal. O pobre rapaz era capaz de não comer uma única garfada se fosse esse o caso.

Ninguém disse nada quando se aproximou. Linus puxou a cadeira, fazendo as pernas desta arranharem o chão. Estremeceu, pigarreou e sentou-se. Desejou que Bobby ainda estivesse a cantar para o distrair do confrangimento, mas não conseguia ver um gira-discos em lado nenhum.

Desdobrou o guardanapo de pano que estava ao lado do prato e estendeu-o sobre o colo.

Ficaram todos a olhar para ele.

Remexeu-se na cadeira.

Lucy apareceu de repente ao seu lado, fazendo Linus dar um salto na sua cadeira.

— Oh, céus — disse.

— Sr. Baker — disse Lucy docemente. — Posso arranjar-lhe algo para beber? Sumo, talvez? Chá? — Inclinou-se para a frente e baixou a voz. — O sangue de um bebé nascido num cemitério sob a Lua cheia?

— Lucy — avisou o Sr. Parnassus.

Lucy fitou Linus.

— O que o senhor quiser, eu posso trazer-lhe — sussurrou ele.

Linus tossiu fracamente.

— Água. Água está bem.

— Uma água a caminho! — Estendeu a mão e pegou num copo vazio ao lado do prato de Linus. Levou-o até ao lava-loiças, subindo para o seu banquinho. Depois, pôs a língua de fora em concentração (através da fenda onde os seus dois dentes da frente costumavam estar) enquanto abria a torneira. Quando o copo ficou cheio, segurou-o com as duas mãos enquanto descia do banquinho. Não deixou cair nem uma gota ao entregá-lo a Linus.

— Pronto — disse. — De nada! E nem sequer estou a pensar em banir a sua alma para a condenação eterna ou algo assim!

— Obrigado — conseguiu Linus dizer. — É muito simpático da tua parte.

Lucy riu-se, um som que Linus tinha a certeza de que o assombraria pelo resto da vida, antes de se dirigir para a cadeira vazia restante. Sal puxou-a para trás para ele se sentar. Na cadeira havia um assento para crianças. Lucy subiu para cima dele e Sal empurrou a cadeira novamente para junto da mesa, mantendo os olhos em baixo.

O Sr. Parnassus sorriu para as crianças.

— Maravilhoso. Como todos sabem, embora *alguém* tenha decidido esconder a sua chegada de mim, temos um convidado.

Lucy afundou-se um pouco no seu assento.

— O Sr. Baker está aqui para garantir que vocês são todos saudáveis e felizes — continuou o Sr. Parnassus. — Peço que o tratem como me tratariam a mim ou à Sra. Chapelwhite, o que significa com respeito. Se eu descobrir que algum de vocês fez alguma coisa... inconveniente, haverá uma perda de privilégios. Estamos entendidos?

As crianças assentiram, incluindo Theodore.

— Ótimo — disse o Sr. Parnassus, sorrindo suavemente. — Agora, antes de comermos, uma coisa que tenham aprendido hoje. Phee?

— Aprendi a tornar a folhagem mais espessa — disse Phee. — Foi preciso muita concentração, mas consegui.

— Maravilhoso. Eu sabia que eras capaz. Chauncey?

Os globos oculares dele juntaram-se.

— Consigo desfazer malas sozinho! *E* recebi uma gorjeta!

— Impressionante. Duvido de que alguma mala tenha sido tão bem desfeita. Talia, por favor.

Talia acariciou a sua barba.

— Se eu ficar parada, muito quieta, homens estranhos pensam que sou uma estátua.

Linus engasgou-se com a sua própria língua.

— Interessante — disse o Sr. Parnassus com um brilho nos olhos.

— Theodore?

Ele gorjeou e rosnou, apoiando a cabeça na mesa.

Toda a gente riu.

Exceto Linus, claro, porque não sabia bem o que tinha acontecido.

— Ele aprendeu que os botões são as melhores coisas do mundo — disse a Sra. Chapelwhite a Linus, olhando carinhosamente para Theodore. — E eu aprendi que ainda julgo as pessoas pela aparência, embora já devesse saber que não devo.

Linus percebeu a quem *aquilo* se destinava. Pensou que era o mais próximo de um pedido de desculpas que alguma vez receberia dela.

— Às vezes — disse o Sr. Parnassus —, os nossos preconceitos tingem os nossos pensamentos quando menos esperamos. Se conseguirmos reconhecer esse facto e aprender com isso, podemos tornar-nos pessoas melhores. Lucy?

Linus sentiu-se sedento e pegou no seu copo de água.

Lucy olhou para o teto e, com uma voz monótona, disse:

— Aprendi que sou o portador da morte e o destruidor de mundos.

Linus cuspiu água, borrifando a mesa à sua frente.

Todos se viraram lentamente para o fitar mais uma vez.

— Desculpem — disse rapidamente. Pegou no guardanapo do colo e enxugou o prato. — Foi para o cano errado.

— De facto — disse o Sr. Parnassus. — Quase como se tivesse sido planeado dessa forma. Lucy? Vamos tentar mais uma vez?

Lucy suspirou.

— Aprendi mais uma vez que não sou apenas a soma das minhas partes.

— Claro que não. És mais. Sal?

Sal olhou para Linus e depois baixou novamente os olhos. Os seus lábios moveram-se, mas Linus não conseguiu perceber o que ele dizia.

Nem o Sr. Parnassus, ou assim pareceu.

— Mais alto, por favor, para te podermos ouvir.

Os ombros de Sal descaíram.

— Aprendi que ainda tenho medo de pessoas que não conheço.

O Sr. Parnassus estendeu a mão e apertou-lhe o braço.

— E não há nenhum problema com isso, porque mesmo o mais corajoso de nós ainda pode ter medo às vezes, desde que não deixemos o nosso medo tornar-se tudo o que conhecemos.

Sal acenou com a cabeça, mas não voltou a erguer o olhar.

O Sr. Parnassus recostou-se na cadeira, olhando para Linus do outro lado da mesa.

— Quanto a mim, aprendi que os presentes vêm em todas as formas e tamanhos e quando menos se espera. Sr. Baker? O que é que aprendeu hoje?

Linus mexeu-se na cadeira.

— Oh, eu acho que não devo... estou aqui para observar... não seria adequado eu...

— Por favor, Sr. Baker — pediu Chauncey num tom de voz molhado, enquanto os seus tentáculos rastejavam pela mesa e as ventosas se colavam à toalha, fazendo-a amarfanhar-se. — *Tem* de dizer.

— Sim, Sr. Baker — disse Lucy com a mesma voz morta. — Tem mesmo de dizer. Detestava pensar no que aconteceria se não o fizesse. Ora, poderia causar uma praga de gafanhotos. Não iria querer isso, pois não?

Linus sentiu o sangue fugir-lhe do rosto.

— Crianças — disse o Sr. Parnassus, enquanto a Sra. Chapelwhite escondia um sorriso. — Deixem-no falar. E Lucy, já falamos sobre a praga de gafanhotos. Isso só pode ser feito sob supervisão direta. Sr. Baker?

Todos olharam para ele com expectativa.

Parecia que não ia conseguir escapar. Então, disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Aprendi que existem coisas neste mundo que desafiam a imaginação.

— Coisas? — disse Talia, semicerrando os olhos. — E que *coisas* seriam essas?

— O mar — disse Linus rapidamente. — Sim, o *mar*. Nunca o tinha visto antes e sempre quis ver. É... mais vasto do que eu achava.

— Oh — disse Talia. — Isso é... tão chato. Podemos comer agora? Estou faminta.

— Sim — disse o Sr. Parnassus, nunca desviando o olhar de Linus. — Claro, mereceram-no.

Por mais estranha que fosse a situação em que Linus se encontrava, o jantar correu relativamente bem nos primeiros dez minutos. Foi enquanto estava a debicar a salada no seu prato (não atendendo ao apelo das batatas, por mais alto que este fosse) que tudo se interrompeu bruscamente.

Tudo começou, é claro, com Talia.

— Sr. Baker? — perguntou ela inocentemente. — Não gostaria de comer mais qualquer coisa além da salada?

— Não — disse. — Obrigado. Estou muito bem.

Ela cantarolou baixinho:

— Tem a certeza? Um homem do seu tamanho não pode viver apenas de comida de coelho.

— Talia — disse o Sr. Parnassus. — Deixa o Sr. Baker...

— É *por causa* do meu tamanho — interrompeu Linus, não querendo que alguém falasse novamente por si. Afinal, estava no *comando* aqui e quanto mais cedo eles soubessem disso, melhor.

— Qual é o problema com o seu tamanho? — perguntou Talia.

Ele enrubesceu.

— É demasiado.

Ela franziu o sobrolho.

— Não há nada de errado em ser-se redondo.

Linus espetou um tomate.

— Eu não sou...

— *Eu* sou redonda.

— Bem, sim, mas tu és um gnomo. É normal seres redonda.

Ela semicerrou os olhos para ele.

— Então, porque é que o senhor não pode ser?

— Não é... é uma questão de saúde... eu não posso...

— Eu quero ser redondo — anunciou Lucy. E, de repente, ficou redondo. Num momento, era uma coisinha magricela sentada no seu assento e, no seguinte, começou a inchar como um balão, esticando o peito e fazendo estalar os ossos de modo obsceno. Os olhos saltaram-lhe das órbitas e Linus teve a certeza de que estavam prestes a cair em cima da mesa. — Vejam! — disse por entre os lábios franzidos. — Sou um gnomo ou o Sr. Baker!

— Porque é que nunca viu o mar? — perguntou Phee, enquanto Linus olhava com horror para Lucy. — Está sempre ali, nunca vai a

lado nenhum. É demasiado grande para mover.

Lucy desinchou, reorganizando os ossos até voltar a ser novamente um menino de seis anos.

— É, sim — concordou ele, como se não tivesse acabado de aumentar para três vezes o seu tamanho. — Eu tentei.

— Esse foi um dia estranho — disse Chauncey, enfiando uma batata na boca com um tentáculo. Linus observou-a descer dentro dele, perfeitamente visível, embora tingida de verde, enquanto se começava a decompor em partículas minúsculas. — Morreram muitos peixes e depois tu trouxeste-os de volta à vida. A maioria.

— Eu apenas... Nunca tive tempo — disse Linus, sentindo-se tonto. — Eu... Demasiadas responsabilidades. Tenho um trabalho importante e...

Theodore atacou a carne que a Sra. Chapelwhite colocara no seu prato, rosnando baixo na sua garganta.

— O Arthur diz que devemos arranjar sempre tempo para as coisas de que gostamos — disse Talia. — Se não o fizermos, podemos esquecer-nos de como ser felizes. O senhor não é feliz, Sr. Baker?

— Sou perfeitamente feliz.

— Não está feliz por ser redondo — disse Phee. — Portanto, não pode ser *perfeitamente* feliz.

— Eu não sou *redondo*...

— Qual é o seu trabalho, Sr. Baker? — perguntou Chauncey com os olhos a saltar nas suas hastes. — É na cidade?

Linus já não tinha fome.

— Eu... Sim, é na cidade.

Chauncey suspirou de modo sonhador.

— Adoro a cidade. Todos aqueles hotéis que precisam de carregadores. Parece o paraíso.

— Tu nunca *foste* à cidade — recordou-o Lucy.

— E depois? Posso adorar uma coisa mesmo só a tendo visto em fotografias. O Sr. Baker adora o mar e só o viu pela primeira vez hoje!

— Se o adora assim tanto, porque é que não se casa com ele? — perguntou Phee.

Theodore gorjeou com a boca cheia de carne. As crianças riram-se. Até Sal esboçou um sorriso.

Antes que Linus pudesse perguntar, a Sra. Chapelwhite disse:

— Theodore espera que seja muito feliz com o mar.

— Eu não me vou casar com o *mar*...

— Ohhh — disse Talia de olhos arregalados, fazendo estremecer o bigode. — Porque já é casado, certo?

— O senhor é *casado*? — quis saber Phee. — Quem é a sua mulher? Ainda está na sua mala? Porque é que a colocaria lá? É uma contorcionista?

— A sua mulher é a sua gata? — perguntou Lucy. — Eu gosto de gatos, mas eles não gostam de mim. — Os olhos dele começaram a brilhar em vermelho. — Receiam que os coma. Para ser sincero, nunca comi um antes, portanto, não sei se são deliciosos ou não. A sua mulher é deliciosa, Sr. Baker?

— Nós não comemos animais de estimação, Lucy — disse Parnassus, limpando a boca delicadamente.

O vermelho desapareceu imediatamente dos olhos de Lucy.

— Certo, porque os animais de estimação são amigos e, uma vez que a gata do Sr. Baker é a sua mulher, é como se fosse a sua *melhor* amiga.

— Exatamente — disse o Sr. Parnassus, parecendo divertido.

— Não — disse Linus. — *Não* exatamente. Bem, eu nunca...

— Eu gosto de ser redonda — anunciou Talia. — Significa que há mais de mim para amar.

— Eu adoro-te, Talia — disse Chauncey, deitando um dos seus olhos no ombro dela. Esse mesmo olho voltou-se lentamente para

olhar para Linus. — Pode dizer-me mais sobre a cidade? É luminosa à noite? Por causa de todas as luzes?

Linus mal conseguia acompanhar.

— Eu... suponho que sim, mas não gosto de sair à noite.

— Por causa das coisas no escuro que lhe podem arrancar a carne dos ossos? — perguntou Lucy com a boca cheia de pão.

— Não — disse Linus, sentindo-se enjoado. — É porque prefiro estar em casa em vez de em qualquer outro lado. — Aquilo era mais verdadeiro agora do que nunca.

— O seu lar é onde se sente você mesmo — disse a Sra. Chapelwhite, e Linus concordou. — É o mesmo para nós, não é, crianças? O lar é onde podemos ser quem somos.

— O meu jardim está aqui — disse Talia.

— O melhor jardim — disse o Sr. Parnassus.

— E as minhas árvores — acrescentou Phee.

— As árvores mais maravilhosas — concordou o Sr. Parnassus.

Theodore piou e a Sra. Chapelwhite acariciou uma das suas asas.

— O teu botão, sim. Também está aqui.

— É uma bela prenda — disse o Sr. Parnassus sorrindo para a serpe.

— E onde é que posso praticar ser um carregador senão em casa? — perguntou Chauncey. — Temos de praticar uma coisa antes de sermos bons nela.

— A prática leva à perfeição — disse o Sr. Parnassus.

— E este é o único sítio no mundo onde não preciso de me preocupar com padres a tentar enfiar uma cruz na minha cara para lançar a minha alma de volta para as profundezas do inferno — anunciou Lucy. Riu-se enquanto metia mais pão na boca.

— Padres chatos, sem dúvida — disse o Sr. Parnassus.

— Vai tirar-nos a nossa casa?

A mesa ficou em silêncio.

Linus pestanejou. Olhou em redor em busca da origem da voz e ficou surpreso ao descobrir que vinha de Sal. Este estava a olhar para a mesa de punhos cerrados. A boca formava uma linha fina e os ombros tremiam-lhe.

O Sr. Parnassus estendeu a mão e colocou-a sobre um dos punhos de Sal. Um dedo comprido deu pancadinhas no interior do pulso de Sal. Depois, disse:

— Essa não é a intenção do Sr. Baker. Acho que ele nunca deseja que algo semelhante aconteça. A ninguém.

Linus pensou em discordar, mas achou que não iria ajudar. Especialmente perante uma criança obviamente traumatizada. E embora o Sr. Parnassus não estivesse exatamente *errado*, ele não gostava quando alguém falava por ele.

O Sr. Parnassus continuou:

— O trabalho dele é garantir que estou a fazer corretamente o *meu* trabalho. E qual é o meu trabalho?

— Manter-nos seguros — entoaram as crianças. Até Sal.

— Precisamente — disse o Sr. Parnassus. — E gosto de pensar que sou bom nisso.

— Porque teve prática? — perguntou Chauncey.

O Sr. Parnassus sorriu para ele.

— Sim, porque tive prática e, se tiver uma palavra a dizer, vocês nunca serão separados.

Aquilo era um desafio e Linus não gostou nada.

— Acho que não é correto...

— Quem está pronto para a sobremesa? — perguntou a Sra. Chapelwhite.

As crianças começaram a aplaudir.

Alusão à letra de *Beyond The Sea* de Bobby Darin (*N. da T.*).

Alusão à letra da canção *Dream Lover* (*N. da T.*).

SETE

O Sr. Parnassus conduziu Linus por um longo corredor no primeiro andar.

— Os quartos das crianças — disse, apontando para as portas de cada lado do corredor. Havia placas penduradas em cada uma delas com os nomes das crianças: Chauncey e Sal à direita. Phee e Talia à esquerda. Apontou para uma escotilha no teto onde tinha sido desenhado o contorno de uma serpe. — O ninho de Theodore é no torreão. Ele tem um pequeno tesouro lá em cima, mas o seu sítio favorito é debaixo do sofá.

— Vou querer inspecioná-los — disse Linus, fazendo uma anotação mental da disposição.

— Calculei que sim. Podemos organizar isso amanhã, já que as crianças irão preparar-se para dormir em breve. A Sra. Chapelwhite pode mostrar-lhos enquanto as crianças estiverem a estudar ou podemos fazê-lo antes e depois poderá juntar-se a nós na sala de aulas.

— E a Sra. Chapelwhite? — perguntou Linus, olhando para os desenhos de árvores esculpidos na madeira da porta de Phee enquanto passavam por ela.

— Ela estava aqui muito antes de nós — disse o Sr. Parnassus. — A ilha é dela. Nós apenas a tomámos emprestada. Ela mora nas profundezas da floresta do outro lado da ilha.

Linus tinha tantas perguntas, esta ilha, esta casa, este homem, mas havia uma mais proeminente, dado o número de portas que contara. Perto do fim do corredor, restavam quatro. Uma estava indicada como sendo a casa de banho das raparigas e a outra a dos

rapazes. Uma terceira porta tinha ESCRITÓRIO DE ARTHUR escrito numa placa.

— E Lucy? Onde é que ele dorme?

O Sr. Parnassus parou diante do escritório e acenou com a cabeça em direção à porta restante.

— No meu quarto.

Os olhos de Linus estreitaram-se.

— Está a dizer-me que divide o quarto com uma criança pequena...

— Nada há nada de desadequado, garanto-lhe. — Não pareceu ofendido com a implicação. — Havia um grande *closet* que converti num quarto para Lucy quando ele veio para cá. É... melhor para ele se eu estiver por perto. Ele costumava ter pesadelos terríveis. Ainda tem, às vezes, embora não sejam tão cruéis como costumavam ser. Gosto de pensar que o tempo que tem passado aqui ajudou. Ele não gosta de ficar longe de mim, se o puder evitar, embora eu esteja a tentar ensinar-lhe independência. Ele é... um trabalho em andamento.

O Sr. Parnassus abriu a porta do escritório. Era mais pequeno do que Linus esperava e estava atulhado de um modo quase desconfortável. Havia uma secretária no meio, rodeada por pilhas de livros, muitos dos quais inclinados precariamente, e uma única janela que dava para o mar. Este parecia interminável à noite. À distância, Linus viu o piscar de um farol solitário.

O Sr. Parnassus fechou a porta atrás deles, indicando a Linus para se sentar com um aceno. Linus acedeu e pegou num caderninho que trazia sempre no bolso, o qual estava cheio das anotações que guardava de cada um dos seus casos. Tinha sido negligente nos seus deveres na ilha até agora, mantido num estado de desequilíbrio pela própria ideia do local, mas isso não podia continuar. Sempre se orgulhara das notas abundantes que tomava e se ia apresentar relatórios semanais, conforme a Direção

Extremamente Superior solicitara, iria garantir que eram os melhores que já tinha escrito.

— Importa-se? — perguntou, apontando para um lápis grosso sobre a mesa.

— Claro — disse o Sr. Parnassus. — O que é meu é seu.

Algo estremeceu no estômago de Linus. Achou que devia ser alguma coisa que comera. Abriu o seu bloco de notas e lambeu a ponta do lápis, um velho hábito que nunca fora capaz de eliminar.

— Agora, por favor. Vamos discutir...

— Sal é o nosso mais novo recém-chegado — disse o Sr. Parnassus como se Linus não tivesse dito nada. Sentou-se diante de Linus, na cadeira atrás da mesa, juntando as mãos sob o queixo. — Chegou há três meses.

— Oh? Acho que li isso no dossiê dele. Parece nervoso, mas suponho que os adolescentes ficam muitas vezes assim diante da autoridade.

O Sr. Parnassus fez um som de desdém.

— Nervoso. É uma maneira de o descrever. Também leu no dossiê dele que três meses é o mais longo período de tempo que ele passou num único sítio desde os sete anos?

— Eu... não. Acho que não cheguei tão longe. Estava distraído por... bem, a enormidade desta tarefa.

O Sr. Parnassus sorriu com simpatia.

— Não lhe disseram no que se estava a meter, não é? A Direção Extremamente Superior. Não antes de chegar aqui.

Linus remexeu-se na sua cadeira.

— Não, só que era informação classificada. — Também tinham dito que as crianças eram problemáticas, mas Linus não sabia se o deveria dizer em voz alta.

— Consegue, certamente, perceber porquê.

— Consigo — concordou Linus. — Não é comum encontrarmos o Anticristo.

O Sr. Parnassus olhou para ele bruscamente.

— Não usamos essa palavra aqui. Percebo que tem um trabalho a fazer, Sr. Baker, mas eu sou o diretor desta casa e cumprirá as minhas regras. Compreendeu?

Linus acenou com a cabeça lentamente. Não esperava ser repreendido de modo tão severo, especialmente por alguém que exalava calma como o homem sentado à sua frente. Tinha subestimado o Sr. Parnassus. Não poderia cometer esse erro novamente.

— Não tive intenção de lhe faltar ao respeito.

O Sr. Parnassus relaxou novamente.

— Não, acho que não teve. E como é que poderia saber? Não o conhece, não nos conhece a nós. Tem os dossiês, mas tenho a certeza de que apenas o informam do básico. Sr. Baker, o que está escrito nesses dossiês é apenas o esqueleto e nós somos mais do que apenas os nossos ossos, não somos? — Fez uma pausa, pensando. — Exceto o Chauncey, pois ele na realidade não *tem* ossos, mas a analogia mantém-se.

— O que é que ele é? — perguntou Linus, acrescentando depois: — Céus, isso soa mal. Não quis ofender. Eu nunca... nunca *vi* algo — *alguém* — como ele antes.

— Suponho que não — disse o Sr. Parnassus. Virou a cabeça em direção a uma pilha de livros à direita e percorreu os títulos com os olhos. Pareceu encontrar o que queria a meio da sua busca. Deu umas pancadinhas na lombada, forçando o livro a sair um pouco. A pilha oscilou. Agarrou na capa do livro com dois dedos e puxou-o rapidamente. O livro saiu. A metade superior da pilha caiu de modo ordenado em cima do resto dos livros. Não pareceu notar que Linus estava a olhar boquiaberto para ele enquanto abria o livro na sua mesa e começava a folhear as páginas. — Não temos a certeza do que Chauncey é, ou sequer de onde veio. É um mistério, embora eu

acredite... *Aha!* Aqui está. — Virou o livro para Linus e bateu na página.

Linus inclinou-se para a frente.

— *Medusozoa?* Isso é uma... alforreca.

— Correto! — disse animadamente o Sr. Parnassus. — Acho que é uma parte, pelo menos. Ele não pica, nem apresenta nenhum tipo de veneno. É possível que também tenha algum pepino-do-mar, embora isso não explique os seus apêndices.

— Não explica *nada* — disse Linus, sentindo-se bastante desamparado. — De onde é que ele veio?

O Sr. Parnassus puxou o livro para si fechando-o.

— Ninguém sabe, Sr. Baker. Existem mistérios que podem nunca ser resolvidos, não importa o quanto tentemos, e se gastarmos muito tempo a tentar resolvê-los podemos perder o que está mesmo à nossa frente.

— Não é assim que as coisas funcionam no mundo real, Sr. Parnassus — disse Linus. — Tudo tem uma explicação. Existe uma razão para todas as coisas. Essa é a primeira linha das *REGRAS E REGULAMENTOS* do Departamento Responsável pela Juventude Mágica.

O Sr. Parnassus arqueou uma sobrancelha.

— O mundo é um lugar estranho e maravilhoso. Porque é que devemos tentar explicar tudo? Para nossa satisfação pessoal?

— Porque conhecimento é poder.

O Sr. Parnassus bufou.

— Ah, poder. Falou como um verdadeiro representante do DRPJM. Porque é que não estou surpreso por ter decorado o livro das regras? É melhor que saiba que é provável que venha a encontrar Chauncey debaixo da sua cama a certa altura.

Aquilo assustou Linus.

— O quê? Porquê?

— Porque durante muito tempo, antes de ele vir para cá, as pessoas chamavam-lhe monstro, até aquelas que tinham outro tipo de responsabilidade. Ele ouviu histórias de monstros escondidos debaixo das camas cuja vocação na vida era assustar os outros e achou que era isso que devia ser, que o seu *trabalho* era assustar as pessoas, porque foi-lhe enfiado na... cabeça que isso era tudo o que era capaz. Só quando veio para aqui é que percebeu que podia ser mais do que isso.

— Então, escolheu ser um carregador — disse Linus entorpecido.

— Sim. Viu um num filme que vimos há alguns meses e, por alguma razão, ficou fascinado com a ideia.

— Mas ele nunca será capaz de... — Linus interrompeu-se antes de as palavras poderem sair.

Mas o Sr. Parnassus sabia exatamente o que ele ia dizer.

— Ele nunca será capaz de ser um carregador porque que hotel é que iria contratar alguém como ele?

— Isso não é... — Não era o *quê*, exatamente? Justo? Certo? Nenhuma dessas coisas? Linus não tinha a certeza. Havia *razões* pelas quais estas leis existiam e, embora Linus nunca as tivesse compreendido, não verdadeiramente, não havia nada que pudesse fazer a esse respeito. Sabia que as pessoas muitas vezes temiam (embora sentisse que essa palavra era código para algo totalmente diferente) o que não compreendiam. O Departamento Responsável pelos Registos nascera da necessidade de salvaguardar aqueles que eram extraordinários. No início, as crianças foram arrancadas das suas casas e colocadas em escolas, embora essa fosse uma denominação incorreta. Eram praticamente prisões e, ainda que não tivessem grades nas janelas, o DRPJM fora criado como uma forma de aplacar os gritos daqueles que protestavam contra esse tratamento. Depois, quando se tornou claro que havia muitos órfãos, os assistentes sociais foram divididos em dois grupos: aqueles que lidavam com as famílias registadas, em conjunto com o

Departamento de Registos, e aqueles que trabalhavam com os órfãos nos orfanatos.

Não, não era nada justo.

— Não é — disse Parnassus, concordando com as palavras não ditas. — Mas eu deixo que ele sonhe com essas coisas porque é uma criança e quem sabe o que o futuro trará? A mudança começa muitas vezes com o mais pequeno dos sussurros. Pessoas com ideias semelhantes transformam-no num rugido. E isso traz-me de volta ao Sal. Posso ser franco consigo, Sr. Baker?

Linus sentiu-se confuso.

— Não espero menos do que isso.

— Ótimo — disse o Sr. Parnassus. — Você assusta-o.

Linus pestanejou.

— Eu? Não sei se alguma vez assustei alguém na vida.

— Duvido muito de que isso seja verdade, afinal, trabalha para o DRPJM.

— O que é que isso tem que ver com...

— E não necessariamente *você*, no sentido específico da sua pessoa, mas sim aquilo que representa. É um assistente social, Sr. Baker, e, embora a maioria das crianças aqui tenha uma compreensão vaga do que isso acarreta, Sal tem experiência em primeira mão com pessoas iguais a si. Este é seu décimo segundo orfanato.

Linus sentiu o seu estômago contorcer-se.

— *Décimo segundo?* Não é possível! Ele seria...

— Seria o quê? — perguntou o Sr. Parnassus. — Despachado para uma das escolas geridas pelo Departamento de que o DRPJM parece gostar tanto hoje em dia? É para onde as crianças vão depois de vocês terminarem, não é?

Linus começou a suar.

— Eu não... não posso ter a certeza. Eu... faço o que me é exigido na minha posição e nada mais.

— Nada mais? — ecoou o Sr. Parnassus. — Que pena. Já foi a uma das escolas, Sr. Baker? Já acompanhou alguma das crianças depois de lidar com elas?

— Esse... esse é o trabalho dos níveis superiores, dos supervisores. Eu sou apenas um assistente social.

— Duvido muito de que seja apenas qualquer coisa. Porque é que é um assistente social? Porque é que nunca foi além desse trabalho?

— Porque é o que sei — disse Linus, com um fio de suor a escorrer-lhe pelo pescoço. Não percebia como a situação se tinha invertido de um modo tão perfeito que ele nem notara. Tinha de recuperar o controlo.

— Não está curioso?

Linus abanou a cabeça.

— Não posso ser curioso.

O Sr. Parnassus pareceu surpreendido.

— E porquê?

— Não me ajuda em nada. Factos, Sr. Parnassus, eu lido com factos. A curiosidade leva a fantasias e não me posso dar ao luxo de me distrair.

— Não consigo imaginar uma vida vivida dessa forma — disse o Sr. Parnassus suavemente. — Parece uma vida não vivida.

— Então, ainda bem que não preciso da sua opinião sobre o assunto — retorquiu Linus.

— Não quis ofender...

— Estou aqui para garantir que este lugar está de acordo com as regras, para rever os seus procedimentos e ver se o Orfanato Marsyas está a seguir as diretrizes estabelecidas pelo DRPJM a fim de garantir que o financiamento que lhe é atribuído está a ser usado corretamente...

O Sr. Parnassus soltou uma risada de desdém.

— Financiamento? Não esperava que tivesse sentido de humor. Que delicioso.

Linus debateu-se para manter o controlo da conversa.

— Só porque acolhe crianças de uma... variedade menos comum, não significa que eu me vá distrair do motivo de estar aqui. Isto é sobre as crianças, Sr. Parnassus, e nada mais.

Assentiu.

— Posso respeitar isso. Embora possamos ser pouco convencionais, espero que perceba que farei de tudo para os manter seguros. Conforme disse anteriormente, o mundo é um lugar estranho e maravilhoso, mas isso não significa que não tenha dentes. E morde-nos quando menos esperamos.

Linus não sabia o que responder àquilo.

— Vi que não sai da ilha, ou pelo menos as crianças não saem.

— Como é que sabe?

— A furgoneta diante da casa. Os pneus estão cheios de ervas daninhas e flores.

O Sr. Parnassus recostou-se novamente na cadeira com aquele estranho sorriso no rosto.

— Muito observador. Claro, podiam ter sido Phee ou Talia, elas adoram cultivar coisas, mas suspeito de que não acreditaria nisso.

— Não, não acreditaria. Porque é que parece que não é movida há algum tempo?

— Atravessou a vila, certamente.

— Eu... sim. Com a Sra. Chapelwhite. — Hesitou. O que é que ela lhe tinha dito enquanto passavam por Marsyas?

Os habitantes de Marsyas não nos apreciam.

As fadas?

Todas as criaturas mágicas, Sr. Baker.

O Sr. Parnassus acenou com a cabeça, como se pudesse ler os pensamentos de Linus.

— Não posso dizer que somos ostracizados, mas está implícito que é melhor para todos se ficarmos onde estamos. Os boatos tendem a espalhar-se rapidamente e tentar antecipar-nos a eles é como tentar repelir uma parede de fogo num campo de erva seca. Embora, suponho que ajude o facto de o governo pagar às pessoas da vila pelo seu silêncio quanto à existência deste sítio. Também ajuda o facto de esse pagamento ser acompanhado por ameaças veladas de processos. É mais fácil para todos se ficarmos onde estamos. Felizmente, a ilha é maior do que parece e oferece tudo o que as crianças precisam. A Sra. Chapelwhite vai até à vila buscar mantimentos todas as semanas. Eles conhecem-na, tão bem como ela pode ser conhecida.

Linus tinha a cabeça a girar. Não sabia que as pessoas eram pagas para ficarem caladas, embora achasse que isso fazia sentido, de um modo retorcido.

— Nunca sai daqui?

O Sr. Parnassus encolheu os ombros.

— Estou feliz onde estou porque eles estão felizes onde estão. Suponho que poderíamos pensar em viajar para lá de Marsyas e da vila, mas a oportunidade não surgiu. Pelo menos, ainda não. Suponho que teremos de lidar com isso um dia.

Linus abanou a cabeça enquanto pegava no bloco de notas e no lápis.

— Sal. Ele transforma-se num cão.

— Um lulu-da-pomerânia, se formos específicos.

— E disse-me que este é o período de tempo mais longo que ele ficou num sítio?

— Exatamente.

— Há crianças parecidas com ele que não são informação confidencial. Conheci uma que se podia transformar num veado. Porque é que ele está aqui?

O Sr. Parnassus olhou para ele com cautela.

— Porque consegue passar a sua capacidade de se transformar com uma dentada.

Linus sentiu o ar escapar-lhe dos pulmões.

— A sério?

Ele assentiu.

— Sim. Houve um... incidente, num dos seus orfanatos anteriores. Uma mulher que trabalhava na cozinha bateu-lhe por tentar tirar uma maçã e ele retaliou da única maneira que sabia. Ela passou pela mudança na semana seguinte.

Linus achou que a sala estava a girar.

— Eu nunca... não sabia que isso era possível. Achava que fosse genético.

— Acho que irá descobrir que o impossível é mais acessível aqui do que o que foi levado a acreditar.

— E Talia?

— Uma das minhas primeiras. A família dela morreu tragicamente quando o jardim deles ardeu. Alguns acharam que foi incendiado de propósito, embora ninguém se parecesse importar muito com isso.

Linus estremeceu. Lembrou-se dos cartazes nos autocarros dizendo o mesmo a todos: VEJA ALGUMA COISA, DIGA ALGUMA COISA.

— Percebi que fala gnomês.

— Falo muitas línguas, Sr. Baker. Gosto de aprender coisas novas e ajuda-me a aproximar-me dos meus pupilos.

— E porque é que ela é considerada informação confidencial?

— Já alguma vez conheceu um gnomo fêmea, Sr. Baker?

Não, não conhecera. O que era estranho, considerando que nunca tinha pensado nisso antes. Linus rabiscou rapidamente no seu bloco de notas.

— E depois temos Phee.

O Sr. Parnassus soltou uma risadinha.

— Ferozmente independente. Está aqui porque nunca houve uma fada tão jovem com tanto poder. Quando tentaram resgatá-la de

uma situação... terrível, ela conseguiu transformar três homens em árvores. Outra fada muito mais velha conseguiu transformá-los de volta, com algum esforço. Felizmente para mim, a Sra. Chapelwhite ajuda-a de maneiras que eu não posso. Colocou-a sob a sua proteção, tanto figurativa como literalmente. Ela floresceu maravilhosamente sob a tutela da Sra. Chapelwhite. Tivemos muita sorte por ela se ter oferecido para nos ajudar.

— E porque é que o fez? — perguntou Linus. — Esta ilha é dela e as fadas são ferozmente territoriais. Porque é que permitiu que vocês ficassem todos aqui?

O Sr. Parnassus encolheu os ombros novamente.

— Pelo bem maior, suponho.

Ele falava como uma fada, em pequenos círculos vagos. Linus não gostava disso.

— E isso seria o quê?

— Ver crianças que não são desejadas por ninguém prosperar. Sabe tão bem como eu que o termo *orfanato* é impróprio, Sr. Baker. Ninguém vem aqui para adotar.

Não, supunha que não, visto que o Orfanato Marsyas estava escondido de quase todos. Mas será que isso importava de facto? Será que alguma vez ouvira dizer que uma criança de um orfanato como este fora adotada? Não conseguia pensar numa única ocasião. Como é que nunca percebera isso antes?

— Theodore?

— Não está tudo nos seus dossiês, Sr. Baker?

Não, não estava. Na verdade, Linus pensou que o Sr. Parnassus estava correto quando dissera que eram apenas um esqueleto.

— É melhor saber diretamente da fonte. Há subtilidades que podem ser perdidas quando são apenas palavras no papel.

— Ele não é apenas um animal — disse o Sr. Parnassus.

— Eu nunca disse que era.

Ele suspirou.

— Não, acho que não. Perdoe-me. Já lidei com pessoas semelhantes a si antes e esqueço-me de que não são todos iguais, embora ainda não saiba bem o que pensar de si.

Linus sentiu-se estranhamente nu.

— Comigo aquilo que vê é o que sou. Não há mais nada além disso.

— Oh, duvido muito — disse o Sr. Parnassus. — Theodore é... especial. Sei que sabe o quão raro alguém como ele é.

— Sim.

— Ainda é um jovem, embora a sua idade exata seja desconhecida. Ele... pensa de forma diferente do resto de nós e, embora nos entendamos, é mais no pensamento abstrato do que nos detalhes. Faz sentido?

— Nem um pouco — admitiu Linus.

— Vai acabar por perceber — disse o Sr. Parnassus. — Afinal, vai ficar aqui um mês inteiro. E acho que resta uma criança, embora ache que fez de propósito. A Sra. Chapelwhite disse que o encontrou desmaiado perante a mera ideia.

Linus corou enquanto pigarreava:

— Foi... inesperado.

— É uma boa palavra para descrever Lucy, tenho a certeza.

— Ele é... — Linus hesitou. E depois continuou: — É verdade? Ele é o verdadeiro Anti... quero dizer, o filho do Diabo?

— Acho que é — disse o Sr. Parnassus e a respiração de Linus ficou-lhe presa na garganta. — Embora a ideia do que alguém como ele deva ser seja mais ficção do que facto.

— Se isso for verdade, então, ele irá trazer o Fim dos Dias! — exclamou Linus.

— Ele tem seis anos.

— Ele proclamou ser o fogo do inferno e a escuridão quando me ameaçou!

O Sr. Parnassus soltou uma risadinha.

— Foi a sua maneira de dizer olá. Ele tem um sentido de humor mórbido para alguém tão jovem. É cativante quando nos acostumamos.

Linus ficou boquiaberto a olhar para ele.

O Sr. Parnassus suspirou inclinando-se para a frente.

— Olhe, Sr. Baker. Sei que é muito para encaixar, mas eu tenho Lucy há um ano. Havia planos para... bem. Digamos que isto foi um último recurso. Independentemente da sua filiação, ele é uma *criança* e recuso-me a acreditar que o caminho de uma pessoa é imutável. Uma pessoa é mais do que a sua origem.

— Do que a soma das suas partes.

O Sr. Parnassus acenou com a cabeça.

— Sim, exatamente. Lucy pode causar medo à generalidade do mundo, mas não mo causa a mim. Eu vi do que ele é capaz. Por trás dos olhos e do demónio na sua alma, ele é encantador, espirituoso e terrivelmente inteligente. Vou lutar por ele como faria por qualquer um dos meus filhos.

Aquilo não caiu bem a Linus.

— Mas eles não são seus. Você é o diretor da casa e não o pai deles. Eles são seus pupilos.

O Sr. Parnassus fez um sorriso rígido.

— Claro, foi um deslize. Foi um longo dia e espero que amanhã seja mais do mesmo, mas vale a pena.

— Vale?

— Claro. Não me conseguiria ver a fazer algo de diferente. Você consegue?

— Não estamos aqui para falar sobre mim, Sr. Parnassus — salientou Linus.

Ele estendeu as mãos.

— E porquê? Parece saber tudo sobre nós e qualquer coisa que não saiba pode ser lida naquilo que tenho a certeza ser um dossiê meticuloso.

— Nem tudo — disse Linus, fechando o seu bloco de notas. — Por exemplo, não parece haver muita informação sobre *sí*. Na verdade, o seu dossiê era bastante fino. Porquê?

O Sr. Parnassus pareceu novamente divertido e Linus perguntou-se o que lhe estaria a escapar.

— Isso não deveria ser uma pergunta para a Direção Extremamente Superior? Foram eles que o mandaram para aqui.

Tinha razão, é claro. Era desconcertante haver tão pouca informação. O dossiê de Sr. Arthur Parnassus não dizia nada além da sua idade e educação, embora houvesse uma declaração estranha no final: *o Sr. Parnassus será um modelo para as crianças mais problemáticas, dadas as suas capacidades*. Linus não sabia o que interpretar daquilo e, agora, ao vê-lo pessoalmente, só ficara com mais perguntas.

— Tenho a sensação de que não me vão dizer muito mais do que já disseram.

— Nisso, suspeito de que tenha razão.

Linus levantou-se.

— Espero total transparência e a sua cooperação nesta investigação.

O Sr. Parnassus riu-se.

— O que aconteceu com isto ser uma visita?

— Essa palavra é sua, senhor, não minha. Ambos sabemos o que isto é. A única razão pela qual o DRPJM me enviaria para aqui era se houvesse motivo para preocupação e eu consigo ver porquê. Há um barril de pólvora debaixo do seu teto, um barril poderosíssimo que não deveria existir.

— E ele deve ser considerado culpado por existir? Que escolha teve no assunto?

Aquilo parecia uma discussão para quando Linus tivesse recuperado as suas faculdades de raciocínio, ou, possivelmente, nunca. Só as implicações faziam-no sentir-se fraco novamente.

— Estou aqui para ver se devem ser tomadas mais medidas.

— Mais medidas — disse o Sr. Parnassus, transparecendo frustração na voz pela primeira vez. — Eles não têm ninguém, Sr. Baker. Ninguém além de mim. Acha realmente que o DRPJM permitiria que alguém como Lucy entrasse numa das suas escolas? Pense bem antes de responder.

— Isso não é relevante — disse Linus rigidamente.

O Sr. Parnassus olhou para o teto.

— Claro que não, porque isso é o que acontece quando acaba a sua função e o resto já não lhe diz respeito. — Abanou a cabeça. — Se ao menos soubesse.

— Se não houver nada de errado, não tem nada com que se preocupar — disse Linus. — Pode achar-me insensível, Sr. Parnassus, mas garanto-lhe que me importo. Não estaria nesta posição se não me importasse.

— Acredito que você acredita nisso. — Olhou novamente para Linus. — As minhas desculpas, Sr. Baker. Sim, irá fazer o seu trabalho de uma forma ou de outra, mas acho que se abrir os olhos verá o que está mesmo à sua frente e não o que está escrito num dossiê.

Linus sentia-se como se a sua pele se estivesse a arrepiar. Precisava de sair deste escritório. Parecia que as paredes se estavam a fechar sobre si.

— Obrigado pela sua hospitalidade, mesmo que não tenha tido escolha. Vou-me retirar para dormir. Foi um dia bastante agitado e espero que amanhã seja semelhante.

Ele virou-se e abriu a porta. Antes de a fechar atrás de si, ouviu:

— Boa noite, Sr. Baker.

Calliope estava à espera do lado de dentro da porta quando ele voltou para a casa de hóspedes. Linus não encontrara mais ninguém desde que saíra do escritório, embora tivesse ouvido vozes

ecoando em seu redor por trás de portas fechadas. Forçara-se a não sair a correr pela porta da frente.

Calliope deitou-lhe um olhar antes de atravessar a porta aberta para se aliviar. O ar estava frio e, enquanto esperava, olhou para a casa principal. Luzes brilhavam através das janelas do primeiro andar e pensou ter visto movimento por trás de cortinas fechadas. Se se lembrasse corretamente da disposição do andar superior, seria o quarto de Sal que estava a ver.

— Doze orfanatos diferentes — murmurou para si mesmo. — Uma coisa desse tipo devia estar no seu dossiê. Por que raio não foi matriculado numa escola?

Calliope voltou para dentro, ronronando enquanto se esfregava nas pernas dele. Linus fechou a porta e trancou-a por precaução, embora achasse que se alguém *quisesse* entrar poderia fazê-lo.

De volta ao quarto, lembrou-se do aviso do Sr. Parnassus sobre Chauncey gostar de se esconder debaixo das camas para assustar as pessoas. Não conseguia ver bem o espaço escuro por baixo, pois estava escondido pela colcha que pendia quase até ao chão.

Esfregou o rosto com a mão.

— Estou a pensar demais nas coisas. Claro que ele não está ali, isso é ridículo.

Virou-se para se dirigir à casa de banho a fim de realizar a sua rotina noturna.

Estava a meio de escovar os dentes, com uma generosa gota de pasta de dentes no queixo, quando se virou e marchou de volta para o quarto. Ajoelhou-se, levantou a colcha e espreitou para debaixo da cama.

Nenhum monstro (crianças ou outros) estava escondido ali em baixo.

— Pronto — disse com a boca cheia de pasta de dentes. — Vês? Está tudo bem.

Quase acreditou.

Quando vestiu o pijama e se meteu na cama, tinha a certeza de que ia passar a noite a rebolar de um lado para o outro. Não dormia bem em lugares estranhos e descobrir tudo o que tinha descoberto hoje não ia ajudar. Tentou ler as *REGRAS E REGULAMENTOS* (porque não importava o que o Sr. Parnassus dissesse, ele *não* as tinha de modo nenhum decorado), mas deu por si a pensar nuns olhos escuros e num sorriso tranquilo e depois não viu mais nada além de branco.

OITO

Linus abriu os olhos na manhã seguinte, pestanejando lentamente.

A luz quente do Sol entrava pela janela e sentiu o cheiro de sal no ar.

Parecia um sonho lindo.

Mas, então, a realidade irrompeu e lembrou-se de onde estava.

E o que tinha visto.

— Oh, céus — murmurou roucamente enquanto se sentava na cama, passando a mão pelo rosto.

Calliope estava enrolada na beira da cama, perto dos seus pés, com o rabo a mover-se para a frente e para trás, de olhos fechados.

Bocejou enquanto atirava o edredão para trás e pousava os pés no chão. Espreguiçou-se, fazendo estalar as costas. Independentemente da situação em que se encontrava, tinha de admitir que não tinha uma noite de sono tão boa desde que se lembrava. Entre isso, a luz do Sol da manhã e o bater distante das ondas quase conseguia fingir que isto eram apenas umas merecidas férias e que estava...

Algo frio e molhado envolveu-lhe o tornozelo.

Linus gritou enquanto levantava bruscamente as pernas. No seu medo, calculou mal a própria força e as suas pernas completaram uma volta sobre a sua cabeça, fazendo-o dar uma cambalhota para trás e para o outro lado da cama. Caiu de costas no chão com um estrondo retumbante, o que fez que o ar lhe saísse dos pulmões de forma espetacular.

Virou a cabeça para a zona por baixo da cama.

— Olá — disse Chauncey com os olhos a dançar na ponta das suas hastes. — Não estava a tentar assustá-lo. Está quase na hora

do pequeno-almoço. Vamos comer ovos!

Linus ergueu os olhos para o teto e esperou que a sua pulsação desacelerasse.

Departamento Responsável pela Juventude Mágica

Relatório n.º 1 – Orfanato Marsyas

Linus Baker, Assistente Social BY78941

Juro solenemente que o conteúdo deste relatório é preciso e verdadeiro. Entendo que, de acordo com as diretrizes do DRPJM, quaisquer falsidades detetáveis resultarão numa reprimenda e podem levar à rescisão do vínculo laboral.

Este relatório e os seguintes conterão as observações que fiz ao longo de cada semana da minha investigação.

A Ilha Marsyas e o seu orfanato não são o que eu esperava.

Devo notar que os dossiês que me foram entregues para esta tarefa são lamentavelmente inadequados, deixando de fora factos pertinentes que acredito que me poderiam ter preparado para o que esta investigação implicará. Partes dos dossiês estavam em falta ou tinham sido editadas. No primeiro caso, trata-se de uma violação de conduta grave; no segundo, o meu nível temporário de informação classificada deveria ter cancelado essa edição. Recomendaria uma revisão dos protocolos para todas as missões com a classificação de nível quatro no futuro, a fim de garantir que nenhum outro assistente social entre numa situação sem o conhecimento necessário.

As minhas desculpas se isto parecer uma exigência excessiva. Apenas acredito que deveria ter-me sido fornecida mais informação.

O Orfanato Marsyas não é o que imaginei. A casa em si é assustadora, embora pareça estar bem conservada. É grande e o interior está atulhado, embora de uma maneira que a faz parecer

uma casa habitada em vez do santuário de um açambarcador, com exceção, é claro, do tesouro que pertence à serpe Theodore, mas ainda tenho de ver em que é que ele consiste exatamente.

Cada criança tem o seu próprio quarto. Nestes primeiros dias, vi o interior dos que pertencem ao gnomo Talia (as paredes estão adornadas com mais flores do que as que parecem existir em todo o jardim), à fada Phee (acho que a sua cama é, na verdade, uma árvore que cresce através das tábuas do chão, embora não consiga imaginar como é que isso seria possível), a Chauncey (há água salgada no chão que, tenho a certeza, é limpa uma vez por semana) e a Theodore (ele construiu um ninho no sótão, o qual só pude ver quando lhe dei outro botão. Como não tinha mais nenhum sobressalente, tive de cortar um de uma das minhas camisas formais. Suponho que serei compensado por isso).

Ainda não vi o quarto de Sal. Ele não confia em mim e, na verdade, parece temer-me, embora não por culpa sua. Raramente diz uma palavra na minha presença, mas, dada a sua história, posso entender porquê. Uma história, devo acrescentar, que eu não conhecia, pois o seu dossiê discute principalmente as capacidades do seu dom de transformação (deixando, é claro, a parte mais importante de fora). Embora isso seja, com certeza, fascinante, eu admitiria que não é suficiente. Disseram-me que este é o seu décimo segundo orfanato. Essa informação ter-me-ia permitido uma melhor compreensão à chegada.

Não vi o quarto de Lucy. Não pedi. Ele ofereceu-se muitas vezes, chegando mesmo a encurralar-me uma vez e sussurrar que eu não acreditaria nos meus olhos. No entanto, acho que ainda não estou pronto para o ver. Posso garantir que o verei antes de partir. Se for a última coisa que fizer, o meu testamento está arquivado nos Recursos Humanos. Se sobrar uma

quantidade suficiente dos meus restos mortais peço-vos, por favor, que garantais que são cremados.

Devo notar que, além das crianças, há uma fada da ilha chamada Zoe Chapelwhite. O facto de eu não ter sido informado da sua presença antes da chegada é muito estranho. As fadas, como tenho a certeza de que sabem, são extremamente territoriais. Cheguei a uma ilha que é ostensivamente dela sem um convite direto seu. Estaria no seu direito negar-me o acesso ou pior. Isto sugere que o DRPJM não estava ciente da sua existência ou não sentiu a necessidade de me informar sobre a mesma.

O que me leva ao Sr. Parnassus; o seu dossiê era composto por uma única página que não dizia nada sobre o diretor do Orfanato Marsyas. Isso não pode ser. Sei que posso sempre pedir-lhe que me fale de si mesmo, mas prefiro ler sobre ele em vez de conversar. Estou aqui para observar e relatar. O facto de, além dos meus deveres atuais, ter de me tornar um conversador é irritante.

Há algo nele — no Sr. Parnassus — que não consigo identificar. Parece capaz, sem dúvida. As crianças parecem felizes, talvez até a prosperar. O Sr. Parnassus tem a incrível capacidade de saber sempre onde elas estão e o que estão a fazer, mesmo que estejam fora da sua vista. É diferente de qualquer outra pessoa que tenha conhecido antes.

Talvez falar com ele não seja uma tarefa assim tão difícil, afinal. E vou precisar de o fazer, porque, independentemente de quão felizes as crianças pareçam ser, a casa parece estar à beira do caos. Quando cheguei, as crianças deambulavam pela ilha. Disseram-me que têm permissão para se entregarem às suas próprias atividades durante algum tempo todos os dias, mas parece-me... imprudente permitir que estas crianças específicas estejam sem supervisão durante um período significativo de

tempo. Está bem documentado que os jovens mágicos não têm um controlo completo dos poderes que possuem, alguns menos do que outros.

Dito isto, entendo a necessidade de sigilo aqui, considerando quem estas crianças são, mas devo admitir que é capaz de ser um pouco exagerado. Independentemente das suas origens, são apenas crianças, afinal.

Quão problemáticas poderiam elas ser com as diretrizes estabelecidas nas *REGRAS E REGULAMENTOS*?

— Fogo e cinzas! — gritava Lucy enquanto andava de um lado para o outro. — Morte e destruição! Eu, o precursor da calamidade, trarei pestilência e peste às pessoas deste mundo. O sangue dos inocentes sustentar-me-á e todos vocês cairão de joelhos em bênção, pois eu sou o vosso *deus*.

Ele curvou-se.

As crianças e o Sr. Parnassus bateram palmas educadamente. Theodore gorjeou e rodopiou num círculo.

Linus ficou boquiaberto.

— Foi uma linda história, Lucy — disse o Sr. Parnassus. — Gostei especialmente do teu uso de metáforas. No entanto, lembra-te de que pestilência e peste são tecnicamente a mesma coisa, portanto, ficou um pouco repetitivo no final, mas, fora isso, foi bastante impressionante. Muito bem.

Estavam na sala da casa principal, a qual fora convertida em sala de aulas. Havia seis pequenas mesas alinhadas diante de uma maior. Um velho quadro verde, que parecia ter sido limpo recentemente, fora colocado perto da janela e havia pedaços grossos de giz numa caixa perto do chão. Um mapa da Terra fora pendurado numa parede e havia um projetor num suporte de metal a um canto. As paredes estavam cheias de livros, muito à semelhança do escritório do Sr. Parnassus. Havia enciclopédias,

romances e livros de não-ficção sobre deuses e deusas gregos e os nomes científicos da flora e da fauna. Linus pensou ter visto um volume com letras douradas na lombada com o título *A História dos Gnomos: Relevância Cultural e o Seu Lugar na Sociedade*. Parecia ter pelo menos mil páginas e Linus estava ansioso por colocar as mãos nele.

Lucy sentou-se na sua mesa, parecendo bastante satisfeito consigo mesmo. Fora o penúltimo a apresentar aquilo que o Sr. Parnassus indicara ser uma secção do currículo designada pelo nome de Expressão. As crianças eram convidadas a pôr-se diante da classe para contar uma história da sua própria criação, verdadeira ou inventada. Talia tinha contado uma história bastante contundente sobre um intruso que chegara a uma ilha e nunca mais se ouvira falar dele, Theodore (de acordo com o Sr. Parnassus) tinha recitado um poema humorístico que fez que todos (exceto Linus) se rissem até terem lágrimas nos olhos, Phee falara de uma árvore específica na floresta que estava a cultivar e das esperanças que tinha nas suas raízes e Chauncey regalara-os com a história dos carregadores (algo que Linus deduziu ser uma série continuada).

E, depois, fora a vez de Lucy.

Lucy, que se pusera em cima da mesa do Sr. Parnassus e, basicamente, ameaçara o planeta inteiro com a aniquilação, erguendo os seus pequenos punhos acima da cabeça de olhos em chamas.

A Expressão era, segundo o Sr. Parnassus, uma ideia que daria confiança às crianças. Linus conhecia muito bem os horrores de ter de falar diante de uma plateia. Duas vezes por semana, as crianças eram obrigadas a falar diante das outras sobre qualquer assunto de que gostassem. Além de lhes dar a oportunidade de praticarem a oratória, o Sr. Parnassus acreditava que a tarefa lhes proporcionava uma saída criativa.

— As mentes das crianças são coisas maravilhosas — dissera ele a Linus, enquanto seguiam os outros em direção à sala. — Algumas das coisas que inventam parecem desafiar a imaginação.

Linus compreendia-o completamente e acreditava, sem dúvida alguma, que Lucy era capaz de tudo o que gritara.

Linus estava sentado numa cadeira no fundo da sala. Tinham-lhe oferecido um assento muito mais próximo, mas ele abanara a cabeça, dizendo que era melhor ficar fora do caminho para observar. Tinha o seu bloco de notas e o lápis prontos, pousados em cima da sua cópia das *REGRAS E REGULAMENTOS* (algo que pensara deixar no seu quarto, mas decidira não fazer; uma pessoa deve estar sempre preparada caso as regras precisem de ser revistas) quando a primeira criança se pusera diante da sala, mas estes foram rapidamente esquecidos. Recordou a si mesmo que precisava de tomar notas copiosas para que os seus relatórios não ficassem em falta, especialmente porque não havia nada nas *REGRAS E REGULAMENTOS* sobre crianças expressarem-se daquela maneira.

E dado que Lucy terminara, isso significava que cinco crianças se tinham expressado.

O que deixava...

— Sal? — disse o Sr. Parnassus. — Por favor.

Sal afundou-se na cadeira, como se estivesse a tentar encolher-se. Era quase cómico, tendo em conta o seu tamanho. Lançou um olhar rápido a Linus, virando de novo a cabeça para a frente quando viu que estava a ser observado. Murmurou algo que Linus não conseguiu perceber.

O Sr. Parnassus estava diante da mesa dele. Baixou-se e tocou com um dedo no ombro de Sal, dizendo:

— As coisas que mais tememos são geralmente as coisas que menos devemos temer. É irracional, mas é o que nos torna

humanos. Agora, se formos capazes de vencer esses medos, não há nada de que não sejamos capazes.

Theodore chilreou em cima da sua mesa, batendo as asas.

— O Theodore tem razão — disse Phee com o queixo nas mãos.
— Tu consegues, Sal.

Os olhos de Chauncey baloiçaram.

— Sim! Tu consegues!

— És feito de material forte por dentro — disse Talia. — E é o que está por dentro que conta.

Lucy inclinou a cabeça para trás e olhou para o teto.

— As minhas entranhas estão apodrecidas e purulentas como uma ferida infetada a vazar pus.

— Vês? — disse o Sr. Parnassus a Sal. — Todos aqui acreditam em ti. Só é preciso que tu acredites em ti mesmo.

Sal olhou novamente para Linus, o qual tentou oferecer-lhe aquilo que esperava ser um sorriso encorajador. Não deve ter corrido muito bem, pois Sal fez uma careta, mas ou encontrou coragem ou resignou-se ao facto de não conseguir escapar, porque abriu a tampa da sua secretária e tirou um pedaço de papel. Levantou-se lentamente e avançou de modo rígido até se posicionar diante da classe. O Sr. Parnassus sentou-se na beira da sua mesa. As suas calças ainda eram demasiado curtas e revelaram umas meias de um tom de cor de laranja vivo quase ofensivo.

Sal pôs-se diante da turma, olhando para o papel que agarrava firmemente com as mãos. O papel tremia ligeiramente. Linus ficou sentado imóvel, certo de que qualquer movimento seu faria Sal sair a correr.

Os lábios de Sal começaram a mover-se num murmúrio quase inaudível.

— Um pouco mais alto — disse o Sr. Parnassus suavemente. — Todos querem ouvir-te. Projeta, Sal. A tua voz é uma arma, nunca te esqueças disso.

Os dedos dele apertaram com mais força a página nas suas mãos. Linus pensou que ela se iria rasgar.

Sal pigarreou e recomeçou. Disse:

— Sou apenas papel. Frágil e fino. Ergo-me contra o Sol e este brilha através de mim. Escrevem sobre mim e nunca mais poderei ser usado. Estes rabiscos são uma história. São história. Contam coisas para os outros lerem, mas estes só veem as palavras e não aquilo no qual as palavras estão escritas. Sou apenas papel e, embora existam muitos como eu, nenhum é exatamente o mesmo. Sou um pergaminho ressequido. Tenho linhas. Tenho buracos. Molhem-me e derreto. Incendeiem-me e ardo. Peguem-me com mãos endurecidas e amachuco-me. Rasgo-me. Sou apenas papel. Frágil e fino.

Correu de volta para o seu lugar.

Todos aplaudiram, aclamando-o.

Linus ficou a olhar.

— Maravilhoso — disse o Sr. Parnassus com aprovação. — Obrigado por isso, Sal. Gostei especialmente dos rabiscos como sendo uma história. Transmitiu-me algo, porque todos temos essa história, acho, embora nenhum de nós seja exatamente igual aos outros, como tão habilmente apontaste. Muito bem.

Linus poderia jurar que vira Sal sorrir, mas o sorriso desapareceu antes que pudesse ter a certeza.

O Sr. Parnassus bateu palmas.

— Bem, vamos continuar? Como é terça-feira, isso significa que vamos começar a manhã com matemática.

Todos gemeram. Theodore bateu repetidamente com a cabeça contra a superfície da sua mesa.

— E, no entanto, prosseguiremos, mesmo assim — disse o Sr. Parnassus, parecendo divertido. — Phee? Podes distribuir os manuais? Hoje, vamos voltar ao mundo louco e maravilhoso da

álgebra. Avançada para alguns e uma oportunidade de revisão para os outros. Não temos sorte?

Até Linus gemeu ao ouvi-lo.

Linus deixara a casa de hóspedes depois do almoço e preparava-se para voltar ao salão para o que prometia ser uma discussão emocionante sobre a Magna Carta quando a Sra. Chapelwhite apareceu do nada, assustando-o ao ponto de quase o fazer tropeçar contra a varanda.

— Porque é que faz isso? — exclamou com a voz presa e apertando o peito, certo de que o seu pobre coração estava prestes a explodir. — A minha tensão arterial já é alta! Está a tentar matar-me?

— Se eu quisesse matá-lo, conheço muitas outras maneiras de o fazer — disse ela calmamente. — Tem de vir comigo.

— Não farei tal coisa. Tenho de observar as crianças e escrever um relatório que mal comecei. E, além disso, as *REGRAS E REGULAMENTOS* afirmam que um assistente social não se deve deixar distrair quando estiver em missão e...

— É importante.

Encarou-a com cautela.

— Porquê?

As suas asas agitaram-se atrás dela e, embora fosse impossível, ela pareceu crescer até se elevar acima dele.

— Eu sou a fada de Marsyas. Esta é a minha ilha. Está aqui porque eu o permiti e seria bom que se lembrasse disso, Sr. Baker.

— Sim, sim, claro — disse apressadamente. — O que quis dizer é que irei consigo, sem dúvida, onde quer que me peça para ir. — Engoliu em seco. — No que for razoável.

Ela fez um som de desdém e deu um passo atrás.

— A sua coragem não tem limites.

Ele irritou-se.

— Ouça lá, só porque...

— Tem outros sapatos?

Linus olhou para os seus mocassins.

— Sim, mas são praticamente iguais a estes. Porquê?

Ela encolheu os ombros.

— Vamos caminhar pela floresta.

— Oh, bem, talvez pudéssemos adiar isso para outro dia...

Mas ela já se tinha virado e começado a afastar-se dele. Linus considerou muito seriamente ignorá-la e voltar para a relativa segurança da casa principal, mas depois lembrou-se de que ela *podia* bani-lo se quisesse.

E parte dele — embora uma pequena parte — estava curioso sobre o que ela lhe queria mostrar. Há muito tempo que não se sentia curioso sobre o que quer que fosse.

Além disso, estava um dia perfeitamente encantador. Talvez lhe fizesse bem estar na rua com todo aquele sol.

Dez minutos depois, desejou morrer.

Se Talia o atacasse com a sua pá, não a impediria.

Se Lucy estivesse debruçado sobre ele, de olhos em chamas e fogo a arder, recebê-lo-ia de braços abertos.

Qualquer coisa para evitar uma caminhada na floresta.

— Estou a pensar — disse sem fôlego, enquanto o suor lhe escorria pela testa — que está na altura de fazermos uma pausa. Que tal? Maravilhoso, acho.

A Sra. Chapelwhite olhou para ele com o rosto carrancudo. Não parecia estar minimamente cansada.

— Não é muito mais longe.

— Oh — conseguiu Linus dizer. — Excelente, excelente! Isso é... excelente. — Tropeçou numa raiz de árvore, mas conseguiu manter-se de pé pela graça de Deus. — E espero que as medidas de

distância e tempo sejam as mesmas para fadas e seres humanos, o que significa que *não muito mais longe* é exatamente o que parece.

— Não costuma sair muito, pois não?

Ele enxugou a testa com a manga.

— Saio tanto quanto é exigido a alguém na minha posição.

— Para andar pela natureza, quero dizer.

— Oh. Então, não. Prefiro o conforto e, atrevo-me a dizer, a *segurança* da minha casa. Prefiro sentar-me na minha cadeira a ouvir a minha música, obrigadinho.

Ela segurou um grande galho de árvore para ele passar.

— Mas sempre quis ver o mar.

— Os sonhos são apenas isso, sonhos. São feitos para ser uma fantasia. Não se devem tornar necessariamente realidade.

— E, no entanto, aqui está, à beira-mar, longe da sua cadeira e da sua casa. — Ela parou e ergueu o rosto para o céu. — Há música em todo o lado, Sr. Baker. Só precisa de aprender a ouvi-la.

Seguiu o olhar dela. Acima deles, as árvores baloiçavam com o vento a farfalhar por entre as folhas. Os ramos estalavam, os pássaros piavam e pensou ter ouvido o matraquear de esquilos. E, subjacente a tudo, a música do mar, ondas a bater contra a costa e um cheiro pesado a sal no ar.

— É agradável — admitiu. — Não a parte da caminhada. Essa eu dispensava, para ser sincero. É bastante desconfortável para alguém como eu.

— Está a usar uma gravata no meio da floresta.

— Eu não tinha *planeado* estar no meio da floresta — retorquiu ele.
— Na verdade, devia estar na casa a tirar notas.

Ela começou a mover-se novamente por entre as árvores, mal tocando o chão com os pés.

— Para a sua investigação.

— *Sim*, para a minha investigação. E se eu descobrir que me está a atrapalhar de alguma forma...

— O Sr. Parnassus lê os seus relatórios antes de os enviar?

Linus semicerrou os olhos enquanto passava por cima de um tronco coberto de musgo. À frente, podia ver vislumbres de areia branca e do mar.

— De modo nenhum, isso seria impróprio. Eu *nunca*...

— Ótimo — disse ela.

Aquilo fê-lo pestanejar.

— É?

— Sim.

— Porquê?

Ela olhou para ele.

— Porque vai querer incluir isto no seu relatório e não quero que ele saiba. — E, dizendo aquilo, ela avançou pela praia.

Ele ficou a olhar para ela durante um instante, antes de a seguir.

Andar de mocassins na praia não era algo que Linus apreciasse. Pensou brevemente em tirar os sapatos e as meias e deixar os dedos dos pés enterrarem-se na areia, mas mudou de ideias quando viu o que esperava por eles na praia.

Fora construída à pressa, a jangada. Era composta por quatro tábuas de madeira amarradas com um cordel amarelo grosso. Havia um pequeno mastro, sobre o qual tremulava o que parecia ser uma bandeira.

— O que é isso? — perguntou Linus dando um passo em direção à jangada, enquanto os seus pés se afundavam na areia molhada. — Há mais alguém na ilha? Isso não é suficientemente grande para um homem ou uma mulher. É uma criança?

A Sra. Chapelwhite abanou a cabeça de modo sombrio.

— Não. Foi enviada da vila para aqui. Alguém a lançou de um barco. Tenho a certeza de que pretendiam que chegasse às docas, como a última, mas a maré trouxe-a para aqui.

— Como a última? — perguntou Linus, perplexo. — Quantas é que houve?

— Esta é a terceira.

— Por que raio é que alguém... Oh. Oh, céus.

A Sra. Chapelwhite tinha desenrolado o pergaminho preso ao mastro. Em letras maiúsculas estavam as palavras: VÃO-SE EMBORA. NÃO QUEREMOS A VOSSA ESPÉCIE AQUI.

— Não falei delas ao Sr. Parnassus — disse ela calmamente. — Mas não me surpreenderia se ele já soubesse, de alguma forma. Ele é... observador.

— E isto é dirigido a quem? Às crianças? Ao Sr. Parnassus? A si?

— A todos nós, creio, embora eu esteja aqui há muito mais tempo do que os outros. — Ela deixou a bandeira cair contra o mastro. — E eles já teriam aprendido se fosse apenas eu.

Linus franziu a testa perante aquela afirmação arrepiante.

— Porque é que alguém faria uma coisa destas? São apenas crianças. Sim, são... diferentes da maioria, mas isso não deveria importar.

— Não deveria — concordou ela, dando um passo atrás e enxugando as mãos como se estas estivessem sujas por terem tocado no pergaminho. — Mas importa. Eu falei-lhe da vila, Sr. Baker, e a sua pergunta foi porque é que eles são como são.

— E, se bem me lembro, não respondeu à minha pergunta.

A boca dela era uma linha fina e as suas asas brilhavam à luz do Sol.

— Você não é um homem estúpido, isso é óbvio. Eles são como são porque nós somos diferentes. A sua reação foi igual: minutos depois de nos conhecermos, quis saber se eu estava registada.

— Isto é abuso — disse Linus rigidamente, tentando ignorar o ataque incisivo. — Claro e simples. Talvez as pessoas da vila não saibam exatamente quem habita esta ilha e talvez seja melhor assim, mas, independentemente desse facto, ninguém merece

sentir-se menos do que é. — Franzziu a testa. — Especialmente se o governo lhes paga pelo seu silêncio. Isto tem de ser uma quebra de algum tipo de contrato.

— Não é apenas esta vila, Sr. Baker. Só porque não sofre com o preconceito no seu dia a dia, isso não impede que ele exista para o resto de nós.

VEJA ALGUMA COISA, DIGA ALGUMA COISA, dizia a placa no autocarro e em todo o lado, na verdade. Cada vez mais, ultimamente. Em autocarros, nos jornais, em *outdoors*, em anúncios de rádio. Ele até vira as palavras impressas num saco de supermercado, por mais estranho que fosse.

— Não — disse lentamente. — Acho que não.

Ela olhou para ele e as flores no seu cabelo pareciam estar a desabrochar. Ele pensou que estavam, de facto.

— E, no entanto, estas crianças estão separadas dos seus pares.

— Para a segurança dos outros, é claro...

— Ou para a sua própria.

— Não é a mesma coisa?

Ela abanou a cabeça.

— Não, e acho que sabe disso.

Não sabia o que dizer em resposta, portanto não disse nada.

A Sra. Chapelwhite suspirou.

— Eu queria que visse por si mesmo. Então, saberia mais do que o que estava naqueles seus dossiês. As crianças não sabem e é melhor que continue assim.

— Sabe quem a mandou?

— Não.

— E o Sr. Parnassus?

Ela encolheu os ombros.

Linus olhou em redor, subitamente nervoso.

— Acha que eles estão em perigo? Será que alguém poderia vir à ilha e tentar causar-lhes mal? — Só a ideia fazia o seu estômago

contrair-se. Não podia ser. A violência contra qualquer criança era errada, não importava do que ela fosse capaz. Tinha visto o diretor de um orfanato bater na cara de um rapaz, uma vez, só porque o rapaz conseguira transformar um pedaço de fruta em gelo. Aquele orfanato fora fechado quase imediatamente e o diretor acusado.

Ele escapara com uma reprimenda.

Linus não sabia o que acontecera ao rapaz.

O sorriso que cresceu no rosto da Sra. Chapelwhite não tinha humor. Na verdade, pensou Linus, parecia quase selvagem.

— Eles não se atreveriam — disse ela, mostrando demasiados dentes. — Assim que pisassem a minha ilha com a intenção de magoar alguém daquela casa, isso seria a última coisa que fariam.

Acreditou nela. Pensou intensamente por um momento e depois disse:

— Talvez devêssemos enviar uma mensagem em resposta.

Ela inclinou a cabeça, olhando para ele.

— Isso não seria contra as suas regras e regulamentos?

Não conseguiu encará-la.

— Não acredito que haja um subparágrafo para uma situação como esta.

— Em que está a pensar?

— Você é uma fada da ilha.

— As suas capacidades de observação são surpreendentes.

Ele soltou uma risada.

— Isso significa que controla as correntes em redor da sua ilha, correto? E o vento.

— Parece saber muito sobre criaturas mágicas, Sr. Baker.

— Sou muito bom no que faço — disse de modo empertigado. Tirou o lápis do bolso. — Pode segurar o pergaminho?

Ela hesitou ligeiramente antes de o fazer.

Ele demorou alguns minutos. Teve de repetir cada letra várias vezes a fim de tornar as suas palavras claras. Quando terminou, o

sorriso da Sra. Chapelwhite suavizara-se e aquela era talvez a expressão mais sincera que lhe via desde que a conhecera.

— Não pensei que fosse capaz de tal coisa, Sr. Baker — disse ela, parecendo exultante.

— Eu também não — murmurou ele, enxugando o suor da testa.
— É melhor se não voltarmos a falar disto.

Ele ajudou-a a empurrar a jangada para a água, embora achasse que ela estava apenas a fazer-lhe a vontade. O mais provável era que não precisasse da sua ajuda. Quando a jangada voltou a partir, com o pergaminho a tremular ao vento, os seus mocassins estavam molhados, as meias encharcadas e respirava com dificuldade.

Mas sentia-se mais leve, de alguma forma. Como se não fosse tinta a fundir-se com a parede.

Sentia-se verdadeiro.

Sentia-se *presente*.

Quase como se pudesse ser visto.

O vento aumentou e a jangada partiu, de volta ao continente à distância.

Ele não sabia se alguém a iria encontrar, se ela iria conseguir atravessar o canal.

E, *mesmo* que a encontrassem, provavelmente ignorá-la-iam.

Quase não importava.

VÃO-SE EMBORA. NÃO QUEREMOS A VOSSA ESPÉCIE AQUI, dizia um lado do pergaminho.

NÃO, OBRIGADO, dizia o outro lado.

Eles ficaram na areia da praia, com a água a bater-lhes contra os pés, durante bastante tempo.

NOVE

Na primeira sexta-feira que passou na ilha, Linus Baker recebeu um convite. Não era um convite que esperasse e, ao ouvi-lo, não tinha a certeza se o queria aceitar. Conseguia pensar em seis ou sete, ou possivelmente cem, outras coisas que preferia fazer. Teve de se lembrar de que estava em Marsyas por um motivo e que era importante que visse todos os lados do orfanato.

O convite chegou por meio de uma pancada na porta da casa de hóspedes, onde Linus estava a tentar terminar o seu primeiro relatório do tempo passado em Marsyas. O *ferry* viria no dia seguinte para o levar ao continente para que o pudesse enviar pelo correio para o DRPJM. Estava mergulhado na sua escrita, tomando cuidado de incluir apenas uma advertência por página relativamente à falta de transparência da Direção Extremamente Superior antes de o enviar para a ilha. Transformara a situação numa espécie de jogo, tentando tornar as suas respostas às transgressões deles o mais subtis possível. Ficou grato por ser interrompido por uma pancada na porta no momento em que a última linha que escrevera dizia: *e, além disso, a própria ideia de que a Direção Extremamente Superior poderia empregar ofuscação e engano declarado junto dos seus assistentes sociais é bastante pouco civilizada.*

Era capaz de ser melhor repensar a última frase.

Ficou agradavelmente surpreendido ao encontrar o Sr. Parnassus na varanda da casa de hóspedes. Ele parecia varrido pelo vento e quente sob o Sol da tarde, algo que Linus se estava a habituar não apenas a ver, mas também a antecipar. Disse a si mesmo que era porque o Sr. Parnassus era um tipo alegre e se isto fosse o mundo

real talvez pudessem ter sido amigos, algo que Linus tinha muito pouco. Era apenas isso.

Não importava que o Sr. Parnassus não parecesse possuir um par de calças que servissem de facto nas suas longas pernas, já que estas eram sempre muito curtas. Hoje, ele usava meias azuis com nuvens. Linus recusou-se a sentir-se encantado.

Quase conseguiu.

Ainda assim, quando o Sr. Parnassus fez o seu convite, Linus sentiu a garganta fechar-se e a sua língua ficar tão seca como uma torrada queimada.

— Perdão? — conseguiu perguntar.

O Sr. Parnassus sorriu sabiamente.

— Eu disse que poderia ser uma boa ideia se participasse na minha reunião individual com o Lucy, só para poder ter a experiência completa de Marsyas. Suponho que a Direção Extremamente Superior esteja a antecipar as suas observações relativamente a isso, não acha?

Linus achava. Na verdade, estava a começar a pensar que talvez a Direção Extremamente Superior se preocupasse mais com Lucy do que com qualquer outra pessoa na ilha. Não estava exatamente escrito nos dossiês que recebera, mas Linus fazia este tipo de trabalho há muito tempo e era mais perspicaz do que a maioria das pessoas achava.

Isso não significava que lhe apetecesse aceitar tal convite.

Tinha apenas feito um progresso parcial nos seus primeiros dias na ilha. Sal ainda ficava aterrorizado com ele e Phee desdenhava-o, mas Talia já só ameaçava enterrá-lo no seu jardim uma ou duas vezes por dia e Chauncey parecia feliz por tudo e por nada (especialmente quando entregava toalhas ou lençóis limpos a Linus, conseguindo sempre tossir educadamente o suficiente para garantir uma gorjeta). Theodore, é claro, achava que o Sol nascia e se punha por causa de Linus, algo que não o deveria emocionar tanto

como emocionava. Era apenas um *botão* (quatro agora, na verdade; Linus tinha decidido que uma das suas camisas formais estava pronta para ser reformada e cortava um botão novo todas as manhãs) e o facto de eles serem de plástico e não de latão não parecia fazer diferença a Theodore.

Lucy, por outro lado, ainda era um enigma. Um enigma aterrorizador, sem dúvida, já que era o Anticristo, mas um enigma, ainda assim. Por exemplo, no dia anterior, Linus tinha ido à biblioteca da casa principal, uma velha sala no rés do chão cheia de livros do chão ao teto. Estava a examinar as prateleiras quando, pelo canto do olho, percebeu movimento nas sombras. Virou-se, mas não havia nada ali.

Até que olhou para cima e viu Lucy agachado em cima de uma estante a olhar para ele com olhos brilhantes e um sorriso retorcido no rosto.

Linus soltou uma exclamação, sentindo o coração acelerado.

Lucy disse:

— Olá, Sr. Baker. Faria bem em recordar-se de que as almas humanas são bugigangas baratas para alguém como eu. — Riu-se e saltou da estante, caindo de pé. Ergueu os olhos para Linus e sussurrou: — Adoro bugigangas baratas. — E depois saiu a correr da biblioteca. Linus viu-o uma hora depois a mastigar um biscoito de aveia e passas na cozinha, enquanto baloiçava a cabeça ao som dos The Coasters que cantavam sobre como iriam encontrá-la, procurando em todo o lado⁵.

Portanto, não, Linus não estava necessariamente desejoso de aceitar o convite.

Mas tinha um trabalho a fazer.

Era por isso que estava aqui.

E quanto mais aprendesse sobre Lucy, mais bem preparado estaria para o relatar à Direção Extremamente Superior.

(Não tinha *nada* que ver com a ideia de também conhecer um pouco melhor o Sr. Parnassus. E mesmo que *tivesse*, era porque o dossiê do diretor não lhe dizia quase nada e precisava de ser minucioso. Estava descrito como tal nas *REGRAS E REGULAMENTOS*, página 138, parágrafo seis, e seguiu-lo à letra.)

— Ele sabe que vou estar lá? — perguntou Linus, enxugando o suor da testa.

O Sr. Parnassus riu-se.

— Foi ideia dele.

— Oh, céus — disse Linus fracamente.

— Devo dizer-lhe para esperar por si?

Não, não devia. Na verdade, devia dizer a Lucy que Linus tinha adoecido e que iria ficar a descansar. Então, Linus poderia passar a noite de sexta-feira de pijama a ouvir o radiozinho na sala e a fingir que estava em casa. Não era um gira-discos, mas serviria num aperto.

— Sim — disse. — Irei até lá.

O Sr. Parnassus fez um sorriso rasgado e Linus sentiu a pele corar ao vê-lo.

— Maravilhoso — disse ele. — Acho que se vai surpreender. Cinco horas em ponto, Sr. Baker. — Girou nos calcanhares e dirigiu-se para a casa principal, assobiando uma melodia alegre.

Linus fechou a porta e deixou-se cair contra ela.

— Bem, meu velho, agora é que ficaste entalado, não é?

Calliope estava sentada no parapeito da janela, pestanejando lentamente à luz do Sol.

Linus Baker nunca fora do tipo religioso. Embora não se importasse que os outros fossem, nunca fora um interesse seu. A mãe tinha sido... não exatamente fervorosa, mas tão próxima que mal havia uma diferença. Ela levava-o à igreja aos domingos e ele ficava sentado com a sua camisa recém-engomada que picava

terrivelmente, punha-se de pé quando tinha de ficar de pé e ajoelhava-se quando tinha de se ajoelhar. Gostava dos hinos, embora não conseguisse reproduzir uma melodia nem com um gravador, mas era só isso. Achava aquilo absurdo: a ideia do fogo e do enxofre, que os pecadores fossem para o Inferno enquanto todos os outros iam para o Céu. E os pecados pareciam ser subjetivos. Ah, matar alguém era mau e prejudicar os outros também, mas será que isso era comparável a alguém roubar uma tablete de chocolate da loja da esquina quando tinha nove anos? Porque se fosse, Linus estava destinado ao Inferno, dada a barra de *Crunchie* que colocara no bolso e consumira de noite escondido debaixo do seu edredão.

Quando crescera o suficiente para compreender o poder da palavra *não*, deixou de ter de ir à igreja. *Não*, dissera à mãe, *acho que não quero ir*.

Ela ficara aborrecida, é claro. Preocupava-se com a sua alma, dizendo-lhe que iria seguir por um caminho do qual não poderia voltar. Haveria drogas, álcool e *raparigas* e ela estaria lá para juntar os cacos, porque era isso que uma mãe fazia (e, pensou ele, para lhe dizer *eu bem te disse*).

Mas, afinal, as drogas nunca foram um problema e, embora Linus apreciasse um copo de vinho ao jantar, uma vez por mês, nunca passou disso.

E quanto às *raparigas*, a mãe não precisava de se preocupar. Por essa altura, Linus já tinha notado que a sua pele formigava quando o seu vizinho de dezassete anos, Timmy Wellington, cortava a relva sem camisa. Não, as *raparigas* não iriam causar a queda de Linus Baker.

Portanto, não, Linus não era do tipo religioso.

Claro, isso fora antes de saber que o Anticristo tinha seis anos e vivia na Ilha Marsyas. Pela primeira vez na sua vida, Linus desejou ter um crucifixo, uma Bíblia ou *algo* para se proteger caso Lucy

decidissemos que precisava de um sacrifício para atingir os seus plenos poderes.

Também não ajudou o facto de ter passado por Phee e Talia no jardim e estas terem ficado a observar cada passo que ele dava em direcção à casa principal.

— Homem morto a andar — entoou Talia num tom monocórdico. — Temos um homem morto a andar aqui.

Phee disfarçou o seu riso com tosse.

— Boa tarde — disse rigidamente.

— Boa tarde, Sr. Baker — disseram Phee e Talia docemente, embora Linus não se deixasse enganar.

Elas ficaram a sussurrar nas suas costas enquanto ele chegava à varanda da casa principal. Olhou para trás, fitando-as, e elas acenaram-lhe descaradamente.

Estranhamente, deu por si a lutar contra um sorriso ao vê-las.

Franziu o sobrolho em vez disso.

Entrou na casa e ouviu a Sra. Chapelwhite a cantar na cozinha. Ela tornara-se consideravelmente mais simpática para ele desde o passeio até à praia e, por simpática, ele queria dizer que ela reconhecia a sua presença com um aceno de cabeça que quase parecia cordial em vez de automático.

Fechou a porta atrás de si e ouviu um trinado vindo do sofá que ficava diante da lareira. Olhou para lá e viu uma cauda escamosa a sair de baixo do sofá.

— Olá, Theodore — disse.

A cauda desapareceu e Theodore meteu a cabeça para fora, sacudindo a língua. Chilreou novamente, desta vez uma pergunta. Linus não precisava de falar serpe para perceber o que ele estava a pedir.

— Já te dei um esta manhã. Quantos mais receberes, menos aprecias o valor deles. — Sentia-se um pouco tolo, já que os botões

de plástico não valiam nada, mas, ainda assim, parecia importante transmitir essa lição.

Theodore suspirou mal-humorado e desapareceu novamente debaixo do sofá, resmungando para consigo mesmo.

Subiu as escadas ouvindo a madeira ranger ameaçadoramente sob o seu peso. As arandelas nas paredes pareciam tremeluzir e Linus disse a si mesmo que era só porque a casa era velha e os fios precisavam provavelmente de alguma manutenção. Tomou uma nota mental para perguntar sobre a situação do financiamento do Orfanato Marsyas no seu relatório. O Sr. Parnassus parecera desdenhoso em relação à ideia de *financiamento*, mas Linus achava que devia estar enganado.

As portas dos quartos do primeiro andar estavam fechadas de ambos os lados do corredor, com exceção da de Chauncey. Linus estava prestes a passar pelo seu quarto quando parou, ao ouvir Chauncey a falar lá dentro. Espreitou pela porta ligeiramente aberta e viu Chauncey, de pé na água salgada, diante de um espelho de corpo inteiro posicionado perto da janela. Tinha um boné de carregador na cabeça entre as hastes dos olhos.

— Como estão, Sr. e Sra. Worthington? — perguntava Chauncey, levantando o boné com um dos seus tentáculos enquanto se curvava. — Bem-vindos de volta ao Hotel Everland! Posso levar a vossa bagagem? Oh, obrigado por reparar, Sra. Worthington! Sim, *tenho* um uniforme novo. Apenas o melhor para Everland. Espero que apreciem a vossa estada!

Linus deixou-o sossegado.

Perguntou-se se seria exagerado comprar um casaco a Chauncey para completar o seu uniforme. Talvez pudesse ver se havia algo na vila...

Não. Não era para isso que estava aqui. Estava aqui para observar e nada mais. Não podia influenciar o orfanato. Não seria adequado.

As *REGRAS E REGULAMENTOS* eram específicos sobre esses assuntos.

Pensou ter ouvido um movimento atrás da porta de Sal, mas esta estava bem fechada. Era melhor não tentar dizer olá. Não ia querer assustar o pobre rapaz.

Além de nunca ter visto o interior do quarto de Sal, ainda precisava de passar pela última porta do corredor. O Sr. Parnassus não o tinha convidado antes de hoje, embora Lucy o tivesse feito em várias ocasiões, para grande desgosto de Linus. Sabia que teria de inspecionar ambos antes de deixar a ilha, mas estivera a adiá-lo durante esta primeira semana, algo que não deveria ter feito.

Ficou parado diante da porta por um longo momento, antes de respirar fundo e levantar uma mão trémula para bater.

Antes que o pudesse fazer, a porta destrancou-se e abriu-se ligeiramente. Linus deu um passo atrás. Não parecia haver nenhuma luz vinda de dentro.

Pigarreou:

— Olá?

Nenhuma resposta.

Controlou os nervos e empurrou a porta.

O sol do fim da tarde estava forte quando ele entrara na casa e o ar do mar estava quente, mas o interior do quarto fê-lo recordar-se de estar de volta à cidade. Era escuro, frio e húmido.

Deu um passo em frente. E depois outro.

E mais outro.

A porta fechou-se com força atrás de si.

Virou-se com o coração na garganta. Estava a esticar a mão para a porta quando se acenderam velas em seu redor, bicos de fogo que alcançavam sessenta centímetros ou mais.

— Bem-vindo ao meu domínio — soou a voz de uma criança atrás dele. — Entrou aqui a meu convite. — Gargalhou a voz. —

Testemunhe a verdadeira profundidade do meu poder! Eu sou Lúcifer! Eu sou Belzebu, o príncipe dos demónios! Eu...

— Vais perder os teus privilégios se decidires continuar — Linus ouviu o Sr. Parnassus dizer.

As velas apagaram-se.

A escuridão desapareceu.

A luz do Sol entrou pela janela.

Linus pestanejou perante a luz brilhante.

O Sr. Parnassus estava sentado numa cadeira de espaldar perto da janela, de pernas cruzadas, mãos no colo e uma expressão divertida no rosto. Havia uma cadeira vazia à sua frente, sem dúvida para o rapazinho que estava deitado de costas no tapete grosso.

— Ele ouviu-o chegar — disse o Sr. Parnassus com um encolher de ombros. — Avisei-o para não fazer nada, mas como esta é a hora de ele fazer o que quer, achei que não devia ser contrariado.

Lucy olhou para Linus, que estava espalmado contra a porta do quarto.

— Eu sou quem sou.

— Pois — disse Linus, quase num guincho, quase incapaz de se afastar da porta.

O quarto em si era grande e espaçoso. Havia uma cama de dossel encostada à parede mais distante. Era em madeira escura e tinha trepadeiras ornamentais e folhas esculpidas nas colunas. Havia uma mesa, muito mais velha que as outras da casa, coberta de resmas de papel e pilhas de livros, e uma lareira apagada em frente à cama. Se não tivesse sido praticamente aterrorizado, Linus teria pensado que seria perfeita para as noites frias de inverno.

— Gostavas de mostrar o teu quarto ao Sr. Baker? — perguntou o Sr. Parnassus a Lucy. — Ele gostava provavelmente muito de ver. Não gostava, Sr. Baker?

Não, não gostava. Nada mesmo.

— Sim... — disse Linus. — Parece certamente... possível.

Lucy virou-se de bruços e apoiou o queixo nas mãos.

— Tem a certeza, Sr. Baker? Não parece muito confiante.

— Tenho a certeza — disse Linus com firmeza.

Lucy levantou-se do chão.

— Bem, não diga que não o avisei.

O Sr. Parnassus suspirou.

— Lucy, vais dar ao Sr. Baker a ideia errada.

— Que ideia seria essa?

— Tu sabes qual é.

Lucy ergueu as mãos no ar.

— Estou apenas a tentar criar expectativa. Esperem o inesperado!

O senhor disse-me que a vida foi feita para nos surpreender. Estou a tentar surpreendê-lo.

— Acho que te estás a preparar para ter uma desilusão.

Os olhos de Lucy semicerraram-se.

— E de quem é a culpa? Se tivesse ouvido as minhas ideias sobre decoração não haveria espaço para a desilusão. Só haveria alegria.

— Olhou para Linus. — Bem, para mim.

O Sr. Parnassus abriu as mãos num gesto apaziguador.

— Não acho que ter cabeças humanas decepadas seja propício para uma boa noite de sono ou para a saúde e sanidade do Sr. Baker, mesmo que fossem feitas de papel machê.

— Cabeças decepadas? — perguntou Linus com a voz estrangulada.

Lucy suspirou.

— Apenas representações dos meus inimigos. O Papa, os evangélicos que frequentam megaigrejas. O senhor sabe, como as pessoas normais têm.

Linus achava que Lucy não compreendia o que era *normal*, mas conseguiu não dizer nada.

— Então, nada de cabeças?

— Nenhuma — disse Lucy carrancudo. — Nem sequer o crânio de um animal da floresta que *não matei* e apenas encontrei. — Lançou um olhar irritado ao Sr. Parnassus.

— O que é que eu disse sobre os animais? — disse o Sr. Parnassus.

Lucy aproximou-se de uma porta fechada perto das cadeiras batendo com os pés.

— Não devo matá-los porque apenas os assassinos em série fazem isso e, se já estiverem mortos, não posso brincar com os restos porque vou ficar a cheirar mal.

— E?

— *E* é errado.

— Vamos começar por aí da próxima vez — disse o Sr. Parnassus. — É capaz de soar mais humano.

— Sufocando a minha criatividade — murmurou Lucy. Colocou a mão na maçaneta e olhou para Linus. A sua expressão descontente desapareceu e aquele sorriso doce e meloso, que causava arrepios na espinha de Linus, regressou. — Vem, Sr. Baker?

Linus tentou fazer os seus pés moverem-se, mas estes permaneceram firmemente presos ao chão perto da porta do quarto.

— O Sr. Parnassus vai juntar-se a nós? — perguntou.

O Sr. Parnassus abanou a cabeça.

— Vou deixá-lo fazer a visita guiada, tal como as outras crianças. — Fez uma pausa e depois prosseguiu: — Ainda estou a convencer o Sal.

— Excelente — disse Linus com voz fraca. — Isso é... bom.

— Porque é que está a suar? — perguntou Lucy, alargando o seu sorriso. — Algum problema, Sr. Baker?

— Não, não — disse Linus. — Está apenas... um pouco de calor, é só isso. É um clima temperado, sabes? Não estava habituado a isso na cidade.

— Ah, claro — disse Lucy. — Deve ser isso. Venha, Sr. Baker. Tenho algo para lhe mostrar.

Linus engoliu em seco. Disse a si mesmo que estava a ser tolo, que o Sr. Parnassus estava *logo ali* e que Lucy não se atreveria a fazer nada de desagradável na sua presença.

O *problema* foi que o cérebro de Linus escolheu aquele exato momento para se perguntar se algum outro assistente social alguma vez visitara a ilha e, se sim, o que é que lhes acontecera. *Tinha* de ter havido, certo? Ele não podia ser o primeiro. A ideia era absurda.

E se tinha havido outros antes dele, o que é que lhes acontecera? Será que também tinham entrado no quarto de Lucy para nunca mais serem vistos? Iria Linus seguir Lucy pela porta para encontrar as carcaças dos seus antecessores pregadas ao teto por cima da cama? Linus era sem dúvida capaz de ser firme quando precisava, mas tinha uma constituição fraca e a visão de sangue tendia a deixá-lo tonto. Não sabia o que aconteceria se tivesse de ver intestinos espalhados como grinaldas decorativas molhadas.

Deitou uma olhadela ao Sr. Parnassus, que assentiu encorajadoramente. Aquilo não acalmou Linus nem um pouco. Tanto quanto sabia, o Sr. Parnassus era tão mau como Lucy, apesar das meias coloridas e do sorriso maravilhoso.

Quase tropeçou ao pensar no *sorriso maravilhoso*.

Afastou o pensamento.

Era capaz de fazer isto.

Era capaz de *fazer isto*.

Era apenas uma *criança*.

Fixou uma expressão agradável no rosto (pouco melhor do que uma careta) e disse:

— Adoraria ver o teu quarto, Lucy. Espero que esteja arrumado. Um quarto desarrumado é sinal de uma mente desordenada. É melhor mantermos as coisas limpas tanto quanto possível.

Os olhos de Lucy dançaram.

— Ah é, Sr. Baker? Bem, então vamos ver como é a minha mente.

Linus tinha a certeza de que este era um dos fatores de stresse contra os quais o seu médico o alertara, mas não havia nada que pudesse fazer em relação a isso agora.

Parou ao lado de Lucy.

Olhou para ele.

Lucy sorriu e Linus pensou que ele tinha mais dentes do que era humanamente possível.

Lucy girou a maçaneta.

Empurrou a porta.

Esta rangeu nas dobradiças e...

Revelou um pequeno espaço com uma cama de solteiro contra uma parede, um edredão de xadrez e uma fronha branca. Havia espaço suficiente para uma escrivaninha, mas não muito mais. Em cima da escrivaninha encontrava-se uma coleção de pedras brilhantes repletas de veios de quartzo.

Nas paredes havia discos de vinil, cada um pendurado por um gancho pelo buraco no meio. Ali estavam Little Richard, o Big Bopper, Frankie Lymon & the Teenagers, Ritchie Valens e Buddy Holly. Na verdade, havia mais discos de Buddy Holly do que qualquer outro.

Linus ficou surpreso ao vê-los. Reconheceu a maior parte dos discos, porque os tinha na sua própria casa na cidade. Tinha passado muitas noites a ouvir *Peggy Sue*, *That'll Be the Day* e *Chantilly Lace*.

Mas, tirando Little Richard e Frankie Lymon, todos eles tinham algo em comum. Era um pouco mórbido se pensasse nisso, mas fazia sentido.

Nem sequer notou que Lucy tinha fechado a porta atrás deles.

— O dia em que a música morreu — disse Lucy.

Linus virou-se com o coração a saltar do peito. Lucy estava encostado à porta.

— O quê?

Ele acenou com a mão em direção aos discos.

— Buddy Holly, Ritchie Valens e o Big Bopper.

— Um acidente de avião — disse Linus calmamente.

Lucy acenou com a cabeça e afastou-se da porta.

— Ritchie e o Bopper não deviam estar no avião, sabia?

Ele sabia e respondeu:

— Acho que sim.

— O Bopper estava doente e ficou com o lugar de outra pessoa.

Waylon Jennings, embora Linus guardasse isso para si.

— E Ritchie conseguiu o seu lugar num sorteio. Buddy não queria ficar preso num autocarro porque estava frio e eles tinham de ir para Montana. — Lucy estendeu a mão e tocou em *Chantilly Lace*. Parecia quase reverencioso. — O piloto não recebeu as informações meteorológicas corretas e o avião não tinha os instrumentos adequados para voar. Estranho, não é? — Sorriu para Linus. — Gosto de música que me faz feliz e gosto da morte. É estranho como as pessoas podem misturar ambos. Todos eles morreram por acaso e depois as pessoas cantaram sobre eles. Gosto dessas músicas, mas não tanto como as cantadas por pessoas mortas.

Linus tossiu grosseiramente.

— Eu... eu também gosto de música. Tenho alguns destes discos em minha casa.

Lucy animou-se ao ouvir aquilo.

— Música de pessoas mortas?

Ele encolheu os ombros.

— Acho que... sim? Quanto mais antiga é a música, maior a probabilidade de o cantor estar morto.

— Sim — suspirou Lucy. Os seus olhos começaram a tingir-se de vermelho. — Isso é verdade. A morte é maravilhosa para a música. Faz os cantores parecerem fantasmas.

Linus pensou que era provavelmente uma boa altura para mudar de assunto para algo menos mórbido.

— Gosto do teu quarto.

Lucy olhou em redor e a luz desapareceu dos seus olhos.

— É excelente. Gosto de ter o meu próprio quarto. O Arthur diz que é importante termos independência. — Deitou uma olhadela a Linus antes de desviar o olhar e Linus poderia jurar que ele parecia quase *nervoso*. — Desde que ele não vá para muito longe. — Os seus olhos arregalaram-se. — Mas eu não sou um bebé! Fico muito bem sozinho! Na verdade, estou sempre sozinho!

Linus arqueou uma sobrancelha.

— *Sempre?* Ah, não. Não, não, não. Isso não pode ser. Vou precisar de falar com o Sr. Parnassus, se for esse o caso. Uma criança da tua idade nunca deve estar *sempre* sozinha...

— Eu não quis dizer *isso* — exclamou Lucy. — O que quis dizer é que *nunca* estou sozinho! Nunca! Onde quer que eu vá, ele está lá! É como uma sombra. É tão irritante.

— Bem, se tu o dizes.

Lucy assentiu furiosamente.

— Digo, sim. Foi *exatamente* isso que eu disse. Portanto, não precisa de falar com o Arthur sobre isso ou pô-lo nos relatórios e dizer coisas más sobre mim. — O sorriso dele era positivamente angelical. — Juro que sou uma boa pessoa. — O sorriso desapareceu. — E o senhor não precisa de se preocupar em espreitar para debaixo da minha cama. E, se espreitar, o esqueleto do pássaro não é meu e não sei quem o pôs lá, mas essa pessoa devia ser castigada porque isso é errado. — Sorriu novamente.

Linus ficou a olhar para ele.

— Pronto! — disse ele, dando um passo em frente e agarrando a mão de Linus. — Já está! É o meu quarto! Não precisa de ver mais nada! — Puxou Linus em direção à porta e escancarou-a. — Arthur! Ele viu o meu quarto e disse que tudo parecia bem e que não há

nada de mau nele e que eu sou uma boa pessoa. E gosta da mesma música que eu! *Música de pessoas mortas*.

O Sr. Parnassus ergueu os olhos do livro no seu colo.

— Isso é verdade? Música de pessoas mortas?

Lucy ergueu a cabeça para olhar para Linus, ainda a segurar na sua mão com força.

— Nós gostamos de coisas mortas, não é, Sr. Baker?

Linus gaguejou.

Lucy largou-o e atirou-se para o chão aos pés do Sr. Parnassus, onde estava quando Linus chegara. Cruzou as mãos sobre o estômago e olhou para o teto.

— O meu cérebro está cheio de aranhas a enterrar os seus ovos na massa cinzenta. Em breve vão chocar e consumir-me.

Linus não fazia ideia de como interpretar aquilo.

Felizmente, parecia que o Sr. Parnassus sabia. Fechou o livro que tinha no colo e pousou-o na mesinha ao lado das cadeiras. Tocou com um dos seus sapatos contra o ombro de Lucy.

— Muito descritivo. Daqui a pouco discutimos isso em maior detalhe, mas primeiro o Sr. Baker gostaria de observar. Pode ser?

Lucy deitou uma olhadela a Linus antes de olhar para o teto.

— Tudo bem. Ele gosta de coisas mortas quase tanto como eu.

Aquilo não era nem sequer remotamente verdade.

— De facto — disse o Sr. Parnassus, gesticulando para Linus se sentar na cadeira vazia. — Que fortuito. Onde é que estávamos antes do Sr. Baker chegar?

Linus sentou-se. Tirou o seu bloco de notas e o lápis. Não sabia por que razão os seus dedos estavam a tremer.

— Imperativo Categórico — disse Lucy. — Kant.

— Ah, isso mesmo — disse o Sr. Parnassus. — Obrigado por me recordares. — Linus teve a sensação de que ele não precisava de ser recordado. — E o que disse Kant sobre o Imperativo Categórico?

Lucy suspirou.

— Que é o princípio supremo da moralidade. É um objetivo, um princípio racionalmente necessário e incondicional, que devemos seguir sempre, apesar de quaisquer desejos naturais ou inclinações em contrário.

— E Kant tinha razão?

— Que ser imoral é ser irracional?

— Sim.

Lucy franziu o rosto.

— Não?

— E porque não?

— Porque as pessoas não são em preto e branco. Não importa o quanto nos esforcemos, não conseguimos permanecer num caminho sem desvios e isso não significa que sejamos más pessoas.

O Sr. Parnassus assentiu.

— Mesmo se tivermos aranhas no cérebro?

Lucy encolheu os ombros.

— Talvez. Mas Kant estava a falar de pessoas normais. Eu não sou normal.

— E porquê?

Ele tamborilou no estômago.

— Por causa de onde vim.

— E de onde é que vieste?

— De uma vagina depois de ter sido penetrada por um pénis.

— Lucy — advertiu o Sr. Parnassus, enquanto Linus se engasgava.

Lucy revirou os olhos e remexeu-se como se estivesse desconfortável.

— Vim de um sítio onde as coisas não eram tão boas.

— Estão melhores agora?

— Em geral.

— E porque achas que é assim?

Lucy franziu os olhos para Linus antes de virar a cabeça para o Sr. Parnassus.

— Porque tenho o meu próprio quarto aqui e os meus discos e o senhor e os outros, embora Theodore não me deixe ver o seu tesouro.

— E as aranhas?

— Ainda lá estão.

— Mas?

— Mas posso ter aranhas na cabeça, desde que não as deixe consumir-me e depois destruir o mundo tal como o conhecemos.

Linus mal conseguia respirar.

O Sr. Parnassus não parecia ter esse problema. Estava a sorrir.

— Exatamente. Errar é ser humano, irracional ou não. E embora alguns erros sejam maiores do que outros, se aprendermos com eles tornamo-nos pessoas melhores. Mesmo que tenhamos aranhas nos nossos cérebros.

— Sou ímpio.

— É o que algumas pessoas dizem.

O rosto de Lucy enrugou-se como se estivesse a pensar intensamente.

— Arthur?

— Sim?

— Sabia que o seu nome é uma montanha?

O Sr. Parnassus pestanejou, como se tivesse sido apanhado de surpresa.

— Sabia. Como é que sabias disso?

Lucy encolheu os ombros.

— Sei muitas coisas, mas nem sempre sei como as sei. Isso faz sentido?

— Mais ou menos.

— O Monte Parnaso era sagrado para Apolo.

— Eu sei.

— E o senhor conhece Linus de Trácia?

O Sr. Parnassus mexeu-se na cadeira.

— Acho que... não.

— Oh! Bem, Apolo matou Linus com as suas flechas por causa de um concurso musical. O senhor vai matar o Sr. Baker? — Lucy virou a cabeça lentamente para olhar para Linus. — Se fizer isso, pode usar flechas? Não quero que ele também não tenha buracos⁶.

E desatou às gargalhadas.

O Sr. Parnassus suspirou enquanto Linus sentia um aperto no peito.

— Contaste essa história toda só para poderes fazer uma piada?

— Sim — disse Lucy, enxugando os olhos. — Porque o senhor disse-me uma vez que se não pudermos rir de nós mesmos, estamos a fazer alguma coisa mal. — Franziu a testa. — Estou a fazer alguma coisa mal? Ninguém parece estar a rir.

— O humor é subjetivo, infelizmente — disse o Sr. Parnassus.

— Isso é lamentável — disse Lucy, olhando para o teto. — A humanidade é tão estranha. Se não estamos a rir, estamos a chorar, ou a fugir para salvar as nossas vidas porque há monstros a tentar comer-nos. E nem sequer precisam de ser monstros *verdadeiros*. Podem ser aqueles que inventamos nas nossas cabeças. Não acha isso estranho?

— Suponho que sim, mas prefiro ser assim do que a alternativa.

— Qual é?

— Não sentir absolutamente nada.

Linus desviou o olhar.

Lucy ficou encantado quando o Sr. Parnassus terminou a sessão cedo, às seis e quinze. Disseram-lhe que podia ir à cozinha para ver se a Sra. Chapelwhite precisava de ajuda. Ele pôs-se de pé de um salto e rodopiou num pequeno círculo enquanto batia com os pés

antes de se dirigir para a porta, gritando por cima do ombro que esperava que Linus tivesse achado o tempo que tinham passado juntos esclarecedor.

Linus não tinha a certeza se *esclarecedor* era a palavra certa.

Ficaram sentados em silêncio enquanto Lucy descia as escadas, fazendo demasiado barulho para um rapazinho do seu tamanho. Parecia fazer ricochete em todas as superfícies que encontrava a caminho do rés do chão.

Linus sabia que o Sr. Parnassus estava à sua espera e aproveitou a oportunidade para organizar os seus pensamentos o melhor que pôde. O seu bloco de notas estava dolorosamente em branco. Tinha-se esquecido de anotar uma única observação. Aquilo não era bom para alguém na sua posição, mas achava que lhe era devida alguma folga depois de tudo o que tinha visto e ouvido desde que chegara à ilha.

— Ele não é o que eu esperava — disse finalmente Linus, fitando o nada.

— Não?

Ele abanou a cabeça.

— Há... conotações por trás do nome, Anticristo. — Olhou de modo pesaroso para o Sr. Parnassus. — Para ser sincero.

— Há? — perguntou o Sr. Parnassus secamente. — Não tinha reparado.

— Não me arrependo disso.

— E eu não espero que se arrependa. — O Sr. Parnassus olhou para as suas mãos. — Posso contar-lhe um segredo?

Aquilo sobressaltou Linus. Deduzira que o diretor de Marsyas não divulgava os seus segredos com frequência. Era irritante, mas compreensível.

— Sim? Claro.

— Eu também me preocupei, quando soube que ele ia ser enviado para a ilha.

Linus olhou para ele.

— *Preocupou-se?*

O Sr. Parnassus arqueou uma sobrancelha. Linus descobriu que precisava de se lembrar de que, de acordo com o seu dossiê, este homem era cinco anos mais velho do que ele. Parecia estranhamente jovem. Linus não sabia porquê, mas endireitou-se um pouco mais e, se estava a encolher um pouco o estômago, isso não interessava a ninguém a não ser a ele mesmo.

— Porque é que parece tão ofendido?

— Eu *preocupo-me* quando o autocarro está atrasado. *Preocupo-me* quando não ouço o despertador. *Preocupo-me* quando vou ao supermercado aos fins de semana e os abacates são tão caros. Isso são preocupações, Sr. Parnassus.

— Essas são mundanas — corrigiu gentilmente. — Os problemas de uma vida normal. E não há nada de mal nisso. Digo preocupado porque é a melhor maneira que conheço de exprimir os meus sentimentos. Fiquei preocupado porque ele estava sozinho, mas sinto-me assim com todas estas crianças. Preocupava-me relativamente a como é que ele se iria ajustar aos outros que já cá estavam e preocupava-me por poder não ser capaz de lhe dar o que ele precisava.

— E por ele ser o que é? — perguntou Linus. — Preocupou-se com isso também? Parece-me que isso deveria estar antes de todas as suas *preocupações*.

Ele encolheu os ombros.

— Claro, mas não pesou mais do que qualquer outra coisa. Eu compreendi a gravidade da situação, Sr. Baker, mas não podia deixar que isso se tornasse o foco. Isso é tudo o que ele conhece; pessoas a preocupar-se com o que ele é e do que é capaz, porque a sua preocupação é apenas uma capa fina para o medo e a repulsa. E as crianças são muito mais observadoras do que

pensamos. Se ele visse em mim a mesma coisa que em todos os outros, que esperança haveria?

— Esperança? — disse Linus estupidamente.

— Esperança — repetiu o Sr. Parnassus. — Porque é isso que temos de lhe dar, o que temos de dar a todos eles. Esperança e orientação e um lugar a que possam chamar seu, um lar onde podem ser quem são sem medo de repercussões.

— Perdoe-me, mas acho que equiparar Lucy aos outros é um pouco limitado. Ele *não* é como mais ninguém.

— Nem Talia — retorquiu o Sr. Parnassus. — Ou Theodore, ou Phee, ou Sal ou Chauncey. Eles estão aqui porque *não* são como os outros, mas isso não significa que é assim que tem de continuar a ser.

— Isso parece ingenuidade.

— Estou *frustrado* — disse o Sr. Parnassus. — Estas crianças são confrontadas apenas com as noções preconcebidas sobre quem são e crescem até ser adultos que só conhecem isso. Foi o Linus que o disse: Lucy não é quem esperava que fosse, o que significa que já tinha decidido na sua cabeça o que ele era. Como é que podemos combater o preconceito se não fizermos nada para o mudar? Se permitirmos que as coisas apodreçam, de que vale o esforço?

— E, no entanto, está sempre aqui na ilha — disse Linus defensivamente. — Não sai e não deixa que *e/les* saiam.

— Estou a protegê-los de um mundo que não compreende. Um dia de cada vez, Sr. Baker. Se eu puder inculcar confiança neles, um sentimento de identidade, então, com sorte, isso dar-lhes-á as ferramentas de que precisam para enfrentar o mundo real, especialmente porque será muito difícil para eles. Não ajuda quando o DRPJM envia alguém como você para interferir.

— Alguém como eu? — perguntou Linus. — O que é que *isso* quer...

O Sr. Parnassus suspirou com força.

— Peço desculpas, fui injusto. Sei que está apenas a fazer o seu trabalho. — O seu sorriso era frágil. — Independentemente do seu empregador, acho que é capaz de ver além de um dossiê ou de uma nomenclatura específica.

Linus não tinha a certeza se havia sido insultado ou elogiado.

— Houve outros? Antes de mim? Assistentes sociais.

O Sr. Parnassus acenou lentamente com a cabeça.

— Uma vez. Eu só tinha a Talia e a Phee na altura, embora a Zoe — a Sra. Chapelwhite — já tivesse oferecido a sua ajuda. Havia rumores sobre os outros, mas nada de concreto. No entanto, fiz desta casa um lar para os que tinha e em preparação para o caso de virem mais. O seu antecessor, ele... mudou. Era encantador e eu pensei que ele ia ficar, mas depois mudou.

Linus ouviu todas as coisas que não estavam a ser ditas. Percebia agora por que razão a Sra. Chapelwhite se tinha rido dele quando lhe perguntara desajeitadamente se ela e o Sr. Parnassus estavam envolvidos. E, embora não tivesse absolutamente nada que ver com isso, perguntou:

— O que é que lhe aconteceu?

— Foi promovido — disse o Sr. Parnassus calmamente. — Primeiro a Supervisor e depois, pelo que ouvi, para a Direção Extremamente Superior. Tal como sempre quis. Aprendi uma lição muito difícil na altura: às vezes os desejos não devem ser ditos em voz alta, pois não se tornarão realidade.

Linus pestanejou. Com certeza que ele não se referia...

— Não o homem com a papada.

Sr. Parnassus riu-se.

— Não.

— Ou o homem dos óculos.

— Não, Sr. Baker. Não é o homem dos óculos.

Aquilo deixava o homem bonito de cabelos ondulados. O Sr. Werner. Aquele que tinha dito a Linus que havia *preocupações* relativamente às capacidades de Arthur Parnassus. Linus estava escandalizado, embora não pudesse ter a certeza do porquê.

— Mas ele é tão... *tão*...

— Tão? — perguntou o Sr. Parnassus.

Linus agarrou-se à única coisa em que conseguia pensar.

— Ele serve presunto seco nas festas de Natal! É *horrível*.

O Sr. Parnassus olhou para ele por um instante antes de desatar à gargalhada. Linus ficou surpreendido por o som ser tão caloroso e crepitante, como ondas a quebrar-se sobre rochas lisas.

— Oh, meu caro Sr. Baker. Estou realmente maravilhado consigo.

Linus sentiu-se estranhamente orgulhoso.

— Eu tento.

— Pois tenta — disse Arthur Parnassus, limpando os olhos.

Ficaram novamente em silêncio e foi o mais confortável que Linus se sentira desde que chegara à ilha. Não se atreveu a examinar muito a sensação, com receio de que isso lhe mostrasse coisas que não estava pronto para ver, mas sabia que estava lá. No entanto, tal como todas as coisas, era temporário. O seu tempo aqui, bem como o seu tempo neste mundo, era finito. Não adiantava pensar de outra forma.

Então, sem sequer pensar, disse:

— Kant, Arthur? A sério? Entre tantas coisas.

Os olhos do Sr. Parnassus brilharam à luz do Sol que se punha.

— Ele tinha as suas falácias.

— Oh, isso é um eufemismo e já ouvi muitos. Schopenhauer disse...

— *Schopenhauer*? Retiro todas as coisas boas que já disse sobre si, Linus. Está banido da ilha. Parta imediatamente.

— Ele tinha algumas críticas muito incisivas! E só o fez para validar ainda mais o trabalho de Kant!

O Sr. Parnassus zombou:

— Validação não era algo que Kant...

— Meu caro, é aí que está completamente errado.

E assim continuaram.

Referência à letra da canção *Searchin'* (*N. da T.*).

Lucy fez aqui um trocadilho com a palavra «unholy», que significa «ímpio», e «un-holey», que significa «sem buracos» (*N. da T.*).

DEZ

O *ferry* estava à espera nas docas quando a Sra. Chapelwhite parou o carro. Linus podia ver Merle a mover-se no convés. Este acenou para eles irritado, com uma carranca no rosto.

— É um sujeito bastante impaciente, não é? — disse Linus pensativamente, enquanto a rampa do *ferry* descia.

— Não faz ideia — murmurou a Sra. Chapelwhite. — O homem age como se tivesse muito que fazer noutro lado. O Sr. Parnassus é o único que lhe paga pelo uso daquele velho barco frágil e ele sabe disso. Nem sequer precisamos de o usar, mas fazemo-lo para manter a paz.

— Como é que vocês... Sabe uma coisa? Não quero saber. Vamos?

— Se tem mesmo de ser — suspirou ela.

— Receio que sim — disse Linus sabiamente.

Ela deitou-lhe uma olhadela enquanto punha o carro em movimento e avançava lentamente. Ele achou que ela lhe ia dizer alguma coisa, mas tal não aconteceu. Perguntou-se se estaria a projetar.

O *ferry* inclinou-se um pouco quando o carro embarcou e, embora Linus se sentisse enjoado, não era como quando chegara há uma semana. Aquilo fê-lo pensar. Tinha realmente sido há apenas uma semana? Chegara num sábado e... sim. Fora há exatamente uma semana. Não sabia por que razão isso o surpreendia. Ainda estava com saudades de casa, mas era uma dor surda na boca do estômago.

Não era provavelmente um bom sinal.

A Sra. Chapelwhite desligou o carro quando a rampa se ergueu novamente atrás deles. Uma buzina soou algures mais acima e partiram. Linus pôs a mão para fora do carro, deixando a brisa do mar soprar-lhe por entre os dedos.

Estavam a bordo há apenas alguns minutos quando Merle apareceu.

— Tem o meu dinheiro? — exigiu. — E, lembre-se, o preço duplicou.

A Sra. Chapelwhite fez um som de desdém.

— Sim, seu velho vadio. — Ela inclinou-se para alcançar o portaluvas.

Linus entrou em pânico.

— Quem está a pilotar o *ferry*?

Merle franziu a testa, fitando-o.

— Estas coisas conseguem andar sozinhas. Computadores, sabe?

— Oh — disse Linus sem pensar. — Então, para que é que você serve?

Merle encarou-o furioso.

— O que é que disse?

— Aqui tem o dinheiro — disse a Sra. Chapelwhite docemente, enfiando um envelope nas mãos dele. — E o Sr. Parnassus pediu para lhe transmitir uma mensagem. Ele espera que o preço não duplique novamente no futuro mais próximo.

A mão de Merle tremia quando arrancou o envelope da mão dela.

— Aposto que sim. Receio que seja o preço de fazermos negócios. É uma economia difícil.

— É? Não tinha reparado.

O sorriso de Merle era cruel.

— Claro que não. A sua espécie acha que é melhor do que todos nós...

— Seria melhor se ficasse calado — aconselhou Linus. — E tome cuidado para não gastar o dinheiro em bebida. Detestava pensar em

como iria sobreviver nesta *economia difícil* se o fizesse.

Merle fitou-o furioso antes de girar nos calcanhares e voltar para a casa do leme.

— Canalha — murmurou Linus. Olhou para a Sra. Chapelwhite e viu que ela o fitava. — O que foi?

Ela abanou a cabeça.

— Você... não interessa.

— Diga lá, Sra. Chapelwhite.

— Chame-me Zoe, está bem? Essa cena da Sra. Chapelwhite já está a cansar.

— Zoe — disse Linus lentamente. — Suponho que... pode ser.

— E eu chamar-lhe-ei Linus.

— Não sei porque é que isso é tão importante — resmungou ele, mas não lhe disse que não.

Ela deixou-o em frente dos correios, apontando para a fachada da mercearia alguns quarteirões mais adiante.

— Vá ter ali quando terminar. Vou tentar despachar-me. Quero voltar para a ilha para não nos atrasarmos.

— Para quê? — perguntou com uma mão na maçaneta da porta e um envelope grande e plano na outra.

— É o segundo sábado do mês — disse-lhe, sorrindo.

— E?

— Fazemos uma aventura com as crianças. É uma tradição.

Linus não gostou do que aquilo implicava.

— Que tipo de aventura?

Ela olhou-o de cima a baixo.

— Preciso de comprar algumas coisas para si. O que tem vestido simplesmente não serve e presumo que seja tudo o que trouxe. Qual é o tamanho da sua cintura?

Ele empertigou-se.

— Acho que isso não é da sua conta!

Ela empurrou-o para fora do carro.

— Eu faço uma ideia, não se preocupe. Até já na mercearia!

Os pneus guincharam quando ela arrancou e as pessoas no passeio ficaram a olhar para ele à medida que o fumo da borracha queimada subia no ar. Ele tossiu, acenando com a mão diante do rosto.

— Como estão? — perguntou a um casal que caminhava de braço dado. Eles empinaram o nariz em resposta e atravessaram rapidamente a rua.

Olhou para si mesmo. Usava calças, uma camisa formal e gravata, o seu traje habitual. Não tinha a certeza se queria saber o que a Sra. Chapelwhite — Zoe — tinha em mente. Não importava. Dir-lhe-ia isso quando a encontrasse mais tarde.

Tal como o resto da vila, o interior dos correios era claro e ensolarado. Fora pintado em tons pastéis claros, com linhas de conchas grandes ao longo das paredes. Havia um quadro de avisos com um panfleto familiar: VEJA ALGUMA COISA, DIGA ALGUMA COISA. O REGISTO AJUDA TODOS!

Um homem estava atrás do balcão a observá-lo com cautela. Os seus olhos eram pequenos e ele tinha pelos grossos e encrespados a sair das orelhas e a pele envelhecida e bronzeada.

— Quer ajuda?

— Acho que sim — disse Linus, aproximando-se do balcão. — Preciso de enviar isto para o Departamento Responsável pela Juventude Mágica. — Ele entregou o envelope que continha o seu primeiro relatório semanal. Era extenso, provavelmente mais do que o necessário, mas ele não tinha feito muitas revisões às vinte e sete páginas manuscritas.

— O DRPJM, não é? — perguntou o homem, olhando para o envelope com um interesse mal disfarçado que deixou Linus

nervoso. — Ouvi dizer que estava cá um representante. Já era tempo, se quer saber.

— Não quero — disse Linus rigidamente.

O homem ignorou-o. Colocou o envelope numa balança antes de olhar para Linus.

— Espero que faça o que é correto.

Linus franziu a testa.

— E isso seria o quê?

— Fechar aquele lugar. É uma ameaça.

— Como assim? — Sentiu-se orgulhoso por conseguir manter a voz calma.

O homem inclinou-se para a frente e baixou a voz. O seu hálito tinha um cheiro enjoativo a rebuçados de sabugueiro.

— Há rumores, sabe?

Linus lutou para não estremecer.

— Não, não sei. Que rumores?

— Coisas sinistras — disse o homem. — Coisas *más*. Aquelas não são crianças. São *monstros* que fazem coisas monstruosas. As pessoas vão para aquela ilha e nunca mais voltam.

— Que pessoas?

O homem encolheu os ombros.

— Você sabe, pessoas. Vão até lá e nunca mais se ouve falar delas. Aquele Parnassus também. Nunca vi sujeito mais esquisito. Deus sabe o que ele os põe a fazer lá sozinhos. — Fez uma pausa e depois acrescentou: — Até já vi alguns deles.

— As crianças?

Ele fez um som de desdém.

— Sim, se é que lhes pode chamar assim.

Linus inclinou a cabeça.

— Parece que os observou com atenção.

— Ah, sim — disse o homem. — Eles já não vêm cá, mas quando vinham pode apostar que os observava.

— Interessante — disse Linus. — Tenho a certeza de que posso alterar o meu relatório para informar o DRPJM de que um homem da sua idade demonstrou um interesse doentio por crianças órfãs. Pode ser? Especialmente quando eles lhe pagam para estar calado, coisa que não me parece que consiga fazer.

O homem deu um passo atrás, arregalando os olhos.

— Não foi isso que eu...

— Não estou aqui para saber a sua opinião, senhor. Estou aqui para enviar aquele envelope e isso é tudo o que lhe exijo.

Os olhos do homem semicerraram-se.

— Três e vinte e cinco.

— Vou precisar de um recibo — disse Linus enquanto pagava. — Para ser reembolsado. Afinal, o dinheiro não cresce nas árvores.

O homem pousou o recibo no balcão com uma pancada. Linus assinou-o, pegou na sua cópia e virou-se para sair quando ouviu: — O seu nome é Linus Baker?

Ele olhou para trás.

— Sim.

— Tenho uma mensagem para si.

— Se for algo parecido com a mensagem que acabou de transmitir, não preciso dela.

O homem abanou a cabeça.

— Tolice. Não é minha, embora lhe fizesse bem ouvir para não ser o próximo a desaparecer. É tudo oficial, do DRPJM.

Não estava à espera de nada, pelo menos não tão cedo. Esperou enquanto o homem vasculhava num caixote ao seu lado antes de encontrar um pequeno envelope e entregá-lo. Era do DRPJM, tal como o homem tinha dito. Com selo oficial e tudo.

Estava prestes a rasgar o envelope quando sentiu os olhos do homem novamente em cima de si. Um pensamento atingiu-o.

— Diga-me uma coisa, não saberia nada sobre a construção de jangadas, pois não?

O homem pareceu confuso.

— Construção de jangadas, Sr. Baker?

Linus forçou um sorriso.

— Esqueça que eu perguntei. — Virou-se e saiu dos correios.

Assim que chegou à rua, abriu o envelope. Dentro havia uma única folha de papel.

Desdobrou-a.

A folha dizia:

DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL PELA JUVENTUDE MÁGICA
MEMORANDO DA DIREÇÃO EXTREMAMENTE SUPERIOR

Sr. Baker:

Aguardamos com expectativa os seus relatórios. Como lembrete, esperamos que não deixe nada de fora.

Nada.

Atentamente,



CHARLES WERNER
DIREÇÃO EXTREMAMENTE SUPERIOR

Linus ficou a olhar para o papel durante algum tempo.

Encontrou Zoe na mercearia, exatamente onde ela dissera que estaria. Tinha um carrinho cheio à sua frente e parecia estar a discutir com o homem do talho por causa de um grande pedaço de carne.

— Está tudo bem? — perguntou, posicionando-se ao lado dela.

— Está — murmurou Zoe, olhando irritada para o homem do talho.
— Estamos a regatear.

— Nada de regatear — disse o homem do talho com um forte sotaque que Linus não conseguiu identificar. — Nada de regatear.

Todos preços sobem!

Os olhos de Zoe semicerraram-se.

— Para toda a gente?

— Sim! — insistiu o homem do talho. — Para toda a gente!

— Não acredito em si.

— Fico com carne, então.

Zoe estendeu a mão e tirou-a da bancada.

— Não, está bem. Mas vou-me lembrar disto, Marcel. Não pense que não vou.

Ele encolheu-se, mas não disse mais nada.

Ela colocou a carne no carrinho e começou a empurrá-lo. Linus seguiu-a.

— O que foi aquilo?

Ela ofereceu-lhe um sorriso tenso.

— Nada com que eu não conseguisse lidar. Enviou o seu relatório?

— Enviei.

— E suponho que não me vai dizer o que estava lá escrito.

Fitou-a boquiaberto.

— *Claro* que não! É uma comunicação privilegiada destinada a...

Ela fez um aceno displicente com a mão.

— Valia a pena tentar.

— ... e, *além disso*, conforme descrito nas *REGRAS E REGULAMENTOS*, página 519, parágrafo doze, alínea...

Ela suspirou.

— Só me posso culpar a mim mesma.

Pensou em contar a Zoe (era estranho, chamá-la pelo primeiro nome; muito pouco habitual) o que o homem dos correios lhe tinha dito, mas não o fez. Não tinha a certeza porquê. Talvez fosse porque achava que não era nada que ela já não tivesse ouvido antes. Além disso, conforme disse a si mesmo, o Sol brilhava e estava um dia tão lindo. Não havia necessidade de o estragar com as palavras de um tipo intolerante.

Mas o dia ficou estragado quase imediatamente após regressarem à ilha.

A sério. Já devia estar à espera.

Merle não dissera muito além de resmungar que tinham demorado mais do que o esperado, mas eles ignoraram-no. Enquanto eram transportados de volta para a ilha, Linus observou uma gaivota que os seguia no alto e lembrou-se do seu tapete do rato no DRPJM com a foto da praia que perguntava se ele gostaria de estar ali.

Gostaria. *Estava* ali.

E esse era um pensamento perigoso porque isto não eram férias, uma viagem bem merecida depois de todo o seu trabalho árduo. Ele *ainda* estava a trabalhar e, independentemente de onde estivesse, não o podia esquecer. Já tinha ido muito mais além do que aquilo a que estava habituado — esta coisa de *Zoe* e *Arthur* não era nada profissional —, mas seria apenas por mais três semanas. A sua casa esperava-o, assim como os seus girassóis. *Calliope* de certeza que queria ir para casa, não importava quantas vezes a encontrasse deitada ao sol, no jardim, sem se mover durante horas. E que *importância* tinha se ela lhe miara pela primeira vez quando ele lhe passara um dedo por entre as orelhas, fazendo-o questionar se estaria prestes a ficar sem a mão? Não significava nada.

Linus tinha uma vida.

Uma vida que, infelizmente, parecia empenhada em fazer esticar os limites da sua sanidade.

Pôs-se diante do espelho no quarto da casa de hóspedes e olhou para o seu reflexo.

— Oh, céus.

Zoe tinha-lhe enfiado um saco na mão, dizendo que lhe tinha comprado uma roupa para a aventura daquela tarde. Depois, ignorara os seus protestos, enquanto tirava cada saco de compras da parte de trás do carro como se estes não pesassem nada, deixando-o parado no caminho de acesso.

Planeara deixar o saco intacto na casa de hóspedes.

Se fingisse que não estava ali, não precisaria de espreitar para o seu interior.

Para se distrair, guardara as roupas que tinham sido limpas e estendidas na sua cama. Havia uma nota colocada em cima delas que dizia: *O seu serviço de lavanderia semanal está terminado! Obrigado por se hospedar na Ilha Marsyas! O seu carregador, Chauncey.* O facto de Chauncey parecer ter lavado todas as suas roupas, incluindo a roupa interior, era algo que ele não podia, de modo nenhum, aceitar. Linus teria de falar com ele sobre limites e ele iria pedir uma gorjeta, sem dúvida.

Foi enquanto arrumava as gravatas que percebeu que se tinham passado apenas três minutos e que *ainda* estava a pensar no saco.

— Vou só espreitar — murmurou para si mesmo.

Espreitou.

— Mas que raio? — exclamou para ninguém em particular. — De modo nenhum. Isto é extremamente inapropriado. Nem pensar. Quem é que ela pensa que é? Fadas. Inúteis, todas elas.

Fechou o saco e atirou-o para um canto.

Sentou-se na beira da cama. Talvez pudesse pegar na sua cópia das *REGRAS E REGULAMENTOS* para se atualizar. Precisava disso, obviamente. Estava a ficar demasiado... *à vontade* com as pessoas ali. Um assistente social precisava de manter um certo grau de separação. Era o que lhes permitia ser objetivos e não deixar que as suas opiniões fossem manchadas ou influenciadas, o que podia acontecer em detrimento de uma criança. Tinha de ser profissional.

Levantou-se com a intenção de fazer exatamente isso. Talvez se pudesse sentar na varanda ao sol enquanto lia. Parecia perfeito.

Ficou surpreendido quando, em vez de pegar no pesado tomo, pegou novamente no saco. Abriu-o e olhou lá para dentro. O conteúdo não tinha mudado.

— Provavelmente, nem sequer me serve — murmurou para si mesmo. — Ela não pode simplesmente olhar para mim e descobrir o meu tamanho. Nem sequer devia olhar para mim dessa maneira. É má-educação.

E tendo dito *isso*, é claro que sentiu a necessidade de provar que ela estava errada. Dessa forma, quando voltasse a ver Zoe (mais tarde e, certamente, não depois de participar em algum tipo de aventura frívola), poderia dizer-lhe que era melhor evitar uma carreira como estilista pessoal, já que era muito má nisso.

Sim, era o que ia fazer.

Vestiu a roupa.

Esta serviu perfeitamente.

Resmungou enquanto se olhava ao espelho.

Parecia que estava equipado para um safári nas matas do Serengeti ou para explorar as selvas do Brasil. Vestia um conjunto de calções bege e uma camisa com colarinho da mesma cor. Os botões da parte superior da camisa tinham sido retirados (quase como se tivessem sido *arrancados*), portanto esta ficava aberta na garganta, revelando uma pele lisa e pálida. Na verdade, ele mostrava mais pele do que se conseguia lembrar e as suas pernas estavam brancas como um fantasma. Para piorar as coisas, havia meias castanhas que subiam até meio da canela e botas resistentes que lhe assentavam de modo desconfortável, como se nunca tivessem sido usadas.

Mas o mais horrível de tudo era o chapéu em estilo capacete que completava a roupa. Parecia estranho na sua cabeça.

Portanto, ali estava ele, a olhar para o seu reflexo, imaginando por que razão não se parecia com um explorador das histórias de aventura que lera em criança (a mãe odiava-as, portanto, elas tinham de ficar escondidas debaixo da cama, para ser lidas noite dentro debaixo do edredão à luz de uma lanterna) e sim mais com um ovo castanho com pernas e braços.

— Não — disse, abanando a cabeça. — De modo nenhum. Não vou, não vou mesmo. Isto é ridículo. Tudo isto é...

Ouviu-se uma pancada na porta da frente.

Franziu o sobrolho enquanto desviava o olhar do espelho.

As pancadas soaram novamente.

Suspirou. Não tinha mesmo sorte.

Foi até à porta, respirou fundo e abriu-a.

Ali, juntas na varanda, estavam cinco crianças, todas vestidas com roupas de explorador semelhantes. Até Theodore usava uma espécie de colete bege que tinha sido feito sob medida para deixar espaço para as asas. Ele ergueu a cabeça e gorjeou alto para Linus antes de rodopiar animadamente em círculo.

— Uau — sussurrou Talia, olhando-o de cima a baixo. — O senhor é redondo. Como eu!

Phee inclinou-se para lhe inspecionar criticamente as rótulas com as asas a estremecer atrás de si.

— Porque é que é tão pálido? Não vai à rua? Nunca? O senhor é quase tão transparente como o Chauncey.

Os olhos de Chauncey baloiçavam na ponta das suas hastes.

— Olá! Espero que tenha achado as suas roupas corretamente lavadas. Se notar algum artigo em falta é porque o perdi sem querer e lamento imenso. Por favor, considere classificar o meu serviço como um dez, mesmo assim. — Ele estendeu um tentáculo.

Linus arqueou uma sobrancelha.

Chauncey suspirou enquanto puxava o tentáculo para trás.

— Oh, meu.

Lucy sorriu para Linus através de um bigode falso demasiado grande para o seu rosto. Também ele usava uma roupa de explorador, embora a sua fosse vermelha e tivesse um olho tapado por razões que Linus não queria saber.

— Olá, Sr. Baker. Eu sou o líder desta expedição para encontrarmos o tesouro da fada da ilha. Ainda bem que decidiu

juntar-se a nós! Muito provavelmente terá uma morte horrível às mãos e à boca de canibais, que o irão assar vivo num espeto e depois chupar o molho da sua pele estalada. Se tiver sorte, a fascite necrotizante irá apanhá-lo primeiro através da picada terrível de um inseto e o seu corpo apodrecerá até não haver mais nada além de uma pilha de ossos e pus sangrento. Vai ser *maravilhoso*.

Linus ficou boquiaberto a olhar para ele.

— Crianças — disse outra voz. — Deem algum espaço ao Sr. Baker, pode ser?

Linus ergueu os olhos e viu Arthur parado diante da casa de hóspedes, com Sal a espreitar nervosamente por trás dele. Sal estava vestido da mesma forma que as outras crianças e parecia estar a tentar esconder o seu corpo atrás de Arthur quando viu Linus a olhar para ele. Não teve sucesso, é claro, dado o seu tamanho e o facto de Arthur ser tão magro como um espeto.

Linus sentiu a garganta fechar-se um pouco ao ver a figura arrojada que Arthur apresentava com aquela roupa. Em vez de bege, como os outros, as suas calças e camisa eram pretas com uma faixa vermelha no peito. Transportava o que parecia ser um facalhão numa bainha à sua cintura e tinha um bigode como o de Lucy, embora parecesse muito menos ridículo nele. O bigode estremeceu um pouco quando Arthur lhe sorriu. Linus corou e desviou o olhar. Sentiu-se de repente muito quente. Um ovo redondo e quente com membros pálidos.

Nunca se importara muito com a sua aparência antes, nada mesmo, e não precisava de começar agora. Esta era uma visita como qualquer outra que fizera no passado.

Investigação, recordou a si mesmo.

Não uma visita.

Abriu a boca para recusar qualquer convite que tivesse sido feito (e não porque acreditasse realmente que poderia haver canibais, embora com Lucy não pudesse ter a certeza).

Mas, antes que pudesse pronunciar uma única palavra, Lucy saltou da varanda e posou grandiosamente com as mãos nos quadris.

— Que comece a aventura! — gritou ele. Começou a marchar em direção às árvores grossas, levantando bem os joelhos a cada passo que dava.

As outras crianças seguiram-no. Theodore levantou voo, pairando sobre as suas cabeças. Sal olhou rapidamente para Linus e depois correu atrás dos outros.

— Vem, Linus? — perguntou Arthur.

— O seu bigode é ridículo — murmurou Linus enquanto descia da varanda e seguia as crianças.

Fingiu não ouvir o riso suave atrás de si.

— Ora bem — disse Lucy, parando no limite da floresta. Virou-se para o grupo de olhos arregalados. — Como todos sabem, existe uma fada malvada...

— Ei! — exclamou Phee.

— Lucy, não chamamos malvadas às pessoas — recordou Arthur enquanto Theodore se acomodava no seu ombro. — Não é educado.

Lucy revirou os olhos.

— Está bem, retiro o que disse. Há uma fada *assassina*... — Fez uma pausa, como se esperasse alguma objeção. Não houve nenhuma. Até Phee parecia exultante. Linus pensou que a intenção tinha sido totalmente ignorada, mas achou prudente ficar calado. — Uma fada assassina que tem um tesouro escondido nas profundezas da floresta, pronto para o encontrarmos. Não posso prometer a vossa sobrevivência. Na verdade, mesmo que consigam chegar ao tesouro, irei muito provavelmente trair-vos, dar-vos a comer aos jacarés e rir enquanto eles vos trituram os ossos...

— Lucy — disse Arthur novamente.

Lucy suspirou.

— É a minha vez de estar no comando. — Fez beicinho. — O senhor disse que eu podia fazer isto como quisesse.

— E disse — concordou Arthur. — Mas isso não significa traição.

— Mas eu sou secretamente um vilão!

— Talvez todos possamos ser vilões — cantarolou Chauncey.

— Tu não sabes ser mau — disse-lhe Talia. — És demasiado bonzinho.

— Não! Eu consigo ser mau! Vejam! — Os seus olhos giraram descontroladamente até pousarem em Linus. — Sr. Baker! Não vou lavar a sua roupa na próxima semana! Ah, ah, ah! — Depois, numa voz cheia de pânico, sussurrou: — Só estou a brincar. Eu lavo. Por favor, deixe-me fazê-lo. Não me tire isso.

— Quero ser uma vilã — disse Phee. — Especialmente porque estamos a enfrentar uma fada assassina. Caso não saibam, *eu* também sou uma fada e também devia ser assassina.

— Eu sempre quis matar alguém — disse Talia, acariciando a sua barba. — Acham que tenho tempo para voltar e ir buscar a minha pá?

Theodore arreganhou os dentes e assobiou ameaçadoramente.

— Sal? — perguntou Lucy em tom sombrio. — Também queres ser um vilão?

Sal espreitou por cima do ombro de Arthur. Hesitou e depois assentiu.

— Está bem — disse Lucy, erguendo as mãos derrotado. — Seremos *todos* maus. — Sorriu para eles. — E talvez eu ainda vos possa trair sendo secretamente *bom* e... — Fez uma careta, contorcendo o rosto e pondo a língua de fora. — Não, isso soa horrivelmente mal. Argh. Ihh. Blergh.

Linus teve um mau pressentimento.

Lucy liderava o caminho, gritando tão alto que os pássaros grasnavam furiosamente enquanto levantavam voo dos seus

poleiros nas árvores. Perguntou a Arthur se podia usar o seu facalhão para cortar as grossas trepadeiras que pendiam das árvores, coisa que Linus achou particularmente alarmante. Ficou aliviado, contudo, quando Arthur recusou, dizendo que as crianças só deviam mexer nessas coisas quando fossem mais velhas.

Não pareceu ser necessário, no entanto. Sempre que pareciam estar presos, incapazes de avançar devido ao crescimento da floresta, Phee avançava e as suas asas brilhavam intensamente, tremendo, enquanto ela levantava as mãos. Então, as trepadeiras deslizavam pelas árvores como se estivessem vivas, revelando o caminho adiante.

As crianças exclamavam deleitadas, enquanto Phee observava satisfeita. Linus perguntou-se se ela não teria tornado o caminho mais difícil para poder ser chamada. Até Sal sorria quando as trepadeiras se agitavam nas árvores.

Linus aprendeu rapidamente que embora tivesse experimentado mais atividades ao ar livre na última semana do que em todo o ano passado, isso não significava que estivesse em forma. Em pouco tempo, ficou a bufar e a soprar enquanto o suor lhe escorria pela testa. Fechava a retaguarda com Arthur, o qual parecia inclinado a andar devagar, fazendo Linus sentir-se grato.

— Onde vamos? — perguntou Linus ao fim do que lhe pareceram ser horas, embora na verdade tivesse sido menos de uma.

Arthur encolheu os ombros, parecendo não estar nada cansado.

— Não faço a mais pequena ideia. Não é uma maravilha?

— Acho que temos definições muito diferentes do que é maravilhoso. Existe algum tipo de estrutura para este passeio?

Arthur riu-se. Linus sentiu-se desconfortável com o quanto gostava daquele som.

— Eles têm estrutura todos os dias. Pequeno-almoço às oito em ponto e depois aulas. Almoço ao meio-dia e mais aulas. Atividades individuais à tarde e jantar às sete e meia. Dormir às nove. Acredito

que uma quebra na rotina, de vez em quando, faz maravilhas para a alma.

— De acordo com as *REGRAS E REGULAMENTOS*, as crianças não deviam ter...

Arthur passou facilmente por cima de um grande tronco com musgo verde a crescer de lado. Virou-se e estendeu a mão. Linus hesitou antes de a agarrar. Os seus movimentos eram muito menos graciosos, mas Arthur impediu-o de cair, largando-lhe depois a mão enquanto as crianças gritavam um pouco mais à frente.

— Parece-me que vive de acordo com esse livro.

Linus endireitou-se.

— Não vivo *nada*. E mesmo que vivesse, não há nada de errado nisso. Ele fornece a ordem necessária para criarmos crianças felizes e saudáveis.

— Isso é verdade?

Linus pensou que estava a ser ridicularizado, mas não lhe parecia ser com má intenção. Duvidava de que Arthur Parnassus tivesse alguma tendência cruel na sua pessoa.

— O livro existe por uma razão, Arthur. É um sistema que orienta o mundo da juventude mágica. Especialistas de várias áreas deram a sua opinião...

— Especialistas humanos.

Linus parou, apoiando uma mão contra uma árvore enquanto recuperava o fôlego.

— O quê?

Arthur virou o rosto para o dossel da floresta. Um raio de Sol perfurara as folhas e os galhos e iluminava-lhe o rosto. Parecia etéreo.

— Especialistas humanos — repetiu. — Nenhuma pessoa mágica teve algo a dizer na criação daquele tomo. Cada palavra veio da mão e da mente de um ser humano.

Linus hesitou.

— Bem... isso... isso não pode ser verdade. Houve, com certeza, *alguém* na comunidade mágica que forneceu o seu contributo.

Arthur baixou a cabeça para olhar para Linus.

— Em que posição? Nunca nenhum ser mágico esteve numa posição de poder. Não no DRPJM e não em nenhuma função governamental. Não são permitidos. São marginalizados, não importa a idade.

— Mas... há *médicos* que são mágicos. E... advogados! Sim, *advogados*. Ora, eu conheço uma advogada muito agradável que é uma *banshee*. É muito respeitável.

— E que tipo de direito é que ela pratica?

— Ela trabalha com seres mágicos que tentam lutar contra... o seu registo...

— Ah — disse Arthur. — Estou a ver. E os médicos?

Linus sentiu um aperto no estômago.

— Tratam apenas seres mágicos. — Abanou a cabeça, tentando desanuviar os seus pensamentos confusos. — Há uma razão para todas as coisas, Arthur. Os nossos antecessores sabiam que a única maneira de ajudar a assimilar as pessoas mágicas na nossa cultura era estabelecer diretrizes rigorosas para garantir uma transição suave.

A expressão de Arthur tornou-se um pouco mais dura.

— E quem é que disse que precisavam de ser assimilados? Foi-lhes dada alguma escolha?

— Bem... não. Acho que não. Mas é para um bem maior!

— Para quem? O que é que acontece quando crescem, Linus? As coisas não mudam. Ainda continuam a estar registados, ainda serão vigiados. Haverá sempre alguém à espreita, a observar cada movimento que fazem. Não termina porque saem deste sítio. É sempre o mesmo.

Linus suspirou.

— Não estou a tentar discutir consigo sobre isso.

Arthur assentiu.

— Claro que não. Porque, se estivéssemos a discutir, isso significava que estávamos os dois tão agarrados às nossas ideias que não conseguíamos ver o outro lado e eu sei que não sou assim tão teimoso.

— Precisamente — disse Linus, aliviado. E depois: — Ei!

Mas Arthur já estava a andar por entre as árvores.

Linus respirou fundo, enxugou a testa e seguiu-o.

— Remonta a Kant — disse Arthur quando Linus o alcançou.

— Claro que sim — murmurou Linus. — Extremamente ridículo, se quer saber.

Arthur riu-se.

— Se ele tinha ou não razão é algo completamente diferente, mas apresenta certamente uma perspetiva interessante sobre o que é ou não moral.

— A própria definição de imoralidade é maldade — disse Linus.

— É — concordou Arthur. — Mas quem somos nós para decidir o que é o quê?

— Milhões de anos de evolução biológica. Não pusemos a mão no fogo porque ficaríamos queimados, não matamos porque é errado.

Arthur riu-se como se estivesse encantado.

— E, ainda assim, as pessoas continuam a fazer as duas coisas. Uma vez, na minha juventude, conheci uma fénix que adorava a sensação do fogo na sua pele, e as pessoas matam-se umas às outras todos os dias.

— Não pode comparar os dois!

— O Linus já o fez — disse Arthur gentilmente. — O meu raciocínio permanece o mesmo das minhas sessões com Lucy. O mundo gosta de ver as coisas em preto e branco, moral e imoral. Mas há cinzento no meio e só porque uma pessoa é capaz de maldade não significa que vá agir de acordo com isso. E depois há a noção de imoralidade *percebida*. Duvido muito de que Chauncey alguma vez

considerasse tocar com um tentáculo com violência noutra pessoa, mesmo que isso significasse proteger-se, e, ainda assim, as pessoas veem-no e decidem, com base na sua aparência, que ele é algo de monstruoso.

— Isso não é justo — admitiu Linus. — Mesmo que ele se esconda debaixo da minha cama uma em cada três manhãs.

— Isso é porque ainda se está a debater com o que lhe disseram que devia ser em relação a quem realmente é.

— Mas ele tem este lugar — disse Linus, baixando-se para evitar um galho.

Arthur acenou com a cabeça.

— Tem sim, mas nem sempre terá. A ilha não é permanente, Linus. Mesmo que você, na sua infinita sabedoria, decida permitir-nos continuar como estamos, um dia ele partirá para o mundo, sozinho. E a melhor coisa que posso fazer é prepará-lo para isso.

— Mas como é que o pode preparar se nunca o deixa sair?

Arthur virou-se bruscamente para Linus com uma expressão carrancuda.

— Ele não é um prisioneiro.

Linus deu um passo atrás.

— Eu nunca... não foi isso que eu... eu sei disso. Peço desculpa se pareceu que disse o contrário.

— Eu preparo-os — disse Arthur. — Mas protejo-os, de certo modo. Eles... Apesar de tudo o que são, apesar de tudo o que podem fazer, ainda são frágeis. Estão perdidos, Linus. Todos. Não têm mais ninguém a não ser uns aos outros.

— E a si — disse Linus baixinho.

— E a mim — concordou Arthur. — E embora entenda o que quer dizer, espero que consiga perceber o meu lado. Eu sei como o mundo funciona, conheço os dentes que tem. Pode morder-nos quando menos esperamos. Será assim tão mau tentar mantê-los longe disso o máximo de tempo possível?

Linus não tinha a certeza e disse-o:

— Mas quanto mais tempo permanecerem escondidos, mais difícil será quando chegar a altura. Este lugar... esta ilha não é para sempre, como o Arthur acabou de dizer. Existe um mundo inteiro além do mar e, embora possa não ser um mundo justo, eles precisam de saber o que existe lá fora. Isto não pode ser tudo.

— Tenho noção disso — disse Arthur, olhando para as árvores com uma expressão inescrutável. — Mas gosto de fingir que é, às vezes. Há dias em que parece, sem dúvida, que poderia ser.

Linus não gostou do modo como ele soava. Era quase... sombrio.

— Vale o que vale, mas nunca pensei discutir filosofia moral a usar calções bege no meio da floresta.

Arthur desatou à gargalhada.

— Linus, acho-o fascinante.

Linus sentiu novamente calor, mas disse a si mesmo que era do esforço. Engoliu em seco.

— Então, conheceu uma fénix?

O olhar de Arthur era astuto, mas não pareceu inclinado a insistir.

— Conheci. Era... inquisitivo. Aconteceram-lhe muitas coisas, mas ainda mantinha a cabeça erguida. Penso muitas vezes no homem em que se tornou. — Arthur forçou um sorriso e Linus soube que a conversa tinha terminado.

Continuaram a avançar pela floresta.

Chegaram a uma praia do outro lado da ilha. Era pequena e tinha rochas brancas e castanhas em vez de areia. As ondas passavam por entre as rochas e estas chocalhavam com um som agradável.

— Calma, homens — disse Lucy, examinando a praia. — Há algo sinistro a acontecer.

— Nós não somos todos *homens* — disse Talia com uma carranca. — As raparigas também podem ser exploradoras, como a Gertrude Bell.

— E a Isabella Bird — disse Phee.

— E a Mary Kingsley.

— E a Ida Laura Pfeiffer.

— E a Robyn...

— Está bem, está bem — resmungou Lucy. — Já percebi. As raparigas podem fazer tudo o que os rapazes fazem. Bolas! — Olhou para Linus, com um sorriso diabólico no rosto. — O senhor gosta de raparigas, Sr. Baker? Ou de rapazes? Ou de ambos?

As crianças viraram lentamente as cabeças para o fitar.

— Eu gosto de todos — conseguiu Linus dizer.

— Que aborrecido — murmurou Talia.

— Eu sou um rapaz! — exclamou Chauncey. Depois, franziu a testa. — Acho.

— Tu és quem quiseses ser — disse-lhe Arthur, dando-lhe uma palmadinha entre os olhos.

— Podemos voltar ao que estamos a fazer, por favor? — implorou Lucy. — Vocês vão fazer que sejamos todos cruelmente assassinados se continuarem a falar.

Sal olhou nervosamente em volta. Theodore estava empoleirado no seu ombro com a cauda enrolada descontraidamente em volta do seu pescoço.

— Por quem?

— Não sei — disse Lucy, virando-se para a praia. — Mas, como eu estava a dizer, há algo sinistro a acontecer! Consigo sentir o cheiro.

Todas as crianças farejaram o ar. Até Theodore esticou o pescoço com as narinas dilatadas.

— A única coisa que cheira mal aqui é o Sr. Baker — disse Phee. — Porque está a suar muito.

— Não estou habituado a tanto esforço — retorquiu Linus.

— Sim — disse Talia. — *Ele* não tem culpa de ser redondo. Certo, Sr. Baker? Nós, as pessoas redondas, temos de nos unir.

Aquilo não fez Linus sentir-se melhor, mas respondeu:

— Exatamente.

Talia envaideceu-se.

Lucy revirou os olhos.

— Não é algo que vocês possam cheirar. Só eu posso, porque sou o líder. Vem dali. — Apontou para um bosque de árvores perto da praia. Parecia escuro e agourento.

— O que é, Lucy? — perguntou Chauncey. — São os canibais? — Ele não parecia muito entusiasmado com a perspectiva.

— Provavelmente — disse Lucy. — Podem estar a cozinhar alguém enquanto falamos. Portanto, temos de ir lá verificar. Sempre quis ver o aspeto de uma pessoa enquanto está a ser cozinhada.

— Ou talvez possamos ficar aqui — disse Talia, estendendo a mão e pegando na de Linus. Ele olhou para ela, mas não tentou largá-la. — É capaz de ser melhor.

Lucy abanou a cabeça.

— Os exploradores não recuam. *Especialmente* as exploradoras.

— Ele tem razão — disse Phee de modo soturno. — Mesmo que haja canibais.

Theodore lamentou-se e enfiou a cabeça debaixo da asa. Sal estendeu a mão e acariciou-lhe a cauda.

— A coragem é uma virtude — disse Arthur. — Diante da adversidade, distingue os fortes dos fracos.

— Ou os estúpidos dos inteligentes — murmurou Talia, apertando a mão de Linus. — Os rapazes são burros.

Linus não pôde deixar de concordar, embora guardasse o pensamento para si mesmo.

Lucy empinou o peito.

— Eu sou corajoso! E, já que sou o líder, a minha ordem corajosa será que o Arthur vai primeiro para garantir que é seguro enquanto nós esperamos aqui.

Todos assentiram.

Incluindo Linus.

Arthur olhou para ele e arqueou uma sobrancelha.

— Ele tem razão — disse Linus. — A coragem é uma virtude e tudo o mais.

Os lábios de Arthur contraíram-se.

— Se tem de ser.

— Tem, sim — disse-lhe Lucy. — E, se houver canibais, grite quando eles começarem a comê-lo para sabermos que temos de fugir.

— E se eles me comerem a boca primeiro?

Lucy semicerrou os olhos, fitando-o.

— Hum. Tente não deixar que isso aconteça?

Arthur endireitou os ombros. Empunhou o seu facalhão e saltou para cima de uma grande pedra, enquanto as ondas se quebravam em redor. Apresentava uma figura arrojada, como um herói dos tempos antigos. Apontou o facalhão para o bosque.

— Pela expedição! — exclamou.

— Pela expedição! — gritaram as crianças em resposta.

Arthur piscou o olho a Linus, saltou da pedra e correu para as árvores. As sombras engoliram-no completamente... e depois desapareceu.

Eles esperaram.

Nada aconteceu.

Esperaram um pouco mais.

Ainda nada.

— Oh-oh — sussurrou Talia. — Acho que eles provavelmente começaram pela boca dele.

— Será que devemos voltar? — balbuciou Chauncey com os olhos a saltar.

— Não sei — disse Lucy. Olhou para Linus. — Ainda bem que o senhor está aqui.

Linus sentiu-se emocionado.

— Obrigado, Lucy...

— Se os canibais nos começarem a perseguir vão vê-lo primeiro. Nós somos pequenos e o senhor tem toda essa carne nos ossos, portanto, dá-nos tempo para escapar. O seu sacrifício será apreciado.

Linus suspirou.

— O que é que devemos fazer? — perguntou Phee preocupada.

— Acho que devemos ir atrás dele — disse Sal.

Todos olharam para ele.

Ele cruzou o olhar de Linus por um momento antes de desviar o seu. Os seus lábios descaíram e respirou fundo, libertando o ar lentamente.

— Ele iria buscar-nos.

Theodore trinou, pressionando o focinho contra a orelha de Sal.

— Ele tem razão — disse Lucy. — O Arthur iria atrás de nós. Vou tomar uma decisão: vamos atrás do Arthur e o Sr. Baker vai primeiro.

— Sabes, para um líder, pareces delegar mais do que realmente liderar — disse Linus secamente.

Lucy encolheu os ombros.

— Tenho seis anos. Bem, este corpo tem. Eu sou antiquíssimo, em geral, mas isso não interessa.

Linus sentiu o chão mover-se ligeiramente debaixo dos seus pés, mas conseguiu aguentar-se.

— Se insistes.

— Insisto — disse Lucy, parecendo aliviado. — Com muita insistência.

Talia largou a mão de Linus e pôs-se atrás dele, começando a empurrar a parte de trás das suas pernas.

— Vá. Vá, vá, vá! O Arthur pode estar a ser comido neste exato instante e o senhor está aqui parado!

Linus suspirou novamente.

— Estou a ir.

Era ridículo, claro. Não havia canibais na ilha. Era apenas uma história que Lucy inventara e nem sequer era uma história muito *boa*.

Mas isso não impediu Linus de suar profusamente enquanto atravessava a praia em direção às árvores. Eram de um tipo diferente das da floresta que tinham atravessado. Pareciam muito mais velhas e mais densas e, embora não houvesse canibais, Linus podia ver por que razão escolheriam este bosque se existissem. Parecia o lugar perfeito para se consumir carne humana.

A coragem das crianças foi inigualável. Seguiram-no, mas uns bons quinze passos atrás dele, todos amontoados e de olhos arregalados.

Linus não se sentiu nada afeiçoado a eles ao vê-los.

Virou-se para as árvores.

— Olá, Arthur! — chamou. — Está aí?

Não houve resposta.

Linus franziu a testa. Arthur estava a levar esta brincadeira demasiado a sério, sem dúvida.

Chamou novamente.

Nada.

— Oh-oh — ouviu Lucy dizer atrás dele. — Ele já foi provavelmente esquartejado.

— O que é que isso significa? — perguntou Chauncey. — Ele está a dormir? Eu gosto de quartos.

— Significa ser desfeito — disse Talia. — Em *pedaços*.

— Ooh — disse Chauncey. — Não gosto nada disso.

Aquilo era estúpido. Não havia canibais. Linus aproximou-se das árvores, respirou fundo e entrou no bosque.

Estava... mais fresco no interior do grupo de árvores, mais frio do que deveria estar nas sombras. A humidade parecia ter desaparecido e Linus estremeceu mesmo. Mais à frente, havia um caminho estreito que serpenteava por entre as árvores. Não parecia

que nada tinha sido cortado (nem trepadeiras *nem* Arthur). Linus considerou isso um bom sinal.

Avançou, apenas parando para olhar mais uma vez por cima do ombro. As crianças estavam à entrada do bosque, tendo aparentemente decidido que não podiam ir mais longe.

Phee fez-lhe um sinal com um polegar para cima.

Lucy disse:

— O senhor não está morto! — Parecia estranhamente desapontado.

— Os líderes dão reforço positivo — disse-lhe Talia.

— Oh. Bom trabalho por não morrer!

— Já foi melhor — disse Talia.

As hastes de Chauncey baixaram até os seus olhos estarem apoiados em cima do seu corpo.

— Não gosto disto.

— Venham — disse Sal enquanto Theodore lhe mordiscava a orelha. — Vamos todos juntos. — Deu um passo em direção às árvores e as crianças seguiram-no, amontoadas em volta dele.

Aquilo fez o coração de Linus inchar de doçura.

Virou-se, controlando a sua expressão. O que é que se *passava* com ele? Não devia ser assim, não devia...

O caminho ficou subitamente bloqueado por uma grande árvore que surgiu diante dele com um rugido, espalhando terra pelo ar.

Linus soltou um guincho enquanto recuava tropeçando.

As crianças gritaram.

Uma voz soou, ecoando em redor deles enquanto a árvore gemia.

— Quem é que se atreve a entrar no meu bosque?

Linus reconheceu-a quase imediatamente como sendo a de Zoe. Suspirou. Precisaria de ter uma grande conversa com ela e com Arthur mais tarde.

As crianças correram para a frente e puseram-se em redor de Linus, olhando para ele de olhos arregalados.

— Quem é? — sussurrou Lucy furiosamente. — São os canibais?

— Não sei — disse Linus. — Podem ser. E embora eu possa ser uma refeição completa, eles são capazes de estar cheios depois de consumir o Arthur e só estar interessados em algo um pouco mais... do tamanho de um petisco.

— Mas... *eu* sou do tamanho de um petisco — exclamou Talia.

— Todos nós somos — gemeu Phee.

— Oh, não! — disse Chauncey, tentando enfiar-se entre as pernas de Linus sem grande sucesso.

Sal olhava para as árvores em redor deles de olhos semicerrados. Theodore enfiara a cabeça dentro da camisa de Sal.

— Temos de ser corajosos — disse Sal.

— Ele tem razão — disse Lucy, dando um passo para se colocar ao lado de Sal. — Muito corajosos.

— Eu vou ser corajoso aqui — disse Chauncey debaixo de Linus.

— Eu devia ter trazido a minha pá — resmungou Talia. — Podia ter esmagado a cabeça dos estúpidos dos canibais.

— O que é que devemos fazer? — perguntou Phee. — Devemos atacar?

Lucy abanou a cabeça antes de gritar:

— Exijo saber quem mora aqui!

A voz de Zoe era profunda, mas Linus podia ouvir o sorriso que ela continha.

— Quem és tu para exigir *alguma* coisa de mim, criança?

— Eu sou o Capitão Lucy, o líder desta expedição! Revele-se e prometo não lhe causar nenhum dano. No entanto, se atacar e ainda estiver com fome, aqui o Sr. Baker ofereceu-se para se sacrificar por nós para podermos viver.

— Não ofereci *nada*...

— O Capitão Lucy? — perguntou Zoe, fazendo ecoar as palavras em redor deles. — Meu Deus, já ouvi falar de ti.

Lucy pestanejou.

— Já?

— Sim, de facto. És famoso.

— Sou? Quero dizer, sou sim! Sou eu! O famoso Capitão Lucy!

— O que quer de mim, Capitão Lucy?

Ele olhou para trás, para os outros.

— O tesouro — decidiu Phee.

— E o Arthur — disse Chauncey.

— E se só pudermos escolher um? — perguntou Talia. Estava novamente a segurar a mão de Linus.

— Escolhemos o Arthur — disse Sal, parecendo mais seguro de si do que Linus alguma vez o ouvira.

— Ah, a sério? — disse Lucy, pontapeando a terra. — Mas... mas, o *tesouro*.

— O Arthur — insistiu Sal e Theodore gorjeou o seu acordo por baixo da camisa de Sal. Linus não sabia quando é que começara a entender aqueles trinados.

Lucy suspirou.

— Está bem. — Virou-se novamente. — Procuramos o Arthur Parnassus!

— É só isso? — perguntou Zoe com uma voz retumbante.

— Bem, quero dizer, eu não diria não ao tesouro...

— Lucy! — soprou Chauncey.

Lucy gemeu:

— Apenas o Arthur!

— Seja, então!

A árvore reduziu-se novamente, desaparecendo no chão num instante.

O caminho estava livre.

— Gostaria de liderar o caminho, Capitão Lucy? — perguntou Linus.

Lucy abanou a cabeça.

— O senhor está a fazer um ótimo trabalho e parece que não ouve isso muitas vezes. Não lhe quero tirar isso.

Linus rezou para ter forças enquanto liderava o caminho, com Talia ainda a segurar-lhe a mão. As outras crianças seguiam-nos, com Sal e Theodore na retaguarda.

Não precisaram de avançar muito, pois em breve o caminho conduzia a uma pequena clareira, onde havia uma casa. Tinha um único piso, era feita de madeira e estava coberta de hera. Parecia antiga, com erva a crescer densamente na sua base. A porta estava aberta. Linus pensou nas histórias da sua juventude sobre bruxas que atraíam crianças para dentro de casa, mas as bruxas que conhecia não eram canibais.

Bem, geralmente.

Ocorreu-lhe, então, a quem pertencia aquela casa e quanta honra isto seria. A habitação era o bem mais importante de uma fada adulta. Era o seu lar onde todos os seus segredos eram guardados. As fadas eram famosas pela sua privacidade e não tinha dúvidas de que Phee seria igual um dia, embora esperasse que ela se lembrasse do tempo que passara em Marsyas na sua juventude. Não teria de estar tão sozinha.

O facto de Zoe Chapelwhite os estar a convidar a entrar não passou despercebido a Linus. Perguntou-se se Arthur já ali teria estado antes (Linus achava que sim), por que razão Zoe teria permitido a presença de Linus na sua ilha e a quem pertencia a casa do orfanato. Eram, todas elas, perguntas para as quais não tinha respostas.

Será que devia perguntar? Não tinha a certeza. Não tinha nada que ver com as crianças, pois não?

— Uau — murmurou Lucy. — Olhem para isto.

Havia flores a começar a desabrochar ao longo das trepadeiras, por entre a hera. Parecia que estavam a crescer a partir da própria casa. Cores vivas — rosa, dourado, vermelho e azul como o céu e o

oceano — percorriam as trepadeiras. Demorou apenas alguns momentos para a casa inteira estar coberta por elas, estendendo também para cima sobre o telhado.

— Tão lindo — suspirou Phee de modo sonhador.

Linus não pôde deixar de concordar. Nunca tinha visto nada parecido. Pensou em como os seus girassóis deviam parecer esmaecidos em comparação. Não sabia como alguma vez pensara que eram luminosos.

Ir para casa ia ser um choque.

Uma figura apareceu à porta.

As crianças aproximaram-se de Linus.

Zoe avançou para a luz do Sol. Usava um vestido branco que contrastava maravilhosamente com a sua pele escura. As flores no cabelo combinavam com as que cresciam ao longo da sua casa e tinha as asas bem abertas. Sorriu-lhes.

— Exploradores! Estou muito contente por ver que encontraram o caminho.

— Eu *sabia*! — exclamou Lucy, erguendo as mãos no ar. — Não havia canibais. Era a Zoe o tempo todo! — Abanou a cabeça. — *Eu* não estava com medo, mas os outros sim. Bebés grandes.

As outras crianças, ao que parecia, discordaram veementemente, se levássemos em conta as suas exclamações indignadas.

— O Arthur está vivo? — perguntou Chauncey. — Ninguém o comeu nem nada?

— Ninguém o comeu — disse Zoe, afastando-se da porta. — Está lá dentro, à vossa espera. Talvez haja almoço, talvez até uma tarte, mas vão ter de descobrir por vocês mesmos.

Qualquer medo persistente que pudessem ter desapareceu de imediato perante a promessa de comida, pois todos correram para a porta, até mesmo Sal. Theodore guinchou, mas conseguiu agarrar-se ao rapaz mais velho.

Linus ficou exatamente onde estava, sem saber o que devia fazer a seguir. Zoe fizera um convite, mas fora para as crianças. Ele não sabia se o convite o incluía.

Zoe afastou-se da casa. A cada passo que dava, a erva crescia debaixo dos seus pés. Ela parou diante dele, olhando-o com curiosidade.

— Zoe — disse ele com um aceno de cabeça.

Ela pareceu divertida.

— Linus. Ouvi dizer que teve uma grande aventura.

— De facto. Um pouco fora da minha zona de conforto.

— Acho que é assim que a maioria dos exploradores se sente quando sai do único mundo que conhece pela primeira vez.

— Costuma dizer uma coisa quando quer dizer outra, não é?

Ela sorriu.

— Não faço ideia do que está a dizer.

Não acreditou minimamente nela.

— O Arthur está bem?

Os olhos dela estreitaram-se ligeiramente.

— O *Arthur* está bem.

Linus assentiu lentamente.

— Porque ele já esteve aqui antes, presumo.

— Há alguma pergunta que queira fazer, Linus?

Havia tantas.

— Não. Estou apenas... a conversar.

— Não é muito bom nisso.

— Não é a primeira vez que mo dizem, para ser sincero.

A expressão dela suavizou-se.

— Não, não acredito que seja. Sim, ele já cá esteve antes.

— Mas não as crianças?

Ela abanou a cabeça.

— Não. Esta é a primeira vez.

— Porquê agora?

Ela fitou-o com os olhos iluminados por algo que ele não conseguia identificar.

— Esta ilha é deles tanto quanto é minha. Já era altura.

Ele franziu a testa.

— Não é por minha causa, espero.

— Não, Linus. Não é por sua causa. Teria acontecido quer estivesse aqui ou não. Gostava de entrar?

Tentou disfarçar a sua surpresa, mas falhou miseravelmente.

— Esta ilha não é minha.

Ela hesitou.

— Não, mas eu não o deixaria aqui sozinho. Pode haver canibais, afinal.

— Pois pode — concordou ele. E depois: — Obrigado.

— Por?

Não tinha a certeza.

— Pela maior parte das coisas, suspeito.

— Isso é muito abrangente.

— Acho que é melhor ser assim, não vá esquecer-me de alguma coisa específica.

Ela riu-se. As cores das flores no seu cabelo e na casa tornaram-se mais vivas com o som.

— Você é muito querido, Linus Baker. Há uma superfície em si que é dura, mas está rachada. Se escavarmos um pouco há toda uma vida a fervilhar loucamente. É um enigma.

Ele corou.

— Isso não sei.

— Ouvi dizer que filosofou na floresta. Acho que o Arthur se divertiu bastante.

Linus começou a gaguejar:

— Não é... suponho que nós... não foi nada de especial.

— Acho que foi bastante, na verdade. — E, dito isso, ela virou-se e entrou na casa, deixando Linus a olhar para ela.

O interior da casa parecia ser uma extensão do que podia ser encontrado do lado de fora. Em vez de soalho, havia terra exposta com a erva a formar um tapete grosso. Vasos cheios de flores pendiam do teto. Pequenos caranguejos azuis e caracóis com conchas verdes e douradas agarravam-se às paredes. As janelas estavam abertas e Linus podia ouvir o mar à distância. Era um som ao qual se tinha habituado. Sentiria a sua falta quando tivesse de se ir embora.

Tinha sido colocada comida para eles sobre um balcão de madeira. As crianças seguravam o que pareciam ser grandes conchas que iam enchendo de comida. Havia sanduíches e salada de batata e morangos tão vermelhos que Linus pensou que tinham de ser falsos até Theodore morder um e revirar os olhos em êxtase.

Arthur Parnassus estava sentado numa cadeira velha, com as mãos cruzadas no colo, enquanto observava divertido as crianças começarem a empanturrar-se, mesmo quando Zoe as advertiu para comerem mais devagar. As expedições eram um trabalho esgotante; o estômago de Linus também estava a roncar.

— Fico contente por ver que sobreviveu — disse Linus, mexendo-se desajeitadamente de pé ao lado da cadeira.

Arthur inclinou a cabeça para trás para olhar para ele.

— Muito corajoso da minha parte, eu sei.

Linus soltou uma risada.

— Mesmo. Serão escritos poemas épicos sobre si.

— Acho que ia gostar.

— Claro que ia.

Os cantos dos olhos de Arthur franziram-se.

— Antes de se atirarem à sua recompensa, eles disseram-me que foi um bom cuidador na minha ausência.

Linus abanou a cabeça.

— O Lucy estava provavelmente a brincar...

— Foi o Sal.

Linus pestanejou.

— Desculpe?

— O Sal disse-me que segurou a mão de Talia sem ela precisar de lhe pedir e que os ouviu a todos, deixando-os tomar as suas próprias decisões.

Linus sentiu-se perturbado.

— Não foi... eu só os acompanhei.

— Bem, obrigado, seja como for. Como tenho a certeza de que sabe, foi um grande elogio vindo dele.

Linus sabia.

— Ele está a habituar-se a mim, acho.

Arthur abanou a cabeça.

— Não é isso. É que... Ele vê coisas. Talvez mais do que o resto de nós. O bem nas pessoas, o mal. Deparou com todos os tipos na sua curta vida e consegue ver o que os outros não conseguem.

— Eu sou apenas eu — disse Linus, sem saber para onde a conversa se dirigia. — Não sei ser outra pessoa a não ser eu mesmo. Sempre fui assim. Não é muito, mas faço o melhor que posso com o que tenho.

Arthur olhou para ele com tristeza. Estendeu a mão e apertou a de Linus brevemente antes de a soltar.

— Suponho que o melhor é tudo o que se pode pedir. — Levantou-se sorrindo, embora o seu sorriso não fosse tão luminoso como costumava ser. — Que tal a recompensa, exploradores?

— Boa! — disse Chauncey, engolindo uma sanduíche inteira de uma dentada. Esta afundou-se dentro dele e começou a desfazer-se.

— Seria melhor se houvesse um tesouro verdadeiro — resmungou Lucy.

— E se o tesouro fossem as amizades que solidificámos ao longo do caminho? — perguntou Arthur.

Lucy fez uma careta.

— Esse é o pior tesouro do mundo. Eles já *eram* meus amigos e eu quero rubis.

Theodore endireitou-se e fez uma pergunta.

— Não — disse Talia com a boca cheia de salada de batata. Pedacos de ovo e mostarda salpicavam a sua barba. — Nada de rubis.

Ele deixou cair as asas.

— Mas há tarte — disse Zoe. — Feita especialmente para vocês.

— Se tiver de ser — suspirou Lucy.

— Sim — disse Arthur. — E acho que vais gostar tanto dela como de qualquer rubi. — Ele lançou um olhar a Linus. — Está com fome, caro explorador?

Linus acenou afirmativamente com a cabeça e juntou-se aos outros.

Foi a meio da confusão da comida (Chauncey com a cara enfiada na sua tarte) e dos risos (Chauncey a cuspir pedaços de tarte quando Lucy contava uma piada bastante obscena, altamente imprópria para alguém da sua idade) que Linus reparou em Zoe e Phee a sair pela porta. Arthur e as outras crianças estavam distraídos (Lucy exclamava alegremente para Chauncey que este o tinha deixado com tarte no nariz) e Linus sentiu a estranha e repentina vontade de ver o que as fadas estavam a fazer.

Encontrou-as logo a seguir às primeiras árvores para lá da casa. Zoe tinha a mão no ombro de Phee e as asas de ambas brilhavam sob os raios de luz que perfuravam as copas das árvores.

— E o que é que sentiste? — perguntava Zoe. Elas não olharam na sua direção, embora ele achasse que sabiam que estava ali. Os dias em que Linus era capaz de se mover silenciosamente tinham ficado bem para trás.

— A terra — disse Phee prontamente e o seu cabelo parecia fogo. — As árvores, o seu sistema de raízes debaixo da areia e da terra.

Era como... era como se estivesse à minha espera, à escuta.

Zoe pareceu satisfeita.

— Precisamente. Há um mundo escondido por baixo do que podemos ver. A maioria não o compreende, mas nós temos sorte, acho. Conseguimos sentir o que os outros não conseguem.

Phee olhou para a floresta. As suas asas estremeceram.

— Gosto das árvores. Mais do que da maioria das pessoas.

Linus soltou uma risada, incapaz de se conter. Tentou disfarçar, mas era tarde demais. Elas viraram lentamente a cabeça para o fitar.

— Desculpem — disse apressadamente. — Lamento imenso. Não quis dizer... não devia ter interrompido.

— Há algo que queira dizer? — perguntou Zoe e embora não houvesse fúria nas suas palavras, estas, ainda assim, pareciam incisivas.

Começou a abanar a cabeça, mas conteve-se.

— É que... Eu tenho girassóis, em minha casa, na cidade. — Sentiu uma pontada aguda no peito e esfregou-a. — Umas coisinhas desajeitadas que nem sempre fazem o que eu quero, mas fui eu que os plantei e tratei deles enquanto cresciam. Tendo a gostar mais deles do que da maioria das pessoas.

Phee semicerrou os olhos.

— Girassóis.

Linus enxugou a testa.

— Sim. Não são... Bem, não são tão grandiosos como o que existe no jardim de Talia, nem como as árvores aqui, mas são um pouco de cor em todo o cinzento do aço e da chuva.

Phee estudou-o.

— E o senhor gosta de cor?

— Sim — disse Linus. — É algo pequeno, mas acho que as coisas mais pequenas podem ser igualmente importantes.

— Tudo tem de começar nalgum sítio — disse Zoe, dando uma palmadinha no topo da cabeça de Phee. — E, desde que cuidemos delas, todas as coisas podem crescer mais do que o que achávamos possível. Não é verdade, Linus?

— Claro — disse Linus, sabendo que estavam ambas à escuta de cada palavra sua. O mínimo que podia fazer era ser sincero. — Admito que sinto mais falta deles do que esperava. É engraçado, não é?

— Não — disse Phee. — Eu sentiria falta deste sítio se tivesse de me ir embora.

Oh, céus. Não era aquilo que ele queria. Enfiara o pé na poça.

— Sim, consigo perceber. — Olhou para as árvores. — Tem sem dúvida os seus encantos, concordo.

— *Populus tremuloides* — disse Phee.

Linus olhou para ela.

— Perdão?

Zoe sufocou uma risada com as costas da mão.

— *Populus tremuloides* — disse Phee novamente. — Li sobre eles num livro. Álamos-trémulos. Se alguma vez os vir, podem ser encontrados em grandes bosques. Os seus troncos são principalmente brancos, mas as folhas são de um tom amarelo brilhante, quase dourado, como o Sol. — Ela olhou para a floresta novamente. — Quase como girassóis.

— Parecem encantadores — disse Linus, sem saber o que mais dizer.

— E são — disse Phee. — Mas é o que está por baixo que é mais importante. Os bosques podem ser constituídos por milhares de árvores, às vezes até dezenas de milhares, e cada uma delas é diferente, mas o segredo é que são todas iguais.

Linus pestanejou.

— Como assim?

Phee agachou-se fazendo rastos na terra solta com os dedos.

— São clones umas das outras, um único organismo gerido por um extenso sistema radicular debaixo da terra. Todas as árvores são geneticamente iguais, embora cada uma tenha a sua própria personalidade, como costuma acontecer com as árvores. No entanto, antes de crescerem, as suas raízes podem ficar adormecidas durante décadas, esperando até que as condições sejam adequadas. Leva simplesmente tempo. Há um clone que dizem ter quase oitenta mil anos e é possivelmente o organismo vivo mais antigo que existe.

Linus assentiu lentamente.

— Estou a ver.

— Está? — perguntou Phee. — Porque mesmo que acabe com o bosque, mesmo que derrube todas as árvores, a menos que chegue às raízes elas voltarão a renascer e a crescer como antes. Talvez não sejam exatamente iguais, mas os seus troncos acabarão por ficar brancos e as suas folhas, douradas. Gostava de as ver um dia, acho que teriam muito a dizer-me.

— Teriam, sim — disse Zoe. — Mais do que podes saber. Elas têm uma memória muito, muito longa.

— Já as viu? — perguntou Linus.

— Talvez.

— Fadas — resmungou Linus para si mesmo. E depois: — Se são todas iguais, como é que as consegues distinguir?

— Tem de ver o que está por baixo de tudo — disse Phee, enfiando as mãos na terra. — Tem de dedicar tempo a aprender quais são as diferenças. Demora, mas é para isso que serve a paciência. As raízes podem continuar para sempre, esperando pelo momento certo. — Ela franziu a testa olhando para o chão. — Pergunto-me se poderia...

Linus deu um passo à frente quando ela grunhiu como se estivesse ferida. Zoe abanou a cabeça em advertência e ele parou. Houve uma mudança subtil no ar, como se este se tivesse tornado um

pouco mais pesado. As asas de Phee começaram a mover-se rapidamente, refletindo a luz em pequenos arcos-íris. Ela enfiou as mãos na terra até estas ficarem completamente cobertas. O suor escorria-lhe pela ponta do nariz, pingando no chão, e ela tinha a testa franzida. Suspirou enquanto retirava as mãos do chão.

Linus ficou sem palavras quando um talo verde saiu da terra. Folhas desenrolaram-se, longas e finas, e o caule baloiçou de um lado para o outro sob as palmas das mãos de Phee, enquanto os dedos dela estremeciam. Ele ficou atordoado quando uma flor amarela de pétalas brilhantes desabrochou. Cresceu mais alguns centímetros antes de Phee baixar as mãos.

— Não é um girassol — disse ela calmamente. — Acho que eles não sobreviveriam aqui durante muito tempo, mesmo com a melhor das intenções. É uma margarida do mato.

Linus debateu-se para encontrar a sua voz.

— Tu fizeste... isso foi... acabaste de fazer *crescer* isso?

Ela arrastou os pés descalços.

— Não é muito, eu sei. A Talia é melhor com as flores. Eu prefiro as árvores, vivem mais.

— Não é muito? — disse Linus incrédulo. — Phee, é maravilhoso.

Ela parecia surpreendida enquanto olhava de Linus para Zoe.

— É?

Avançou, agachando-se perto da flor. A mão tremia-lhe quando a estendeu para tocar suavemente nela, meio convencido de que não era real, apenas uma ilusão visual. Exclamou baixinho quando acariciou a pétala suave e sedosa por entre os dedos. Era uma coisa tão pequena, mas estava ali quando apenas momentos antes não havia nada. Olhou para Phee que o fitava, mordendo o lábio inferior.

— É — disse ele com firmeza. — Absolutamente maravilhoso. Nunca vi tal coisa. Até diria que é melhor do que os girassóis.

— Não é preciso ir *tão* longe — resmungou Phee, embora parecesse estar a lutar contra um sorriso.

— Como é que o fizeste? — perguntou com a pétala ainda entre os dedos.

Ela encolheu os ombros.

— Escutei a terra. Ela canta, embora a maioria das pessoas não o perceba. Temos de ouvir com todas as nossas forças. Alguns nunca ouvirão, não importa o quanto tentem, mas eu consigo ouvi-la tão bem como a si. Ela cantou para mim e eu prometi cuidar dela se me desse o que pedi. — Olhou para a flor. — Gosta mesmo?

— Sim — sussurrou Linus. — Muito.

— Ótimo — ela sorriu-lhe. — Quero que saiba que lhe chamei Linus. Deve sentir-se honrado.

— E sinto — disse Linus, absurdamente emocionado.

— É um nome perfeito para ela — continuou Phee. — É um pouco frágil e, sinceramente, não é nada esplendorosa e é capaz de morrer se ninguém cuidar dela com regularidade.

Linus suspirou.

— Ah. Percebo.

— Ótimo — disse ela, enquanto o seu sorriso crescia. Depois, tornou-se um pouco séria enquanto olhava para a flor. — Mas é bom, mesmo assim. Não estava lá e agora está. Isso é tudo o que realmente importa, a longo prazo.

— Tu consegues fazer algo do nada — disse Linus. — É impressionante.

— Não é algo do nada — disse ela, sem impaciência. — Ela estava apenas... escondida. Eu sabia o que procurar porque ouvi. Desde que escutemos, conseguimos ouvir todo o tipo de coisas que nunca pensámos que estivessem lá sequer. Agora, se me dá licença, vou enfiar tanta tarte na boca que me vou provavelmente engasgar e depois vou comer ainda mais. Se o Lucy não deixou nada para mim, juro que faço crescer uma árvore nas orelhas dele.

E, tendo dito aquilo, ela dirigiu-se para a pequena casa com as asas a tremular atrás de si.

Linus ficou a olhou para ela.

— Aquilo foi... uma ameaça eficaz.

Zoe riu-se.

— Foi, não foi?

— Ela é capaz.

— Todos eles são, basta conseguirmos ver além dos floreados acima e descobrir as raízes por baixo.

— Essa não foi nada subtil — disse ele.

— Acho que não — disse Zoe. — Mas algo me diz que a subtileza lhe passa ao lado. — Virou-se para a casa, seguindo as pegadas de Phee no solo. — Vem, Linus? Acho que merece outro pedaço de tarte depois da sua aula.

— Vou já — disse ele. Olhou novamente para a flor, enquanto Zoe entrava em casa. Pressionou um dedo contra o centro, o mais ao de leve que conseguiu. E depois retirou-o com a ponta coberta de pólen amarelo. Sem pensar, colocou o dedo contra a língua. O pólen era selvagem, amargo e intensamente vivo.

Fechou os olhos e inspirou.

Departamento Responsável pela Juventude Mágica

Relatório n.º 2 – Orfanato Marsyas

Linus Baker, Assistente Social BY78941

Juro solenemente que o conteúdo deste relatório é preciso e verdadeiro. Entendo que, de acordo com as diretrizes do DRPJM, quaisquer falsidades detetáveis resultarão numa reprimenda e podem levar à rescisão do vínculo laboral.

A minha segunda semana no Orfanato Marsyas trouxe novas perspetivas sobre os seus habitantes. Onde antes parecia haver caos, vejo agora uma ordem estranha, mas definida. Não tem nada que ver com mudanças efetuadas à pressa devido à minha chegada (suponho que tenham existido algumas, pois é o que acontece geralmente antes de um assistente social entrar pela porta), mas mais com o facto de eu me ter habituado ao modo como as coisas são conduzidas.

Embora não esteja em nenhum tipo de folha de pagamentos do DRPJM, a Sra. Chapelwhite cuida destas crianças como se fossem suas. Dado que é uma fada, é um pouco surpreendente, já que a sua espécie é conhecida por levar uma existência solitária e por ser extraordinariamente protetora das terras ao seu cuidado. Na verdade, não sei se já conheci alguma fada que não protegesse ferozmente a sua privacidade. E, embora a Sra. Chapelwhite não seja exatamente acolhedora, ela trabalha em conjunto com o diretor da casa para garantir que as crianças estão bem tratadas. Pode ser frequentemente encontrada na cozinha, a preparar as refeições, e também lidera grupos de

estudo relativos às lições dadas pelo Sr. Parnassus. É conhecedora de uma variedade de assuntos e a sua tutela aperfeiçoa o que as crianças aprenderam. Parece não apresentar nenhum tipo de propaganda, embora isso possa ser em meu benefício.

Já vi o quarto de Lucy e participei numa das suas sessões com o Sr. Parnassus. Se retirarmos o que se sabe sobre o rapaz — quem se supõe que ele seja — ficamos com um jovem curioso que tende a dizer coisas para chocar e não com sinceridade. É inteligente, de um modo quase assustador, e eloquente. Se o DRPJM não tivesse a certeza de que é o Anticristo — uma palavra que não pode ser pronunciada no Orfanato Marsyas — eu pensaria que ele era apenas um menino capaz de conjurar imagens destinadas a assustar. No entanto, suponho que isso é o que ele quer que eu pense. É melhor manter-me de sobreaviso. Só porque ele se parece com uma criança não significa que não seja capaz de grandes calamidades.

O seu quarto é pequeno, convertido a partir de um *closet* no quarto do próprio Sr. Parnassus. Ele estava um pouco tímido quando me mostrou onde vive, mas o seu amor pela música permitiu-me formar uma conexão com ele. Acredito que — sob a devida orientação — será capaz de se tornar um membro produtivo da sociedade. Desde que, isto é, não ceda à sua verdadeira natureza. Isto levanta a questão da natureza *versus* a educação e de sabermos se haverá algum mal inerente no mundo que possa ser ultrapassado por uma educação normalizada. Poderá ser reabilitado? Assimilado? Isso continua a ser uma interrogação.

Não vi o quarto de Sal, embora ache que, aos poucos, estou a ganhar a sua confiança. Tenho de ter cuidado com ele. Recordame um potro arisco. Dito isto, ouvi-o falar mais no último dia do que em toda a minha estada na ilha até agora. É verdade que não

estava a falar comigo e sim perto de mim, mas não sei se isso importa. Ele é como um girassol, acho. Precisa de ser persuadido com o devido cuidado para mostrar as suas verdadeiras cores.

Theodore — a serpe — tem um tesouro que ainda não vi, embora deva estar preenchido com pelo menos uma dúzia dos meus botões. Posso nunca o vir a ver, mas neste momento isso não me causa nenhuma grande preocupação. São apenas botões, afinal. Pretendo ficar atento, caso haja indícios de algo mais nefasto.

O maior problema que vejo até à data parece ser o isolamento. As crianças não saem da ilha, embora esta seja grande. Há uma razão para tal e uma que me incomoda. Teria sido útil saber antes da minha chegada que os habitantes da vila são pagos pelo governo em troca do seu silêncio. Pequenos detalhes como este são importantes e o facto de eu não saber faz-me parecer pouco profissional. Também levanta a questão da origem desses pagamentos. Será que vêm do financiamento destinado a este orfanato específico? Suponho que um auditor discordaria, se esse fosse o caso.

A vila próxima parece ser um tanto hostil em relação aos habitantes do orfanato. Acho que o DRPJM não está a ganhar nada com as suas campanhas em conjunção com o Departamento Responsável pelo Registo. Há cartazes de VEJA ALGUMA COISA, DIGA ALGUMA COISA por todos os cantos da vila. Fazem lembrar os da cidade, embora pareçam mais amontoados aqui. Se as crianças não se sentem bem-vindas no mundo real, como é que podemos esperar integrá-las na sociedade?

Estou a pensar num passeio de um dia, talvez. Para testar as águas. Vou precisar de falar com o Sr. Parnassus sobre isso, é claro, mas acho que faria bem às crianças e, com sorte, permitiria que os habitantes da vila vissem que os seus medos são

infundados. Se o Arthur disser que não, suponho que terei de acatar a sua decisão.

É um sujeito muito estranho, este Arthur. Cuida das crianças, isso é claro, e, embora não siga as *REGRAS E REGULAMENTOS* à letra (possivelmente nada), acho que há mérito no que faz. As crianças gostam imenso umas das outras e acredito que isso se deve em grande parte ao Arthur.

Ainda assim, é um enigma. Apesar de tudo o que aprendi sobre este sítio, sinto que ele é quem conheço menos. Creio que vou ter de corrigir isso.

Pelas crianças, claro.

Talia mostrou-me mais do seu jardim hoje. Os gnomos são bastante proficientes em horticultura, mas ela parece ofuscar até mesmo os melhores e...

Era uma terça-feira na segunda semana de Linus em Marsyas, quando *Calliope* decidiu que precisava de ser perseguida depois de cometer um roubo.

Não era, de modo nenhum, algo que Linus quisesse fazer. Era depois do almoço e ele estava sentado na varanda, ao sol, a dormir tranquilamente. Ainda tinha alguns momentos antes de ter de voltar para a casa principal para assistir aos estudos das crianças e estava a usar esse tempo com sabedoria.

E, depois, havia toda a ideia de perseguir um gato. Linus, apesar de tudo o que era capaz, não gostava de perseguir *nada*. Perseguir implicava correr e Linus tinha decidido há muito tempo que correr não era algo de que gostasse muito. Nunca compreendera aqueles que acordavam antes do nascer do Sol, calçavam os seus ténis caros e sofisticados e iam correr de *propósito*. Era muito estranho.

Mas, então, *Calliope* saíra de rompante da casa de hóspedes com o pelo arrepiado e olhos arregalados, como os felinos às vezes fazem por razões misteriosas. Olhara para ele de modo desvairado,

com a cauda erguida numa linha rígida e as garras cravadas nas tábuas do soalho.

E tinha uma das suas gravatas na boca.

Linus franziu a testa.

— O que é que estás...

Calliope saltou da varanda e correu em direção ao jardim.

Linus quase caiu quando se levantou da cadeira, conseguindo ficar de pé pela graça de Deus. Ficou a ver enquanto *Calliope* corria, com a gravata preta a arrastar-se atrás dela.

— Ei! — gritou. — Maldita gata, o que estás a fazer? Para imediatamente!

Ela não parou. Em vez disso, desapareceu atrás de uns arbustos.

Por um instante, Linus pensou em deixá-la ir. Era apenas uma gravata, afinal, e ele nem sequer tinha usado gravata esta semana. Estava demasiado calor e Phee perguntara-lhe porque é que ele usava sempre uma. Quando lhe dissera que era correto alguém na sua posição usar gravata, ela ficara a olhar para ele antes de se afastar, abanando a cabeça.

Mas *não* fora de modo nenhum por causa de Phee que ele não usara gravata a um domingo pela primeira vez. E, depois, quando a segunda-feira chegou de novo, decidiu que não era necessário usar gravata, pelo menos por enquanto. Assim que voltasse para a cidade teria de usar uma, obviamente, mas agora?

Afinal, não estava a ser supervisionado.

Quem é que saberia?

(Phee sabia, aparentemente, se o sorriso dela era alguma indicação.)

Ainda assim, aquela gravata custara-lhe mais do que gostava de pensar e só porque não estava a usá-la *agora* isso não dava a *Calliope* o direito de lhe tirar. Ia precisar dela quando voltasse para casa.

Então, correu atrás da gata.

Estava a suar quando chegou ao jardim. Correr era muito mais difícil para um homem do seu tamanho e formato, especialmente quando enfrentava a resistência do vento. E, sim, talvez não estivesse exatamente a *correr*, mas dar umas arrancadas era igualmente mau.

Entrou no jardim a chamar por *Calliope*, exigindo que ela se mostrasse. Ela não o fez, é claro, porque era uma gata e, portanto, não dava ouvidos ao que lhe diziam. Espreitou debaixo das sebes e dos canteiros de flores, certo de que a encontraria agachada, a contorcer o rabo enquanto roía a sua gravata.

— Não sei porque é que a vida na ilha te deixou assim — disse em voz alta, enquanto se levantava do chão —, mas prometo-te que as coisas vão mudar quando voltarmos para casa. Isto é inaceitável.

Avançou mais no jardim, chegando a uma parte que ainda não tinha visto. Esta dava a volta a um dos lados da casa e era muito mais densa do que o que Talia lhe tinha mostrado até agora. Aqui, as flores pareciam mais selvagens, com pétalas mais brilhantes, quase chocantes. O Sol estava do outro lado da casa e as sombras eram abundantes. Havia muitos sítios para um gato se esconder.

Contornou uma velha árvore de galhos retorcidos e folhas dobradas e viu...

— Aí estás tu — disse com um suspiro. — O que raio te deu?

Calliope estava sentada, com a gravata caída no chão aos seus pés. Olhou para ele com olhos conhecedores. Miou novamente, um som a que ele ainda não estava habituado.

— Não interessa — respondeu. — Não podes roubar as minhas coisas. É indelicado e não gosto de ter de correr... atrás... de... ti...

Pestanejou.

Ali, atrás de *Calliope*, estava o que parecia ser a porta de uma cave na base da casa. Os alicerces eram feitos de pedra e as portas eram grossas e de madeira. Ele avançou um passo, franzindo o sobrolho ao ver o que pareciam ser marcas de fogo nas portas,

como se tivesse havido um incêndio atrás delas em tempos. Pensou por um instante, tentando lembrar-se se alguma vez lhe tinham dito que havia uma cave na casa. Achava que não e, além do quarto de Sal, vira o que achava ser praticamente cada centímetro da casa. Se isto era uma cave, não havia entrada por dentro.

Havia um cadeado enferrujado na porta. O que quer que houvesse ali em baixo — se é que havia alguma coisa — permanecia escondido. Por um instante, Linus pensou em ir buscar uma das pás de Talia e usá-la para arrombar a porta, mas afastou imediatamente a ideia. Estava trancada por um motivo. O mais provável seria para manter as crianças fora dali. Se já tinha havido um incêndio lá em baixo, não era seguro. Arthur tinha provavelmente colocado o cadeado ali. Parecia que ninguém lá ia há imenso tempo, pois o caminho até à porta da cave estava cheio de ervas daninhas, em desacordo com o resto do jardim de Talia.

— Provavelmente uma arrecadação de carvão — murmurou Linus.
— Explicaria o queimado. E como já não se usa carvão, é melhor prevenir do que remediar.

Inclinou-se e pegou na sua gravata.

Calliope observava-o com olhos brilhantes.

— Isto é meu — disse-lhe. — Roubar é errado.

Ela lambeu a pata e esfregou-a no rosto.

— Sim, bem, seja como for.

Olhou mais uma vez para a porta da cave antes de voltar pelo caminho por onde viera.

Teria de se lembrar de perguntar a Arthur sobre a porta da cave quando tivessem um momento a sós.

O que, para sua crescente consternação, não aconteceu. *Porque* é que sentiria algum tipo de consternação relativamente a essa situação era algo que não percebia, mas o facto era que sentia. Linus estava a aprender que quaisquer sentimentos que Arthur

Parnassus evocasse nele eram temporários e o resultado da proximidade. Linus não tinha muitos amigos (talvez nenhum, se fosse sincero consigo mesmo) e considerar Arthur Parnassus um amigo era uma ideia agradável, por mais impraticável que fosse. Não podiam ser amigos. Linus estava aqui na qualidade de assistente social do DRPJM e Arthur era o diretor de um orfanato. Isto era uma *investigação* e aproximar-se demasiado de um dos sujeitos da referida investigação não era adequado. As *REGRAS E REGULAMENTOS* eram claros sobre isso: *Um assistente social, dizem, deve permanecer objetivo. A objetividade é de extrema importância para a saúde e o bem-estar dos jovens mágicos. Estes não podem procurar contar com um assistente social, pois o assistente social NÃO É SEU AMIGO.*

Linus tinha um trabalho a fazer, o que significava que não podia ficar sentado à espera de falar com Arthur quando não houvesse ouvidos pequenos por perto. E embora Linus achasse que as sessões entre Arthur e Lucy eram fascinantes, o seu tempo não podia ser gasto *apenas* com eles. Havia outras cinco crianças a considerar e precisava de garantir que não parecia estar a escolher favoritos.

Foi com Talia para o jardim dela, ouvindo enquanto ela exaltava as virtudes (as muitas, *muitas* virtudes) de trabalhar na terra.

Seguiu Phee e Zoe pela floresta, enquanto Zoe falava sobre a importância de se *escutar* a terra em redor deles, as árvores, a erva e os pássaros.

Ouviu enquanto Chauncey o regalava com histórias de carregadores famosos (a maioria das quais Linus achava serem fictícias), que abriam portas, transportavam bagagens e solucionavam crimes, como o roubo de joias, ou levavam bandejas para o serviço de quartos. Chauncey tirou um tomo grosso (quase do tamanho das *REGRAS E REGULAMENTOS*) de debaixo da sua cama. O livro estava embrulhado em plástico para evitar que se

molhasse. Chauncey gemeu enquanto o erguia acima da cabeça para mostrar a Linus o título, fazendo o plástico estalar: *A História dos Carregadores Através dos Tempos*.

— Já o li quatro vezes e meia — anunciou com orgulho.

— Já? — perguntou Linus.

— Oh, sim. Tenho de ter a certeza de que sei o que estou a fazer.

— Porquê?

Chauncey pestanejou lentamente, primeiro o seu olho direito e depois o esquerdo.

— Porquê o quê?

— Porque é que queres ser um carregador?

Chauncey sorriu.

— Porque eles ajudam as pessoas.

— E é isso que queres fazer?

O sorriso dele desvaneceu-se ligeiramente.

— Mais do que tudo. Eu sei que sou... — Fez estalar os seus dentes pretos. — Diferente.

Linus sobressaltou-se.

— Não, não é isso que eu... não há nada de errado contigo.

— Eu sei — disse Chauncey. — Diferente não significa mau. O Arthur diz que ser diferente é melhor, às vezes, do que ser igual a toda a gente. — Olhou para o livro preso nos seus tentáculos. — Quando as pessoas chegam aos hotéis, estão geralmente cansadas. Elas querem alguém para as ajudar a transportar as malas e eu sou muito bom nisso. A Talia está sempre a pedir-me para pegar em coisas pesadas por ela para eu poder praticar. — Franziu a testa, olhando para o livro. — Só porque tenho este aspeto não significa que não posso ajudar os outros. Sei que algumas pessoas acham que sou assustador, mas juro que não sou.

— Claro que não — disse Linus calmamente. Acenou com a cabeça em direção ao livro. — Vá lá, então. Vamos lá saber sobre

estes carregadores ao longo dos tempos. Acredito que será positivamente fascinante.

Os olhos de Chauncey baloiçaram animadamente.

— É *mesmo*. Sabia que o primeiro uso da palavra *carregador* foi em 1897? E eles também são designados por porteiros. Não é incrível?

— É — disse Linus. — Talvez seja a coisa mais incrível que já ouvi.

Sentou-se com Theodore perto do seu ninho (nunca *dentro*, porque não queria ser mordido), ouvindo a serpe gorjear enquanto mostrava a Linus cada um dos seus pequenos tesouros: um botão, uma moeda de prata, outro botão, um pedaço de papel dobrado com o que parecia ser a caligrafia de Sal (o que dizia, Linus não sabia) e mais um botão.

Perguntou-lhes, a cada um deles, se estavam felizes, se tinham alguma preocupação e se alguma coisa os assustava aqui na ilha.

Tinha feito perguntas semelhantes antes, em outros orfanatos, e conseguia sempre perceber quando as crianças tinham sido instruídas a dizer o que achavam que ele devia ouvir. Havia sempre uma nota de artifício nas suas palavras animadas de felicidade e alegria e *Não, Sr. Baker, não há absolutamente nada de errado, estou cheio de alegria*.

Não era assim aqui. Aqui, Talia olharia para ele com desconfiança e exigiria saber por que razão estava a perguntar e se precisava de ir buscar a sua pá. Aqui, Phee rir-se-ia e dir-lhe-ia que não queria estar em nenhum outro sítio, porque estas eram as *suas* árvores e as *suas* pessoas. Aqui, Lucy sorriria para ele e diria: *Oh, sim, Sr. Baker, eu gostaria de ir para outro sítio, um dia*, mas só se os outros todos fossem com ele e concordassem com as suas ideias de domínio do mundo. Aqui, os olhos de Chauncey baloiçariam e ele diria que adorava a ilha, mas que desejava que houvesse um hotel lá para poder transportar as bagagens. Aqui, Theodore tropeçaria

nas suas asas, entusiasmado por ver Arthur, mesmo que Arthur tivesse saído apenas durante alguns minutos.

E foi aqui, na quinta-feira perto do fim da segunda semana, que Sal apareceu às cinco e um quarto na varanda da casa de hóspedes, mordendo o seu lábio inferior.

Linus abriu a porta depois de ouvir uma pancada e ficou surpreendido ao encontrar Sal sozinho. Inclinou-se, certo de que uma das outras crianças estava escondida por perto, mas não.

Era apenas Sal.

Linus controlou rapidamente a sua expressão, não querendo assustar o rapaz.

— Olá, Sal.

Os olhos de Sal arregalaram-se e ele deu um passo atrás. Olhou por cima do ombro e, embora não o pudesse ver, Linus tinha a certeza de que Arthur estava a observar em algum lado. Não sabia *como* é que o sabia, mas Linus tinha a impressão de que não acontecia muita coisa na ilha sem que Arthur soubesse.

Sal voltou-se para Linus e baixou os olhos para o chão. Tinha os punhos cerrados ao seu lado e estava a respirar pesadamente. Linus começou a recear que houvesse algum problema, mas então *Calliope* passou por entre as pernas de Linus e começou a esfregar-se em Sal. Ela miou alto para ele, arqueando as costas e contraindo as orelhas.

Sal sorriu suavemente para ela e pareceu relaxar.

— É uma boa gata — disse Linus calmamente. — Dá-me algum trabalho de vez em quando, mas nada com que eu não possa lidar.

— Eu gosto de gatos — disse Sal, quase num sussurro de voz. — A maior parte das vezes, eles não gostam de mim. Por causa da cena do cão.

— *Calliope* é um pouco diferente. Ela gosta de ti.

Sal olhou para ele.

— A sério?

Linus encolheu os ombros.

— Estás a ouvir o modo como ela fala contigo?

Sal assentiu.

— Nunca a tinha ouvido fazer isso antes. Ela ronrona como um gato normal, mas nunca mia. Pelo menos, não até chegarmos aqui e não até te conhecer.

Sal pareceu chocado.

— Uau — disse ele, olhando para ela. — Porque será?

— Gosto de pensar que é porque ela é uma boa avaliadora de carácter. Talvez sinta algo em ti que a faz falar. Os gatos são muito inteligentes. Se sentem que alguém não é uma boa pessoa, tendem a evitá-lo ou até mesmo a atacá-lo.

— Ela nunca me atacou — disse Sal.

— Eu sei. Ela gosta de ti.

Sal coçou a nuca.

— Eu também gosto dela.

— Ótimo — disse Linus. — Porque tal como os gatos nos podem indicar coisas sobre as pessoas, também podemos sempre avaliar uma pessoa pela forma como ela trata os animais. Se houver crueldade, essa pessoa deve ser evitada a todo o custo. Se há bondade, gosto de pensar que isso é a marca de uma boa alma.

— Eu sou bom para os animais — disse Sal, soando mais animado do que Linus jamais o ouvira. — E eles parecem sempre gostar de mim.

— Isso é ótimo — disse Linus, divertido. — Fico muito contente por o saber.

Sal corou e desviou o olhar. Quando falou novamente, murmurou algo que Linus não conseguiu compreender.

— Podes repetir, por favor? Não ouvi.

Sal inspirou profundamente e depois soltou o ar lentamente.

— Estava a perguntar se lhe poderia mostrar o meu quarto.

Linus manteve a voz calma, embora estivesse mais emocionado do que esperava.

— Gostaria muito. — Hesitou. — Alguém te mandou fazer isto? Não quero que faças uma coisa para a qual não estejas pronto.

Sal encolheu os ombros desajeitadamente.

— Antes da sua chegada, o Arthur disse que o senhor iria gostar de ver o meu quarto, mas nunca mais tocou no assunto.

Linus ficou aliviado.

— E nenhuma das outras crianças...

Abanou a cabeça.

— Não. Quero dizer, eu sei que o senhor já viu os quartos deles, mas... eles não disseram nada.

Linus queria perguntar porquê agora, mas decidiu ficar calado. Não era preciso exercer mais pressão sobre o rapaz.

— Então, eu gostaria muito.

— A *Calliope* também pode vir? — perguntou Sal apressadamente.

— Se puder ser. Não quero causar problemas a ninguém...

Linus levantou a mão.

— Claro que sim. No entanto, vamos deixar que seja ela a decidir. Se ela nos seguir, o que espero que faça, então que seja.

— Está bem.

— Vamos?

Sal mordeu o lábio mais uma vez antes de assentir rigidamente.

Linus fechou a porta da casa de hóspedes atrás de si.

Calliope veio com eles, como Linus adivinhara que faria. Ela aproximou-se de Sal e depois avançou apenas alguns metros à sua frente, antes de se virar para trás e voltar para junto dele. Linus quase se sentiu frustrado pela sua óbvia demonstração de afeto, mas, como era um homem de quarenta anos e não um adolescente mal-humorado, não disse uma palavra. Além disso, disse a si

mesmo, ela estava obviamente a ajudá-lo e Linus não ia dizer que não a isso.

Passaram por Talia no jardim, que apenas lhes acenou antes de voltar para as suas flores. Chauncey estava ao lado dela, exclamando em voz alta que as flores eram a coisa mais linda que já tinha visto e que, se ela estivesse para aí inclinada, ele gostaria de comer algumas. Phee e Zoe estavam na floresta. Lucy estava com Arthur no seu quarto. Antes de chegarem às escadas, Theodore gorjeou. Linus olhou para cima e viu a serpe pendurada numa viga exposta acima deles como se pensasse que era um morcego. Ele fez outro som e Sal respondeu:

— Está tudo bem, Theodore. Eu pedi-lhe que viesse.

Theodore trinou novamente antes de fechar os olhos, enquanto Linus seguia Sal escada acima.

Pararam diante da porta do quarto de Sal e ele, que nunca deixava de parecer nervoso na maior parte do tempo, pousou a mão trémula na maçaneta.

— Se não estás pronto, não estás pronto. Não te vou pressionar, Sal. Por favor, não faças isto por mim — disse Linus.

Sal franziu a testa enquanto olhava para Linus.

— Mas isto é por si.

Linus ficou confuso.

— Bem... sim, suponho que sim, mas temos todo o tempo do mundo.

Não tinham, é claro. Linus estava quase a meio da sua estada em Marsyas e essa tomada de consciência assustou-o.

Sal abanou a cabeça.

— Prefiro... prefiro fazê-lo agora.

— Se quiseres. Não vou tocar em nada, se isso te faz sentir melhor, mas se houver alguma coisa que me queiras mostrar terei prazer em vê-la. Não estou aqui para te julgar, Sal. De modo nenhum.

— Então, porque é que está aqui se não é para julgar?

Linus hesitou.

— Eu... bem, estou aqui para garantir que este lar é exatamente isso. Um lar. Um local em que eu posso confiar para vos manter a todos sãos e salvos.

Sal largou a maçaneta e virou-se totalmente para Linus. *Calliope* sentou-se perto dos seus pés, a olhar para ele. Isto era o mais perto que Linus alguma vez estivera de Sal. Ele era tão alto como Linus e, embora Linus fosse mais forte, Sal tinha um peso intrínseco, uma força que desmentia o quão pequeno tentava parecer às vezes.

— O senhor vai obrigar-me a ir embora? — perguntou Sal e o seu sobrolho franzido aprofundou-se.

Linus hesitou. Nunca mentira a nenhuma criança na sua vida. Se a verdade precisasse de ser manobrada, preferia não dizer nada.

— Não te quero obrigar a fazer nada que não queiras fazer — disse Linus lentamente. — E acho que ninguém o devia fazer.

Sal estudou-o cuidadosamente.

— O senhor não é como os outros.

— Os outros?

— Assistentes sociais.

— Oh. Acho que não. Sou o Linus Baker. Nunca conhecestes um Linus Baker antes.

Sal fitou-o durante mais um instante antes de se virar para a porta. Empurrou-a, abrindo-a, e depois deu um passo atrás. Começou novamente a morder o lábio e Linus quis dizer-lhe que se ia magoar, mas em vez disso perguntou:

— Posso?

Sal assentiu bruscamente.

O quarto não era nada extravagante. Na verdade, parecia desprovido de quase tudo o que Linus poderia associar a Sal. As outras crianças, bem ou mal, tinham personalizado os seus próprios espaços. Aqui, as paredes estavam em branco, a cama estava bem

feita, havia um tapete no chão de madeira, embora fosse discreto e cinzento, uma porta para um *closet* e... era tudo.

Em termos gerais.

Num canto, havia uma pilha de livros que recordavam a Linus o escritório de Arthur. Ele olhou para alguns dos títulos e viu que eram clássicos da ficção — Shakespeare e Poe, Dumas e Sartre. O último fez Linus arquear uma sobrancelha. Nunca tinha entendido bem o existencialismo.

Mas, tirando isso, o quarto era uma tela em branco, como se estivesse à espera que um artista lhe desse vida. Aquilo entristeceu Linus, porque suspeitava de que sabia a razão pela qual o quarto era assim.

— É encantador — disse ele, fazendo uma certa encenação de olhar em redor. Pelo canto do olho, viu Sal a espreitar pela porta, acompanhando cada movimento seu. — É bastante espaçoso. E que vista a desta janela! Acho que quase consigo ver a vila daqui. É uma vista maravilhosa.

— Dá para ver as luzes da vila à noite — disse Sal da porta. — Elas brilham. Gosto de fingir que são navios no mar.

— Um pensamento bonito — disse Linus. Afastou-se da janela e foi até ao *closet*. — Há algum problema se eu espreitar aqui?

Houve uma breve hesitação. E depois:

— Está bem.

O *closet* era maior do que Linus esperava. E ali, ao lado de uma cómoda, havia uma secretária pequena com uma cadeira com rodas arrumada por baixo. Em cima da mesa estava uma máquina de escrever, uma velha Underwood, com uma folha de papel em branco já enfiada.

— Oh, o que é isto? — perguntou Linus com ligeireza.

Não obteve resposta. Olhou por cima do ombro e viu Sal parado ao lado da cama parecendo um rapazinho perdido. *Calliope* saltou para

cima da cama e esfregou-se contra a mão dele. Sal estendeu os dedos e enfiou-os no pelo das costas da gata.

— Sal?

— É onde eu escrevo — deixou Sal escapar de olhos arregalados.
— Eu... gosto de escrever. Não sou... não é muito bom e eu provavelmente não devia...

— Ah. Parece que me lembro de algo relacionado com isso. Na semana passada, na vossa aula, leste algo para todos. Foste tu que escreveste?

Sal acenou com a cabeça.

— Era muito bom. Muito melhor do que o que eu jamais conseguiria escrever. Se precisares de um relatório preenchido eu sou a pessoa certa, mas isso é até onde chega a minha criatividade com a palavra escrita. Nada de computador?

— A luz magoa-me os olhos. E gosto mais do som da máquina de escrever.

Linus sorriu.

— Compreendo. Há algo mágico no bater das teclas que um computador não consegue imitar. Sei-o bem. Na maior parte dos dias, fico sentado à frente de um no trabalho. Também me magoa os olhos ao fim de algum tempo, embora eu acredite que a tua visão é um pouco mais nítida do que a minha.

— Não quero falar sobre o que escrevo — disse Sal rapidamente.

— Claro — disse Linus de modo descontraído. — É privado. Nunca te pediria para partilhares algo que não estás pronto para mostrar.

Aquilo pareceu apaziguar Sal um pouco.

— É só que... não faz sentido, às vezes. Os meus pensamentos. Tento escrevê-los a todos para encontrar um fio condutor, mas... — Ele parecia estar a debater-se para encontrar as palavras certas.

— É pessoal — disse Linus. — E vais encontrar o fio condutor quando estiveres pronto. Se for algo parecido com o que leste

antes, tenho a certeza de que será bastante emocionante. Há quanto tempo é que escreves?

— Dois meses. Talvez um pouco menos.

Então, só desde que estava em Marsyas.

— Não antes?

Sal abanou a cabeça.

— Eu nunca... ninguém me deixou antes. Até chegar aqui.

— Arthur?

Sal esfregou um sapato contra o tapete.

— Ele perguntou-me o que é que eu queria mais do que tudo. No primeiro mês, perguntava-me uma vez por semana, dizendo que quando eu estivesse pronto para responder ele faria o que pudesse dentro do razoável.

— E tu disseste uma máquina de escrever?

— Não. — Olhou para *Calliope*. — Eu disse-lhe que não queria ter de me mudar novamente. Que queria ficar aqui.

Linus pestanejou, sentindo um ardor repentino e inesperado nos seus olhos. Pigarreou.

— E o que é que ele disse?

— Que faria o que pudesse para garantir que isso acontecesse. E, *depois*, eu pedi uma máquina de escrever. Zoe trouxe-a no dia seguinte. E os outros encontraram a secretária no sótão e limparam-na. Talia disse que a poliu até achar que a barba lhe iria cair por causa de todos os produtos químicos. Eles fizeram-me uma surpresa com ela. — Os lábios dele curvaram-se. — Foi um bom dia. Quase como se fosse o meu dia de anos.

Linus cruzou os braços para evitar que as mãos lhe tremessem.

— E tu puseste-a no *closet*? Eu acho que ficaria bem diante da janela.

Sal encolheu os ombros.

— Ela... o *closet* ajudou-me a sentir-me pequeno. Ainda não estava pronto para ser maior.

— Pergunto-me se estás pronto agora — pensou Linus em voz alta. — O teu quarto é um pouco maior do que o *closet*, mas não tão grande que pareça que as paredes tenham desaparecido. É como a vila à noite. Podes vê-los, mas eles não te podem ver a ti, embora haja todo esse espaço entre vocês. Um pouco de perspetiva, acho.

Sal olhou para baixo.

— Eu nunca... não tinha pensado nisso dessa maneira.

— É apenas uma ideia. A mesa está perfeita onde está, se é isso que queres. Não precisa de ser movida até estares pronto, ou até mesmo nunca. Tanto quanto sei, a janela até pode ser uma distração.

— O senhor tem uma janela onde trabalha?

Linus abanou a cabeça. Pensou que aquilo era perigosamente pessoal, mas será que prejudicava realmente alguém?

— Não, o DRPJM não é... Bem, creio que eles não gostam de janelas.

— O DRPJM — cuspiu Sal e Linus amaldiçoou-se interiormente. — Eles... eles... eu não...

— É onde eu trabalho — disse Linus. — Mas tu já sabias. E foste tu que disseste que eu não era como os outros.

As mãos de Sal estavam novamente fechadas em punhos.

— Mas pode ser.

— Talvez — admitiu Linus. — E consigo perceber porque pensarias dessa forma, com tudo aquilo por que passaste, mas quero que te lembres de que não tens de me provar nada. Eu é que tenho de te provar que tenho o teu melhor interesse em mente.

— O Arthur é bom — disse Sal. — Ele não... não é como os outros. Os diretores. Não é... ele não é *mau*.

— Eu sei.

— Mas o senhor disse que o estava a investigar.

Linus franziu o sobrolho.

— Acho que nunca disse isso a não ser numa conversa particular. Como é que...

— Eu sou um cão — retorquiu Sal. — A minha audição é melhor. Eu conseguia ouvir-vos. O senhor disse que não era uma visita, era uma *investigação*. Eu não... não estava a tentar ouvir, mas foi o que os outros também disseram, que estavam a *investigar*. É por isso que nunca consigo pôr coisas no meu quarto como a Talia ou o Lucy. Porque é sempre temporário. Sempre que pensei que ia finalmente ter um lugar para ficar, ele foi-me tirado.

Linus praguejou mentalmente.

— Isso não era para tu ouvires.

Sal começou a afastar-se dele como se Linus lhe tivesse levantado a mão.

— Não — disse Linus rapidamente. — Isso não é... o que eu quis dizer é que eu devia estar mais ciente do que dizia. Devia ter sido mais cuidadoso com as minhas palavras.

— Então, não está a investigar o Arthur?

Linus começou a abanar a cabeça, mas parou. Suspirou.

— Não é o Arthur, Sal, ou, pelo menos, não é *apenas* o Arthur. É o orfanato como um todo. Eu sei que tu tiveste... experiências pouco desejáveis no passado, mas juro-te que isto é diferente. — Não sabia se acreditava nas suas próprias palavras ou não.

Sal olhou-o com cautela.

— E o que acontece se o senhor decidir mandar-nos embora? Não será o mesmo, então?

— Não sei — disse Linus calmamente. — Espero que se houver uma razão para uma ação desse tipo tu estejas ciente disso.

Sal ficou calado.

Linus achou que já se tinha demorado demais. Afastou-se da porta do *closet*. *Calliope* fitou-o zangada. Ele não a culpava. Achava que a visita não tinha corrido tão bem como esperava e embora tivesse dito a Sal antes que tinham todo o tempo do mundo, isso não era

verdade. O tempo, como sempre, passara mais depressa do que o esperado. Dali a duas semanas, teria de fazer a sua recomendação quando deixasse a ilha para trás.

Passou longe de Sal (ou tão longe quanto o quarto permitia a duas pessoas grandes). Sorriu-lhe e estava prestes a sair pela porta quando Sal disse:

— Será que me podia ajudar?

— Sim — disse Linus imediatamente. E depois: — Com o quê?

Sal olhou para *Calliope* que ainda não tinha acabado de receber atenção, ronronando enquanto ele lhe coçava as orelhas. Os lábios dele contraíram-se novamente. Ele olhou para Linus.

— Para mudar a minha mesa. Eu podia fazê-lo sozinho, provavelmente, mas não quero riscar as paredes nem o chão do meu quarto.

Linus manteve uma expressão neutra no rosto.

— Se é isso que queres.

Sal encolheu os ombros como se lhe fosse indiferente, mas Linus era bom no que fazia e viu através da fachada.

Linus desabotoou as mangas da sua camisa, enrolando-as até aos cotovelos.

— Suponho que cabe na porta do armário, já que a puseram lá.

Sal assentiu.

— Por muito pouco. Só temos de ter cuidado. O Chauncey ficou muito entusiasmado e lascou o canto da mesa. Ficou muito triste por causa disso, mas eu disse-lhe que estava tudo bem. Às vezes, as coisas lascam e partem-se, mas ainda são boas.

— Acho que dá carácter — disse Linus. — E faz-nos recordar uma memória. Preparado?

Sal estava preparado. Entrou primeiro no armário, puxando a cadeira para trás e pousando a máquina de escrever cuidadosamente sobre o assento. Depois, empurrou-a para perto da cómoda. Ficou numa ponta da mesa e esperou que Linus agarrasse

na outra. A mesa era pequena, mas velha. Linus suspeitava de que fosse mais pesada do que parecia.

Depois de se curvarem e de Sal contar até três, provou-se que ele tinha razão. *Era* pesada e Linus lembrou-se da mãe a dizer: *Levanta com os joelhos, Linus, sinceramente!* A pequena pontada nas costas recordou-o de que não estava a ficar mais novo e quase sorriu de tristeza perante o pouco esforço que Sal parecia exercer. Provavelmente, *poderia* tê-la movido sozinho.

Foram cuidadosos enquanto faziam passar a mesa pela porta do armário. Linus podia ver a lasca no canto mais distante da mesa, uma prenda de Chauncey, e recuou arrastando lentamente os pés. A mesa passou pela porta com 2,5 centímetros de sobra de cada lado.

— Pronto — Linus bufava e soprava. — Ali, diante da janela.

Pousaram-na com cuidado, evitando beliscar os dedos. Linus gemeu teatralmente enquanto se endireitava, levando as mãos às costas. Ouviu Sal rir-se, mas não o demonstrou. Queria ouvir aquele som novamente.

Linus deu um passo atrás, olhando criticamente para o seu trabalho. Colocou as mãos nas ancas e inclinou a cabeça.

— Está a faltar uma coisa.

Sal franziu a testa.

— Está?

— Sim. — Voltou para o armário e empurrou a cadeira para fora. Ergueu a máquina de escrever e pousou-a no meio da mesa, diante da janela, e depois colocou a cadeira novamente debaixo da mesa.

— Pronto. Agora está terminado. Então? O que é que achas?

Sal estendeu a mão e fez deslizar um dedo ao longo das teclas, quase com amor.

— É perfeito.

— Também acho. Espero que a tua criatividade floresça ainda mais com a musa através da janela. No entanto, se for uma distração,

podemos sempre voltar a colocá-la onde estava. Não tem nada de errado, desde que te lembres de que existe um mundo grande e vasto lá fora.

Sal olhou para ele.

— Sabe da mulher? Na cozinha?

Houve um... incidente, num dos seus orfanatos anteriores. Uma mulher que trabalhava na cozinha bateu-lhe por tentar tirar uma maçã e ele retaliou da única maneira que sabia. Ela passou pela mudança na semana seguinte.

— Sim — respondeu Linus com cuidado.

Sal assentiu e olhou para a máquina de escrever.

— Eu não tive intenção.

— Eu sei.

— Eu não... não sabia que aquilo ia acontecer.

— Também sei isso.

O peito de Sal estremeceu.

— Nunca mais o fiz desde então e não o voltarei a fazer. Prometo.

Linus colocou a mão no ombro dele e apertou-o, tal como vira Arthur fazer. Não o deveria ter feito, mas, pela primeira vez, não se importou com o que as *REGRAS E REGULAMENTOS* diziam.

— Eu acredito em ti.

E, embora tremesse, o sorriso de Sal foi caloroso e luminoso.

DOZE

Mais tarde, naquela noite, ouviu-se uma pancada na porta da casa de hóspedes. Linus franziu a testa e ergueu os olhos do seu relatório para fitar o relógio. Eram quase dez horas e ele estava prestes a ir dormir. Estava praticamente a terminar, mas já trocava os olhos e o último bocejo quase lhe deslocara o queixo. Decidira que terminaria no dia seguinte, antes de ter de enviar o relatório um dia depois.

Levantou-se da sua cadeira. *Calliope* mal lhe prestou atenção, deitada no seu poleiro no parapeito da janela. Ela pestanejou lentamente antes de voltar a enfiar o focinho debaixo das patas.

Linus passou a mão sobre o seu rosto cansado enquanto se dirigia à porta. Estava agradecido por ainda não ter vestido o pijama. Não achava correto receber uma visita tardia com roupas de dormir, a menos que esse convidado viesse passar a noite.

Abriu a porta e encontrou Arthur parado na varanda com o casaco bem apertado em seu redor. As noites estavam a ficar mais frias e o vento do mar trazia um toque gelado. O cabelo de Arthur estava despenteado e Linus perguntou-se como seria a sensação de lhe tocar.

— Boa noite — disse Arthur suavemente.

Linus assentiu.

— Arthur. Passa-se alguma coisa?

— Muito pelo contrário.

— Oh? O que é que...

— Importa-se? — perguntou Arthur, acenando em direção à casa.

— Trouxe-lhe uma coisa.

Linus semicerrou os olhos.

— Ah, sim? Não pedi nada.

— Eu sei. Não o faria.

Antes de Linus poder perguntar o que é que *isso* significava, Arthur inclinou-se e pegou numa caixa de madeira que se encontrava junto aos seus pés na varanda. Linus deu um passo atrás e Arthur entrou na casa de hóspedes.

Linus fechou a porta atrás de si enquanto Arthur entrava na sala. Olhou para o relatório na cadeira, mas não pareceu tentar ler o que lá estava escrito.

— A trabalhar até tarde?

— Sim — disse Linus lentamente. — Estava a acabar, na verdade. Espero que não tenha vindo aqui perguntar o que escrevi. Sabe que não lhe posso dizer. Os relatórios ser-lhe-ão disponibilizados após a conclusão da investigação, conforme descrito em...

— Não vim aqui para lhe perguntar sobre os relatórios.

Aquilo deixou Linus confuso.

— Não? Então, porque é que está aqui?

— Tal como disse, trouxe-lhe uma coisa. Um presente. Vá, deixe-me mostrar-lhe. — Pousou a caixa que trazia na mesinha ao lado da cadeira de Linus e levantou a tampa com os seus dedos graciosos.

Linus ficou intrigado. Não se conseguia lembrar da última vez que recebera um presente. No escritório, circulavam todos os anos cartões de aniversário para os assistentes sociais, onde cada um assinava o seu nome acompanhado de um desejo de *Felicidades!* nada sincero para quem quer que fosse o aniversariante. Os cartões eram baratos e impessoais, mas Linus supunha que era o pensamento que contava. E, além do almoço de Natal que a Direção Extremamente Superior oferecia — que não era um presente —, Linus não recebia nada de ninguém há muito tempo. A mãe já falecera há vários anos e, mesmo assim, só lhe dava meias, um gorro de lã ou calças para as quais dizia que ele tinha de crescer

porque eram caras e o dinheiro não cresce nas árvores, sinceramente, Linus.

— O que é isto? — perguntou ele, mais ansioso do que esperava. Tossiu. — O que quis dizer é que não preciso de nada de si.

Arthur arqueou uma sobrancelha.

— Não se trata de *precisar*, Linus. Não é para isso que os presentes servem. Eles têm que ver com a alegria de haver alguém a pensar em si.

Linus sentiu a pele quente.

— O Arthur estava... a pensar em mim?

— Constantemente, ainda que não possa reivindicar crédito por este presente. Não, este foi ideia de Lucy.

— Oh, meu Deus — suspirou Linus. — Não sei se quero um animal morto ou algo do género.

Arthur riu-se enquanto olhava para a caixa aberta.

— Ainda bem. Se quisesse um animal morto, é porque não estou a fazer isto bem. Sinto-me encantado por dizer que não é algo que costumasse estar vivo, embora possa parecer que sim.

Linus não tinha a certeza se queria ver o que estava na caixa. Arthur estava a bloqueá-la com o seu corpo magro e, embora Linus não pudesse sentir o cheiro de nada desagradável, nem ouvir nada a chiar, como um rato gigante de olhos esbugalhados, ainda estava hesitante.

— Bem, então o que é?

— Porque é que não vem até aqui e vê?

Linus respirou fundo e caminhou lentamente em direção a Arthur.

Amaldiçoou o facto de o homem ser tão alto. Tinha de se posicionar mesmo ao lado dele para poder ver o que estava lá dentro.

Repreendeu-se. Duvidava de que Arthur permitisse que Lucy fizesse algo incorreto. Ao jantar, Lucy estivera a sorrir para Linus o tempo todo e, embora o sorriso tivesse um toque diabólico, Linus

não o achou nefasto. Claro, Lucy era literalmente o filho do Diabo e provavelmente tinha aperfeiçoado a inocência há muito tempo.

Esperava que não explodisse. Não gostava de explosões, especialmente se tivesse de estar tão perto de uma.

Mas não era uma bomba, um rato ou uma carcaça morta e apodrecida.

Era um gira-discos portátil antigo. No interior da tampa estava a palavra ZENITH, com o Z na forma de um relâmpago.

Linus soltou uma exclamação:

— Veja só! É maravilhoso. Acho que há muito tempo que não via uma coisa destas e, mesmo assim, foi apenas nas montras das lojas! O gira-discos que tenho em casa é demasiado grande. E sei que o som não é tão grandioso nestes pequenos portáteis, mas sempre me perguntei como seria levar a música connosco onde quer que fôssemos. Por exemplo, num piquenique ou algo assim. — Estava a balbuciar e não sabia porquê. Fechou a boca com um estalar audível dos seus dentes.

Arthur sorriu.

— O Lucy esperava que reagisse assim. Ele queria estar aqui para lho dar pessoalmente, mas decidiu que seria melhor se viesse de mim.

Linus abanou a cabeça.

— Foi atencioso. Por favor, agradeça-lhe por... Não. Eu posso agradecer-lhe pessoalmente amanhã. Bem cedo, ao pequeno-almoço! — Então, outro pensamento atingiu-o: — Ah, mas não tenho nenhum disco para tocar. Não pensei em trazer nenhum de casa. E, mesmo que tivesse pensado, provavelmente não teria corrido o risco. São frágeis e não gostaria que se partissem.

— Ah — disse Arthur. — O Lucy também pensou nisso. — Pressionou com o polegar uma alavanca na parte inferior da tampa e um pequeno compartimento abriu-se. Lá dentro havia uma capa branca com um disco preto dentro.

— Que maravilha — disse Linus, ansioso para estender a mão e tocar na caixa. — De onde é que isto veio? Parece novo.

— Garanto-lhe que não é. É bastante velho, na verdade. Tenho a certeza de que viu todas aquelas caixas no sótão quando foi ver o ninho de Theodore.

Ele vira. Estavam empilhadas nos cantos nas sombras. Perguntara-se o que seriam, mas imaginou que eram apenas evidências da vida de uma casa velha. Os bens materiais tendiam a crescer inabalavelmente quando menos se esperava.

— Vi, sim.

Arthur assentiu.

— Isto esteve numa caixa perto da parte de trás durante muito tempo. Não tem sido necessário, visto que já temos três gira-discos em casa a funcionar. Lucy, como é habitual, descobriu-o enquanto andava a bisbilhotar. Estava cheio de pó e a precisar de ser limpo, mas ele foi cuidadoso. O Sal ajudou-o. — Olhou para baixo. — Para ser sincero, provavelmente devíamos tê-lo testado antes de eu o trazer. Nem sequer tenho a certeza se esta velharia funciona.

— E o disco?

Arthur encolheu os ombros.

— Lucy não me deixou ver o que era. Disse que era uma surpresa, mas que achava que o Linus ia gostar.

Aquilo deixou Linus um pouco nervoso, mas menos do que quando chegara à ilha.

— Bem, suponho que é melhor descobrirmos se ele tem razão.

Arthur deu um passo para trás.

— Quer fazer as honras?

— Claro. — Tomou o lugar de Arthur e retirou a capa do compartimento. Depois, fez deslizar cuidadosamente o disco. Este também estava em branco, sem nenhuma imagem na zona central. Ele pôs a capa de lado enquanto colocava o disco no prato, com o pequeno eixo a sair pelo buraco do meio. Ligou o interruptor na

lateral do aparelho e ficou encantado quando o disco começou a girar, estalando baixinho. — Acho que funciona — murmurou.

— Parece que sim — respondeu Arthur.

Baixou a agulha. Os altifalantes estalaram um pouco mais alto. E então...

Um homem começou a cantar, dizendo querida, tu envias-me, eu sei que me envias⁷.

— Sam Cooke — sussurrou Linus. Deixou cair o braço. — Oh. Oh, é maravilhoso.

Ergueu os olhos e descobriu Arthur a olhar para ele enquanto Sam cantava sobre como achava que era paixão, mas que durara muito tempo.

Linus deu um passo atrás.

Arthur sorriu.

— Podemos sentar-nos?

Linus assentiu, subitamente inseguro, o que não era novidade. O quarto parecia-lhe abafado e ele sentia-se tonto. Estava provavelmente apenas cansado. Fora um longo dia.

Tirou o seu relatório da cadeira antes de se sentar. Colocou-o na mesa ao lado do gira-discos enquanto Sam continuava a cantar. Arthur sentou-se na cadeira restante. Os pés de ambos estavam tão próximos, notou Linus, que se ele estendesse um pouco a perna as pontas dos sapatos tocar-se-iam.

— Ouvi uma coisa muito estranha esta noite — disse Arthur.

Linus olhou para ele, esperando que Arthur não lhe conseguisse ler os pensamentos no rosto.

— E o que foi?

— Estava a dar as boas noites às crianças. Sigo uma ordem, sabe? Vou de uma ponta à outra do corredor e Lucy é sempre o último, já que o quarto dele é dentro do meu. Mas Sal é o penúltimo e, antes de bater à porta dele, ouvi uns sons novos e felizes que não esperava.

Linus remexeu-se na cadeira.

— Tenho a certeza de que é normal. Afinal, ele é um adolescente. Eles gostam de... explorar. Desde que lhe recorde de que...

— Oh, céus, não — disse Arthur, lutando contra um sorriso. — Não, não era isso.

Os olhos de Linus esbugalharam-se.

— Oh, céus. Não é isso... eu não quis dizer... céus, qual é o meu problema?

Arthur disfarçou uma risada óbvia com tosse.

— Fico contente por saber que tem uma mente tão aberta.

Linus tinha a certeza de que estava terrivelmente vermelho.

— Não posso acreditar no que acabei de dizer.

— Eu também não, para ser sincero. Quem diria que Linus Baker poderia ser tão... assim.

— Sim, bem, eu ficaria grato se isso nunca saísse desta casa. Não diga à Zoe e, *especialmente*, não diga às crianças. O Sal, é claro, tem idade suficiente para compreender essas coisas, mas acho que isso destruiria a inocência de Chauncey. — Franziu a testa. — Não que eu veja como é que ele alguma vez poderia fazer... será que ele tem... oh não. Não, não, não.

Arthur soltou uma risada.

— Lucy é mais novo do que Chauncey. Não acha que também nos devemos preocupar com a inocência dele?

Linus revirou os olhos.

— Nós sabemos que isso não é um problema para ele.

— Tem razão. Bom, como tenho a certeza de que já sabe, eu não estava a falar sobre... *isso*. — A última palavra saiu deliciosamente baixa, como se se enrolasse em torno da língua e dos dentes dele antes de sair por entre os seus lábios. Linus ficou instantaneamente a suar. — Estava a falar do matraquear das teclas da máquina de escrever.

Linus pestanejou.

— Oh. Isso... faz sentido, agora que penso nisso.

— Aposto que sim. Foi surpreendente, não porque existisse, mas porque o som era muito mais alto do que o normal. Na maior parte das noites, é um som levemente abafado porque ele está a escrever dentro do *closet* com a porta fechada.

Linus percebia agora.

— Eu não... peço desculpa se ultrapassei algum limite.

Arthur ergueu a mão enquanto abanava a cabeça.

— De modo nenhum. Foi... mais do que eu poderia esperar. Gosto de pensar que significa que ele está a recuperar e o Linus participou nisso.

Linus fitou as suas mãos.

— Ah, não acho que seja verdade. Ele apenas precisava...

— Ele precisava de o ouvir em voz alta — disse Arthur. — E não posso imaginar melhor pessoa para o dizer.

Linus ergueu a cabeça.

— Não é verdade. Deveria ter vindo de si. — Estremeceu. — Isto não foi uma censura. O que eu quis dizer é que a minha função não é sugerir essas coisas.

Arthur inclinou a cabeça.

— E porque não?

— Porque eu não... não devo interagir. Pelo menos, não a um nível tão pessoal.

— É contra as suas *REGRAS E REGULAMENTOS*.

Linus assentiu enquanto Sam Cooke dava lugar aos The Penguins, que cantavam sobre o seu Anjo da Terra⁸. Aquilo fez que o coração lhe tropeçasse no peito.

— É.

— E porquê?

— É o que se exige a alguém na minha posição. Porque me permite permanecer imparcial.

Arthur abanou a cabeça.

— Estas crianças não são animais. O Linus não está num safári com binóculos, a observá-los à distância. Como é que vai avaliar as crianças se nem sequer arranja tempo para as conhecer? São pessoas, Linus. Mesmo que algumas delas pareçam diferentes.

Linus eriçou-se.

— Eu nunca sugeri tal coisa.

Arthur suspirou.

— Eu... peço desculpa. Foi... uma simplificação excessiva. Lidei com o preconceito durante muito tempo e tenho de me lembrar de que nem todas as pessoas pensam assim. O que eu queria dizer é que fez algo de notável por um rapaz que chegou aqui habituado apenas ao escárnio. Ele ouviu-o, Linus. Aprendeu consigo e era uma lição que ele precisava de aprender. Acho que ele não poderia ter tido um professor melhor a esse respeito.

— Isso não sei — disse Linus rigidamente. — Só fiz o que achei correto. Apenas posso imaginar o que ele passou e o Arthur também, enquanto diretor desta casa. Especialmente com pupilos tão especiais.

— Sim — disse Arthur. Havia algo na sua voz que Linus não conseguiu identificar. — Enquanto diretor desta casa, é claro. É por isso que eu... como é que disse assim que chegou?... Não os deixo sair.

— Eu podia tê-lo dito de outra maneira — admitiu Linus. — Especialmente sabendo o que sei agora.

— Não, acho que não podia. Atingiu o cerne da questão de forma bastante clara. Prefiro a franqueza à ofuscação, pois há coisas que se perdem na tradução. E é por isso que quando lhe digo que acho que ajudou o Sal é mesmo isso que quero dizer com cada palavra. Não lhe perguntei porque é que ele moveu a mesa, só lhe perguntei se tinha tido ajuda. Ele disse-me que sim e que foi o Linus. Não foi difícil perceber o resto depois disso.

— Foi apenas uma sugestão — disse Linus, desconfortável com o elogio. — Eu disse-lhe que, embora fosse bom querer sentir-se pequeno, ele não se devia esquecer de que pode ser grande quando quiser. Espero não ter falado demais.

— Acho que não. Acho que foram as palavras certas na hora certa. Como já disse, ele está a recuperar e com essa recuperação vem a confiança, embora esta precise de ser bem conquistada. Acho que está no bom caminho.

— Então, sinto-me honrado.

— Sim? Isso não parece ser apropriado. Tenho a certeza de que as *REGRAS E REGULAMENTOS*...

— Sim, sim. Já o percebi — zombou Linus.

Arthur sorriu.

— Já? Isso dá-me muito prazer, obrigado.

— Pelo quê?

Ele encolheu os ombros.

— Pelo que quer que esteja a fazer.

— Isso é... vago. Tanto quanto sabe, posso estar a escrever nos meus relatórios que este sítio não é adequado e o Arthur também não.

— É isso que está a escrever?

Linus hesitou.

— Não, mas isso não significa que não continue a ter preocupações ou que já tenha tomado uma decisão.

— Claro que não.

— Mas isto leva-me a uma certa questão, se é que ainda prefere a minha franqueza.

Arthur cruzou as mãos no colo.

— Aprecio-a bastante, na verdade.

— Nem sequer sabe o que vou dizer.

— Não, não sei. Mas o Linus sabe e acho que não o diria sem ter pensado bem no assunto. Vá, diga.

Linus olhou para o disco enquanto este mudava para Buddy Holly, que cantava sobre porque tu e eu iremos conhecer os caminhos do verdadeiro amor⁹. O facto de ser mais uma canção de amor mal passou pela cabeça de Linus; ele estava mais focado no facto de todos estes diferentes cantores estarem no mesmo disco. Nunca tinha ouvido falar de tal coleção antes.

— Acho que devemos levar as crianças a dar um passeio fora da ilha.

Buddy Holly cantou no silêncio.

E depois:

— Nós?

Linus encolheu os ombros embaraçado.

— O Arthur, a Zoe e as crianças. Eu também poderia ir, para vigiar. Acho que lhes faria bem, para não estarem tão... — Olhou para seu relatório. — Isolados.

— E onde é que os levaríamos?

Linus decidiu entrar no jogo, embora Arthur conhecesse a vila melhor do que ele.

— Vi uma geladaria quando fui à cidade na semana passada. Talvez seja altura de umas guloseimas. E também há o cinema, embora não saiba se o Sal gostaria disso devido à sensibilidade da sua audição. Estando tão perto do mar, tenho a certeza de que a vila é um destino turístico, mas como estamos fora da época alta não há tantas pessoas. Talvez os pudéssemos levar a um museu, se houver lá algum. Dar-lhes um pouco de cultura.

Arthur fitou-o.

Linus não gostou.

— O que foi?

— Cultura — repetiu ele.

— É apenas uma ideia. — Estava a sentir-se novamente na defensiva. Gostava de museus e tentava ir ao museu de história perto da sua casa pelo menos algumas vezes por ano, aos fins de

semana. Encontrava sempre algo de novo em tudo o que era tão velho.

Pela primeira vez desde que o conhecera, Arthur parecia inseguro.

— Não quero que nada lhes aconteça.

— Eu também não — disse Linus. — E, se o permitir, eu também estarei presente. Consigo ser bastante protetor quando é preciso. — Deu uma palmadinha no estômago. — Tenho demasiado volume para me tentarem derrubar.

O olhar de Arthur percorreu a parte da frente de Linus, observando os seus dedos. Linus deixou cair a mão novamente no colo.

Arthur ergueu novamente os olhos para ele.

— Eu sei sobre a jangada.

Linus pestanejou.

— Sabe...? Como? A Zoe disse...

— Isso não interessa. Apreciei a sua mensagem de resposta, mais do que poderia provavelmente saber. Vou falar com as crianças. Talvez no sábado a seguir ao próximo. Será o último sábado completo que estará aqui. Não haverá tempo depois, porque o Linus vai-se embora.

Não. Não haveria. O tempo nunca parava, embora muitas vezes parecesse elástico.

— Acho que sim.

Arthur levantou-se.

— Obrigado.

Linus ergueu-se também.

— Está sempre a dizer isso e não sei se é merecido.

Nesse momento, as pontas dos seus sapatos tocaram-se, os joelhos de ambos colidiram e, no entanto, Linus não deu um passo atrás. Nem Arthur.

— Eu sei que acha que não é — disse Arthur baixinho. — Mas eu não digo nada que não queira dizer. A vida é demasiado curta para isso. Gosta de dançar?

Linus exalou pesadamente enquanto olhava para Arthur. Os Moonglows começaram a cantar sobre os dez mandamentos do amor¹⁰.

— Não... sei. Acho que sou capaz de ter dois pés esquerdos, sinceramente.

— Duvido muito — disse Arthur, assentindo. Estendeu a mão como se fosse tocar no rosto de Linus, mas fechou-a num punho e deu um passo atrás. Fez um sorriso contido. — Boa noite, Linus.

E depois foi-se embora, como se nunca tivesse estado ali. Linus mal ouviu a porta fechar-se atrás dele.

Ficou de pé na casa vazia enquanto o disco girava lentamente, cantando canções de amor e saudade.

Quando estava prestes a desligá-lo, um *flash* brilhante de luz cor de laranja surgiu através da janela.

Correu para lá, espreitando para a escuridão.

Conseguia ver o contorno das árvores, da casa principal e do jardim.

Mas nada mais.

Decidiu que estava cansado e que os seus olhos estavam a pregar-lhe partidas.

Quando desligou o gira-discos e começou a preparar-se para dormir, não lhe passou pela cabeça que se tinha esquecido de perguntar sobre a porta da cave.

Ainda estava distraído dois dias depois, quando Zoe os levou até à vila. Merle não estava muito falador nesse dia, coisa pela qual Linus ficou grato. Achava que não ia conseguir lidar com os comentários sarcásticos do barqueiro.

Mas esse facto também permitiu que Linus se perdesse nos seus próprios pensamentos. No *que* estava a pensar exatamente, não tinha a certeza; parecia ter a mente a girar, presa num repuxo de água que subia desde a superfície do mar.

— Está muito calado.

Sobressaltou-se ligeiramente e virou-se para olhar para Zoe. As flores no seu cabelo eram de um dourado uniforme e ela usava um vestido de verão branco, embora ainda estivesse descalça.

— Desculpe. Estou... a pensar.

Ela soltou uma risada.

— Sobre?

— Para dizer a verdade, não tenho a certeza.

— Porque será que não acredito nisso?

Olhou para ela.

— Não é para acreditar ou não acreditar, é simplesmente o que é.

— Os homens são criaturas estúpidas — cantarolou ela baixinho.

— Ei!

— São, sim. Não sei porquê. Teimosos, obstinados e estúpidos. Seria enternecedor se não fosse tão frustrante.

— Não faço absolutamente nenhuma ideia do que está a dizer.

— *Nisso* acredito. Infelizmente.

— Conduza, Zoe — murmurou enquanto a rampa baixava diante deles. Merle acenou-lhes mal-humorado. Nem sequer gritou para não se demorarem a regressar.

O homem dos correios continuava tão mal-educado como na semana anterior. Resmungou quando Linus entregou o relatório lacrado dentro do envelope. Linus pagou e perguntou se tinha alguma correspondência para receber.

— Tem — resmungou o homem. — Está aqui há alguns dias. Se não estivesse naquela ilha, talvez a pudesse ter recebido mais cedo.

— Talvez se entregasse na ilha, como tenho a certeza de que entrega em todo o lado, não estivéssemos a ter esta discussão — retorquiu Linus.

O homem resmungou baixinho, mas entregou um envelope fino endereçado a Linus.

Linus não se incomodou a agradecer-lhe, sentindo-se de repente ousadamente vingativo. Nem sequer se *despediu* ao sair dos correios. Foi positivamente escandaloso.

— É para ele perceber — disse para si mesmo enquanto saía para a rua. Quase se virou e voltou para dentro para se desculpar, mas conseguiu conter-se, de alguma forma. Em vez disso, rasgou o envelope com cuidado, retirando a única folha de papel.

DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL PELA JUVENTUDE MÁGICA
MEMORANDO DA DIREÇÃO EXTREMAMENTE SUPERIOR

Sr. Baker:

Obrigado pelo seu relatório inicial. Foi muito esclarecedor sobre o funcionamento do Orfanato Marsyas. Como sempre, o senhor foi muito minucioso sobre os assuntos que está a investigar.

Advertimo-lo, contudo, em relação a dar opiniões pessoais. Embora possamos, sem dúvida, apreciar a sua frustração relativamente ao que entende ser uma falta de informação, gostaríamos de lhe recordar que não estamos a lidar com crianças normais aqui. E uma pessoa na sua posição não deve necessariamente questionar as decisões tomadas pela Direção Extremamente Superior.

Além disso, temos algumas preocupações em relação a Zoe Chapelwhite. Embora estivéssemos cientes da sua presença na ilha (realmente, Sr. Baker), não sabíamos que ela estava tão imersa na vida das crianças. Ela está envolvida romanticamente com o Sr. Parnassus? Passa algum tempo sozinha com as crianças? Embora a fada infantil Phee possa, com certeza, aprender com alguém mais velho da sua espécie, recomendamos cautela caso a Sra. Chapelwhite esteja a fazer mais além disso. Ela não está registada e, embora pareça estar atualmente fora do nosso alcance, o orfanato não está e mesmo um único passo em falso pode ser desastroso. Se houver algo impróprio a decorrer na casa, isso deve ser documentado, para a segurança das crianças, é claro.

Além disso, um pedido: o seu relatório incluía muitos detalhes sobre as crianças da casa. No entanto, no que diz respeito ao Sr. Parnassus, achámos que era bastante escasso. Se o seu segundo relatório não incluir mais detalhes sobre o diretor da casa, pedimos que o seu terceiro relatório forneça mais informações e se mantenha completamente objetivo. Esteja vigilante, Sr. Baker. Arthur Parnassus tem uma longa história com Marsyas e conhece a ilha de trás para a frente. Fique alerta. Mesmo o mais encantador dos indivíduos tem segredos.

Ficamos a aguardar os seus próximos relatórios.

Atentamente,



CHARLES WERNER

DIREÇÃO EXTREMAMENTE SUPERIOR

Linus ficou a olhar para a carta durante bastante tempo debaixo do Sol de outono.

Tanto, na verdade, que se assustou com o som de uma buzina algum tempo depois. Ergueu os olhos e viu Zoe estacionada diante dele a espreitar pelo para-brisas de olhos semicerrados. Havia mantimentos colocados em sacos no banco de trás. Ela fizera as compras e voltara e Linus não saíra de diante dos correios.

— Está tudo bem? — perguntou ela quando ele se aproximou do carro.

— Tudo bem — disse. Antes de abrir a porta, dobrou o memorando e colocou-o de volta no envelope. — Está tudo bem. — Entrou no carro. Estava tudo tão bem, na verdade, que ele não conseguia olhar para ela. Em vez disso, olhou para a frente.

— Não parece que esteja.

— Não é nada com que se preocupar — disse com excesso de entusiasmo. — Vamos para casa, está bem?

— Para casa — concordou ela calmamente. Afastou o carro do passeio e deixaram a vila para trás.

De repente, ele disse:

— Arthur.

— O que é que ele tem?

— É... diferente.

Sentiu Zoe olhar para ele, mas continuou a olhar resolutamente em frente.

— É?

— Acho que sim e acho que a Zoe sabe disso.

— Ele não é como mais ninguém — concordou ela.

— Conhece-o há muito tempo?

— Há tempo suficiente.

— Fadas — murmurou. Depois acrescentou: — Ele sabia sobre a jangada.

Pelo canto do olho, ele viu as mãos dela apertarem o volante.

— Claro que sabia.

— Não parece surpreendida.

— Não — disse ela lentamente. — Acho que não.

Esperou que ela continuasse.

Ela não o fez.

Linus apertou o envelope nas suas mãos.

— Quais são os planos para hoje? — perguntou, tentando dissipar a tensão no carro. — Outra aventura como no sábado passado? Suponho que posso ser convencido a vestir novamente a máscara. Embora não fosse a minha favorita, não me importei tanto como esperava.

— Não — disse Zoe com o cabelo a baloiçar ao vento. — Este é o terceiro sábado do mês.

— E isso significa...?

Zoe sorriu-lhe, embora o seu sorriso não fosse tão luminoso como de costume.

— Significa um piquenique no jardim.

Linus pestanejou.

— Ah, isso não parece muito...

— É a vez de Chauncey escolher o menu. Ele prefere peixe cru e tem algumas receitas experimentais novas que vai tentar fazer.

Linus suspirou.

— Claro que vai. — No entanto, deu por si a lutar contra um sorriso e, assim que entraram novamente no *ferry* em direção à ilha, nem sequer Merle conseguiu estragar o seu ânimo. A carta da Direção

Extremamente Superior ficou quase esquecida. Ele esperava que não houvesse peixe-balão. Ouvira dizer que eram venenosos.

You Send Me, canção de Sam Cooke (N. da T.).

Earth Angel (N. da T.).

Referente à letra da canção *True Love Ways* (N. da T.).

Ten Commandments of Love (N. da T.).

TREZE

Departamento Responsável Pela Juventude Mágica

Relatório n.º 3 – Orfanato Marsyas

Linus Baker, Assistente Social BY78941

Juro solenemente que o conteúdo deste relatório é preciso e verdadeiro. Entendo que, de acordo com as diretrizes do DRPJM, quaisquer falsidades detetáveis resultarão numa reprimenda e podem levar à rescisão do vínculo laboral.

Este relatório dirá respeito às minhas observações na minha terceira semana na ilha.

Ao refletir sobre o conteúdo do meu relatório anterior, abordei uma questão específica com o Sr. Parnassus: a do isolamento percebido das crianças de Marsyas. Entendo a sua hesitação. Como indiquei no relatório n.º 2, há uma estranha aura de preconceito na vila e, embora pareça ser mais concentrada do que, digamos, na cidade, presumo que seja apenas por causa da proximidade da vila em relação à ilha.

Tento pôr-me na pele dos habitantes da vila. Eles vivem perto de uma velha casa numa ilha habitada por jovens mágicos, mas o facto de as crianças serem mantidas afastadas permite que os rumores corram desenfreados. Embora algumas das crianças sejam certamente atípicas, isso não significa que não devam ser autorizadas a entrar na vila sempre que queiram.

O Sr. Parnassus parece relutante, embora tenha prometido pensar sobre o assunto. Acho fascinante o vínculo que criou com as crianças. Elas gostam muito dele e acredito que o veem como uma figura paterna. Nunca tendo sido diretor de um orfanato, não

posso atestar a força necessária para se administrar uma casa desse tipo e, embora este seja, sem dúvida, pouco habitual, acho que funciona a favor deles.

No entanto, potencialmente, também poderia funcionar contra eles. Como irão precisar de deixar a ilha um dia, não podem depender sempre do Sr. Parnassus. Nos meus encontros anteriores com outros diretores em diferentes orfanatos vi de tudo, desde uma indiferença branda até à crueldade declarada. Embora possa respeitar as *REGRAS E REGULAMENTOS*, acho que deve ser dito que se trata de *diretrizes* e não de verdadeiras leis e, mesmo assim, as diretrizes foram escritas há décadas e nunca foram atualizadas. Como é que devemos impor algo que não foi alterado com o passar do tempo?

Pediram-me para acrescentar mais detalhes sobre o Sr. Parnassus. Eis o que aprendi:

Phee é uma fada da floresta sob a tutela ocasional de Zoe Chapelwhite. Por essa razão, acredito que tenha conseguido um maior controlo, possivelmente mais do que qualquer outra fada infantil que já tenha encontrado, embora sejam poucas. E, apesar de demorar o seu tempo, ela é capaz de fazer crescer árvores e flores diferentes de tudo que já vi. Acredito que a Sra. Chapelwhite a ajudou nesse sentido.

Theodore é uma serpe, sim, e, embora o consideremos raro, quando pensamos normalmente em alguém como ele, nós (sim, nós) tendemos a vê-los como meros animais. Posso garantir à Direção Extremamente Superior que este não é o caso. Theodore é capaz de pensamentos e sentimentos complexos, tal como qualquer ser humano. É inteligente e engenhoso. Ontem, depois de eu me recuperar de uma intoxicação alimentar provocada pela ingestão de peixe cru, ele veio sozinho à casa de hóspedes, onde estou alojado, e perguntou se me poderia mostrar parte do seu tesouro. Observem o meu uso da palavra *perguntar*. Isso é

porque ele tem linguagem, embora possa não ser aquilo que estamos habituados a ouvir. Mesmo durante o meu pouco tempo aqui, já consegui captar as cadências dos seus trinos.

Talia é uma criança bastante rabugenta, mas atribuo isso ao facto de ser um gnomo. Pelo menos inicialmente, já que foi o que me ensinaram sobre a sua espécie. Acho que a nossa percepção é influenciada pelo que nos é ensinado. Mesmo quando somos crianças, é-nos dito que o mundo é de uma certa maneira e que estas são as regras. É assim que as coisas são e uma dessas coisas é que os gnomos são mal-humorados e irão dar-nos na cabeça com uma pá assim que olharem para nós. Embora isso possa descrever Talia a um nível superficial, podemos argumentar que o mesmo aconteceria no caso da maioria das raparigas pré-adolescentes. Não é uma característica da espécie, são hormonas. Basta passarmos algum tempo com ela para mergulharmos por baixo dessas ondas de fanfarronice e descobrirmos uma menina ferozmente protetora daqueles de quem gosta. Os gnomos, como sabemos, vivem em comunidades. Pelo menos, faziam-no quando eram mais numerosos. Talia construiu a sua comunidade aqui.

Chauncey está aqui simplesmente por causa do que é e, como não sabemos exatamente o que ele é, o DRPJM precisava de um lugar onde o colocar. Acredito — e isto não é tanto uma opinião, pois baseia-se na experiência — que ele tem a classificação de nível quatro simplesmente por causa do seu aspeto. Disseram-lhe repetidamente que era um monstro — crianças, diretores e pessoas em posições nas quais deviam ter outro conhecimento. Quanto mais batemos num cão, mais ele se encolhe quando uma mão é levantada e, no entanto, embora tenha sido espancado verbalmente antes de Marsyas (acho que fisicamente não, embora as palavras possam magoar tanto como uma chicotada), Chauncey é uma criança alegre e amorosa. Ele sonha. Será que

isso é compreendido, pergunto-me? Ele sonha com um futuro que talvez nunca tenha e, embora os seus sonhos possam parecer pequenos, são dele e apenas dele.

Sal é o mais reticente do grupo. *Tinha* sido abusado fisicamente antes da sua chegada à ilha. Isso estava claramente documentado, embora não tenha sido fornecido nos dossiês que me foram entregues. O Sr. Parnassus mostrou-me os relatórios assinados pelo DRPJM relativos aos acontecimentos específicos. O facto de ter sequer acontecido é uma farsa; o facto de ter acontecido a um rapaz tímido e recatado é inaceitável. Sal está aqui há menos tempo e ainda tem um longo caminho a percorrer antes de eu acreditar que estará totalmente recuperado. Contudo, acho que se vai recuperar, porque, mesmo que se assuste ao mínimo som, está a florescer diante dos meus olhos. Adora escrever e tive a sorte de ler alguns dos seus trabalhos. Acho que poderemos vir a ver grandes coisas dele, se lhe for dada a oportunidade. Embora não me dê nenhuma alegria fazer novamente a comparação, um cão encolhe-se até não se poder encolher mais. Ele precisa de ser encorajado, não temido.

Podem estar a perguntar-se — como tenho a certeza de que estão — o que é que isto tem que ver com o Sr. Parnassus. Não tem nada que ver *com* ele. É por *causa* dele que estas coisas são possíveis. Este não é simplesmente um orfanato; é uma casa de recuperação e uma que acho necessária. Houve uma poetisa, Emma Lazarus, que escreveu: «Deem-me os vossos cansados, os vossos pobres, as vossas massas amontoadas ansiando por respirar livremente».

Notarão, tenho a certeza, que ainda não mencionei Lucy.

Já se passaram dois dias desde que comecei este relatório. Tenho demorado algum tempo, já que encontrar as palavras certas parece ser da maior importância. Ontem à noite, algo

aconteceu. Fui acordado de um sono profundo pelo mais estranho dos incidentes...

Aquilo era capaz de ter sido um eufemismo.

Linus acordou ofegante, sentando-se na cama com uma mão agarrada ao peito e o coração a bater rapidamente. Estava desorientado, sem saber o que se passava. Os seus olhos ajustaram-se à escuridão e demorou um instante para perceber o que estava a ver.

A casa parecia estar a encolher.

O teto acima estava muito mais perto do que quando se deitara.

— Mas que raio? — exclamou.

Ouviu um miado vindo de algures por baixo dele. Espreitou sobre a beira da cama e viu que não era a casa que estava a encolher. Não, a razão pela qual o teto parecia muito mais perto era porque a cama estava a flutuar a metro e meio do chão.

— Oh, céus — disse Linus agarrando o edredão com força, enquanto *Calliope* olhava para ele com os olhos a brilhar no escuro e o rabo a contorcer-se.

Linus nunca antes tinha estado numa cama flutuante. Beliscou-se com força para ter a certeza de que não estava a sonhar.

Não estava.

— Oh, céus — disse novamente.

E, então, ouviu um rugido baixo e retumbante vindo do lado de fora da casa.

Puxou o edredão até ao queixo enquanto a cama balançava suavemente. Parecia a opção mais segura.

Calliope chamou-o novamente.

— Eu sei — conseguiu dizer, com a voz abafada pelo pesado cobertor. — Provavelmente não é nada, certo? Eu devia voltar a adormecer. Seria melhor para todos. Pelo que sei, isto é algo que acontece muitas vezes.

A cama inclinou-se bruscamente para a direita e Linus mal conseguiu gritar antes de cair no chão, com almofadas e cobertores a cair em seu redor.

Gemeu rebolando até ficar de costas.

Calliope lambeu-lhe o cabelo ralo. Nunca percebera porque é que os gatos faziam isso.

— Bem, obviamente estou acordado agora — disse, olhando para a cama mais acima. — É melhor ir ver do que se trata. Talvez seja apenas... um tremor de terra. Sim, um tremor de terra e está quase a acabar.

Levantou-se do chão, batendo com a cabeça contra o fundo da cama. Esfregou a testa, enquanto resmungava para si mesmo. Conseguiu encontrar os sapatos, que felizmente ainda pareciam estar presos ao chão. Calçou-os e saiu do quarto, com *Calliope* logo atrás de si.

A cadeira da sala estava a flutuar, girando preguiçosamente no ar. O gira-discos portátil ligava-se e desligava-se, as luzes piscavam.

— Consigo lidar com a maior parte das coisas — sussurrou ele para *Calliope*. — Mas acho que traço um limite nos fantasmas. Não gosto muito da ideia de ser assombrado.

Aquele som retumbante ouviu-se de novo e sentiu-o vibrar pelo chão. Parecia vir do lado de fora da casa e, embora detestasse fazê-lo, abriu a porta da frente.

As luzes piscavam na casa principal. Lembrou-se da luz cor de laranja brilhante que vira depois de o Sr. Parnassus ter saído há algumas noites, mas não era a mesma coisa. Parecia que algo estava a acontecer dentro da casa principal e, embora tudo o que quisesse fazer fosse fechar a porta e fingir que nada se passava, desceu da varanda para a erva.

E gritou de imediato quando uma mão lhe pousou no ombro.

Virou-se bruscamente e viu Zoe parada atrás dele, com uma expressão preocupada no rosto.

— Porque é que *fez* isso? — rosnou-lhe. — Está a *tentar* mandar-me para uma sepultura precoce? Parece que gosta de me assustar!

— É Lucy — disse ela baixinho, com as asas a brilhar atrás de si ao luar. Parecia etérea. — Está a ter um pesadelo. Tem de vir imediatamente.

As crianças estavam no rés do chão da casa principal, todas juntas, a olhar para o teto. Estavam todas encolhidas em redor de Sal, que tinha o sobrolho franzido. Todos pareceram aliviados quando viram Linus e Zoe.

— Estão todos bem? — perguntou Linus. — Alguém se magoou? Eles abanaram a cabeça.

— Isto acontece às vezes — disse Phee, cruzando os braços sobre o seu corpo magro. — Sabemos o que fazer, embora não aconteça há meses.

— Isto não significa que ele seja mau! — balbuciou Chauncey girando os olhos. — Ele apenas... agita as coisas, como os nossos quartos e a casa inteira.

— E só porque ele pode sacudir a casa inteira não significa que nos quer magoar — disse Talia, de olhos semicerrados.

Theodore gorjeou a sua concordância, pousado no ombro de Sal.

— Sabemos que ele não faria nada contra nós — disse Sal baixinho. — E pode parecer assustador, mas a culpa não é dele. Não pode evitar ser quem é.

Linus demorou um momento para perceber o que eles estavam a fazer; achavam que ele ia usar isto contra Lucy, contra *e/es*. Aquilo magoou mais do que Linus esperava, embora compreendesse. Ainda que pudessem ter começado a confiar lentamente nele, ele ainda era um assistente social do DRPJM. Ainda estava ali a investigar. E isto, não importava o que fosse, não dava boa imagem.

— Ainda bem que vocês estão a salvo — disse Linus, ignorando a pontada no seu peito. — Isso é que é importante.

Phee parecia preocupada.

— Claro que estamos a salvo. O Lucy não nos faria nada.

— Eu sei disso — disse Linus.

Eles não pareceram acreditar nele.

Ouviu-se outro rugido vindo do andar de cima. Parecia que algo monstruoso tinha despertado.

Linus suspirou. Não sabia por que razão decidira que agora era o momento perfeito para testar a sua coragem.

— Fica aqui com eles? — perguntou a Zoe.

Ela parecia prestes a protestar, mas depois assentiu:

— Se assim quer.

O que Linus *queria* era continuar a dormir na sua cama, mas isso estava fora de questão.

— Sim — respondeu. — Acha que é preciso tirá-los de casa? — Olhou desconfiado para os móveis a flutuar em redor deles.

— Não. Ele não os vai magoar.

E por razões que Linus não conseguia explicar, confiou nela. Confiou *neles*.

Sorriu fracamente para as crianças antes de se virar para as escadas.

— Sr. Baker!

Ele olhou por cima do ombro.

Chauncey acenou-lhe.

— Gosto do seu pijama!

— Hum. Obrigado, isso é muito... Importas-te de baixar o braço? Não recebemos gorjetas por fazer elogios!

Chauncey suspirou e baixou o seu tentáculo.

Talia acariciou a barba.

— Lembre-se, se vir alguma coisa... estranha, é apenas uma alucinação.

Engoliu em seco.

— Oh. É... um conselho maravilhoso. Muito agradecido.

Ela endireitou-se orgulhosa.

O corrimão da escada parecia vibrar debaixo da sua mão enquanto ele subia degrau após degrau. Os quadros e pinturas nas paredes giravam em círculos preguiçosos. Ouviu rajadas agudas de música — pedaços de uma dúzia de canções diferentes que reconheceu. Havia grandes bandas e *jazz* e *rock 'n' roll* e ecos do dia em que a música morreu, com o Big Bopper, Buddy Holly e Ritchie Valens a cantar em redor dele com vozes fantasmagóricas.

Chegou ao topo da escada. Todas as portas, exceto a da ponta, estavam abertas. Deu outro passo e todas se fecharam com estrondo de uma vez só. Soltou uma exclamação, dando um passo atrás quando o corredor se começou a *contorcer*, fazendo a madeira ranger. Fechou os olhos, contou até três e abriu-os novamente.

O corredor estava como sempre estivera.

— Muito bem, meu velho — murmurou para si mesmo. — Tu consegues fazer isto.

As portas permaneceram fechadas quando ele passou por elas, embora as luzes tremelicassem atrás delas, iluminando o chão em rajadas rápidas. A música tornou-se mais alta quando se aproximou da porta na ponta e era como se todos os discos alguma vez feitos estivessem a ser tocados todos ao mesmo tempo, uma cacofonia estridente de som que fez os dentes de Linus chocalharem.

Teve a ideia ridícula de bater quando chegou à última porta, mas abanou a cabeça. Respirou fundo quando pousou a mão na maçaneta, girando-a.

A música morreu quando a porta se abriu.

Linus pensou ter captado um *flash* de luz cor de laranja pelo canto do olho, mas este desapareceu antes que ele pudesse descobrir de onde tinha vindo.

A porta do quarto de Lucy estava escancarada, ligeiramente pendurada pelas dobradiças.

Lucy estava de pé no centro do quarto, com as mãos estendidas para o lado como asas e os dedos tensos. Os discos que adornavam as suas paredes giravam em redor dele lentamente. Alguns estavam rachados e estilhaçados. Ele tinha a cabeça caída para trás e os olhos abertos, mas estes estavam vazios e cegos. A boca estava aberta e os tendões eram visíveis no seu pescoço.

Arthur estava ajoelhado diante dele, com uma mão em concha sobre a nuca de Lucy. Olhou para Linus, arregalando ligeiramente os olhos, antes de se voltar para Lucy. Começou a sussurrar algo que Linus não conseguiu entender, mas o tom era suave e reconfortante. Ele apertava ligeiramente o pescoço de Lucy.

Linus aproximou-se um passo.

— ... e eu sei que estás com medo — dizia Arthur. — E sei que quando fechas os olhos, às vezes, vês coisas que ninguém devia ver. Mas há algo de bom em ti, Lúcifer, esmagadoramente bom. Eu sei que existe. Tu és especial, tu és importante, não apenas para os outros, mas para mim. Nunca houve ninguém como tu antes e eu vejo-te por tudo o que és e por todas as coisas que não és. Vem para casa. Tudo o que quero que faças é que voltes para casa.

Lucy arqueou as costas como se estivesse eletrificado. Abriu mais a boca de um modo quase impossível. Aquele som de rugido ouviu-se novamente, rastejando para fora da sua garganta. Era escuro e retorcido e os olhos de Lucy brilharam em vermelho, uma coisa profunda e antiga que fez a pele de Linus arrepiar-se.

Mas Arthur nunca o largou.

Lucy relaxou, caindo para a frente. Arthur apanhou-o.

Os cortinados das janelas pararam de esvoaçar.

Os discos caíram no chão, alguns deles partindo-se em pequenos pedaços que se espalharam pelo chão.

— Arthur? — perguntou Lucy, com a voz embargada. — Arthur? O que aconteceu? Onde é que estou... Oh. Oh, Arthur.

— Estou aqui — disse Arthur, puxando-o para um abraço. Lucy enterrou o rosto no pescoço de Arthur e começou a soluçar, enquanto o seu corpinho tremia. — Estou aqui.

— Foi tão mau — chorou Lucy. — Eu estava perdido e havia *aranhas*. Eu não o conseguia encontrar. As teias eram tão grandes e eu estava perdido.

— Mas encontraste-me — disse Arthur suavemente. — Porque estás aqui. E o Sr. Baker também está aqui.

— Está? — fungou Lucy. Virou o rosto para olhar na direção da porta. Tinha o rosto manchado e molhado de lágrimas. — Olá, Sr. Baker. Desculpe se o acordei, eu não queria.

Linus abanou a cabeça, esforçando-se para encontrar as palavras certas.

— Não é preciso desculpas, meu querido menino. Eu tenho um sono leve. — Não tinha nada. A mãe dizia sempre que uma debandada de cavalos selvagens não seria capaz de o acordar. — Estou feliz por estares bem. Isso é o mais importante.

Lucy assentiu.

— Eu tenho pesadelos, às vezes.

— Eu também.

— Tem?

Linus encolheu os ombros.

— Faz parte de estar vivo, acho. Mas, mesmo que tenhas pesadelos, lembra-te de que são apenas sonhos. Vais sempre acordar e eles vão acabar por desaparecer. Descobri que acordar de um sonho mau traz uma sensação de alívio diferente de qualquer outra coisa no mundo. Significa que o que estavas a ver não era real.

— Parti os meus discos — disse Lucy amargamente. Afastou-se de Arthur, esfregando a cara com o braço. — Gostava tanto deles e agora estão partidos. — Olhou de modo patético para os cacos de plástico preto brilhante no chão.

— Nada disso — advertiu Linus. — Estes eram apenas os da tua parede, correto? — Avançou mais para dentro do quarto e agachou-se ao lado de Lucy, pegando num pedaço de disco partido.

— Nem todos — disse Lucy. — Alguns deles eram os que eu ouvia. Até eram os meus *favoritos*.

— Posso dizer-te uma coisa?

Lucy assentiu, olhando para os seus discos.

Linus pegou noutro pedaço. Parecia que se encaixava no que ele já tinha. Juntou-os diante de Lucy. Encaixaram perfeitamente, formando um todo.

— Quando algo está partido, podemos juntá-lo novamente. Pode não se encaixar da mesma forma ou não funcionar como antes, mas isso não significa que já não seja útil. Vês? Com um pouco de cola e um pouco de sorte ficará perfeito. Pendurado na tua parede, nem vais conseguir notar a diferença.

— Mas e os que eu ouço? — perguntou Lucy com uma fungadela.
— Os que estavam nas paredes já estavam riscados.

Linus hesitou, mas antes que pudesse pensar em algo para dizer, Arthur antecipou-se.

— Há uma loja de discos na vila.

Linus e Lucy olharam para ele.

— Há? — perguntou Lucy.

Arthur assentiu lentamente. Tinha uma expressão estranha no rosto.

— Há. Podemos ir lá, se quiseres.

Lucy enxugou os olhos novamente.

— A sério? Acha que pode ser?

— Acho — disse Arthur. Levantou-se lentamente. — Acho que será ótimo. Talvez pudéssemos fazer um passeio em redor disso. Todos nós.

— Até o Sr. Baker?

— Se ele quiser — disse Arthur, parecendo divertido. — Talvez ele queira escolher discos contigo, já que vocês os dois gostam de música. Os vossos gostos excedem em muito os meus.

Lucy virou-se com o rosto iluminado. Linus estava maravilhado com a sua resiliência.

— Pode vir connosco, Sr. Baker? Podíamos procurar música juntos!

Linus ficou surpreendido, mas conseguiu finalmente dizer:

— Sim, isso... isso seria certamente possível.

— Porque é que não vais dizer aos outros que podem voltar para a cama? — perguntou Arthur. — Tenho a certeza de que vão querer ver que estás bem antes de ir dormir.

Lucy sorriu-lhe, uma coisa deslumbrante que fez o coração de Linus doer.

— Está bem! — Correu porta fora, gritando pelo corredor que não estava morto e que nada se incendiara desta vez, o que fora *ótimo*.

Linus levantou-se, fazendo estalar os joelhos.

— Estou a ficar velho — murmurou ele, estranhamente envergonhado. — Embora, suponho que aconteça ao melhor de...

— Ele não magoa ninguém — disse Arthur num tom de voz duro.

Linus olhou para cima com surpresa. Arthur estava a olhar para ele de testa franzida e aquela expressão estranha estava de volta. Linus não o conseguia ler. E por que razão é que se estava a sentir distraído com o pijama de Arthur era algo que não sabia. Arthur usava calções e tinha os joelhos pálidos e nodosos. A camisa estava enrugada. Parecia mais jovem do que nunca e quase perdido.

— É bom saber isso.

— Eu sei que vai provavelmente ter de pôr isto no seu relatório — continuou Arthur, como se Linus não tivesse dito nada. — Não o posso culpar por isso, nem tentarei impedi-lo, mas peço-lhe que se lembre de que Lucy nunca magoou ninguém. Ele... eu falei a sério.

Ele é bom. Há tanta coisa boa nele, mas acho que não sobreviveria longe daqui. Se este sítio fechar, ou se ele for retirado, não sei se...

Linus não pensou antes de estender a mão e agarrar na de Arthur. As suas palmas deslizaram juntas e os dedos entrelaçaram-se. Arthur segurou-o com força.

— Eu percebo o que está a dizer.

Arthur pareceu aliviado.

No entanto, antes que ele pudesse falar, Linus teve de terminar:

— No entanto, mesmo que ele não seja um perigo para ninguém, será que não o é para si mesmo?

Arthur abanou a cabeça.

— Isso não é...

— É por isso que o mantém aqui consigo. Não é verdade? Para ele estar sempre ao seu alcance, caso haja necessidade.

— Sim.

— Ele já se magoou?

Arthur suspirou.

— Não... não fisicamente, mas é um especialista em autoflagelação depois. Se algo está partido, não importa a quem pertença, ele transporta sempre a culpa sobre os ombros.

— Algo me diz que esse sentimento não lhe é estranho a si.

Os lábios de Arthur curvaram-se.

— Um pouco.

— Ele parece estar bem agora.

— Independentemente de quem é, ainda é uma criança. Elas recuperam espantosamente. Ele vai ficar bem, acho. Pelo menos até ao próximo. — Arthur estreitou ligeiramente os olhos. — E eu também estarei presente nessa altura.

Era um desafio e um que Linus não podia enfrentar. Qualquer que fosse a sua recomendação, a decisão dependia do DRPJM.

— Disse-me que isto não acontecia com frequência. Pelo menos, não ultimamente, e eu acho que teria reparado em algo deste

gênero durante a minha estada.

— Eu pensei... *esperava* que ele estivesse a ultrapassá-los. — Arthur parecia frustrado.

— O que é que causou este, então? Sabe? Aconteceu alguma coisa hoje?

Arthur abanou a cabeça.

— Não que eu saiba. Acho que... por mais grotesco que possa ser, acho que há alguma verdade quando ele diz que tem aranhas no cérebro. Há muita coisa que não sabemos sobre o que significa ser o Anti...

— Ah — repreendeu Linus, apertando a mão de Arthur. — Não dizemos essa palavra por aqui.

Arthur sorriu suavemente.

— Não, acho que não. Obrigado por me lembrar. As aranhas, embora obviamente não sejam aranhas *reais*, são uma representação do que se passa na cabeça dele. Pequenos fios de escuridão entrelaçados na sua luz.

— Partes de um todo — disse Linus. — Todos nós temos os nossos problemas. Eu tenho um pneu sobressalente na barriga, o pai dele é Satanás. Nada que não possa ser resolvido se nos esforçarmos o suficiente.

Arthur inclinou a cabeça para trás em direção ao teto, fechando os olhos enquanto o seu sorriso se alargava.

— Eu gosto de si tal como é.

Linus sentiu-se extremamente quente mais uma vez. Tinha a certeza de que a palma da sua mão estava a suar imenso, mas não conseguia encontrar forças para a retirar.

— Eu... bem. Isso é... suponho que seja bom.

— Suponho que sim.

Estava desesperado por mudar de assunto antes de dizer algo de que se arrependesse. Era uma batalha que estava a perder, mas tinha de lutar.

Soltou a mão de Arthur e disse:

— Então, vamos à vila? Vejo que tomou uma decisão.

Arthur abriu os olhos e suspirou. Olhou para Linus.

— Tinha razão. Está provavelmente na altura. Eu preocupo-me, mas sempre me preocuparei.

— Tenho a certeza de que vai correr tudo bem — disse Linus, dando um passo atrás. — E se não correr garanto que irei dizer o que penso. Não tenho tempo nem paciência para qualquer má-educação. — Sentia-se estranhamente solto, como se estivesse a flutuar fora do seu próprio corpo. Perguntou-se se tudo aquilo lhe pareceria um sonho no dia seguinte. — Creio que é altura de ir dormir. A manhã vai chegar quando menos esperarmos.

Virou-se, certo de que tinha o rosto vermelho. Estava quase na porta quando Arthur disse o seu nome.

Parou, mas não se virou.

— Eu falei a sério. — A voz de Arthur era abafada.

— Sobre?

— Gostar de si tal como é. Acho que nunca o senti tanto em relação a alguém que tenha conhecido.

Linus agarrou a maçaneta da porta com força.

— Isso é... obrigado. É muito simpático da sua parte dizer-mo. Boa noite, Arthur.

Arthur riu-se.

— Boa noite, Linus.

E, com aquilo, Linus fugiu do quarto.

Não dormiu o resto da noite.

Assim que empurrou a cama de volta para o seu devido lugar no quarto da casa de hóspedes, caiu em cima dela certo de que desmaiaria depois da noite que tivera.

Não desmaiou.

Em vez disso, ficou acordado, a pensar na sensação da mão de Arthur na sua, na maneira como elas se encaixavam. Era tolo e provavelmente perigoso, mas na escuridão silenciosa não havia ninguém que o pudesse privar desse sentimento.

CATORZE

Merle estava de pé no *ferry*, boquiaberto.

Linus inclinou-se para fora da janela do lugar do passageiro da frente.

— Vai baixar a rampa?

Merle não se mexeu.

— Homem inútil — resmungou Linus. — Não sei por que temos de confiar nele para comandar um grande barco. Estou espantado por ainda não ter matado ninguém.

— Vamos ter um acidente e afundarmo-nos no oceano e talvez morrer? — perguntou Chauncey. — Seria giro.

Linus suspirou. Precisava mesmo de aprender a censurar-se melhor. Virou-se para olhar para a parte de trás da furgoneta. Seis crianças olharam para ele com vários graus de interesse perante a ideia de se afundar no oceano e morrer, Lucy e Chauncey mais do que os outros.

Zoe, sentada na terceira fila, arqueou uma sobrancelha na sua direção, indicando-lhe, sem dizer uma única palavra, que toda esta confusão era culpa dele e, portanto, era melhor lidar com o assunto.

Esperava não se arrepender.

Havia elevadas probabilidades de isso acontecer.

— Não nos vamos afundar no oceano e morrer — disse Linus com a maior paciência possível. — É apenas uma expressão usada por adultos e, portanto, crianças como vocês não devem dizer nada de semelhante.

Arthur soltou uma risada do banco do condutor, mas Linus ignorou-o. Estava numa posição muito estranha com Arthur desde aquela noite no quarto dele. Onde antes não tinha nenhum problema em

dizer o que pensava ao diretor da casa, agora dava por si a corar e a gaguejar como se fosse um adolescente. Era ridículo.

— Os adultos pensam muito na morte? — perguntou Lucy. Inclinou a cabeça num ângulo estranho. — Isso deve significar que também sou um adulto, porque penso nisso o tempo todo. Gosto de coisas mortas. Ainda gostaria de si se estivesse morto, Sr. Baker. Talvez ainda mais.

Zoe sufocou uma risada com as costas da mão e virou-se para olhar pela janela.

Inúteis. Tanto ela como Arthur.

— Os adultos não pensam muito na morte — disse Linus severamente. — Na verdade, mal pensam nisso. É coisa que nem sequer me passa pela cabeça.

— Então, porque é que há tantos livros escritos por adultos sobre a mortalidade? — perguntou Phee.

— Eu não... é porque... não interessa! O que estou a *tentar* dizer é que não vai haver mais conversa sobre mortes ou morrer!

Talia assentiu sabiamente enquanto acariciava a sua barba.

— Exatamente. Porque é melhor não sabermos se estamos prestes a morrer. Dessa forma, não começamos a gritar já. Será uma surpresa. Podemos sempre gritar depois.

Theodore trinou preocupado, escondendo a cabeça debaixo da asa enquanto se sentava no colo de Sal. Este estendeu a mão e fez-lhe festas nas costas.

— Eu posso dizer quando é que vão morrer — disse Lucy. Inclinou a cabeça para trás e olhou para o teto da furgoneta. — Acho que era capaz de ver o futuro se me esforçasse o suficiente. Sr. Baker? Quer que eu veja quando é que vai morrer? Oh, sim, está a surgir agora. Consigo ver! O senhor vai perecer num terrível...

— *Não* quero — retorquiu Linus. — E digo-te *mais uma vez*, enquanto estivermos na vila não podes andar por lá a oferecer-te para dizer às pessoas qual o destino que as espera!

Lucy suspirou.

— Como é que vou fazer novos amigos se não lhes posso dizer como é que vão morrer? Qual é a vantagem?

— Gelados e discos — disse Arthur.

— Oh. Está bem!

Esta fora uma péssima ideia.

— Acham que estou bem? — perguntou Chauncey pelo que deveria ser a centésima vez. — Não sei se a minha roupa está correta.

Ele usava uma gabardina minúscula e colocara uma cartola entre os olhos. Dissera que era o seu disfarce, mas não disfarçava grande coisa. Fora ideia dele e Linus não tivera vontade de discutir, especialmente quando Chauncey exclamara em voz alta que não podia ir *nu* para a vila, embora fosse assim que passava a maior parte do tempo na ilha. Linus nunca tinha pensado nisso dessa forma e agora não conseguia *não* pensar.

— Estás ótimo — disse Linus. — Arrojado, mesmo.

— Como um espião escondido nas sombras prestes a revelar um grande segredo — disse-lhe Sal.

— Ou como se fosse abrir o casaco e expor-se a nós — resmungou Talia.

— Ei! Eu não faria isso! Só se me pedissem!

Zoe já não tentava a esconder o riso.

Linus virou-se novamente no banco e ficou a olhar pelo para-brisas. Merle ainda estava parado a olhar para eles boquiaberto.

— Mudou de ideias? — perguntou Arthur. Linus não precisou de olhar para ele para saber que estava a sorrir.

— Não — disse Linus. — Claro que não. Vai correr bem, vai tudo... Por amor de *Deus*, homem! Baixe a maldita rampa!

— Ooooh — disseram as crianças.

— O senhor Baker praguejou — sussurrou Talia com admiração. Ia correr bem.

— Voltamos esta tarde — disse Arthur a Merle enquanto saíam do *ferry*. — Espero que não seja um problema. Vou garantir que recebe alguma coisinha extra.

Merle assentiu, ainda de boca aberta.

— Isso é... é ótimo, Sr. Parnassus.

— Achei que seria. É um prazer vê-lo novamente.

Merle fugiu de volta para o *ferry*.

— Um tipo estranho, não é? — perguntou Arthur e conduziu em direção à vila.

Como estavam no final de setembro e, portanto, no início da época baixa, a vila de Marsyas não estava tão movimentada como normalmente. Quando Linus chegara, três meras semanas antes, ainda havia muita gente nas ruas e a meter o nariz nas lojas, além de crianças em fatos de banho atrás dos pais, que usavam chinelos nos pés brancos e transportavam chapéus-de-sol, toalhas e geleiras a caminho da praia.

A vila não estava exatamente morta, mas sim calma, o que deixou Linus à vontade. Queria que isto corresse de modo o mais tranquilo possível para que o pudessem voltar a fazer depois de ele se ir embora. O facto de estar a pensar em termos do orfanato permanecer como estava nunca lhe passou pela cabeça. Isso viria mais tarde.

Mas aqueles que *estavam* na rua não fizeram muito para esconder o facto de estarem boquiabertos.

Talia, mais próxima da janela, acenou enquanto passavam por uma mulher e pelos seus dois filhos.

As crianças acenaram de volta.

A mãe agarrou-as e segurou-as como se pensasse que estavam prestes a ser arrebatadas.

Chauncey, que estava sentado na extremidade oposta do banco, encostou o rosto à janela, enquanto os seus olhos se moviam de um lado para o outro.

— Ali está o hotel! Estou a vê-lo! Olhem para ele! Olhem para... Oh. Meu. *Deus*. Há um *carregador*. Um carregador verdadeiro ao vivo! Vejam! *Vejam*.

E lá estava um homem magro a ajudar uma senhora idosa, que usava uma quantidade excessiva de peles, a sair de um carro caro. Eles ouviram o grito de Chauncey e Linus olhou para trás a tempo de ver Chauncey encostar a boca contra o vidro e soprar uma grande lufada de ar, o que fez a sua cabeça expandir-se.

A velhota cambaleou, levando a mão à garganta. O carregador conseguiu apanhá-la antes que caísse.

— Uau — murmurou Chauncey, enquanto afastava o rosto do vidro. — Os carregadores conseguem fazer *tudo*.

la correr bem.

la *mesmo*.

Arthur parou num parque de estacionamento reservado para aqueles que iam para a praia. Como era época baixa, estava praticamente vazio e não havia ninguém na cabina de pagamento, a qual estava fechada. Ele estacionou no primeiro espaço livre e desligou a furgoneta.

— Crianças — disse suavemente. — Por favor, saiam do veículo e juntem-se em pares.

Uma manada de rinocerontes-fêmeas grávidas em corrida teria sido mais silenciosa do que as crianças naquele momento.

Linus agarrou no relatório que tinha no colo enquanto a furgoneta baloiçava. O terceiro relatório estava, como sempre, num envelope lacrado, carimbado e endereçado à Direção Extremamente Superior, ao cuidado do Departamento Responsável pela Juventude Mágica. Pensou em ir primeiro aos correios, mas achou que seria melhor esperar até terem terminado. Não havia necessidade de distrações. Pousou-o no tabliê.

— Tudo bem? — perguntou Arthur baixinho.

Linus olhou para ele antes de se recordar da sensação agradável das suas mãos juntas. Desviou novamente o olhar. Pensamentos frívolos.

— Estou bem — disse rispidamente. — Está tudo bem.

— Acho que esse é o seu mantra para hoje. Já o disse várias vezes.

— Sim, bem, quanto mais o disser, talvez mais verdadeiro se torne.

Arthur estendeu a mão e tocou-lhe brevemente no ombro.

— As crianças vão portar-se bem.

— Não é com elas que estou preocupado — admitiu Linus.

— Lembro-me claramente de um homem que proclamou que não iria tolerar má-educação. Era uma visão bastante feroz, fiquei impressionado.

— Devia provavelmente sair mais vezes se aquilo o impressionou.

Arthur riu-se.

— O Linus é encantador. E olhe, estou cá fora! Agora. Vamos ver o que acontece, está bem? Não podemos ficar na furgoneta para sempre.

Não, não podiam, mesmo que Linus quisesse. Estava a ser tolo, mas não conseguia conter a estranha sensação de pavor na boca do estômago. Isto tinha sido ideia sua, uma que ele tinha defendido, mas agora que estavam aqui...

Olhou pelo para-brisas. Na parede lateral do edifício diante deles, debaixo de um anúncio de *Chunky Cola* — *Todos Temos os Nossos Pedacos!* — havia uma faixa recordando às pessoas a mesma frase: VEJA ALGUMA COISA, DIGA ALGUMA COISA.

— Tem os documentos de identificação deles? — perguntou Linus baixinho.

— Tenho.

— Está bem.

Linus abriu a porta e saiu da furgoneta.

As crianças estavam alinhadas aos pares na retaguarda. Lucy e Talia. Sal e Theodore. Phee e Chauncey. Tinham decidido os pares sozinhos e, embora Linus tivesse calculado que Sal e Theodore ficariam juntos, a ideia de Lucy e Talia foi o suficiente para lhe causar arrepios na espinha. Eles tendiam a espicaçar-se um ao outro. Tivera de dizer a Talia, de modo inequívoco, que ela não podia trazer a sua pá, para seu grande desagrado.

E foi por isso que se assustou quando Arthur disse:

— Phee e Chauncey, vocês vão com a Sra. Chapelwhite. Sal e Theodore, vocês vão comigo. Lucy e Talia, vocês estão entregues ao Sr. Baker.

Lucy e Talia viraram lentamente a cabeça em uníssono, com sorrisos iguais no rosto que provocaram um calafrio na espinha de Linus.

— Talvez devêssemos... — gaguejou ele — quero dizer, não há realmente necessidade de... acho que devíamos... Oh, céus.

— Qual é o problema, Sr. Baker? — perguntou Lucy docemente.

— Sim, Sr. Baker — disse Talia. — Qual é o problema?

— Estou *bem* — disse. — Está tudo *bem*. No entanto, acho que seria uma boa ideia se ficássemos todos juntos.

— O máximo que pudermos — disse Arthur descontraidamente. Mais uma vez, as suas calças eram demasiado curtas para as suas pernas. E tinha meias roxas. Linus estava perdido. — Acho que a maioria deles vai ficar aborrecido dentro da loja de discos, mas quem melhor para ajudar Lucy a escolher a música do que o Linus? Crianças, lembraram-se das vossas mesadas?

Todos acenaram com a cabeça, exceto Chauncey, que se lamentou:

— Não! Esqueci-me! Estava demasiado ocupado a vestir-me! Agora estou falido e não tenho *nada*.

— Felizmente para ti, supus que fosse esse o caso — disse Arthur.

— E foi por isso que dei a tua à Zoe.

Chauncey acalmou-se imediatamente, olhando para Arthur com adoração.

Arthur olhou para o relógio.

— Se acabarmos por nos separar, vamos combinar encontrar-nos na geladaria às duas e meia. Concordam?

Todos concordaram.

— Então, vamos! — disse Arthur alegremente.

Lucy e Talia estenderam imediatamente as mãos e agarraram nas de Linus.

— Acha que há um cemitério aqui, Sr. Baker? — perguntou Lucy.
— Gostava de o ver, se houvesse.

— Eu disse-lhe que devia ter trazido a minha pá — resmungou Talia. — Como é que vou desenterrar cadáveres sem a minha pá?

Talvez Linus acabasse por se arrepender disto, afinal.

Por mais que Linus o tentasse evitar, conseguiram separar-se do grupo após aproximadamente três minutos e vinte e seis segundos. Linus não tinha a certeza de como aquilo acontecera. Num instante, estavam todos juntos e, no seguinte, Talia grunhiu algo em gnomês, que parecia exprimir extrema felicidade, e foram puxados para uma loja, onde um sino tocou sobre a porta assim que esta se fechou atrás deles.

— O que foi? — perguntou Linus, olhando por cima do ombro e vendo os outros continuar a descer a rua. Arthur piscou-lhe o olho antes de continuar. — Esperem, talvez devêssemos...

Mas Talia não se deixou dissuadir. Largou a mão de Linus e marchou em frente, murmurando para si mesma em gnomês.

— Oh, não — gemeu Lucy. — De todos os sítios onde poderíamos ter ido, ela escolheu o pior.

Linus pestanejou.

Estavam numa loja de ferragens.

E Talia estava a andar de um lado para o outro diante de uma exposição de equipamentos de jardinagem, acariciando a sua barba e inspecionando cada pá, enxada e ancinho. Parou e exclamou:

— Estas são as novas B.L. Macks! Nem sequer sabia que já tinham saído! — Estendeu a mão para o expositor e tirou uma pá de formato estranho, cujo cabo estava adornado com flores estampadas. Virou-se e mostrou-a a Linus. — Estas são as pás com melhor classificação na *Revista Mensal das Ferramentas de Jardim!* Achava que só iam ser lançadas na próxima primavera! Sabem o que isto significa?

Linus não fazia ideia.

— Sim...?

Talia assentiu furiosamente.

— Exatamente! Pensem! Eu posso comprá-las e podemos ir ao cemitério como o Lucy queria! Posso desenterrar *tantas coisas* com isto!

— Não digas isso tão alto! — sibilou Linus, mas ela ignorou-o e fingiu escavar como se se estivesse a habituar ao punho e ao peso da pá.

Até Lucy parecia interessado.

— É um pouco pequena — disse ele duvidoso. — Como é que vais escavar uma cova inteira com essa coisinha?

— Não tem que ver com o tamanho — zombou Talia —, mas sim com o que fazemos com ela. Não é verdade, Sr. Baker?

Linus tossiu.

— Eu... é verdade, suponho.

— E eu sou um *gnomo*, Lucy. Sabes o quão bem posso cavar.

Lucy assentiu, parecendo aliviado.

— Boa. Porque talvez tenhamos de desenterrar, pelo menos, três ou quatro corpos...

— Não vamos desenterrar *nenhum* corpo — retorquiu Linus. — Tirai *já* essa ideia das vossas cabeças.

— Não vamos? — perguntou Talia, olhando para a pá. — Mas, então, qual é o interesse?

— O interesse? O interesse de *quê*?

— De ir ao cemitério — disse Lucy, puxando-o pela mão.

— Nós não *vamos* ao cemitério!

Talia semicerrou os olhos para ele.

— Mas o senhor disse que podíamos.

— Oh, não — gemeu Lucy. — Será que ele está a ficar senil? É tão velho, está a perder a cabeça! Ajudem-nos! Por favor, alguém nos ajude! Este homem, que devia estar a tomar conta de nós, está a ficar senil e tenho medo do que ele possa fazer!

Uma mulher atarracada apareceu vinda de um dos corredores, parecendo preocupada. Tinha uma mancha de terra na testa, luvas de jardinagem nas mãos e segurava uma tesoura de podar.

— Meu Deus, o que se passa? Estão todos... bem...?

Parou quando viu Talia com a pá. Olhou lentamente para Lucy, que lhe sorriu, mostrando muitos dentes.

Deu um passo atrás.

— Vocês são da ilha.

— Sim — disse Talia num tom de voz pragmático. — E eu gostaria de falar consigo sobre as B.L. Macks. Quando é que elas chegaram? São tão boas como a sua classificação sugere? Parecem ser mais leves do que eu esperava.

— Nós vamos ao cemitério — acrescentou Lucy num tom monótono e sinistro. — Morrem muitas pessoas aqui? Espero que sim.

Os olhos da mulher arregalaram-se.

— Não vamos *nada* — disse Linus apressadamente. — Aqui a Talia tem um jardim muito bonito e bem cuidado. Não sei se já vi alguma coisa tão imaculada.

Aquilo não pareceu fazer muito para acalmar a mulher, embora Talia se envaidecesse.

— Obrigada, Sr. Baker! — Olhou novamente para a mulher. — Não dá para ver pela maneira como ele se veste, mas, às vezes, o Sr. Baker tem bom gosto.

A mulher assentiu, movendo a cabeça para cima e para baixo.

— Isso é... simpático. — Pigarreou. — Um jardim, dizes? Na ilha? Pensei que era... — Empalideceu.

Talia inclinou a cabeça.

— A senhora pensou que era o quê?

— Que... hum. Não interessa. — Olhou rapidamente para Linus antes de forçar, de modo óbvio, um sorriso. — Fala-me do teu jardim e eu vejo se consigo descobrir o que seria melhor para ti.

— Oh, não — gemeu Lucy. — Agora ela nunca mais vai parar de falar.

Talia ignorou-o enquanto se lançava numa explicação muito completa do seu jardim. Era tão completa, na verdade, que Linus pensou que ela estava a descrevê-lo centímetro a centímetro. E embora concordasse secretamente com Lucy, permaneceu focado na dona da loja, observando-a em busca de qualquer sinal de que ela estivesse apenas a ouvir Talia para ver se eles se iam embora.

Embora esse parecesse ser certamente o caso no início, a mulher começou a relaxar e interrompeu Talia, fazendo perguntas sobre os níveis de pH no solo e que tipos de flores e plantas ela cultivava. A mulher parecia impressionada com o conhecimento de Talia e com o que ela tinha criado.

Por fim, disse:

— Embora as B.L. Macks sejam consideradas de ponta, descobri que tendem a desgastar-se mais depressa. Alguém como tu — tossiu —, que sabe o que está a fazer, é capaz de se dar melhor com as Foxfares. São mais resistentes e não custam tanto. É o que eu uso aqui na loja e em casa.

Talia colocou a pá de volta na prateleira, quase com reverência.

— As Foxfares? A *Revista Mensal de Ferramentas de Jardinagem* disse que...

— A *Revista Mensal de Ferramentas de Jardinagem*? — zombou a mulher. — Oh, minha querida menina, a *Revista Mensal de Ferramentas de Jardinagem* passou a ser a *Revista Semanal de Ferramentas de Jardinagem* do mundo das ferramentas de jardim. O que interessa é a *Revista Bimensal de Ferramentas de Jardinagem*. É o que todos os jardineiros sérios leem.

Talia soltou uma exclamação.

— É? — Olhou para Linus. — Porque é que eu não sabia disso? O que mais esconderam de mim?

Linus encolheu os ombros impotente.

— Não faço a mínima ideia do que se passa.

A mulher olhou para ele.

— Sente-se bem, senhor? Está senil?

Linus suspirou enquanto Lucy ria à gargalhada.

O total, depois de somado, era surpreendente. Linus nunca gastara tanto em ferramentas de jardinagem na sua vida.

Talia sorriu para a mulher.

— Pode dar-nos licença por um instante?

A mulher assentiu.

Talia virou-lhe as costas e o seu sorriso desapareceu. Parecia agitada. Agarrou a mão de Linus e puxou-a, fazendo-o baixar-se.

— Eu não tenho dinheiro suficiente — sussurrou. — E não podemos atirá-la ao chão e roubá-la, certo? Porque isso seria errado.

— Não podemos de modo nenhum atirá-la ao chão e roubá-la — disse Linus.

Lucy revirou os olhos.

— Eu sabia que ia dizer isso. — Franziu a testa, enfiando depois a mão no bolso. Tirou um punhado de notas amarrotadas e estendeu-

as a Talia. — Achas que chega?

Talia abanou a cabeça.

— Não, Lucy, não podes. Isso é para os teus discos.

Lucy encolheu os ombros.

— Eu sei, mas nem todos estão partidos. E os que se partiram foi por minha culpa, de qualquer maneira. Podes ficar com ele.

— Guardem o dinheiro — disse Linus calmamente. — Os dois.

— Mas as minhas *ferramentas*...

Ele aproximou-se do balcão, largando as mãos deles enquanto pegava na sua própria carteira. Sorriu fracamente para a mulher enquanto lhe entregava o seu cartão do Diners Club, algo que só usava em emergências. Ela colocou-o em cima do terminal de pagamento manual e girou a manivela para imprimir o recibo.

Ouviu sussurros atrás de si e olhou por cima do ombro, querendo ter a certeza de que eles não estavam realmente a planear roubar a loja de jardinagem. Em vez disso, descobriu Talia a sorrir, com os olhos húmidos, enquanto Lucy colocava um braço em volta dos seus ombros.

A mulher pigarreou e Linus virou-se novamente para a frente. Ela entregou-lhe o cartão e começou a empacotar as ferramentas. Linus sentiu Talia colocar-se ao seu lado, estendendo as mãos para o balcão e acenando, pois não conseguia ver por cima dele. A mulher entregou-lhe os sacos.

Ela hesitou e depois prosseguiu:

— Este teu jardim parece encantador.

— É — respondeu Talia sem qualquer traço de ego.

— Será que... eu gosto de tirar fotos dos jardins aqui em Marsyas.

— Apontou para um quadro de cortiça na parede com fotos de diferentes jardins. — Das pessoas que compram aqui. Penso que cada jardim é diferente. Refletem as personalidades daqueles que cuidam deles.

— Não há cadáveres no nosso jardim — disse Lucy tentando ajudar. — Mas, tirando isso, é exatamente como Talia.

— É bom saber — disse a mulher com voz fraca. Ela abanou a cabeça. — Talvez... se o Sr. Baker aqui concordar, talvez eu possa ir até lá ver o teu jardim um dia? Na primavera, quando as coisas estão a florir? Ou mais cedo, se puder ser.

— Sim — disse Talia com os olhos a brilhar. — Oh, *sim*. Só que não seria o Sr. Baker. Vai ter de perguntar ao Arthur, mas tenho a certeza de que ele vai concordar. O Sr. Baker está cá para garantir que não estamos a passar fome, nem a ser espancados ou mantidos em jaulas. Ele vai para casa em breve.

Linus ergueu a cabeça na direção do teto, pedindo silenciosamente orientação.

— Ah — disse a mulher. — Isso é... bom?

Lucy assentiu.

— Muito bom. Mas o Sr. Baker não é completamente mau. Quero dizer, claro, eu tentei assustá-lo e fazê-lo ir-se embora da ilha quando ele chegou, mas agora gosto que esteja vivo e não... da outra maneira.

Linus suspirou.

— Maravilhoso — disse a mulher com voz fraca. — É ótimo saber. Eu mando avisar o Arthur quando puder fazer a viagem.

Talia ofereceu-lhe um sorriso deslumbrante.

— Espero que venha preparada para se surpreender. O meu jardim faz todos aqueles do seu quadro parecer uma porcaria.

Era altura de ir.

— Obrigado — disse Linus rigidamente enquanto agarrava as crianças pelos braços e as começava a puxar para fora da loja.

— Adeus, senhora das plantas! — gritou Lucy. — Até *muito* em breve!

Já estavam lá fora, debaixo da luz do Sol, quando Linus conseguiu respirar novamente. No entanto, antes que pudesse dizer o que

pensava, ficou surpreendido quando a sua perna direita foi envolvida num abraço apertado. Olhou para baixo e viu Talia agarrada a ele.

— Obrigada, Sr. Baker — ela disse baixinho. — Foi muito simpático da sua parte.

Hesitou, mas depois estendeu a mão e deu-lhe uma palmadinha no topo da cabeça através do gorro, algo que nunca se teria atrevido a fazer mesmo há alguns dias antes.

— Não foi nada.

— Ele é tão maravilhoso e generoso — disse Lucy, girando em círculos na calçada de braços estendidos por razões que Linus não percebia. — E espero que se lembre de fazer o mesmo por mim, para eu não ter de gastar o meu próprio dinheiro e sentir-me excluído e ter de abrir um poço para o inferno e ver esta vila ser engolida inteira. Porque isso seria *muito fácil*.

Linus mal teve tempo de se perguntar por que razão as ameaças de Lucy não o assustavam tanto como antes, quando se puseram novamente a caminho.

— Espetáculo — suspirou o homem da loja de discos. Tinha os olhos vidrados e injetados e cabelos compridos que lhe caíam sobre os ombros. Parecia estar a precisar de um banho.

O que significava, é claro, que Lucy estava fascinado.

— Espetáculo — concordou ele. Consequira subir para o balcão e estava de joelhos diante do homem.

— Chama-me J-Bone, na boa, meu.

Havia outro homem na parte de trás da loja a observá-los com cautela.

— Tu és como... — J-Bone fez um som de explosão, abrindo bem as mãos.

— Sim — disse Lucy. — Esse sou eu. Bum.

J-Bone — Linus desconfiou de imediato dele por ter esse nome, sinceramente — olhou para Talia, que estava sentada no chão da loja de discos, a cantarolar enquanto inspecionava cada uma das suas ferramentas novas.

— O bacano pequenino tem barba. E é um bacano-*menina*.

— É muito macia — disse Lucy. — Ela tem inúmeros sabonetes para a barba. E cheiram a flores e coisas femininas.

— Fantástico — disse J-Bone. — Respeito, bacano-menina.

— Isto é uma espátula — disse Talia. — É minha.

— Boa. — Virou-se novamente para Lucy, que estava a apenas alguns centímetros do seu rosto. — O que é que posso arranjar para ti, bacano pequenino?

— Eu preciso de discos — anunciou Lucy. — Os meus partiram-se depois de eu ter um pesadelo sobre ser comido por aranhas e preciso de os substituir. O Sr. Baker vai pagar, por isso não precisamos de poupar.

J-Bone assentiu.

— Não sei o que acabaste de dizer, mas ouvi discos e de discos eu percebo. — Acenou para o homem de pé na parte de trás da loja. — Eu e o Marty podemos arranjar-te umas cenas.

— Tens um cheiro engraçado — disse Lucy, inclinando-se para a frente e inspirando profundamente. — A... plantas, mas não é como nenhuma que a Talia tenha no jardim dela.

— Ah, sim — disse J-Bone. — Eu cultivo e fumo os meus próprios...

— Já chega — disse Linus. — Não precisamos de saber nada sobre as suas atividades extracurriculares.

— Quem é o bota-de-elástico? — sussurrou J-Bone.

— É o Sr. Baker — sussurrou Lucy de volta. — Está aqui para garantir que eu não queimo ninguém vivo com o poder da minha mente e lhes consumo depois as almas a partir da sua carcaça fumegante.

— Arrasador, bacano pequenino — disse J-Bone, fazendo um gesto de «dá cá cinco» que Lucy retribuiu de bom grado. — Quero dizer, espero que isso não me aconteça, mas, tu, curte a tua onda.

— Atirou o cabelo para trás do ombro. — O que é que procuras?

— O Big Bopper, Ritchie Valens e Buddy Holly.

— Uau. A velha guarda.

— Mantêm as aranhas na minha cabeça afastadas.

— Eu percebo. Gostas do Rei?

— Se gosto do Rei? — zombou Lucy enquanto baloiçava de joelhos. — *Claro* que gosto do Rei. Acho que o meu pai verdadeiro o conheceu uma vez.

Linus optou por não perguntar nada sobre aquele comentário.

— Pai verdadeiro, hã? — perguntou J-Bone, inclinando-se para a frente sobre o balcão.

— Sim. — Os olhos de Lucy moveram-se de um lado para o outro.

— Ele... não está por perto.

— Não quer saber?

— Pode dizer-se isso. Ele lida com muita coisa.

— Oh, meu, eu entendo. O meu pai acha que eu não estou a fazer nada com a minha vida, sabes? Acha que eu devia fazer mais do que a loja de discos.

Lucy ficou escandalizado.

— Mas... mas a loja de discos é o melhor sítio de *sempre*!

— Não é? Ele quer que eu seja um advogado de acidentes pessoais como ele.

Lucy fez uma careta.

— O meu pai verdadeiro conhece *muitos* advogados de acidentes pessoais. Confia em mim quando te digo que estás melhor aqui.

— É o que eu acho. Já ouviste falar de Santo & Johnny?

— *Sleep Walk* é a minha *onda*, meu! — exclamou Lucy. — Mas não tenho esse disco.

— Estás com sorte, porque acho que tenho uma cópia nas traseiras. Vamos ver se a conseguimos encontrar.

Lucy saltou do balcão enquanto J-Bone dava a volta. Depois, começaram a dirigir-se para a parte de trás da loja.

— Ei, Marty! — disse J-Bone. — Tenho um bacano pequenino à procura de umas coisas da era dourada. Vamos ver se o podemos ajudar.

— Espetacular — exclamou Lucy, olhando com adoração para J-Bone. — Era dourada!

Marty não falou. Apenas acenou com a cabeça e virou-se para avançar mais para dentro da loja.

Linus não gostou do facto de eles se estarem a afastar bastante dele.

— Vou ver se eles estão bem — disse para Talia. — Ficas bem aqui sozinha?

Ela revirou os olhos.

— Eu *tenho* 263 anos. Claro que fico bem.

— Não saias da loja.

Ela ignorou-o, voltando a percorrer amorosamente as suas novas ferramentas com um dedo.

Lucy, J-Bone e Marty tinham desaparecido da vista. Linus seguiu o caminho que eles tinham percorrido. Para lá de uma esquina, perto do fundo da loja, havia uma porta que tinha sido fechada. Linus tentou abri-la, mas descobriu que estava trancada. Ele franziu a testa e empurrou-a novamente.

A porta não se mexeu.

Do lado de dentro ouviu-se um grito e um estrondo alto.

Linus não hesitou. Atirou todo o seu peso contra a porta, ouvindo a moldura estalar. Deu um passo atrás e correu para a porta, embatendo contra ela com o ombro.

A porta soltou-se das dobradiças, caindo no chão.

Linus quase tropeçou, mas conseguiu equilibrar-se no último instante.

Lá dentro, encontrou Marty caído contra a parede oposta. J-Bone estava inclinado sobre ele, com uma expressão de desprezo no rosto.

Lucy estava a percorrer com os dedos uns discos empilhados num caixote.

— O que é que aconteceu? — quis saber Linus.

Lucy olhou para ele e encolheu os ombros.

— Oh, ele começou a falar sobre Jesus e Deus e que eu era uma abominação ou algo do género.

Acenou com a cabeça na direção de Marty, que estava inconsciente. Em volta do seu pescoço, pendurada numa corrente, havia uma cruz de prata ornamentada.

— Ele tentou enfiar aquilo na minha cara. — Lucy riu-se enquanto abanava a cabeça. — O que é que ele pensa que eu sou, um vampiro? Que tolice. Eu *gosto* de cruces. São apenas dois paus juntos, mas significam muito para muitas pessoas. Tentei fazer um símbolo com pauzinhos de gelado que pudesse vender para ficar rico, mas o Arthur disse que não era correto. Olhe, Linus! Chuck Berry! Espetacular! — Exultou de excitação enquanto tirava um disco da caixa.

— Não foi porreiro, meu — J-Bone repreendia o inconsciente Marty. — Tipo, a sério. A música é para todos. — Ele empurrou a perna de Marty. — Uau. K. O. total. Bacano pequenino, tu és da pesada.

— Muito da pesada — concordou Lucy.

Linus olhou novamente para Marty. Estava a respirar. Iria provavelmente acordar com uma dor de cabeça e nada mais. Linus pensou em dar-lhe *outra* pancada na cabeça com um pontapé bem colocado, mas o ombro doía-lhe e ele já tinha exercido energia suficiente por enquanto.

— Ele magoou-te?

Lucy ergueu os olhos do disco de Chuck Berry.

— Porque é que a sua voz está assim?

— Assim como?

— Como se estivesse furioso. Está zangado comigo? — Lucy franziu o sobrolho. — Eu não fiz nada, a sério.

— É verdade — disse J-Bone. — O Marty está tão despedido, é que nem vale a pena.

Linus abanou a cabeça.

— Eu nunca poderia ficar zangado contigo, não por isto. Se pareço estar zangado é com este... este *homem*, não contigo.

— Oh. Porque o senhor gosta de mim, há?

Sim. Deus o ajudasse, sim. Muito, mesmo. De todos eles, na verdade.

— Algo desse género.

Lucy acenou com a cabeça e voltou para o caixote.

— Encontrei seis que eu queria. Posso levar seis?

— Seis será.

Aproximou-se de Lucy para o ajudar a levar os discos que encontrara antes que ele os deixasse cair. Deixaram Marty no chão e voltaram para a parte da frente da loja...

Onde encontraram o saco de ferramentas de Talia no chão, mas nada de Talia.

Linus tinha o coração na garganta. Virara as costas por um *segundo* apenas e...

Viu-a parada na parte da frente da loja, a olhar pela janela. Havia uma menina lá fora, no passeio. Tinha cinco ou seis anos, não mais, e estava a sorrir. O seu cabelo escuro estava preso em duas tranças gémeas sobre os seus ombros. A menina pôs a mão contra a janela e Talia fez o mesmo. As suas mãos eram do mesmo tamanho e combinavam perfeitamente. Talia riu-se e a menina sorriu.

Sorriu até uma mulher chegar a correr pelo passeio e agarrá-la com uma expressão horrorizada no rosto. Segurou a menina contra si, virando a cabeça da criança contra o seu ombro. Olhou para Talia através do vidro.

— Como é que te *atreves*? — exclamou. — Deixa a minha filha em paz, sua aberração!

Linus deu um passo adiante, furioso.

— Ouça cá...

Mas a mulher cuspiu contra a janela e depois virou-se e afastou-se a correr, com a menina apertada contra o peito.

— Aquela senhora era má — sussurrou Lucy para Linus. — Quer que a atire contra a parede como fiz com o Marty? Não seria incrível?

— Não — disse Linus, puxando Lucy para se afastar. — *Não* seria incrível. A única altura em que deves fazer isso é se precisares de te defender a ti mesmo ou aos outros. Ela era má, mas só usou palavras.

— As palavras também podem magoar — disse-lhe Lucy.

— Eu sei, mas temos de escolher as nossas batalhas. Só porque alguém age de uma certa maneira, não significa que devemos responder da mesma forma. É o que nos torna diferentes, é o que faz de nós boas pessoas.

— O mandachuva tem razão — disse J-Bone, aproximando-se por trás deles. — As pessoas não prestam, mas às vezes é melhor que se afoguem na sua própria porcaria sem a nossa ajuda.

Linus tinha a certeza de que não era nada disso que queria dizer e também não estava muito satisfeito com a sua nova alcunha.

Talia ainda estava de pé à janela. A saliva da mulher escorria pelo vidro. Talia não parecia muito aborrecida, mas ele não tinha a certeza. Pareceu surpreendida quando Lucy e Linus apareceram ao lado dela.

— Aquilo foi estranho, não foi? — disse ela, abanando a cabeça.

— As pessoas são estranhas.

— Estás bem?

Ela encolheu os ombros.

— A menina era simpática, disse que gostava da minha barba. Só a senhora mais velha é que era uma idiota.

— Ela... a mulher não era...

— Eu sei o que ela era ou não era — disse Talia descontraidamente. — Já o vi antes. É horrível, mas não é nada com que eu não tenha lidado. Mas é engraçado, não é?

Linus não achava graça a nada daquilo.

— O quê?

— Haver tanta esperança, mesmo quando não parece.

Ele ficou boquiaberto.

— O que queres dizer?

— A menina. Ela não teve medo de mim e era simpática. Não se importou com o meu aspeto. Isso significa que tem ideias próprias. Talvez aquela mulher lhe diga que eu sou má e talvez ela acredite ou talvez não. O Arthur disse-me que para mudarmos as mentes de muitos, devemos primeiro começar com as mentes de poucos. Ela é apenas uma pessoa, mas a senhora também é. — Talia sorriu. — Podemos ir ao cemitério agora? Quero experimentar a minha pá. O que é que encontraste, Lucy?

— Chuck Berry — disse Lucy orgulhosamente. — E também atirei o Marty contra a parede!

— Partiu o gesso da parede e tudo! — disse J-Bone com uma risada. — Foi baril.

— Uau — disse Talia, adequadamente impressionada. — Ele está morto? Precisamos de o enterrar? Deixem-me ir buscar as minhas ferramentas e podemos...

— Ná, não está morto. Achei que o Sr. Baker não ia ficar muito contente, portanto, deixei-o ficar com as entranhas no interior.

Talia suspirou.

— Provavelmente, foi melhor. Gosto muito do Chuck Berry, mal posso esperar para ouvir esse.

— É, não é? É incrível! — Olhou para Linus. — Podemos pagar estes agora? Não podemos roubá-los porque o J-Bone não é um bota-de-elástico. Certo? — Soava como se continuasse a não ter nenhum problema em os roubar, de qualquer modo.

— Isso mesmo, ele não é um bota-de-elástico — disse Linus, jurando silenciosamente nunca mais voltar a repetir aquelas palavras. — Nós podemos pagar...

— Ná — disse J-Bone. — O vosso dinheiro não vale aqui. Levas esses de graça, bacano pequenino. Desculpa toda a cena do Marty a tentar exorcizar-te. Dá cá cinco.

Lucy fê-lo com prazer.

— Linus! Eu levo-os de graça! Ainda é melhor do que roubar!

Linus suspirou.

— Isso não é... Nem sei porque é que me ralo.

— Muito bota-de-elástico, mandachuva — murmurou Lucy, mas bateu com o ombro contra a anca de Linus, como que para mostrar que não o dizia por mal.

Às duas e meia, encontraram-se com os outros diante da geladaria. As pessoas afastavam-se deles e fitavam-nos abertamente, mas nenhuma das crianças parecia notar. Escutavam Chauncey, que parecia estar a usar um chapéu diferente do anterior. Ele agitava-se, excitado, enquanto Zoe e Arthur o observavam, parecendo divertidos.

— *Ali estão eles!* — exclamou Chauncey. — Lucy! Talia! Não vão acreditar no que aconteceu! *Olhem o que eu arranjei.* — Tirou o chapéu da cabeça e as suas hastes esticaram-se animadamente enquanto os seus olhos subiam. Nos tentáculos, segurava um boné familiar que parecia...

— Ele *deu*-mo — exclamou Chauncey. — Nem sequer precisei de pedir! Tudo o que fiz foi dizer ao carregador que achava que ele era o melhor homem que alguma vez existiu e que, quando crescesse, queria ser como ele. Então, ele *deu*-mo. Dá para acreditar? — Colocou-o de volta na cabeça. — Que tal?

— Muito arrojado — disse Linus. — Quase gostava de ter uma mala para tu transportares.

— Está a falar a sério? — guinchou Chauncey. — Acha mesmo?

— Tem bom aspeto — disse Lucy, dando uma palmadinha no topo do chapéu. — Talvez possamos descobrir como fazer um casaco a combinar. Acho que gosto mais deste do que do teu outro chapéu, embora esse também seja bom.

— Obrigado, Lucy! Sempre ao teu serviço!

— E o que é que vocês têm? — perguntou Arthur, agachando-se enquanto Talia e Lucy lhe mostravam os seus tesouros. — Ah! Que bela pá. E estes discos! Temos de os ouvir assim que voltarmos para a ilha.

— Está tudo bem? — perguntou Zoe baixinho, enquanto as crianças estavam distraídas.

— Se está a perguntar se foi cometido algum crime... mais ou menos, mas nada que eu não pudesse resolver.

— Alguma coisa com a qual tenhamos de nos preocupar?

Linus abanou a cabeça.

— Falamos sobre isso quando não houver tantas orelhinhas em volta. Acho que eles não precisam de saber o que o Lucy...

— Atirei um bota-de-elástico chamado Marty contra uma parede depois de ele me tentar exorcizar numa pequena sala trancada! E depois consegui os discos de graça do J-Bone! Não é *incrível*?

— Oooh — disseram as restantes das crianças.

Linus suspirou.

— Acho que está na altura de comermos um gelado — disse Arthur.

A geladaria era alegremente antiquada. Havia bancos giratórios de plástico vermelho diante do balcão e Little Richard lamentava-se sobre uma rapariga chamada Sue, *tutti frutti*, oh Rudy¹¹. Era bem iluminada, com as paredes pintadas de vermelho e cor-de-rosa. Um sino tocou quando entraram.

Havia um homem de costas para eles, curvado sobre um balcão atrás de filas de recipientes de gelado com várias cores e consistências. Virou-se com um sorriso a crescer no rosto e disse:

— Bem-vindos! O que é que posso... — O sorriso desapareceu e os seus olhos arregalaram-se.

As crianças encostaram as mãos ao vidro, olhando para os gelados.

— Uau — disse Phee. — Vou comer todos os sabores ao mesmo tempo. Vou ficar completamente *enjoada* de gelado.

— Podes escolher dois sabores — disse-lhe Arthur. — Nada mais. Não queres estragar o teu apetite para o jantar.

— Quero, sim — assegurou-lhe ela. — Quero estragá-lo todo.

— Vocês... vocês... — balbuciou o homem atrás do balcão.

— Sim — disse Linus. — Eu sou eu, obrigado por reparar. Crianças, por favor, formem uma fila. Um de cada vez, para o senhor não ficar sobrecarregado...

— Não — disse o homem, abanando a cabeça furiosamente. — De modo nenhum. Vocês têm de sair.

As crianças calaram-se.

Linus sentiu o medo começar a inundá-lo, mas, antes que pudesse falar, Arthur antecipou-se.

— Perdão?

O homem estava a ficar vermelho. Uma veia pulsava na sua testa.

— Não sirvo a vossa espécie aqui.

Zoe pestanejou.

— Desculpe?

O homem apontou para uma parede. Ali, sempre presente, estava um póster familiar. VEJA ALGUMA COISA, DIGA ALGUMA COISA!

— Reservo-me o direito de recusar serviço — disse o homem. — A *qualquer um* que eu queira. Eu vejo alguma coisa, digo alguma coisa e estou a dizer que não vão conseguir nada de mim. — Olhou furioso para Theodore, sentado no ombro de Sal. — Não são bem-vindos na minha loja e não são bem-vindos nesta *vila*. Não me interessa o quanto nos pagam para ficarmos calados. Voltem para a vossa maldita ilha.

— Cale essa boca idiota! — exclamou Linus. — Você não pode...

— Posso, *sim* — retorquiu o homem, batendo com as mãos em cima do balcão. O barulho ecoou alto em redor deles e...

Theodore grasnou irritado quando o seu poleiro desapareceu de repente. As roupas que Sal usava caíram de repente quando ele se transformou num lulu-da-pomerânia. Linus lembrou-se da primeira vez que ele o fizera, quando Linus chegara à ilha. Acontecera por *medo*.

Aquele homem assustara tanto Sal que ele se transformara num cão.

Ouviram-se latidos tristes vindos da pilha de roupas enquanto Sal lutava para se libertar. Phee e Talia inclinaram-se para o ajudar enquanto Theodore voava até Zoe. Chauncey moveu-se para se esconder atrás de Linus, espreitando por entre as suas pernas, com o seu boné novo quase a escorregar para o chão.

Lucy olhou para Sal, que tinha as patas dianteiras presas na camisa. Phee e Talia estavam a sussurrar baixinho para ele, dizendo-lhe que estava tudo bem e para parar de se mexer para o poderem libertar. Lucy virou-se para o homem atrás do balcão.

— Não devia ter assustado o meu irmão — disse ele num tom de voz monótono. — Eu posso obrigá-lo a fazer coisas. Coisas *más*.

O homem abriu a boca para rosar, mas foi interrompido quando Arthur Parnassus disse:

— Lucy.

Linus nunca tinha ouvido a voz de Arthur soar da forma como soou naquele momento. Era fria e áspera e, embora fosse apenas uma única palavra, pareceu *raspar* contra a pele de Linus. Olhou e viu Arthur a fitar o homem atrás do balcão de olhos semicerrados e fletindo as mãos ao lado do corpo.

O homem atrás do balcão não parecia ter medo das crianças.

Mas tinha medo de Arthur.

— Como é que se atreve? — disse Arthur em voz baixa e Linus pensou num tigre a caçar. — Como é que se atreve a falar com eles dessa maneira? São *crianças*.

— Não me interessa — disse o homem, dando um passo atrás. — São *abominações*. Eu sei do que a espécie deles é capaz...

Arthur deu um passo à frente.

— Devia estar mais preocupado com aquilo de que *eu* sou capaz.

A sala parecia mais quente do que momentos antes.

Muito mais quente.

— Arthur, não — disse Zoe. — Aqui não. Não diante das crianças. Tens de pensar bem nisso.

Arthur ignorou-a.

— Tudo o que eles queriam era um gelado, só *isso*. Nós teríamos pagado e eles teriam ficado contentes e depois ter-nos-íamos ido *embora*. Como é que se atreve, senhor?

Linus deu um passo adiante, posicionando-se à frente de Arthur. Virou costas ao homem atrás do balcão para olhar para cima. Envolveu o rosto de Arthur com as suas mãos. Sentia-se como se estivesse a queimar de dentro para fora.

— Esta não é a maneira correta de fazermos isto.

Arthur tentou afastar o rosto, mas Linus segurou-o.

— Ele não pode...

— Pode, sim — disse Linus calmamente. — E não é justo, nada mesmo, mas precisa de se lembrar da sua posição. Precisa de se

lembrar daqueles para quem é um exemplo, de quem cuida e do que eles vão pensar. Porque o que fizer aqui, agora, ficará com eles para sempre.

Os olhos de Arthur cintilaram novamente antes de ele deixar descair os ombros. Tentou sorrir e quase conseguiu.

— Tem razão, é claro. Não é...

O sino por cima da porta tocou novamente.

— O que é que se passa aqui?

Linus deixou cair as mãos e deu um passo atrás.

— Helen! — exclamou o homem atrás do balcão. — Estas... estas coisas não se vão embora!

— Bem, parece-me que ainda não comeram os seus gelados, Norman, portanto, é normal.

Era a mulher atarracada da loja de ferragens. Ainda tinha a mancha de terra na testa, embora se tivesse livrado das luvas de jardinagem. Não parecia satisfeita. Linus esperava que não fossem ter mais problemas.

— Eu não os vou servir — rosnou Norman. — *Não vou.*

A mulher — Helen — fungou delicadamente.

— Isso não te cabe decidir. Detestaria informar na próxima reunião do conselho de que andas a recusar potenciais clientes. O teu contrato de arrendamento vai ser revisto após o Ano Novo, não é? Seria uma pena se não fosse renovado.

Linus achou que a veia na testa de Norman estava prestes a rebentar.

— Não farias isso.

Helen arqueou uma sobrancelha.

— Queres mesmo descobrir?

— Não os vou servir!

— Então vai para as traseiras e eu trato disto.

— Mas...

— Norman.

Linus pensou que Norman ia continuar a discutir. Em vez disso, olhou mais uma vez furiosamente para as crianças e para Arthur, antes de girar nos calcanhares e passar a bater com os pés por uma porta de vaivém que atirou contra a parede.

Helen suspirou.

— Sacaninha idiota.

— Eu quero ser como a senhora quando crescer — murmurou Talia com admiração. Phee estava ao lado dela, concordando com a cabeça. Segurava Sal nos seus braços e o focinho dele estava pressionado contra o seu pescoço.

Helen estremeceu.

— Oh, ignorem-me. Não devia ter dito aquilo. Nunca praguejem, crianças. Entendido?

Todos assentiram, mas Linus conseguia ver Lucy já a murmurar *sacaninha idiota* com uma expressão deliciada.

— Quem é você? — perguntou Zoe desconfiada.

Ela sorriu-lhe.

— Sou a dona da loja de ferragens. Tive há pouco uma discussão deliciosa aqui com a Talia sobre jardins. Ela é muito conhecedora.

— A Helen também é a presidente da câmara de Marsyas — disse Arthur. O que quer que tivesse estado a arder dentro dele parecia ter diminuído. Recuperara a compostura e parecia calmo mais uma vez.

— Isso também — concordou Helen. — Arthur, é bom ver-te novamente.

— A presidente da câmara? — perguntou Talia. — A senhora faz *tudo*?

Linus teve de concordar. Não esperara aquilo.

— Parece que sim — disse Helen. Olhou para a porta que ainda baloiçava nas dobradiças. — E, aparentemente, isso inclui resolver as birras dos homens. Sinceramente, apesar de toda a sua

fanfarronice, reparei que os homens se passam com muita facilidade. Virgenzinhas ofendidas, todos eles.

— Eu não — disse-lhe Lucy com seriedade. — Ia fazê-lo pensar que tinha a pele a ferver antes de a senhora chegar, mas continuo a ser um homem.

Helen pareceu surpreendida, mas recuperou rapidamente.

— Bem, estou contente por ter aparecido na altura certa. E acho que ainda tens um caminho a percorrer antes de seres um homem, mas tenho esperanças de que serás um homem melhor. Estás, claramente, em boa companhia.

Lucy sorriu-lhe.

Ela bateu palmas.

— Gelado! Não é por isso que estão aqui?

— Também sabe servir gelados? — perguntou Talia.

Helen assentiu enquanto dava a volta ao balcão onde Norman estivera.

— Foi o meu primeiro emprego. Eu tinha dezassete anos. Foi numa loja diferente na altura, mas acho que ainda sei fazer uma bola de gelado. Foi assim que conheci o Arthur. Ele ia lá quando era criança.

Aquilo chamou a atenção de Linus.

— O Arthur foi uma *criança*? — perguntou Phee surpreendida.

— Porque é que pensarias o contrário? — perguntou Arthur, pegando em Sal.

— Não sei. Supus... pensei que tivesse tido sempre o aspeto que tem agora.

— Ah, isso é quase verdade — disse Helen. — Vestia-se da mesma forma, pelo menos, como o adulto mais pequeno do mundo. Sempre educado. Preferia o sabor de cereja, se a memória não me falha.

Todos se viraram lentamente para encarar Arthur. Até Linus.

Arthur encolheu os ombros.

— Gostava do facto de ser cor-de-rosa. Crianças, em fila. Linus, pode ajudar o Sal, por favor? Acho que ele ia gostar.

Linus não pôde fazer nada além de assentir estupidificado. Tinha a cabeça a girar e tantas perguntas que mal conseguia pensar corretamente. Chauncey entregou-lhe as roupas de Sal. Segurou-as debaixo do braço enquanto Arthur lhe passava Sal.

Sal estava a tremer, mas enrolou-se contra Linus.

— Há uma casa de banho atrás de si — disse Helen enquanto Lucy começava a perguntar se o sabor a pistácio tinha algum inseto. — Tem mais privacidade.

— Obrigado — sussurrou Arthur enquanto passava um dedo pelas costas de Sal.

— Porquê? — perguntou Linus.

Arthur fitou-o.

— Sabe muito bem porquê. Eu não devia ter deixado aquele homem irritar-me daquela maneira.

Linus abanou a cabeça.

— Não foi... eu não fiz nada.

— Fez, sim — disse Arthur. — Mesmo que não acredite, eu acredito o suficiente por nós os dois. É um bom homem, Linus Baker. Estou muito feliz por o conhecer.

Linus engoliu em seco antes de se virar para a casa de banho.

Era unissexo e eficiente, com um lavatório e sanita. Ele colocou as roupas de Sal no chão e encostou-se à parede.

— Está tudo bem — disse para o cão trémulo nos seus braços. — Eu sei que pode ser assustador, às vezes, mas também sei que o Arthur e a Zoe nunca deixariam que te acontecesse algum mal. Nem a Talia, a Phee ou o Theodore, o Chauncey ou o Lucy. Na verdade, acho que eles fariam qualquer coisa para te manter a salvo. Ouviste quando o Lucy disse que eras o irmão dele? Acho que todas as outras crianças sentem o mesmo.

Sal gemeu baixinho, encostando o seu nariz frio contra o pescoço de Linus.

— Não é justo — disse Linus, olhando para o nada. — O modo como algumas pessoas podem ser, mas desde que te lembres de ser justo e generoso, como eu sei que és, o que essas pessoas pensam não importa a longo prazo. O ódio é barulhento, mas acho que vais descobrir que é porque são apenas algumas pessoas que gritam, desesperadas por ser ouvidas. Podes nunca ser capaz de as fazer mudar de opinião, mas desde que te lembres de que não estás sozinho, vais conseguir ultrapassar tudo.

Sal latiu.

— Sim, ele era um sacaninha idiota, não era? Vou sair agora e fico do lado de fora à espera de que te transformes e te vistas. E depois vamos sair daqui e comer um gelado. Eu provavelmente não devia — não é bom para a cintura, afinal —, mas estou de olho no de chocolate com menta. Mereci um mimo e acho que tu também. Que tal?

Sal remexeu-se nos seus braços.

— Boa, muito melhor. E se te voltares a sentir assim assustado outra vez, não há vergonha em te transformares como o fizeste, desde que te lembres de encontrar o caminho de volta. — Pousou Sal no chão e este abanou o rabo para ele. — Estou lá fora.

Linus saiu, fechando a porta atrás de si. Ouviu o que pareciam ser ossos a estalar, seguidos por um suspiro pesado. Na loja, Lucy, Talia e Phee estavam sentados a uma mesa. Lucy já tinha gelado no cabelo, de alguma forma. Chauncey aproximava-se deles, transportando a sua tigela de papel com o boné de carregador alegremente empoleirado na sua cabeça. Zoe estava de pé ao lado da mesa, a segurar uma colher para Theodore que punha a língua de fora, revirando os olhos em êxtase.

Arthur estava ao balcão, a falar baixinho com Helen. Linus observou quando ela estendeu a mão, pousando-a sobre a dele.

— Olá — disse uma voz através da porta. — Estou pronto.

— Ótimo — disse Linus. — Vamos lá ver isso, então.

A porta abriu-se. Sal parecia um pouco envergonhado, esfregando a nuca com a mão.

— Ora bem — disse Linus. — Tudo em ordem.

Sal assentiu, desviando o olhar.

— Linus?

— Sim?

As mãos de Sal fecharam-se em punhos.

— O que é que ele quis dizer?

— Sobre?

Sal olhou para ele antes de desviar o olhar.

— Ele disse... ele disse que não se ralava com o quanto lhe pagavam para ficar calado. O que é que isso significa?

Claro que Sal tinha notado. Linus hesitou, tentando encontrar as palavras certas.

— Ele... É tolice, realmente, mas vocês são especiais, todos vocês, e se o mundo soubesse o quão especiais são, as pessoas poderiam não compreender. É para vossa segurança.

Sal assentiu, embora parecesse perturbado.

— Um suborno.

Linus suspirou.

— Parece que sim, mas não é importante. Deixa-me lidar com isso, está bem? Vamos comer.

Helen sobressaltou-se ao vê-lo. Semicerrou os olhos para ele, depois olhou para a casa de banho e depois novamente para Sal.

— Eras *tu*?

Os ombros de Sal contraíram-se.

— Que *maravilha* — disse Helen. — E quando eu pensava que já tinha visto tudo. Recebes três bolas. Um rapaz em crescimento do teu tamanho merece. Que sabores preferes?

Sal pareceu surpreendido. Olhou para Linus.

— Vá, escolhe — disse Linus. — Três bolas para ti.

Ele escolheu os seus sabores cuidadosamente, quase num murmúrio de voz. Helen falou com ele com carinho, fazendo-o sorrir para os sapatos. Quando ela lhe entregou a tigela, ele agradeceu baixinho antes de se dirigir à mesa. Os outros celebraram ao vê-lo, empurrando-se para arranjar espaço. Sentou-se ao lado de Lucy, colocando um braço sobre os ombros dele e puxando-o para perto. Lucy riu-se e olhou para ele de olhos brilhantes. O braço de Sal ficou exatamente onde estava enquanto comiam.

— Eu estava justamente a perguntar ao Arthur quando é que posso ir ver o jardim de Talia — disse-lhe Helen. — Ouvi dizer que é uma visão espantosa.

— É muito bonito — concordou Linus. — Ela trabalhou imenso para tal e tenho a certeza de que gostaria de o mostrar. Ela já pensa que a Helen caminha sobre a água.

Helen riu-se.

— Suponho que sim.

— Mas tenho de perguntar uma coisa, porquê agora?

Ela pareceu surpreendida.

— Perdão?

— Linus — avisou Arthur.

Linus abanou a cabeça.

— Não. É uma pergunta justa. Não é como se o orfanato fosse uma novidade. Algumas das crianças já lá estão há algum tempo e, aparentemente, você já está aqui há algum tempo. — Olhou para Helen. — Porquê agora? Porque é que não foi lá antes? Porque é que foi preciso ver as crianças aqui antes de tomar essa decisão?

— Peço desculpa — disse Arthur. — Ele é muito protetor...

Helen levantou a mão.

— Ele tem razão, Arthur. É uma pergunta justa. — Respirou fundo.

— Não tenho desculpa. Talvez tenha permitido que a minha

percepção se tornasse... manchada, ou talvez fosse longe da vista, longe da mente.

— Veja alguma coisa, diga alguma coisa — murmurou Linus.

Helen franziu a testa enquanto olhava para o pôster na parede.

— Sim, isso. É... lamentável. Ficamos presos nas nossas próprias pequenas bolhas e, embora o mundo seja um lugar amplo e misterioso, as nossas bolhas mantêm-nos a salvo dele, em nosso prejuízo. — Suspirou. — É muito fácil porque há algo de reconfortante na rotina; dia após dia, é sempre o mesmo. Quando somos sacudidos, quando essa bolha rebenta, pode ser difícil compreender tudo o que perdemos. Podemos até temê-lo. Alguns de nós até lutam para tentar recuperar a bolha. Não sei se lutaria para a recuperar, mas eu existia numa bolha. — Sorriu com tristeza. — Graças a Deus, você rebentou-a.

— Eu não devia ter precisado de o fazer — disse Linus. — Eles não deviam ter precisado de o fazer.

— Não, não deviam. E embora eu seja apenas uma pessoa, peço desculpa por isso. Prometo que não vou permitir que volte a acontecer. — Olhou por cima do ombro para a porta por onde Norman tinha desaparecido. — Farei o meu melhor para garantir que todos na vila entendam que todas as crianças do orfanato são bem-vindas em qualquer momento. Não sei quão bem isso vai ser aceite, mas sei fazer barulho quando é preciso. — Tinha os olhos a brilhar quando acrescentou: — Não gostaria de ser atirada contra uma parede.

Linus estremeceu.

— O Marty?

— O Martin — disse Helen, revirando os olhos. — Ele veio contar-me tudo. O meu sobrinho é um idiota. O J-Bone despediu-o assim que ele recuperou a consciência. Eu teria feito o mesmo.

— Não vou discordar de si aí. — Hesitou, mas depois perguntou: — Acha que ele vai ser um problema? — No mínimo, se a notícia se

espalhasse, ele conseguia ver a Direção Extremamente Superior a querer envolver-se. Talvez até convocassem Lucy para comparecer diante deles. Não era inédito. Linus não tinha a certeza se receava por Lucy ou pela Direção Extremamente Superior. Muito provavelmente pelos segundos, se fosse sincero consigo mesmo.

— Oh — disse ela. — Não se preocupem com o Martin. Eu trato dele pessoalmente.

Não tinha a certeza se queria saber o que isso implicaria.

— Será que ele vai ouvir?

Ela soltou uma risada.

— Eu supervisiono um fundo que ele tem dos pais, que descansem em paz. Ele vai ouvir.

— Porquê? — perguntou ele. — Porque é que faria o que quer que fosse?

Ela estendeu a mão e pegou na dele.

— A mudança vem quando as pessoas a querem o suficiente, Sr. Baker. E eu quero, prometo. Pode demorar um pouco, mas vai ver. Hoje foi um pontapé rápido na parte de trás das minhas calças. — Apertou-lhe a mão e largou-a. — Agora, que sabor quer?

— Cereja — disse Linus sem pensar.

Ela riu-se.

— Claro que sim. Duas bolas, acho. — Cantou uma música calma enquanto o servia.

Linus ergueu os olhos e deparou com Arthur a fitá-lo.

— O que foi?

Arthur abanou a cabeça lentamente.

— Não sei porque é que não consegue ver.

— Ver o quê?

— A si mesmo, tudo aquilo que é.

Linus mexeu-se desconfortavelmente.

— Não é muito, mas tento com aquilo que tenho. — E depois: — Eu... eu não devia ter insistido, não vos devia ter obrigado a vir aqui.

Devia tê-lo ouvido.

Arthur pareceu novamente divertido.

— Acho que correu tudo bem. Alguns solavancos no caminho, mas nada com que não pudéssemos lidar. O Lucy não matou ninguém, portanto considero isso uma vitória.

— Duas bolas de cereja — anunciou Helen. — Para cada um de vocês. — Era cor-de-rosa brilhante com pedacinhos de frutas vermelhas. — É por minha conta.

— Ah, não era preciso... — começou Arthur.

Ela ignorou-o com um aceno.

— Esqueçam. É o mínimo que posso fazer. Tudo o que peço é que me deixem ir à ilha ver aquele jardim.

— Com prazer — disse Arthur. — Quando quiseres. E podes ficar para o almoço.

Ela sorriu.

— Parece perfeito. Talvez na próxima semana? Eu tenho um empregado, mas ele está de férias esta semana, portanto sou só eu. Tenho a certeza de que tu e aqui o Sr. Baker serão anfitriões perfeitos...

— Receio que seremos apenas eu e as crianças — disse Arthur, pegando no seu gelado. A sua voz tinha adquirido um acento estranho. — O Linus vai deixar-nos daqui a uma semana. Obrigado pelo gelado, Helen, e por seres tão generosa. — Virou-se e dirigiu-se à mesa.

Linus franziu a testa. Nunca tinha visto Arthur ser tão indiferente antes.

— Vai partir? — perguntou Helen, parecendo perplexa. — Porquê? Linus suspirou.

— É uma missão do DRPJM. A minha estada aqui foi sempre temporária.

— Mas vai voltar, não é?

Linus desviou o olhar.

— Porque é que voltaria? Depois de fazer a minha recomendação, não haverá necessidade. O meu trabalho estará feito.

— O seu trabalho — repetiu ela. — É tudo o que isto é para si? Um trabalho?

— Que outra coisa poderia ser...

Ela estendeu a mão e pegou na dele novamente. Desta vez, o seu aperto foi firme.

— Não. Pode mentir a si mesmo quanto quiser, Sr. Baker, mas não tente mentir-me. Não vou aceitar. Você projeta uma certa imagem, mas, mesmo na minha loja, consegui ver através da fachada. O modo como defendeu as crianças só cimentou isso. *Sabe* muito bem que outra coisa pode ser.

— Não é a minha casa — admitiu Linus em voz baixa. — Eu vivo na cidade.

Helen zombou dele:

— A nossa casa nem sempre é o local onde vivemos, são também as pessoas pelas quais escolhemos rodear-nos. Pode não morar na ilha, mas não me pode dizer que esta não é a sua casa. A sua bolha, Sr. Baker, foi rebentada. Porque é que permitiria que voltasse a crescer em seu redor?

Ela virou-se e chamou por Norman, desaparecendo pela porta de vaivém e deixando Linus a olhar para ela. O seu gelado estava a começar a derreter.

O homem dos correios mal reconheceu a sua presença. Apenas grunhiu quando Linus pagou para enviar o relatório.

— Há alguma coisa para mim? — perguntou Linus, cansado daquela exibição.

O homem olhou irritado para ele antes de se virar e procurar numa caixa de plástico, vasculhando os envelopes. Tirou um grande desta vez. Era muito mais grosso do que qualquer outra correspondência

que Linus tinha recebido desde que estava na ilha. Franzziu a testa quando o homem lho entregou.

Era do DRPJM.

— Obrigado — disse Linus, distraído. Quando pegou no envelope achou-o pesado e rígido. Saiu dos correios.

Parou sob o Sol luminoso e respirou fundo. Os outros já estavam na furgoneta à sua espera. Não devia abri-lo agora, mas... tinha de saber o que estava lá dentro.

Rasgou com cuidado a parte superior do envelope.

Havia um dossiê no interior, muito semelhante aos que recebera quando fora enviado para a ilha. O dossiê não tinha um nome na lateral. Estava em branco.

A primeira página era uma carta explicativa.

Tirou-a e pestanejou quando algo caiu na calçada, batendo no seu sapato.

Olhou para baixo.

Era uma velha chave de metal.

Baixou-se e pegou nela. Era mais leve do que esperava.

A carta explicativa dizia:

DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL PELA JUVENTUDE MÁGICA
MEMORANDO DA DIREÇÃO EXTREMAMENTE SUPERIOR

Sr. Baker:

Obrigado pelo seu segundo relatório. Era minucioso, como sempre, e bastante esclarecedor. As descrições da vida diária das crianças deram-nos muita informação para considerar.

Contudo, temos algumas preocupações.

Como se deve recordar, pedimos-lhe anteriormente uma análise mais aprofundada de Arthur Parnassus. E, embora nos tenha fornecido o que pedimos, não pudemos deixar de notar que parecia ser menos... objetivo do que esperávamos. Na verdade, todo o relatório é diferente de qualquer outro que tenha escrito. O Sr. Baker foi escolhido para esta tarefa, em parte, por causa da sua imparcialidade. Era capaz, mesmo diante da adversidade, de manter um certo grau de separação das crianças e das pessoas que estava a investigar.

Esse não parece ser o caso aqui.

Gostaríamos de o advertir contra isso, Sr. Baker. As pessoas dirão e farão tudo o que puderem para apaziguar os que estão no poder. É uma arma que é empunhada com bastante habilidade. Aqueles que não são imunes a essas coisas podem dar por si a pensar de maneiras que não deveriam. O seu tempo em Marsyas terminará em breve e regressará à cidade. Receberá outra missão e esta situação voltará a acontecer. Proteja o seu coração, Sr. Baker, porque é o que eles atacam primeiro. Não se pode permitir perder de vista o que é real aqui. Deve permanecer objetivo. Como temos a certeza de que está ciente, as *REGRAS E REGULAMENTOS* determinam que todo e qualquer relacionamento formado deve permanecer completamente profissional. Não pode ser visto como tendo ficado comprometido, especialmente se houver evidências de que um orfanato tem de ser fechado para proteger as crianças.

Podemos admitir que talvez tenhamos subestimado o quão suscetível pode ter sido a certas atenções de alguém como o Sr. Parnassus. Considerando que é solteiro, podemos compreender que se pode estar a sentir confuso ou dividido. Por essa razão, queremos recordá-lo de que o DRPJM e a Direção Extremamente Superior estão aqui para o apoiar. Nós importamo-nos consigo. Quando regressar da ilha, iremos exigir que compareça a uma avaliação psicológica. Para a sua própria paz de espírito, é claro. O bem-estar dos nossos assistentes sociais é da maior importância. Vocês são a força vital do DRPJM e, sem vós, não haveria nós. Não haveria esperança para as crianças. O senhor importa, Sr. Baker.

Para o ajudar a garantir que os seus pensamentos estejam em ordem e num esforço para sermos totalmente transparentes, incluímos um arquivo semicompleto sobre Arthur Parnassus. Ele não é, como verá em breve, quem pensa que é. O Orfanato Marsyas é uma espécie de experiência para ver se alguém com o... comportamento dele poderia ser responsável por um grupo de crianças pouco comuns. A ideia era mantê-los todos num único sítio a fim de protegermos o nosso modo de vida. A ilha é bem conhecida dele, visto que cresceu lá num orfanato que foi, em tempos, fechado por sua causa. Este relatório é apenas para os seus olhos. Não deve ser discutido com mais ninguém, incluindo o Sr. Parnassus. Considere-o como sendo informação confidencial de nível quatro.

Além disso, junto encontrará uma chave. Se as fechaduras não foram mudadas, ela deve abrir a porta da cave escondida no jardim. Dar-lhe-á uma visão do que Arthur Parnassus é realmente capaz.

Em breve, Sr. Baker. O senhor regressará a casa em breve.

Aguardamos o seu próximo relatório e o seu relatório final após o seu regresso.

Atentamente,



CHARLES WERNER
DIREÇÃO EXTREMAMENTE SUPERIOR

Canção *Tutti Frutti* de Little Richard (*N. da T.*).

QUINZE

Embora a curiosidade estivesse a implorar para matar o gato, Linus ignorou-a.

Ignorou-a enquanto caminhava de volta para a furgoneta.

Ignorou-a enquanto entrava nela.

Ignorou-a quando Arthur lhe sorriu, perguntando se estava pronto para ir para casa.

— Sim — disse num tom calmo. — Estou pronto.

As crianças estavam excitadas devido ao açúcar e ao passeio e falaram sem nexos a maior parte do caminho até ao *ferry*. Merle fez-lhes uma careta quando baixou a rampa, mas eles ignoraram-no. A meio do canal, a caminho da ilha, as crianças estavam já todas a dormir, à exceção de Sal. Theodore estava enrolado no colo dele, com uma asa sobre a cabeça para tapar a luz do Sol.

— Divertiste-te? — Linus ouviu Zoe perguntar-lhe.

— Acho que sim — respondeu Sal. — O Sr. Baker ajudou-me. Disse-me que posso sentir-me assustado, mas para me lembrar de que sou mais do que isso. — Suspirou. — As pessoas podem ser mal-educadas e podem pensar coisas idiotas sobre mim, mas tenho-vos a vocês todos e isso é o mais importante. Certo, Sr. Baker?

Linus pensou que era tarde demais para proteger o seu coração.

As crianças pestanejaram lentamente, acordando, quando Arthur desligou a furgoneta diante da casa. Lucy bocejou e espreguiçou-se, atingindo acidentalmente Talia no rosto com o cotovelo. Ela empurrou-lhe o braço.

— Desculpa — disse ele.

— Talvez possamos jantar um pouco mais cedo esta noite — anunciou Arthur. — Acho que alguns de nós não vão durar muito mais tempo depois disso. Vamos entrar e levar as vossas coisas. Certifiquem-se de que as guardam em segurança. Talia, podes ir até à pérgula se é onde gostarias de guardar as tuas ferramentas novas.

Ela abanou a cabeça enquanto Zoe abria a porta da furgoneta.

— Vou mantê-las comigo esta noite. É uma coisa de gnomos. As ferramentas devem ficar na minha cama na primeira noite para saber que me pertencem.

Arthur abriu um sorriso.

— Engraçado, nunca ouvi isso antes.

— É uma tradição gnómica muito antiga, muito secreta. Tem sorte de eu lhe estar sequer a falar dela.

— A sério? Vou lembrar-me disso a partir de agora. — E, dizendo isso, ele abriu a porta e saiu da furgoneta.

Demorou um momento para Linus perceber que era o único que faltava. Sobressaltou-se quando a sua porta foi aberta bruscamente. Olhou para fora e descobriu Zoe a observá-lo.

— Vem?

Ele assentiu, apertando o dossiê nas mãos. Notou que ela lhe deitou um olhar rápido e que franziu ligeiramente a testa.

Saiu da furgoneta.

Ela fechou a porta atrás dele.

— Esteve terrivelmente calado durante o caminho para casa.

— Foi um dia longo — disse ele.

— É só isso?

Assentiu.

— Já não sou tão jovem como antes.

— Não — disse ela lentamente. — Suponho que não. Vai entrar?

Ele sorriu fracamente.

— É melhor ir ver a *Calliope*. Verificar se ela comeu e bebeu e ter um pouco de paz e sossego antes do jantar.

— Claro. Eu mando uma das crianças buscá-lo quando for altura de comermos. — Estendeu a mão e apertou-lhe o braço. — Saiu-se bem hoje, Linus. Não sei se teríamos conseguido fazer isto sem si. Obrigada.

Pela primeira vez desde que chegara à ilha, perguntou-se se estaria a ser usado.

Doeu mais do que esperava.

Sorriu.

— Não sei se isso é verdade.

Ela observou-o por um instante e depois disse:

— Tem a certeza de que está tudo bem?

— Apenas cansado — disse. — Toda aquela luz do Sol. Estou habituado apenas a chuva.

Ela parecia que ia dizer mais alguma coisa, mas Phee chamou-a, dizendo que era a sua noite de ajudar com o jantar e que tinha algumas ideias.

Zoe deixou-o parado ao lado da furgoneta.

Viu-os desaparecer dentro da casa.

Arthur foi o último, olhando para trás por cima do ombro.

— Vemo-nos em breve?

Linus só conseguiu assentir.

Andou de um lado para o outro diante da cama, olhando de vez em quando para o dossiê que pousara ali.

— Não é nada, certo? — perguntou ele a *Calliope*, que o observava do seu poleiro no parapeito da janela. — Lixo completo, provavelmente. Porque é que não me deram esta informação antes, se era assim tão necessária? E acusarem-me de perder a objetividade. Eu, entre todas as pessoas! Nunca ouvi falar de uma

ideia mais ridícula. A lata daquelas pessoas, ali sentadas, todas importantes.

Calliope miou para ele.

— Eu *sei*! — exclamou. — É absurdo. E, mesmo que *não fosse*, ainda consigo apreciar as qualidades das pessoas aqui. Não tem de significar nada. *Não* significa nada.

Calliope agitou a cauda.

— Precisamente! E é óbvio que o Arthur tem segredos. Toda a gente tem! *Eu* tenho segredos. — Parou de andar e franziu a testa. — Bem, isso é capaz de não ser verdade. Só porque não disse alguma coisa não faz disso um segredo. Mas *poderia* ter um e seria um *grande* segredo!

Calliope bocejou.

— Tens razão — decidiu Linus. — O que é que isso importa? Provavelmente, não é nada. É uma tática para assustar e, mesmo que *não* seja, não vai mudar nada. Não tenho nenhum sentimento desadequado por ninguém, daqui a uma semana deixaremos este lugar e, com o tempo, recordaremos com carinho a nossa estada aqui e nada mais. É certo que não nos arreponderemos de não dizer nada a ninguém sobre sentimentos que não existem!

Calliope apoiou a cabeça nas patas e fechou os olhos.

Era uma boa ideia. Talvez Linus devesse dormir sobre o assunto. Uma soneca, talvez, ou mesmo ignorá-lo até ao dia seguinte. Não mentira quando dissera que tinha sido um longo dia. *Estava* cansado. Tinham acontecido muitas coisas e, embora nem todas tivessem sido boas, não fora de modo nenhum um desastre que acabasse com Lucy a fazer explodir alguém ou com Talia a acertar na cabeça de outra pessoa com a sua nova pá.

— Sim — disse para si mesmo. — Um banho e depois uma soneca. Talvez até só acorde amanhã. Posso, com certeza, saltar uma refeição, especialmente depois de comer gelado de cereja. — Fez uma pausa, considerando. — Do qual nem gostei!

Era uma mentira. Fora delicioso. Sabia a infância.
Virou-se para se dirigir para a casa de banho.
Em vez disso, os seus pés levaram-no até à beira da cama.
Olhou para o dossiê. A chave estava ao lado dele.
Disse a si mesmo para não lhe mexer.
Que se houvesse alguma coisa para saber poderia simplesmente perguntar.

Lembrou-se do brilho nos olhos de Arthur.
Da forma como a pele dele lhe parecera tão quente.
Lembrou-se do modo como Arthur sorria, como ria, como existia aqui nesta ilha como se tivesse tudo o que poderia querer no mundo. Aquilo tocou-o e pensou em como o seu mundo fora frio, húmido e cinzento até vir para aqui. Parecia que estava a ver a cores pela primeira vez.

— Não gostarias de estar aqui? — sussurrou.
Oh, sim. Pensou que era capaz de o desejar mais do que qualquer outra coisa.

Tinha de parar com isto, porque achava que não ia aguentar se tudo acabasse por ser uma mentira.

Abriu o dossiê. Começava exatamente como o anterior.

NOME: ARTHUR PARNASSUS

IDADE: QUARENTA E CINCO ANOS

CABELO: LOURO

COR DOS OLHOS: CASTANHO-ESCUROS

Era o mesmo que estava no primeiro dossiê. O resto era um esboço de Arthur Parnassus, dando uma vaga ideia de quem ele era e há quanto tempo era diretor do Orfanato Marsyas.

Este dossiê, no entanto, continuava como os outros.

MÃE: DESCONHECIDA (PROVAVELMENTE FALECIDA)

PAI: DESCONHECIDO (PROVAVELMENTE FALECIDO)

O que é que Helen dissera?

Foi o meu primeiro emprego. Eu tinha dezassete anos. Foi numa loja diferente na altura, mas acho que ainda sei fazer uma bola de gelado. Foi assim que conheci o Arthur. Ele ia lá quando era criança.

E, então, leu a linha seguinte, aquela que dizia ESPÉCIE DE SER MÁGICO, e tudo mudou.

O jantar foi, numa palavra, *estranho*.

— Não tem fome, Sr. Baker? — perguntou Talia. — Não está a comer.

Linus engasgou-se na própria língua.

Ficaram todos a olhar para ele.

Limpou a boca com um guardanapo.

— Parece que estou bastante cheio do gelado.

Lucy franziu o sobrolho.

— A sério? Mas o senhor tem muito espaço. Eu comi o meu gelado todo e *ainda* estou com fome. — Como se quisesse provar o que dissera, Lucy tentou enfiar uma costeleta de porco inteira na boca. Não teve muito sucesso.

Linus fez um sorriso contraído.

— É o que é. Eu posso ter... muito espaço, como dizes, mas isso não significa que tenha de o encher.

Theodore olhou para ele com um pouco de gordura pendurada na boca.

— E também está muito calado — disse Phee, perseguindo um tomate pequeno com o garfo. — É porque o Lucy quase matou um homem hoje?

— Eu não quase o matei! Nem sequer me estava a esforçar muito. Se quisesse, podia tê-lo feito explodir com o poder da minha mente.

Aquilo não fez Linus sentir-se melhor, embora não o assustasse tanto como teria acontecido há algumas semanas. Perguntou-se se

seria isso que a Direção Extremamente Superior queria dizer na carta. Contra o seu bom senso, quase que se sentia *encantado*. Não era um bom sinal.

— Não debes matar pessoas — disse Chauncey. Ainda não tinha tirado o seu boné de carregador. Arthur tinha-lhe dito que podia usá-lo ao jantar só desta vez. — Matar pessoas é mau. Podes ir para a cadeia.

Lucy atacou violentamente a sua costeleta de porco.

— Nenhuma prisão me poderia conter. Eu escaparia e voltaria para aqui. Ninguém se atreveria a vir atrás de mim porque eu poderia fazer os seus órgãos derreter.

— Nós não derretemos os órgãos das pessoas — recordou-o Zoe pacientemente. — Não é educado.

Lucy suspirou com a boca cheia de carne, o que lhe deixava as bochechas salientes.

— Devia comer — disse Sal baixinho a Linus. — Toda a gente precisa de comer.

E como é que ele podia refutar aquilo vindo de Sal? Linus comeu deliberadamente uma grande garfada da salada no seu prato.

Aquilo pareceu agradar a todos. Quase todos. Arthur estava a observá-lo do outro lado da mesa e Linus estava a esforçar-se para não encontrar o seu olhar. Parecia mais seguro assim.

Não sabia do que Arthur era capaz.

Linus pediu licença depois do jantar, dizendo que estava mais exausto do que esperava. Lucy pareceu um pouco desapontado por Linus não ficar para ouvir os discos novos que ele tinha comprado, mas Linus prometeu-lhe que amanhã seria um novo dia.

— De facto, parece um pouco corado — disse Zoe. — Espero que não esteja a chocar alguma coisa. — Ela tinha um brilho estranho nos olhos. — Especialmente porque é sua última semana aqui e tudo o mais.

Linus assentiu.

— Tenho a certeza de que não é nada.

Ela tirou-lhe o prato ainda quase cheio da frente.

— Bem, descanse um pouco, Linus. Não gostaríamos nada que ficasse doente. Precisamos de si, sabe?

Ah. Precisavam? A sério?

Linus estava quase na porta quando Arthur disse o seu nome.

Fechou os olhos, com a mão já na maçaneta.

— Sim? O que é?

— Se precisar de alguma coisa só tem de pedir.

Pensou que a maçaneta ia estalar debaixo dos seus dedos.

— É muito atencioso da sua parte, mas não preciso de nada.

Arthur pousou-lhe a mão no ombro.

— Tem a certeza?

Oh, seria tão fácil virar-se e olhar para o homem que lhe tinha ferido o coração. O homem que, em poucas palavras, escondera tanta coisa dele.

— Tenho a certeza — sussurrou Linus.

A mão retirou-se.

— Fique bem, Linus.

Saiu pela porta e avançou pela noite o mais rápido que conseguiu.

Fitava o teto no escuro com o edredão puxado até ao queixo. Dormir era impossível. Aquele maldito dossiê tinha garantido isso. Mesmo agora, conseguia sentir a sua presença debaixo do colchão para onde o empurrara antes. Não queria que Chauncey o encontrasse se viesse buscar a roupa de Linus para lavar.

O que fez que outra onda o abalasse.

Será que eles sabiam? Será que as crianças sabiam quem Arthur era? O *que* ele era?

Conseguia vê-lo claramente na sua mente, embora não o quisesse. Arthur na sala de aulas, a dizer às crianças que ia vir um

homem do continente. Um homem que estaria ali para os avaliar, para os *investigar*. Um homem do Departamento Responsável pela Juventude Mágica que tinha o poder de lhes retirar tudo aquilo. Lucy, é claro, oferecer-se-ia para fazer a pele do intruso soltar-se dos seus ossos. Theodore poderia comer o que restasse e depois regurgitá-lo-ia para um buraco que Talia tinha cavado. O buraco seria tapado e Phee faria crescer uma árvore em cima dele. Quando alguém viesse perguntar sobre esse intruso, Chauncey oferecer-se-ia para lhe levar a bagagem e Sal diria sinceramente que não faziam ideia de quem Linus Baker era.

Arthur, é claro, dir-lhes-ia em termos inequívocos que o assassinato não era a resposta. Em vez disso, sussurraria na cabeça de Linus: tens de o fazer importar-se contigo, deves fazê-lo pensar, talvez pela primeira vez na vida, que encontrou um lugar onde pertencer.

Eram ridículos estes pensamentos, todos eles, mas, a meio da noite, quando o sono nada mais é do que uma noção fugaz, os pensamentos geralmente eram-no. No escuro, tudo parecia poder ser real.

Já passava da meia-noite quando ele se sentou na cama. *Calliope* bocejou no seu lugar junto aos seus pés.

— E se for tudo mentira? — perguntou-lhe no escuro. — Como é que cheguei a um ponto em que não seria capaz de o suportar?

Ela não respondeu.

A sua vida antes tinha sido mundana e normal. Conhecia o seu lugar no mundo, embora, de vez em quando, as nuvens escuras se abrissem e um raio de Sol entrasse sob a forma de uma pergunta que ele mal se permitia considerar.

Não gostarias de estar aqui?

Mais do que tudo.

E, então, outro pensamento atingiu-o; um tão estranho que mal conseguiu fixá-lo. Estava tão longe do que ele achava possível que

a sua mente não o conseguia processar.

E se, pensou ele, não for o Arthur quem está a mentir? E se não forem as crianças?

E se for o DRPJM?

Havia uma maneira de o provar.

Uma maneira.

— Não — disse, deitando-se novamente na cama. — De modo nenhum.

Calliope ronronou.

— Vou dormir e daqui a seis dias vamos para casa e nada disto importa. Como é que a carta me chamava? *Suscetível*? Bah. Só essa ideia é ridícula.

Sentiu-se melhor.

Fechou os olhos.

Então, viu Chauncey a esconder-se debaixo da sua cama na primeira manhã, Talia sentada no chão de uma loja de discos com as suas ferramentas, Theodore a pegar nos botões como se fossem o maior presente de todos, Phee a levantar um Sal trémulo de uma pilha de roupas, Lucy a chorar depois de partir a sua música e o modo como Zoe o recebera em sua casa.

E, claro, o sorriso de Arthur. Aquele sorriso tranquilo e lindo que o fazia sentir-se como se estivesse a ver o mar pela primeira vez.

Linus Baker abriu os olhos.

— Oh, céus — sussurrou.

O ar da noite estava frio, muito mais frio do que desde que ele chegara. As estrelas eram como gelo no céu negro acima e a Lua era apenas uma nesga de luz. Estremeceu, apertando mais o casaco sobre o pijama. Enfiou a mão no bolso, certificando-se de que a chave ainda estava lá.

Estava.

Desceu da varanda.

A casa principal estava às escuras, como deveria estar àquela hora tardia. As crianças estariam a dormir nas suas camas.

Não fez praticamente nenhum som enquanto caminhava em direção ao jardim. Para um homem do seu tamanho, era capaz de ser silencioso quando precisava. O ar cheirava a sal e parecia pesado contra a sua pele.

Percorreu o caminho através do jardim. Perguntou-se o que Helen acharia quando viesse. Imaginava que iria ficar impressionada. Esperava que sim. Talia merecia. Trabalhava bastante.

Contornou a parte de trás da casa. Tropeçou numa raiz grossa, mas conseguiu ficar de pé.

Ali, diante dele, estava a porta da cave.

As marcas de fogo faziam todo o sentido agora.

A sua garganta estalou enquanto ele engolia em seco. Linus sabia que podia virar as costas naquele exato momento e esquecer tudo aquilo. Podia voltar para a sua cama e manter, durante os seis dias seguintes, uma distância profissional, fazendo o que fora enviado ali para fazer. Depois, embarcaria pela última vez no *ferry* e um comboio estaria à sua espera para o levar para casa. A luz do Sol desapareceria por trás de nuvens escuras e, por fim, começaria a chover. Ele *conhecia* aquela vida. Era a vida para um homem como Linus. Era triste e cinzenta, mas era a vida que ele levara durante muitos, muitos anos. Este último mês, este *flash* brilhante de cor, seria apenas uma memória.

Tirou a chave do bolso.

— Provavelmente, nem sequer vai caber na fechadura — murmurou. — O mais provável é que tenha sido mudada.

Não fora. A chave entrou perfeitamente no cadeado enferrujado.

Girou-a.

O cadeado abriu-se com um ligeiríssimo som.

Caiu nas ervas.

— Última oportunidade — disse a si mesmo. — Última oportunidade de esqueceres toda esta tolice.

A porta era mais pesada do que ele esperava, tanto que mal a conseguiu levantar. Grunhiu enquanto puxava para a abrir, com os braços tensos devido ao peso. Demorou um instante para descobrir porquê. Embora o lado de fora das portas da cave fosse de madeira, o *interior* era uma folha de metal grosso, como se tivesse sido reforçado.

E, à luz das estrelas, podia ver sulcos rasos esculpidos no metal.

Levantou a mão e tocou com os dedos nas ranhuras. Havia cinco, próximas umas das outras, como se alguém com mãos pequenas as tivesse raspado por dentro.

Aquilo causou um calafrio na espinha de Linus.

Diante dele, desaparecendo numa escuridão espessa, havia umas escadas de pedra. Demorou um momento para deixar os seus olhos ajustarem-se, desejando ter-se lembrado de trazer uma lanterna. Também podia esperar pela luz do dia.

Entrou na cave.

Linus manteve a mão encostada à parede para manter o equilíbrio. A parede era feita de pedra lisa e ele foi contando cada degrau que descia. Estava no décimo terceiro quando as escadas terminaram. Não conseguia ver nada. Tateou ao longo da parede, esperando encontrar um interruptor. Bateu contra algo e uma dor aguda e agreste percorreu-lhe a canela e a coxa. Fez uma careta e tateou em busca de...

Ali.

Um interruptor.

Moveu-o.

Uma única lâmpada brilhou no meio da sala.

Linus pestanejou na luz fraca.

A cave era mais pequena do que ele esperava. O quarto na casa de hóspedes, onde passara as últimas três semanas, era maior,

embora não muito. As paredes e o teto eram feitos de pedra e praticamente cada centímetro estava coberto pelo que parecia ser fuligem. Olhou para as suas mãos e viu que estavam pretas. Esfregou os dedos e a fuligem caiu para o chão.

Batera com o joelho contra uma mesa encostada à parede perto do interruptor. Tinha sido parcialmente queimada e a madeira estava enegrecida e rachada. Havia uma cama de solteiro com a armação de metal partida. Não havia colchão, embora Linus achasse que fazia sentido. Seria demasiado fácil de queimar. Em vez disso, havia lonas grossas que Linus supunha serem retardadoras de chamas.

E era tudo.

Era tudo o que havia na cave.

— Oh, não — sussurrou. — Não, não, não.

Algo no canto chamou a sua atenção. A única lâmpada na sala não era forte e havia mais sombras do que luz. Aproximou-se da parede oposta e, quando ficou perto, sentiu os joelhos ceder.

Marcas de contagem.

Marcas de contagem riscadas na parede.

Quatro linhas seguidas, atravessadas por uma quinta.

— Cinco — disse. — Dez, quinze, vinte, vinte e cinco.

Parou de contar quando chegou aos sessenta. Era demais para processar. Pensou que teriam sido feitas para manter uma noção dos dias e a ideia causou-lhe uma dor no coração.

Engoliu o nó na garganta. A injustiça de tudo aquilo ameaçava dominá-lo.

O DRPJM não estava a mentir.

O dossiê era verdadeiro.

— Não venho aqui há anos — disse uma voz atrás dele.

Linus fechou os olhos.

— Não, suponho que não.

— Achei que o Linus parecia um pouco... estranho — disse Arthur baixinho. — Depois de ter voltado dos correios, algo mudara. Eu

não sabia o quê, mas havia alguma coisa. Escolhi acreditar em si quando disse que estava cansado, mas depois, ao jantar, parecia ter visto um fantasma.

— Eu tentei esconder — admitiu Linus. — Parece que não fiz um trabalho muito bom.

Arthur riu-se, embora fosse um som triste.

— O Linus é muito mais expressivo do que pensa. É uma das coisas que eu... Não importa. Não interessa, por enquanto, pelo menos.

Linus cerrou as mãos em punhos para evitar que tremessem.

— Então, é verdade?

— O quê?

— O que li. No dossiê que o DRPJM me enviou.

— Não sei. Nunca li o meu dossiê. Tanto quanto sei, está cheio de meias-verdades e mentiras descaradas, ou talvez esteja tudo correto. Nunca se sabe com o DRPJM.

Linus virou-se lentamente enquanto abria os olhos.

Arthur estava na base da escada. Estava vestido para dormir, o que significa que usava calções e uma *T-shirt* fina. Irrracionalmente, Linus quis oferecer-lhe o seu casaco. Estava demasiado frio para Arthur estar na rua com o que trazia vestido. Nem sequer tinha meias ou sapatos e os seus pés pareciam estranhamente vulneráveis.

Estava a observar Linus, embora não parecesse haver raiva alguma no seu olhar. Pelo contrário, parecia um pouco chocado, embora Linus não pudesse ter a certeza.

— Ele deu-lhe uma chave — disse Arthur. Não era uma pergunta.

Linus assentiu.

— Havia uma chave, sim. Eu... espere. O que é que quer dizer com *e/e*?

— Charles Werner.

— Como é que... — Parou e respirou fundo.

No entanto, fiz desta casa um lar para os que tinha e em preparação para o caso de virem mais. O seu antecessor, ele... mudou. Era encantador e eu pensei que ele ia ficar, mas depois mudou.

O que é que lhe aconteceu?

Foi promovido. Primeiro a Supervisor e depois, pelo que ouvi, para a Direção Extremamente Superior. Tal como sempre quis. Aprendi uma lição muito difícil na altura: às vezes os desejos não devem ser ditos em voz alta, pois não se tornarão realidade.

— Lamento — disse Linus de modo impotente.

— Pelo quê?

Linus não tinha exatamente a certeza.

— Eu não... — Abanou a cabeça. — Não sei o que ele pretendia.

— Oh, eu acho que sei. — Arthur afastou-se das escadas. Percorreu com um dedo a superfície queimada da mesa. — Suspeito de que ele tenha lido algo nos seus relatórios que lhe causou preocupação. Esta foi a sua maneira de intervir.

— Porquê?

— Porque é quem ele é. As pessoas podem apresentar-se como sendo de uma forma e quando temos a certeza de que as conhecemos, quando temos a certeza de que encontrámos o que procurávamos, elas revelam quem realmente são. Ele usou-me. Para conseguir o que queria, para chegar *onde* queria. — Arthur esfregou as mãos. — Eu era mais novo, na altura. Apaixonado, tolo, embora ninguém me conseguisse convencer disso. Achei que era amor. Consigo ver agora que não era.

— Ele disse que isto era uma experiência — deixou escapar Linus. — Para ver se... se alguém como o Arthur podia...

Arthur arqueou uma sobrancelha.

— Alguém como eu?

— Sabe o que quero dizer.

— Então, porque é que não o consegue dizer?

Linus sentiu um aperto no peito.

— Uma criatura mágica.

— Sim.

— Talvez a mais rara de todas.

— Assim parece.

— O Arthur é...

— Diga-o, por favor. Deixe-me ouvi-lo dizer as palavras. Quero ouvi-lo da sua boca.

Então, conheceu uma fénix?

Conheci. Era... inquisitivo. Aconteceram-lhe muitas coisas, mas ele ainda mantinha a cabeça erguida. Penso muitas vezes no homem em que se tornou.

Linus Baker disse:

— O Arthur é uma fénix.

— Sou — disse Arthur simplesmente. — E penso que seja o último da minha espécie. Nunca conheci os meus pais, nunca conheci ninguém como eu.

Linus mal conseguia respirar.

— Eu não o conseguia controlar — disse Arthur, olhando para as mãos. — Não quando era criança. O diretor da altura não era alguém em quem goste de pensar se o puder evitar. Era cruel e duro, mais propenso a bater-nos do que a olhar para nós. Odiava-nos pelo que éramos. Nunca soube porquê. Talvez lhe tivesse acontecido alguma coisa a ele ou à sua família antes de vir para este sítio ou talvez tivesse apenas ouvido as palavras das pessoas deste mundo e deixado que elas o enchessem de veneno. As coisas eram diferentes na altura, se é que pode acreditar. Era pior para as pessoas como nós. Existem certas leis em vigor agora que não existiam naquela altura, leis destinadas a impedir... bem. A vila não era assim tão má, mas... era apenas um lugar pequeno no grande e vasto mundo. Era gelado de cereja dado por uma bela rapariga.

Fazia-me pensar que talvez esta ilha não fosse a única coisa que existia e, então, cometi um erro grave.

— Pediu ajuda.

Arthur assentiu.

— Enviei uma carta ao DRPJM ou, pelo menos, tentei. Disse-lhes que estávamos a ser tratados de modo horrível e o abuso que sofríamos nas mãos daquele homem. Havia outras crianças aqui, embora ele parecesse ter um ódio específico contra mim e eu recebesse o tratamento pior. Eu não tinha problemas com isso, porque quanto mais ele se concentrava em mim, menos se preocupava com os outros, mas até eu cheguei a um ponto de rutura. Sabia que se não fizesse alguma coisa, e em breve, ia magoar alguém.

Quanto mais batemos num cão, mais ele se encolhe quando uma mão é levantada. Se for suficientemente provocado, um cão pode morder e atacar, mesmo que apenas para se proteger.

— Achei que estava a ser esperto com a minha carta. Levei-a às escondidas, enfiada no cóis das minhas calças, mas ele descobriu, de alguma forma, enquanto estávamos na vila. Eu escapei-me, tentando chegar aos correios, mas ele encontrou-me. Tirou-me a carta. — Arthur desviou o olhar. — Aquela foi a primeira noite que passei aqui. Ardi depois disso, ardi intensamente.

Linus achou que ia vomitar.

— Isso não é... não é justo. Ele nunca deveria ter estado numa posição de lhe poder fazer isso, nunca deveria ter sido autorizado a tocar-lhe com uma mão.

— Oh, eu sei disso *agora*, mas, na altura? Eu era uma criança. — Arthur estendeu a mão com a palma virada para cima. Fletiu levemente os dedos e o fogo floresceu como uma flor. Linus, que tinha visto tantas coisas estranhas e maravilhosas na sua vida, estava extasiado. — Naquela altura, eu achava que era o que merecia por ser o que era. Ele enfiou-me isso na cabeça com força

suficiente até eu não ter outra escolha a não ser acreditar nele. — O fogo começou a mover-se, então, subindo-lhe pelo pulso. Foi girando em torno do braço e, quando chegou à *T-shirt*, Linus teve a certeza de que ia começar a queimá-la.

Não o fez.

Em vez disso, o fogo cresceu até começar a estalar e a crepitar. Subiu no ar atrás dele, espalhando-se até Linus não poder negar o que estava a ver.

Asas.

Arthur Parnassus tinha asas de fogo.

Eram lindas. Linus podia ver penas a arder em vermelho e cor de laranja e lembrou-se da noite em que vira o brilho do lado de fora da casa de hóspedes depois de Arthur sair. As asas estenderam-se o máximo que podiam na pequena sala e Linus achou que tinham pelo menos três metros de comprimento, de ponta a ponta. E, embora pudesse sentir o seu calor, este não parecia escaldante. As asas estremeceram, deixando rastos de fogo dourado. Acima da sua cabeça, Linus pensou que podia distinguir o contorno da cabeça de um pássaro com um bico afiado e pontiagudo.

Arthur fechou a mão.

A fénix enrolou-se em direção ao topo da sua cabeça, dobrando as asas. O fogo apagou-se, deixando espessos traços de fumo e a imagem de um grande pássaro a dançar nos olhos de Linus.

— Tentei sair daqui queimando o que me rodeava — sussurrou Arthur. — Mas o diretor preparara-se para isso. Ripas de metal na porta, paredes feitas de pedra. Aprendi que a pedra consegue suportar um calor intenso. Tornou-se rapidamente óbvio que eu iria sufocar com o fumo antes de conseguir escapar. Então, fiz a única coisa que podia fazer. Fiquei. Ele era inteligente. Nunca me trouxe comida nem me mudou o balde que eu usava como sanita. Mandava uma das outras crianças fazer essas tarefas, sabendo que eu nunca as magoaria.

Embora Linus não quisesse saber, perguntou:

— Quanto tempo ficou aqui em baixo? — Não suportava olhar para as marcas de contagem na parede.

Arthur pareceu em sofrimento.

— Quando saí, pensei que se teriam passado algumas semanas. Afinal, foram seis meses. Quando estamos constantemente no escuro, o tempo torna-se... escorregadio.

Linus baixou a cabeça.

— Finalmente, alguém veio. Não sei se foi porque suspeitaram de que havia algo que não estava bem ou porque decidiram que era necessária uma inspeção. Disseram-me que o diretor tentou explicar a minha ausência, mas uma das outras crianças foi suficientemente corajosa para falar. Fui encontrado e o orfanato foi encerrado. Fui enviado para uma das escolas do DRPJM, a qual era melhor, embora não muito. Pelo menos, ali eu podia sair e abrir as asas.

— Não entendo — admitiu Linus. — Porquê voltar a este sítio? Depois de tudo o que lhe aconteceu?

Arthur fechou os olhos.

— Porque este foi o meu inferno e eu não podia permitir que continuasse assim. Esta casa nunca foi um lar e eu pensei que podia mudar isso. Quando fui ao DRPJM com a ideia de reabrir o Orfanato Marsyas pude ver a ganância nos olhos deles. Aqui, podiam vigiar-me. Aqui, podiam enviar outros que achassem perigosos. Atribuíram-me o Charles, dizendo que ele iria ajudar a organizar tudo. Ele fê-lo, mas para os seus próprios fins. Zoe tentou avisar-me, embora eu tenha escolhido não acreditar nela.

A raiva cresceu dentro de Linus.

— E onde é que ela estava? Como é que, em nome de Deus, ela não o ajudou?

Ele encolheu os ombros.

— Ela não sabia. Escondeu-se, temendo represálias. Era o grande segredo desta ilha e um do qual eles se teriam tentado aproveitar

naquela altura. Eu só a encontrei uma vez antes de entrar na cave. Tropecei nela na floresta e ela quase me matou até ver o que eu era. Então, fugiu. Depois de eu regressar à ilha, ela veio ter comigo e disse-me que lamentava muito tudo o que eu tinha sofrido, que me deixaria ficar e que me ajudaria se necessário.

— Isso não é...

— A culpa não é dela — disse Arthur bruscamente abrindo os olhos. — Eu não a culpo, de modo nenhum. Não havia nada que ela pudesse ter feito que não a tivesse posto em perigo.

— Eles sabem sobre ela agora — admitiu Linus. — Eu incluí-a no meu relatório.

— Nós sabemos. Tomámos a decisão depois de recebermos o aviso de que o DRPJM ia enviar um assistente social. Ela estava cansada de se esconder. Aceitou o risco porque as crianças são muito importantes para ela e precisava que o Linus visse que ela não os ia deixar ir sem lutar.

Linus abanou a cabeça.

— Eu não consigo... Por que raio é que o DRPJM lhe entregou este lugar? Porque é que concordaram em deixar crianças aos seus cuidados? — Ele empalideceu e acrescentou rapidamente: — O Arthur é bastante capaz, obviamente, é só que...

— A culpa é uma ferramenta poderosa — disse Arthur. — Tudo o que suporte aqui caíria em cima do DRPJM se a notícia se espalhasse e eles acharam que poderiam usar isso como vantagem. Em troca do meu silêncio, entregavam-me esta casa. Para me vigiar, sim, mas, no fim de contas, eles viam a ilha como um sítio solitário e desolado onde a única vila próxima podia ser facilmente comprada. Um sítio para onde poderiam enviar aqueles que considerassem mais... extremos. Esta foi a sua grande experiência e eles acharam que eu era um peão.

— Mas o Arthur estava a manipulá-los — sussurrou Linus. — Deem-me os vossos cansados, os vossos pobres, as vossas

massas amontoadas ansiando por respirar livremente.

Arthur sorriu.

— Oh, sim. Eu peguei nas massas amontoadas deles e dei-lhes um lar onde podiam respirar sem medo de retaliação. — O seu sorriso desapareceu. — Achei que tinha tudo planejado, mas talvez tenha cometido erros. Manter as crianças na ilha, por exemplo. Esse nasceu do medo. Disse a mim mesmo que eles tinham o suficiente, que a ilha, Zoe e eu podíamos fornecer tudo o que eles pudessem precisar. Amo-os mais do que tudo neste mundo e convenci-me de que o amor seria suficiente para os sustentar. Mas não considerei uma coisa.

— O quê?

Arthur olhou para ele.

— Você. O Linus foi a coisa mais inesperada de todas.

Linus ficou boquiaberto a olhar para ele.

— Eu? Mas *porquê*?

— Por causa de quem é. Eu sei que não o vê, Linus, mas eu vejo o suficiente por ambos. Você faz-me sentir como se estivesse a queimar de dentro para fora.

Linus não conseguia encontrar uma maneira de acreditar nele.

— Eu sou apenas uma pessoa, sou apenas eu.

— Eu sei, e é uma pessoa encantadora.

Aquilo não podia ser real.

— Você manipulou o DRPJM para conseguir o que queria.

Os olhos de Arthur estreitaram-se.

— Sim.

Linus teve de lutar para pronunciar as palavras.

— Pode estar a fazer o mesmo comigo, para conseguir o que quer. Para que eu... para que eu *diga* o que o Arthur quer nos meus relatórios.

Arthur inspirou bruscamente.

— Oh. Oh, Linus. Pensa realmente assim tão mal de mim?

— Eu não sei o *que* pensar — retorquiu Linus. — O Arthur não é quem eu pensava que fosse! Mentiu-me!

— Oculte a verdade — disse Arthur gentilmente.

— Existe alguma diferença?

— Eu acho...

— Eles sabem sobre si? As crianças?

Arthur abanou a cabeça lentamente.

— Aprendi rapidamente a esconder-me da maioria das pessoas.

— Porquê?

— Porque queria que eles pensassem que ainda havia coisas boas neste mundo. Eles foram-me enviados partidos em pedacinhos e quanto menos soubessem sobre mim, melhor. Precisavam de se concentrar na sua própria recuperação e eu era...

— Eles poderiam ter encontrado solidariedade para consigo — argumentou Linus. — Poderiam ter...

— Fui instruído pelo DRPJM a nunca me revelar a eles.

Linus deu um passo atrás, batendo na parede.

— O quê?

— Era parte do acordo — disse Arthur. — Uma das suas condições antes de concordarem em permitir que eu regressasse aqui. Eu podia reabrir Marsyas, mas quem sou, o *que* sou, permaneceria em segredo.

— Porquê?

— Você sabe porquê, Linus. As fénixes são... nós... *eu* posso arder intensamente e não sei se há um limite. Acredito que poderia queimar o próprio céu se me esforçasse o suficiente. Se eles não conseguissem descobrir uma maneira de aproveitar esse poder, pelo menos, iriam colocar-lhe um açaimo. O medo e o ódio vêm de não sermos capazes de compreender o que...

— Isso não é desculpa — retorquiu Linus. — Só porque pode fazer coisas que os outros não podem, isso não faz de si algo a ser desprezado.

Ele encolheu os ombros embaraçado.

— Era a forma de eles mostrarem que, independentemente do que eu estivesse a receber em troca, eles ainda tinham poder sobre mim. Era um lembrete de que tudo isto poderia ser retirado quando eles quisessem. Quando o Charles se foi embora, pouco depois de Talia e Phee chegarem, ele disse-me para não me esquecer disso, que se alguma vez soubesse que eu tinha quebrado a minha promessa, ou se *pensasse* sequer que eu o tinha feito, enviaria alguém para investigar. Disse que, se fosse preciso, encerraria o orfanato. Tenho a certeza de que lhes terá passado pela cabeça, a certa altura, o pensamento de que, em vez de viver tranquilamente nesta ilha com os seus rejeitados, eu iria reunir um exército. É absurdo, claro. Eu nunca quis nada além de um lar a que pudesse chamar meu.

— Não é justo.

— Não, não é. A vida raramente é, mas lidamos com isso da melhor maneira possível e permitimo-nos esperar pelo melhor. Porque uma vida sem esperança não é uma vida vivida.

— Tem de lhes dizer. Eles precisam de saber quem é.

— Porquê?

— Porque têm de ver que não estão sozinhos! — exclamou Linus, batendo com as palmas das mãos contra a parede. — Que a magia existe onde menos esperamos, que podem crescer para ser quem escolherem ser!

— Podem?

— Sim! E embora possa não parecer agora, as coisas podem mudar. A Talia contou-me que o Arthur lhe disse que para mudarmos as mentes de muitos temos primeiro de começar com as mentes de poucos.

Ele sorriu.

— Ela disse isso?

— Sim.

— Não pensei que ela estivesse a ouvir.

— *Claro* que ouvem — disse Linus, exasperado. — Eles ouvem tudo o que diz. Olham para si porque o Arthur é a *família* deles. É o... — Parou, respirando pesadamente. Não devia dizer aquilo, não era correto, nada disto era. Não era... — Você é o pai deles, Arthur. Disse que os ama mais do que a própria vida, mas tem de saber que eles sentem o mesmo por si. Claro que sim. Como é que não sentiriam? Olhe para si, veja o que fez aqui. O Arthur é um fogo e eles precisam de saber como arde. Não apenas por causa de quem é, mas por causa do que eles fizeram de si.

A expressão de Arthur estremeceu e desfez-se. Baixou a cabeça e os seus ombros estremeeceram.

Linus queria consolá-lo, queria envolver Arthur nos seus braços e apertá-lo com força, mas não conseguia mover os pés. Estava confuso, com todos os seus pensamentos a girar numa tempestade na sua cabeça. Agarrou-se à única coisa que podia.

— E quando... quando eu voltar, quando deixar este lugar, farei o meu melhor para garantir que a Direção Extremamente Superior saiba disso. Que a ilha...

A cabeça de Arthur ergueu-se de imediato.

— Quando voltar?

Linus desviou o olhar.

— O meu tempo aqui seria sempre curto, houve sempre uma data final, e, embora tenha chegado muito mais depressa do que eu esperava, eu tenho uma casa, uma vida, um trabalho. Trabalho esse que é agora mais importante do que nunca. O Arthur abriu-me os olhos. Todos vocês. Serei eternamente grato.

— Grato — disse Arthur num tom monótono. — Claro, desculpe. Não sei em que estava a pensar. — Linus olhou para cima e viu-o a sorrir, embora parecesse um sorriso trémulo. — Qualquer coisa que possa fazer para nos ajudar será mais do que maravilhoso. É... é um bom homem, Linus Baker. Sinto-me honrado por o ter

conhecido. Temos de garantir que a sua última semana aqui na ilha seja inesquecível. — Começou a virar-se, mas depois parou. — E prometo-lhe que o pensamento de o usar para o que quer que fosse nunca me passou pela cabeça. Acho-o demasiado precioso para o conseguir descrever. Acho que... é como um dos botões de Theodore; se lhe perguntarem porque é que ele gosta tanto deles, ele diria que é porque existem.

E, então, subiu as escadas e desapareceu na noite.

Linus ficou na cave, a olhar para o espaço que Arthur tinha deixado para trás. O ar ainda estava quente e Linus jurou que conseguia ouvir o crepitar do fogo.

DEZASSEIS

Se a vida de Linus fosse um drama, a última semana da sua estada em Marsyas teria sido fria e chuvosa, com nuvens cinzentas a acumular-se no céu para combinar com o seu humor.

No entanto, estava sol, é claro, e o céu e o mar eram de um tom cerúleo.

Na segunda-feira, Linus assistiu às aulas das crianças, ouvindo enquanto discutiam a Magna Carta de manhã e *Os Contos de Canterbury* à tarde. Sal sentiu-se bastante frustrado por as histórias estarem inacabadas, o que levou Arthur a falar de *O Mistério de Edwin Drood*. Sal prometeu lê-lo e criar o seu próprio final. Linus achou que seria um final maravilhoso e perguntou-se se algum dia o iria ler.

Na terça-feira, entre as cinco e as sete da tarde, sentou-se com Talia no seu jardim. Ela estava um pouco preocupada com o que Helen pensaria quando a visitasse na próxima semana. Receava que Helen não gostasse do que ela tinha cultivado.

— E se não for bom o suficiente? — murmurou Talia em gnomês, e o facto de Linus a entender mal lhe passou pela cabeça.

— Acho que vais descobrir que é mais do que adequado — respondeu ele.

Ela fez-lhe uma careta.

— Mais do que adequado. Ena, Linus, obrigada por isso. Já me sinto muito melhor.

Deu-lhe uma pancadinha no topo da cabeça.

— Precisamos de manter o ego sob controlo. Não tens nada a temer.

Ela olhou em redor do seu jardim em dúvida.

— A sério?

— A sério. É o jardim mais bonito que já vi.

Ela corou debaixo da barba.

Na quarta-feira, sentou-se com Phee e Zoe na floresta. Tinha dispensado a gravata e a sua camisa estava aberta no colarinho. Estava descalço e a erva era macia debaixo dos seus pés. A luz do Sol filtrava-se através das árvores e Zoe dizia a Phee que não interessava apenas o que ela *podia* fazer crescer, mas que também era importante cultivar o que já existia.

— Nem sempre tem que ver com criarmos — disse Zoe baixinho enquanto as flores desabrochavam sob as suas mãos. — O importante é o amor e o cuidado que depositas na terra. É a intenção. Ela saberá as tuas intenções e, se forem boas e puras, não há nada que não possas fazer.

À tarde, esteve no quarto de Chauncey enquanto este dizia:

— Bem-vindo ao Everland Hotel, senhor! Posso levar a sua bagagem?

E Linus respondia:

— Obrigado, meu bom homem, seria maravilhoso.

Entregou-lhe uma sacola vazia e Chauncey colocou-a ao ombro com o seu boné de carregador torto na cabeça. Depois, fez questão de dar uma gorjeta generosa a Chauncey. Afinal, era o que se fazia depois de se receber um serviço de primeira classe. A água salgada no chão era quente.

Era o fim de tarde na quarta-feira e Linus estava a começar a entrar em pânico. A sensação de que aquilo não estava certo e de que estava a cometer um erro pesava-lhe nos ombros como uma capa enorme.

Tinha pousado a sua bagagem em cima da cama com a intenção de começar a fazer as malas. Iria partir dali a dois dias e dissera a si mesmo que era melhor começar. No entanto, ficou no quarto a olhar para a mala. A sua cópia das *REGRAS E REGULAMENTOS* estava

no chão perto da cama. Não se conseguia lembrar da última vez que lhe pegara. Perguntava-se porque é que tinha sido sequer tão importante.

Não sabia quanto tempo mais teria ficado ali se não tivesse ouvido as pancadas na janela do quarto.

Olhou para cima.

Theodore estava empoleirado do lado de fora, com as asas dobradas ao lado do corpo e a cabeça inclinada. Bateu novamente com o focinho contra o vidro.

Linus foi até à janela, abrindo-a.

— Olá, Theodore.

Theodore tagarelou em resposta, cumprimentando Linus enquanto saltava para dentro do quarto. Abriu as asas e meio que pulou, meio que voou até à cama, pousando perto de *Calliope*. Semicerrou os olhos para ela e fez estalar as mandíbulas. Ela levantou-se lentamente, arqueando as costas enquanto se espreguiçava. Depois, caminhou até Theodore e levantou a pata para lhe dar uma palmada no focinho antes de bocejar e saltar da cama.

Theodore abanou a cabeça, um pouco atordoadado.

— Essa foi merecida — repreendeu-o Linus gentilmente. — Já te disse para não te meteres com ela.

Theodore resmungou e depois gorjeou uma pergunta.

Linus pestanejou.

— Ir contigo? Onde?

Theodore gorjeou novamente.

— Uma surpresa? Acho que não gosto de surpresas.

Mas Theodore não queria saber. Voou até ao ombro de Linus, pousando e beliscando-lhe a orelha até ele não ter escolha a não ser obedecer.

— Meu idiotazinho atrevido — resmungou Linus. — Não podes simplesmente morder até as pessoas fazerem o que tu... *Ai!* Já vou!

O sol da tarde estava quente sobre o rosto de Linus quando deixaram a casa de hóspedes. Escutou enquanto Theodore lhe balbuciava ao ouvido. Acima deles as gaivotas gritavam e abaixo as ondas batiam contra os penhascos. A dor no seu coração era aguda e agriçoce.

Entraram na casa principal. Estava tudo silencioso, o que significava que ou estavam todos a fazer as suas coisas ou Lucy estava a tramar algo terrível que terminaria em morte.

Theodore saltou do ombro de Linus, esticando as asas enquanto aterrava no chão. Tropeçou nelas enquanto corria em direção ao sofá, rebolando pelo chão. Acabou de costas, a pestanejar para Linus.

Linus lutou contra um sorriso.

— Vais crescer até teres o tamanho certo para elas. E creio que crescerás bastante.

Theodore virou-se e pôs-se de pé. Sacudiu-se desde a cabeça até à ponta do rabo. Olhou de novo para Linus, gorjeou mais uma vez e desapareceu debaixo do sofá.

Linus ficou a olhar para ele, incrédulo com o que acabara de ouvir. Tinha visto parte do tesouro de Theodore — o que ele mantinha na torre —, mas isto era mais importante.

Ouviu-se outro trinado vindo de debaixo do sofá.

— Tens a certeza? — perguntou ele baixinho.

Theodore disse que tinha a certeza.

Linus colocou-se lentamente de gatas e rastejou em direção ao sofá. Obviamente, não era capaz de caber por baixo, mas se levantasse a saia conseguiria ver muito bem.

Então, foi o que fez.

Deitou-se de bruços e espreitou para debaixo do sofá, para o covil de Theodore, com a face pressionada contra o chão.

À direita, havia um cobertor macio que tinha sido enrolado em forma de ninho; uma pequena almofada — do tamanho da mão de

Linus — estava em cima dele e, espalhados em redor, estavam os tesouros de Theodore. Havia moedas e pedras injetadas com quartzo (muito parecidas com as do quarto de Lucy) e uma linda concha vermelha e branca com uma racha no meio.

Mas não era tudo.

Havia um pedaço de papel onde Linus conseguiu distinguir algumas palavras: *Frágil e fino. Estou preso...*

Havia uma flor seca que se parecia com as que Linus tinha visto no jardim.

Havia uma folha tão verde que só uma fada a poderia ter cultivado.

Havia um pedaço de um disco partido.

Havia uma foto, aparentemente arrancada de uma revista, de um carregador sorridente a ajudar uma mulher com as malas.

Havia uma foto de Arthur quando era jovem, com as bordas dobradas pela idade.

E ao lado, empilhados amorosamente, havia botões.

Tantos botões.

São as pequenas coisas, acho. Pequenos tesouros que encontramos sem sabermos a sua origem e que aparecem quando menos esperamos. É belo, se pensarmos nisso.

Linus pestanejou, sentindo um ardor repentino nos olhos.

— É maravilhoso — sussurrou ele.

Theodore trinou, dizendo que era claro que sim. Foi até aos botões e enfiou o nariz na pilha como se procurasse algo. Bateu com o rabo contra o chão quando levantou a cabeça.

Na sua boca estava um botão de latão familiar.

Virou-se e caminhou em direção a Linus.

Linus observou enquanto ele apertava as mandíbulas. Theodore mordeu o botão antes de o deixar cair no chão.

Linus podia ver as impressões das presas de Theodore no bronze.

Theodore empurrou-o na direção dele. Depois, olhou para Linus e piou.

— Para mim? — perguntou Linus. — Queres que eu fique com ele?

Theodore assentiu.

— Mas ele... — suspirou Linus. — É teu.

Theodore empurrou-o novamente na direção dele.

Linus fez a única coisa que podia fazer — pegou nele.

Sentou-se no chão, apoiando as costas contra o sofá. Olhou para o botão na sua mão, percorrendo com um dedo as ranhuras das presas de Theodore. A serpe espreitou por debaixo do sofá e gorjeou para ele.

— Obrigado — disse Linus baixinho. — É a coisa mais bonita que já me deram. Vou guardá-lo para sempre.

Theodore encostou a cabeça contra a coxa de Linus.

Ficaram ali enquanto a luz do Sol da tarde flutuava ao longo da parede.

Era quinta-feira de manhã quando a raiva dos homens veio à tona.

Linus estava na cozinha com Zoe e Lucy, o qual berrava a plenos pulmões acompanhando a voz doce de Bobby Darin. Linus sorria e soltava gargalhadas, embora o seu coração parecesse estar em cacos no seu peito. Havia pãozinhos doces no forno e, se prestasse atenção suficiente (embora Lucy estivesse a fazer o possível para garantir que isso era impossível), poderia ouvir os sons dos outros a mover-se pela casa.

— Sobraram tantas nozes — disse Zoe. — Não tenho a certeza de que precisávamos...

Linus sobressaltou-se quando ela deixou cair a tigela que estava a lavar outra vez no lava-louças, fazendo espirrar água com detergente pelo chão.

Ela ficou rígida. Os seus dedos contraíram-se e as suas asas abriram-se e começaram a mover-se com a velocidade de um beija-flor.

— Zoe? — perguntou Linus. — Está bem? O que aconteceu?

— Não — sussurrou ela enquanto Lucy continuava a cantar, inconsciente. — Não, agora não. Eles não podem, *não* podem.

Lucy disse:

— O quê? Quem é que...

Zoe virou-se e pequenas bolhas de sabão caíram dos seus dedos e flutuaram até ao chão. Os olhos dela estavam mais brilhantes do que Linus alguma vez os vira, cheios de uma luz sobrenatural, com as íris a brilhar como vidro partido. Linus nunca tivera medo dela desde que a conhecia e isso ainda era verdade, mas seria tolo se se esquecesse de que ela era uma fada antiga e poderosa ou de que era apenas um hóspede na sua ilha.

Avançou para ela lentamente, não querendo surpreendê-la caso ela se tivesse esquecido da sua presença. Antes que a pudesse alcançar, Arthur irrompeu pela cozinha de olhos semicerrados. O espaço ficou mais quente e, por um instante, Linus pensou ter visto o clarão do fogo, embora pudesse ter sido apenas um truque da luz matinal.

— O que é? — quis saber. — O que aconteceu?

— A vila — disse Zoe com uma voz suave e sonhadora, fazendo as suas palavras quase parecerem notas musicais. — Estão a reunir-se na margem do continente.

— O quê? — perguntou Lucy. — Porquê? Querem vir para cá? — Franziu a testa para as nozes na bancada. — Não podem ficar com os meus pãozinhos doces. Eu fi-los como eu gosto. Sei que partilhar é uma coisa simpática, mas não me sinto muito simpático hoje. — Olhou para Linus. — Tenho de partilhar os meus pãozinhos doces?

— Claro que não — disse Linus calmamente. — Se é isso que eles querem, que façam os deles.

Lucy sorriu, embora parecesse nervoso.

— Eu fiz dois para si, Sr. Baker. Não quero que se sinta fraco.

— Lucy — disse Arthur. — Podes reunir os outros na sala de aulas? Está quase na hora de começarem as vossas lições.

Lucy suspirou.

— Mas...

— Lucy.

Ele resmungou baixinho enquanto descia do seu banco. Parou à porta da cozinha, olhando para os outros três.

— Há algum problema?

— Claro que não — disse Arthur. — Está tudo perfeitamente bem. Por favor, Lucy.

Ele hesitou apenas mais um instante antes de sair da cozinha, chamando pelos outros e dizendo-lhes que aparentemente uns pães doces não os iam livrar das aulas como ele achava que fariam.

Arthur aproximou-se de Zoe e segurou-a pelos ombros. Os olhos dela desanuviaram-se e ela pestanejou rapidamente.

— Também sentiste.

Arthur assentiu.

— Já começaram a atravessar?

— Não. Estão... parados. Nas docas. Não sei porquê, mas o *ferry* não deixou a vila. — A voz dela endureceu. — Seriam tolos se tentassem.

Um calafrio percorreu a espinha de Linus.

— Quem?

— Não sei — disse ela. — Mas são alguns. — Olhou para lá de Arthur para o nada. — Estão furiosos. É como uma tempestade.

Arthur baixou as mãos e deu um passo atrás.

— Vais ficar aqui com as crianças. Continua como de costume. Diz-lhes que não há nenhum problema. Eu vou tratar disto e voltarei assim que puder.

Ela estendeu as mãos para ele, rodeando-lhe os pulsos.

— Não devias ter de fazer isto, Arthur, não depois do que... Deixa-me ir, eu vou...

Arthur afastou-se dela lentamente.

— Não. Caso eles consigam vir para a ilha, as crianças vão precisar mais de ti. Podes protegê-las melhor do que eu. Se for esse o caso, leva-as para tua casa e fecha a floresta atrás de ti para que nada passe. Cobre toda a ilha se for preciso. Já falámos sobre isto, Zoe. Sempre soubemos que era uma possibilidade.

Ela parecia querer discutir, mas acalmou-se perante a expressão no rosto de Arthur.

— Não quero que vás sozinho.

— E não vai — disse Linus.

Eles viraram-se para ele, surpreendidos, como se se tivessem esquecido da sua presença.

Ele encolheu o estômago e empinou o peito, pondo as mãos nas ancas.

— Não sei exatamente o que se passa, mas tenho uma boa ideia, e se tem alguma coisa que ver com as pessoas da vila, então é altura de eu lhes dizer umas coisas. — Pensou que devia parecer ridículo e que as suas palavras não tinham o peso que esperava, mas não desviou o olhar dos deles.

— Não quero que fique em perigo, Linus — disse Arthur. — Seria melhor se...

— Eu sei cuidar de mim — disse Linus com uma fungadela. — Posso não parecer grande coisa, mas garanto que sou mais do que pareço. Consigo ser bastante severo quando é preciso e sou um representante do governo. Pela minha experiência, as pessoas ouvem a autoridade. — Aquilo era verdade apenas até certo ponto, mas Linus guardou esse pequeno detalhe para si mesmo.

Arthur deixou descair os ombros.

— Seu homem tolo e corajoso. Eu sei que tipo de pessoa é, mas se...

— Então, está resolvido — disse Linus. — Vamos embora. Não gosto de pãozinhos doces frios, portanto, quanto mais cedo lidarmos

com isto e pudermos voltar, melhor. — Dirigiu-se para a porta, mas parou quando um pensamento lhe atravessou a mente. — Como é que vamos atravessar se o *ferry* está do outro lado?

— Apanhe.

Virou-se a tempo de ver Zoe atirar um molho de chaves na sua direção. Atrapalhou-se com elas, mas conseguiu impedi-las de cair no chão. Franziu a testa quando viu que eram as chaves do carro ridículo dela.

— Embora aprecie o esforço, não vejo como é que isto nos vai ajudar. Há bastante água entre nós e a aldeia e, a menos que o seu carro seja um submersível, não sei como é que pode ser útil.

— É melhor se eu não lhe disser — disse ela. — Só o vai deixar preocupado.

— Oh, céus — Linus disse fracamente. — Não sei se gosto de como isso soa.

Ela pôs-se em bicos de pés e beijou Arthur na face.

— Se eles te virem...

Arthur abanou a cabeça.

— Se virem, viram. É altura de sair das sombras e entrar na luz. Mais do que altura, creio. — Olhou para Linus. — Uma pessoa sábia ensinou-me isso.

Eles deixaram-na na cozinha iluminada pelo sol com os pãezinhos doces a aquecer no forno.

O carro baloiçava pela estrada enquanto Linus carregava no acelerador o máximo que se atrevia. Tinha o coração acelerado e a boca seca, mas a sua visão apresentava uma clareza nítida. As árvores pareciam mais verdes e as flores que ladeavam a estrada mais brilhantes. Olhou pelo espelho retrovisor a tempo de ver a floresta fechar-se atrás deles com um gemido baixo, cobrindo a estrada com galhos grossos. Se uma pessoa não soubesse o que procurar, parecia não haver nenhuma passagem.

Arthur estava sentado no banco do passageiro, com as mãos cruzadas no colo. Tinha os olhos fechados. Inspirava lentamente pelo nariz e expirava pela boca.

Chegaram ao cais na extremidade da ilha sem incidentes. O mar estava calmo e as ondas que chegavam à praia eram pequenas e tinham cristas brancas. À distância, do outro lado do canal, Linus podia ver o *ferry* ainda ancorado na vila. Parou o carro, fazendo os travões chiarem.

Arthur abriu os olhos.

— E agora? — perguntou Linus nervosamente, fletindo as mãos suadas no volante. — A menos que este carro *seja* um submersível, não vejo como podemos atravessar. E, se for, tenho de dizer que não tenho nenhuma experiência de pilotagem de um veículo desse tipo e que é provável que nos afoguemos no fundo do mar.

Arthur riu-se.

— Acho que não teremos de nos preocupar com isso. Confia em mim?

— Sim — disse Linus. — Claro que confio. Como é que poderia não confiar?

Arthur olhou para ele.

— Então conduza, meu querido Linus. Conduza e veja o que essa confiança lhe traz.

Linus olhou em frente através do para-brisas.

Respirou fundo.

Levantou o pé do travão.

O carro começou a avançar.

Carregou no acelerador.

O carro ganhou velocidade.

Os seus dedos ficaram brancos quando deixaram o último pedaço da estrada e alcançaram a areia branca da praia. A sua garganta contraiu-se quando o oceano encheu o para-brisas.

— *Arthur...*

Arthur disse:

— Tenha fé. Eu nunca deixaria que nada lhe acontecesse. — Estendeu a mão e pousou-a na perna de Linus, apertando com força.

Linus não desacelerou.

Não parou.

O rugido do oceano encheu os seus ouvidos quando a areia seca ficou molhada e o primeiro jato de água salgada lhe salpicou o rosto. Antes que ele pudesse gritar em advertência, o mar estalou diante deles, com a água a vibrar e a mover-se como se algo logo abaixo da superfície estivesse a subir. Fechou os olhos com força, certo de que estavam prestes a sentir onda após onda a passar por cima deles, puxando-os para baixo.

O carro chocalhou em redor deles e o volante estremeceu na sua mão. Orou a quem quer que estivesse a ouvir por orientação.

— Abra os olhos — sussurrou Arthur.

— Prefiro não o fazer — disse com os dentes cerrados. — Olhar a morte de frente é muito sobrevalorizado.

— Então, ainda bem que não vamos morrer. Pelo menos, não hoje.

Linus abriu os olhos.

Ficou estupefacto quando viu que estavam no mar. Virou a cabeça para olhar para trás e viu a costa a diminuir atrás deles. Solto uma exclamação, lutando para respirar.

— Mas que *raio*?

Virou-se novamente para a frente. Uma estrada branca e cristalina estendia-se diante deles, materializando-se a partir do oceano. Espreitou por cima da porta, olhando para baixo. A estrada por baixo deles tinha quase o dobro da largura do carro e estalava e crepitava, mas resistia.

— Sal — disse Arthur e Linus podia ouvir o divertimento na sua voz. — É o sal do mar. Vai aguentar.

— Como é que é possível? — perguntou Linus maravilhado. E depois: — Zoe.

Arthur assentiu.

— Ela é capaz de muitas coisas, mais do que até eu sei. Só a vi fazer isto uma vez antes. Decidimos há muito fazer uso do *ferry* para manter as pessoas da aldeia à vontade. É melhor lidarmos com o Merle, quando é necessário, do que incitarmos o medo com um carro que atravessa a água.

Linus engasgou-se com uma risada histérica.

— Ah, claro. É apenas uma estrada feita do sal do mar. Porque é que não pensei nisso?

— Não sabia que era uma possibilidade — disse Arthur calmamente. — Mas aqueles de nós que sonham com coisas impossíveis sabem até onde podem ir quando pressionados a fazê-lo.

— Bem, então — disse Linus com voz fraca. — Vamos ver se eles gostam de nós quando somos pressionados, não é?

Carregou no acelerador o máximo que conseguiu.

O carro rugiu avançando pela estrada salgada.

Podiam ver um grupo de pessoas nas docas, perto do *ferry*. Alguns estavam com os braços erguidos no ar e as mãos fechadas em punhos. Os seus gritos eram abafados pelos sons do carro e do mar, mas tinham as bocas torcidas e os olhos semicerrados. Alguns transportavam cartazes que pareciam ter sido feitos à pressa, com dizeres como EU VI ALGUMA COISA, ESTOU A DIZER ALGUMA COISA e EU SOU ANTI-ANTICRISTO e, absurdamente, NÃO ME LEMBREI DE NADA INTELIGENTE PARA ESCREVER.

Os gritos deles diminuíram quando viram o carro a aproximar-se. Linus não podia culpá-los pelas expressões de choque nos seus rostos. Tinha a certeza de que se estivesse parado na margem, a

ver um carro andar sobre a superfície do oceano, teria provavelmente a mesma expressão.

A estrada de sal terminou na praia perto do cais. Parou o carro na areia, desligando-o. O motor matraqueou.

Fez-se silêncio.

Então, à frente do grupo, o homem da geladaria (*Norman*, pensou Linus com um ligeiro desdém) gritou:

— Eles estão a usar magia!

A multidão começou a rugir a sério mais uma vez.

Helen estava de pé no cais diante da multidão, como se quisesse impedi-los de ter acesso ao *ferry*. Parecia furiosa e tinha o rosto manchado de terra. Merle estava ao lado dela, de braços cruzados sobre o peito e uma carranca no rosto.

Linus e Arthur saíram do veículo, batendo com as portas atrás de si. Linus ficou aliviado por ver que a multidão não era tão grande como parecia. Havia talvez uma dúzia de pessoas, incluindo Helen e Merle. Não ficou surpreendido ao ver Marty, da loja de discos, no meio da multidão a usar um colar cervical. Segurava uma placa que dizia SIM, FUI FERIDO PELO DESCENDENTE DO DIABO. PERGUNTEM-ME COMO! Ao lado dele estava o homem dos correios. Linus não ficou surpreendido. Nunca gostara muito do sujeito.

Os gritos diminuíram mais uma vez quando Linus e Arthur subiram os degraus ao lado do cais, embora não tenham desaparecido completamente.

— Qual é o *significado* disto? — quis saber Linus quando chegou ao cais. — O meu nome é Linus Baker e estou ao serviço do Departamento Responsável pela Juventude Mágica. Sim, é verdade, um *funcionário do governo*, e quando um funcionário do governo quer respostas, é melhor que essas respostas sejam dadas o mais rápido possível.

— Eles tentaram invadir o meu *ferry* — disse Merle, fitando a multidão e Arthur com igual desgosto. — Disseram que queriam

chegar à ilha. Não os deixei.

— Obrigado, Merle — disse Linus, surpreendido com a consideração do barqueiro. — Não esperava...

— Eles recusaram-se a pagar — retorquiu Merle. — Não faço nada de graça.

Linus mordeu a língua.

— Não devias ter vindo — disse Helen a Arthur. — Eu tenho isto controlado. Não deixaria que nada te acontecesse ou às crianças. — Olhou para o sobrinho, que se tentava esgueirar, escondendo-se mais na multidão. — *Algumas* pessoas não sabem quando ficar caladas. Oh, podes tentar esconder-te, Martin Smythe, mas estou a ver-te. Vejo-te muito bem. Vejo-vos a todos e tenho uma memória muito, *muito* comprida.

— Tenho a certeza de que estás a lidar muito bem com isto — disse Arthur, com a voz calma. — Mas ajuda sempre ter pessoas ao nosso lado.

Linus deu um passo à frente. O sol estava forte, fazendo-o suar profusamente. Fitou furiosamente o grupo de pessoas diante dele. Nunca fora do tipo intimidante, para sua consternação, mas não estava disposto a permitir que estas pessoas fizessem o que quer que tivessem metido na cabeça.

— Qual é o significado disto?

Sentiu uma alegria selvagem quando a multidão recuou um passo em simultâneo.

— Então? Pareciam ter vozes bastante sonoras até chegarmos. Alguém? Com certeza que há alguém disposto a falar.

Foi Norman quem falou e Linus não ficou surpreendido.

— Queremos que eles se vão embora — rosnou ele. — As crianças, o orfanato, a ilha, tudo.

Linus olhou para ele.

— E como é que esperam livrar-se de uma ilha inteira?

Norman corou de raiva.

— Isso... veja... não é isso que quero *dizer*.

Linus ergueu as mãos.

— Então, diga-me, por favor, o que é que quer dizer?

Norman gaguejou antes de continuar:

— A criança Anticristo. Ele quase *matou* o Marty!

A multidão rugiu atrás dele em concordância.

Norman assentiu furiosamente.

— Sim, é verdade. Ali estava o Marty, a tratar da sua vida, quando aquela... aquela *coisa* veio à vila e ameaçou a vida dele! Atirou o pobre coitado contra a parede como se não fosse nada. Ele está permanentemente lesionado, o facto de andar é um milagre!

— Permanentemente lesionado, o caraças — zombou Helen.

— Olhem para o colar cervical dele! — gritou o carteiro. — Ninguém usa um colar cervical a menos que tenha sido gravemente ferido!

— A sério? — disse Helen. — Porque esse colar cervical parece ser *exatamente* o que eu tinha no meu armário, em casa, e que me foi dado após um acidente de carro há alguns anos.

— Não é nada! — exclamou Marty. — Fui ao médico e ele deu-mo depois de me dizer que a minha coluna era praticamente pó e que eu tinha sorte por estar vivo!

— Nisso acredito — murmurou Linus. — Falta-lhe coluna vertebral. Helen revirou os olhos.

— Martin, há uma etiqueta atrás com as minhas iniciais. Esqueceste-te de a tirar. Estamos todos a vê-la.

— Oh — disse Martin. — Bem, isso é... mera coincidência?

— Não interessa — disse Norman com veemência. — Todos nós decidimos que as crianças são uma ameaça. Representam um perigo para todos nós. Já aguentámos a sua maldade tempo suficiente. O que acontece se vierem atrás de nós, tal como fizeram com o Marty?

— Ele disse-vos que tentou levar uma criança pequena sozinha para um quarto trancado na tentativa de a exorcizar? — perguntou Linus. — É que tenho a certeza de que existem leis contra sequestro e tentativa de agressão, independentemente de quem seja a criança.

A multidão virou-se lentamente para olhar para Marty.

Marty descobriu algo terrivelmente curioso no chão debaixo dos seus pés.

Norman abanou a cabeça.

— As ações dele não foram as melhores, mas a situação continua a ser a mesma. Será que não nos podemos proteger? Diz que são crianças, muito bem, mas nós temos os nossos *próprios* filhos com que nos preocupar.

— Estranho — disse Helen, posicionando-se ao lado de Linus. — Porque nenhum de vocês é pai.

Norman estava outra vez a ficar nervoso.

— Isso é porque eles estavam com demasiado medo de estar aqui!

— Diz um nome — disse Helen.

— Não aceito que me tentes dar a volta — disse Norman. — Eu sei que não o vês, Helen, e isso é problema teu, mas não permitiremos que as nossas vidas sejam ameaçadas quando...

Linus riu-se amargamente.

— Ameaçadas? Por *quem*? Quem neste mundo é que já o ameaçou além de mim?

— Eles ameaçaram! — exclamou uma mulher na parte de trás da multidão. — São uma ameaça por existirem, simplesmente!

— Não acredito em si — disse Linus. — Estou com eles há um mês e não ouvi nenhum *sussurro* de ameaça. Na verdade, a única vez em que achei que havia perigo, além da tentativa imprudente de Marty contra uma criança, foi vindo de vocês aqui. Digamos que atravessavam e chegavam à ilha. O que é que fariam? Poriam as mãos neles? Atacá-los-iam? Magoá-los-iam? Matá-los-iam?

Norman empalideceu.

— Não é isso que nós...

— Então, o que é que *estão* a fazer? Porque devem ter alguma ideia, com certeza. Juntaram-se numa multidão e estão todos enervados. O vosso pensamento de grupo envenenou-vos e nem quero imaginar o que teria acontecido se tivessem tido acesso à ilha. Nunca pensei dizer isto, mas graças a Cristo que Merle estava aqui para vos recusar passagem no seu *ferry*.

— Sim — disse Merle. — Eu disse-vos que era preciso pagamento, mas vocês recusaram!

— Sinceramente, Merle — disse Helen. — Aprende a ficar calado quando alguém te estiver a elogiar, está bem?

— Dispersem — disse Linus. — Ou farei tudo ao meu alcance para garantir...

Ele não conseguiu ver de quem viera. Alguém no meio da multidão. Não achou que fosse Marty, mas aconteceu rapidamente. Uma mão ergueu-se e, presa entre os dedos, estava uma grande pedra. A mão recuou antes de se mover bruscamente para a frente, fazendo a pedra voar na direção deles. Linus não teve tempo de considerar qual seria o alvo, mas Helen estava no caminho. Pôs-se diante dela, de costas para a multidão, protegendo-a. Fechou os olhos e esperou pelo impacto.

Nunca chegou.

Em vez disso, foi como se o Sol tivesse colidido com a Terra. O ar ficou cada vez mais quente até parecer que estava a arder. Abriu os olhos. Tinha o rosto a centímetros do de Helen, mas ela não estava a olhar para ele. Estava a olhar para cima, sobre a sua cabeça, maravilhada, e os seus olhos refletiam ondas de fogo.

Virou-se lentamente.

De pé entre eles e a multidão estava Arthur Parnassus, embora não como antes.

A fénix tinha-se erguido.

Ele tinha os braços esticados, bem afastados de si, e as asas que Linus tinha vislumbrado brevemente na cave escura estavam esticadas numa extensão de pelo menos três metros, de cada lado de Arthur. O fogo percorria os seus braços e ombros e, acima dele, a cabeça da fénix estava inclinada para trás, com a pedra presa no seu bico. Ela mordeu, desfazendo a rocha em pedacinhos que caíram diante de Arthur.

Havia medo nas pessoas diante deles, sim, medo que não seria curado por esta exibição, ainda que uma tão magnífica. Contudo, esse medo estava temperado pela mesma maravilha que ele vira em Helen, a mesma maravilha que, tinha a certeza, se encontrava no seu próprio rosto.

As asas estremeceram e o fogo crepitou.

A fénix inclinou a cabeça para trás e gritou, um guincho agudo que aqueceu Linus por dentro.

Linus deixou Helen parada no cais.

Deu lentamente a volta a Arthur, baixando-se sob uma das asas e sentindo o calor dela nas suas costas.

Arthur estava a olhar fixamente em frente, com os olhos a arder. A fénix bateu as asas sobre as quais giravam pequenos tentáculos de fogo. Inclinou a cabeça e fitou Linus, piscando lentamente os olhos.

Sem pensar duas vezes, Linus estendeu as mãos e envolveu o rosto de Arthur. A pele dele estava quente, mas Linus não tinha medo de ser chamuscado e enegrecido. Arthur nunca o permitiria.

O fogo fazia cócegas nas costas das suas mãos.

— Pronto, pronto — disse Linus calmamente. — Acho que já chega. Já expôs muito bem o seu ponto de vista.

O fogo desapareceu dos olhos de Arthur.

As asas recuaram.

A fénix baixou a cabeça na direção deles. Linus olhou para ela e soltou uma exclamação quando o grande pássaro pressionou o seu

bico contra a testa dele, momentaneamente, antes de também ela desaparecer numa espessa nuvem de fumo preto.

— Agora é que a fez bonita — sussurrou Linus.

— Já era altura — disse Arthur. O suor escorria-lhe pela testa e ele tinha o rosto pálido. — Tudo bem?

— Muito bem. Gostava de evitar levar com uma pedra na cabeça, se possível, por isso apreciei imenso o gesto. — Baixou as mãos, ciente de que ainda tinham espetadores a vê-los. Estava zangado, mais zangado do que há muito tempo não estava. Começou a virar-se para lhes dar um sermão, para os ameaçar violentamente, mas parou quando Arthur abanou a cabeça.

— Já disse o que tinha a dizer. Deixe-me fazê-lo agora.

Linus assentiu rigidamente, embora não saísse do lado de Arthur. Olhou para a multidão, desafiando qualquer um deles a atirar outra pedra.

Qualquer beligerância que tivesse havido neles desaparecera. Tinham os olhos arregalados e os rostos pálidos. Os cartazes estavam esquecidos no chão. Marty tinha tirado o colarinho cervical, provavelmente porque quisera olhar para cima para ver a fénix liberta.

Arthur disse:

— Não vos conheço tão bem como gostaria e vocês não me conhecem. Se conhecessem, saberiam que tentar magoar-me a mim e aos meus nunca é uma boa ideia.

Linus sentiu-se novamente quente, embora a fénix tivesse desaparecido.

A multidão deu outro passo atrás.

Arthur suspirou, deixando cair os ombros.

— Eu não... não sei o que fazer aqui. Não sei o que dizer. Não tenho ilusão alguma de que as palavras, por si só, serão capazes de mudar os corações e as mentes, especialmente quando essas palavras vêm de mim. Vocês temem o que não entendem. Veem-

nos como o caos perante o mundo ordenado que conhecem e eu não fiz grande coisa para lutar contra isso, pois mantive as crianças isoladas na ilha. Talvez se eu tivesse... — Abanou a cabeça. — Nós cometemos erros, constantemente. É o que nos torna humanos, mesmo que sejamos diferentes uns dos outros. Vocês veem-nos como algo a ser temido e, durante muito tempo, eu vi-vos apenas como fantasmas vivos de um passado que eu daria tudo para esquecer. Mas esta é a nossa casa e uma casa que partilhamos. Não vou implorar, nem pedir e, se o pior acontecer, farei o que for preciso para garantir a segurança dos meus pupilos. No entanto, espero evitá-lo, se possível. Em vez disso, peço-vos que escuteis em vez de julgar aquilo que não entendeis. — Olhou para Marty, que se encolheu. — Lucy não te quis magoar verdadeiramente — disse num tom sem rudeza. — Se tivesse querido, terias as entranhas do lado de fora.

— Talvez um pouco menos — murmurou Linus enquanto a multidão ofegava em uníssono.

— Tem razão — disse Arthur. Depois, continuou mais alto: — Não que ele fosse fazer isso. Tudo o que ele queria eram os seus discos. Ele adora-os. Independentemente do que ele seja, ainda é uma criança, assim como todos os outros. E não merecem todas as crianças ser protegidas? Ser amadas e cuidadas para poder crescer e moldar o mundo a fim de o tornar um sítio melhor? Dessa forma, não são diferentes de nenhuma outra criança na vila ou fora dela, no entanto, é-lhes dito que o são por pessoas como vocês e por pessoas que os governam e ao nosso mundo. Pessoas que impõem regras e restrições para os manter separados e isolados. Não sei o que será necessário para mudar isso, mas não vai começar no topo. Vai começar connosco.

A multidão observava-o com cautela.

Arthur suspirou.

— Não sei o que mais dizer.

— Eu sei — disse Helen, dando um passo à frente. Estava furiosa e tinha as mãos fechadas em punhos. — Vocês têm o direito de se reunir pacificamente e têm o direito de exprimir as vossas opiniões, mas assim que ultrapassam o limite e se tornam violentos, torna-se uma questão de legalidade. Os jovens mágicos estão protegidos por leis, como todas as crianças. Qualquer dano que lhes aconteça será acompanhado pela mais rápida das consequências. Eu garantirei que assim seja. Farei o meu melhor para garantir que *qualquer* pessoa que toque numa criança, mágica ou não, deseje não o ter feito. Podem achar que podem ignorar qualquer coisa que Linus ou Arthur digam, mas prestem atenção às minhas palavras: se eu sentir nem que seja o mais pequeno *aroma* de mais discórdia, irei mostrar-vos por que razão não sou para brincadeiras.

Norman foi o primeiro a reagir.

Foi-se embora furioso, abrindo caminho através da multidão e resmungando para si mesmo.

O chefe dos correios seguiu-o, embora olhasse por cima do ombro com uma expressão atordoada no rosto.

Mais alguns seguiram-nos. Marty tentou ir-se também embora, mas Helen chamou-o.

— Martin Smythe! Tu ficas *exatamente* onde estás. Tu e eu vamos ter uma longa conversa sobre a etiqueta adequada em grupos e as penalidades por mentires. E, se foste tu quem atirou aquela pedra, vou esvaziar o teu fundo financeiro e doar tudo para caridade.

— Não *pode*! — lamentou-se Marty.

— Posso, sim — disse Helen com dignidade. — Eu sou a fiadora. E seria muito, muito fácil.

A multidão dispersou. Linus ficou espantado quando algumas pessoas murmuraram desculpas a Arthur, embora mantivessem a distância. Esperava que as notícias do que tinham visto se espalhassem rapidamente pela aldeia. Não ficaria surpreendido se a história acabasse com Arthur a transformar-se num pássaro

monstruoso, ameaçando queimar-lhes a pele sobre os ossos e destruir a vila.

— Eu levo-vos de volta para a ilha, se quiserem — disse Merle. — Metade do preço.

Linus fez um som de desdém.

— Acho que estamos bem, Merle, mas obrigado pela sua generosidade. — Fez uma pausa, refletindo. — E estou a ser sincero.

Merle resmungou baixinho qualquer coisa sobre uma estrada salgada que lhe estragava o negócio, enquanto percorria o cais em direção ao seu *ferry*.

Arthur observou as pessoas a afastar-se em direção à aldeia.

— Achas que vão ouvir? — perguntou a Helen.

Helen franziu o sobrolho.

— Não sei. Espero que sim, mas eu espero sempre por muitas coisas que nem sempre acontecem. — Olhou para ele quase com timidez. — As tuas penas eram muito bonitas.

Ele sorriu.

— Obrigado, Helen, por tudo o que fizeste.

Ela abanou a cabeça.

— Dá-me tempo, Arthur. Dá tempo a todos nós. Farei o que puder. — Apertou-lhe a mão antes de se virar para Linus. — Vai-se embora, então? Sábado, certo?

Ele pestanejou. Com toda a excitação, esquecera-se de que a sua estada estava quase no fim.

— Sim — respondeu. — Sábado.

— Estou a ver. — Olhou de Linus para Arthur. — Espero que volte cá novamente um dia, Sr. Baker. As coisas são certamente... mais agitadas, quando está por aqui. Tenha uma boa viagem.

E, dizendo isso, ela afastou-se pelo cais, agarrando Martin pela orelha e puxando-o perante a sua justa indignação.

Linus pôs-se ao lado de Arthur. As costas das mãos de ambos roçaram uma na outra.

— Qual foi a sensação? — perguntou ele.

— De quê?

— De esticar as asas.

Arthur virou o rosto para o Sol, curvando ligeiramente os lábios.

— Como se eu estivesse livre pela primeira vez em muito tempo. Venha, meu caro Linus, vamos para casa. Tenho a certeza de que a Zoe está atarefadíssima. Eu conduzo.

— Casa — ecoou Linus, perguntando-se onde é que isso poderia de facto ser.

Voltaram para o carro. Momentos depois, estavam na estrada de sal com o vento nos cabelos e o mar cerúleo a lambê-los os pneus.

DEZASSETTE

Na sexta-feira à tarde, ouviu-se uma pancada na porta da casa de hóspedes.

Linus ergueu os olhos do seu relatório final. Estivera a trabalhar nele a maior parte do dia e só escrevera uma frase após a introdução habitual.

Levantou-se da cadeira e foi até à porta.

Ficou surpreendido ao encontrar as crianças do Orfanato Marsyas na varanda. Estavam vestidas como se estivessem prontas para uma aventura.

— Voltei! — exclamou o Capitão Lucy. — Para uma última expedição. Sr. Baker, venho pedir-lhe que se junte a nós. Os perigos serão grandes e não posso prometer que saia daqui vivo. Recebi notícias de que há cobras e insetos comedores de homens que se enfiam debaixo da pele e nos mastigam os globos oculares de dentro para fora. Mas a recompensa — se sobreviver! — será maior do que os seus sonhos mais loucos. Aceita?

— Não sei — disse Linus lentamente. — Cobras devoradoras de homens, dizes? Parece perigoso.

Lucy deitou um olhar aos outros antes de se inclinar para a frente e sussurrar:

— Não são verdadeiras. Estou apenas a brincar, mas não diga aos outros.

— Ah — disse Linus. — Percebo. Bem, acontece que sou um especialista em cobras devoradoras de homens, especialmente em modos de as evitar. Acho que é melhor ir convosco para garantir que nada vos aconteça.

— Oh, graças a Deus — suspirou Chauncey. — Não queria ser comido hoje.

— Vá mudar de roupa! — disse Talia, empurrando Linus de volta para dentro da casa. — Não pode ir assim!

— Não posso? Qual é o problema com... — Ficou imóvel e depois deixou cair os ombros. — Oh, não! Acho que não consigo dar nem mais um passo! São os insetos carnívoros?

— Porque é que é *assim*? — rosnou Talia. — Phee! Ajuda-me!

Phee gritou e correu para eles, atirando o seu peso insignificante contra Linus. Ele soltou uma risada enquanto dava outro passo na direção do quarto.

— Muito melhor, obrigado. Volto num instante.

Ouviu as crianças conversar animadamente sobre a aventura iminente enquanto entrava no quarto. Fechou a porta atrás de si e encostou-se a ela, inclinando a cabeça para trás e fechando os olhos.

— Tu consegues fazer isto — sussurrou ele. — Vamos, meu velho. Uma última aventura.

Afastou-se da porta e foi até ao armário.

Encontrou as roupas de explorador.

Vestiu-as.

Ainda parecia completamente ridículo.

E, pela primeira vez, descobriu que não se importava nada com isso.

Os aventureiros abriram caminho pela selva. Defenderam-se de canibais que atacavam com lanças, flechas e ameaças veladas de lhes comer os baços. Esgueiraram-se por entre cobras devoradoras de homens que pendiam das árvores como trepadeiras grossas. O Capitão Lucy foi surpreendido por insetos que se queriam enfiar atrás dos seus olhos. Ele exclamou, engasgou-se, gemeu e debateu-se, caindo finalmente contra uma árvore com a língua

pendurada fora da boca. Foi apenas graças às suas tropas que conseguiu ser reanimado no último instante possível, vivendo para lutar outro dia.

Chegaram finalmente a um espaço familiar e, à distância, Linus podia ver um bosque de árvores que escondia a casa de uma fada da ilha. Saíram do meio das árvores e entraram na praia no exato momento em que a voz dela ressoou em redor deles.

— Vejo que voltaram! São realmente tolos, mal escaparam com vida da última vez.

— Ouça! — exclamou o Capitão Lucy. — Não nos vai vencer! Exigimos que renuncie aos seus tesouros. Não aceitaremos um não como resposta!

— Ai, não?

— Não! — gritaram as crianças.

— Não — ecoou Linus baixinho.

— Oh, está bem. Talvez seja melhor desistir agora. Vocês são demasiado fortes para mim.

— Eu *sabia* — murmurou Lucy fervorosamente. Ergueu as mãos acima da cabeça. — Homens! — Lançou um olhar a Talia e Phee. — E mulheres, também. Sigam-me até à vossa justa recompensa!

Eles seguiram. Claro que sim. Segui-lo-iam para qualquer lado.

E Linus também.

Avançaram a correr pela praia e entraram no bosque.

Linus suspirou. Não ia correr para lado nenhum. Os seus dias de corridas estavam praticamente acabados. Enxugou a testa e arrastou-se em direção às árvores.

Franziu a testa assim que lá chegou. Estava tudo estranhamente silencioso. Seis crianças deviam fazer muito mais barulho, especialmente *aquelas* seis crianças. Hesitou, mas depois avançou por entre as árvores.

Lanternas de papel tinham sido penduradas nos galhos, as mesmas que tinham estado penduradas na pérgula. Estendeu a

mão e tocou numa delas. A luz lá dentro era forte, mas não achava que viesse de uma lâmpada ou de uma vela.

Eles estavam à espera quando ele chegou à casa no meio das árvores. Talia e Phee, Sal e Theodore, Chauncey e Lucy e Zoe, com flores verdes e douradas no seu cabelo.

E Arthur, é claro. Sempre Arthur.

Seguravam uma faixa diante deles, um longo rolo de papel com palavras pintadas que dizia: VAMOS TER SAUDADES SUAS, SR. BAKER!!! Havia marcas de mãos nele. Pequenas de Talia, Phee e Lucy, uma maior de Sal, uma linha que ele pensou ser dos tentáculos de Chauncey e uns pingos de tinta que pareciam as garras de Theodore.

Linus inspirou, trémulo.

— Eu... eu não esperava por isto. Que coisa maravilhosa e foi feita por todos. Olhem para isto, olhem para vocês.

— Foi ideia minha — disse Lucy.

Talia pisou-lhe o pé.

Ele encolheu-se.

— Bem, foi principalmente ideia minha, mas os outros ajudaram, um pouco. — Ele animou-se. — Mas adivinhe?

— O quê?

— Afinal, não havia tesouro! Era uma mentira para o trazer aqui para a sua festa!

— Oh, estou a ver. Então, o verdadeiro tesouro foram as amizades que fizemos ao longo do caminho?

— Vocês são do pior — murmurou Lucy. — Literalmente do pior.

E que festa foi. Havia comida, tanta que Linus pensou que a mesa se ia desmoronar com o peso. Havia um assado e pãozinhos quentes e salada com pepinos que estalavam entre os dentes. Havia bolo e torta e tigelas de framboesas ácidas que podiam mergulhar em natas.

E música! Todo o tipo de música. Havia um gira-discos na bancada e o dia em que a música morreu tocava alto e animado, com Ritchie, Buddy e o Big Bopper a cantar do além. Lucy estava no comando e ele nunca desapontava.

Eles riram neste dia. Ah, como riram. Embora Linus sentisse que o seu coração se ia partir, riu até ter lágrimas nos olhos, até ter a certeza de que ia rebolar no chão. Enquanto o Sol se começava a pôr e as lanternas se tornavam mais brilhantes, eles riram e riram e riram.

Linus estava a enxugar as lágrimas (de divertimento, disse a si mesmo) quando a música mudou novamente.

Reconheceu-a antes mesmo de Nat King Cole começar a cantar.

Olhou para cima e viu Arthur Parnassus parado diante dele com a mão estendida.

Obrigado.

Está sempre a dizer isso e não sei se é merecido.

Eu sei que acha que não é, mas eu não digo nada que não queira dizer. A vida é demasiado curta para isso. Gosta de dançar?

Não... sei. Acho que sou capaz de ter dois pés esquerdos, sinceramente.

Duvido muito.

E Linus Baker permitiu-se ser egoísta. Só desta vez.

Pegou na mão de Arthur e levantou-se lentamente, enquanto Nat lhe dizia para sorrir mesmo com o coração partido¹².

Arthur puxou-o para si e começaram a baloiçar para a frente e para trás.

— «Sorri e talvez amanhã» — sussurrou-lhe Arthur ao ouvido. — «Vejas o Sol brilhar para ti».

Linus encostou a cabeça ao peito de Arthur. Podia sentir o calor vindo dele a queimar de dentro para fora.

Dançaram.

A dança prolongou-se pelo que pareceram séculos, embora Linus soubesse que a canção não durara muito. Ouviu Arthur sussurrar-lhe a letra e até se surpreendeu a si mesmo; aparentemente, não tinha dois pés esquerdos, afinal.

Mas, como todas as coisas mágicas, a canção acabou por chegar ao fim.

A casa em redor deles estava silenciosa. Linus pestanejou como se acordasse de um sonho. Ergueu a cabeça. Arthur olhou para ele com os olhos a brilhar como fogo. Linus recuou um passo.

Zoe estava sentada com Phee e Talia no seu colo, Theodore estava empoleirado no ombro de Sal e Lucy e Chauncey estavam encostados contra as pernas deste. Todos pareciam cansados. Felizes, mas cansados. Lucy sorriu-lhe, mas o sorriso desfez-se quando bocejou.

— Gostou do seu tesouro, Sr. Baker?

Linus olhou novamente para Arthur.

— Sim — sussurrou ele. — Mais do que tudo.

Zoe levou Phee e Talia ao colo enquanto caminhavam de volta para a casa principal. Talia ressonava alto.

Sal colocara Theodore dentro da sua camisa e a cabeça da serpe estava encostada contra a sua garganta.

Arthur segurava Chauncey por um tentáculo.

Linus vinha na retaguarda com um Lucy sonolento nos seus braços.

Desejava que aquilo pudesse durar para sempre.

Acabara no que parecera ser um instante.

Disse boa noite a Talia, Phee, Sal e Theodore. Passou Lucy para um braço e baixou-se para fazer uma festa a Chauncey no topo da cabeça.

Arthur fez-lhe uma pergunta com os olhos.

Linus abanou a cabeça.

— Eu levo-o.

Arthur assentiu e virou-se para lembrar aos outros que era altura de lavar os dentes.

Linus levou Lucy para o quarto de Arthur e pousou-o no chão.

— Vai vestir o teu pijama — disse-lhe baixinho.

Lucy assentiu e dirigiu-se à porta do *closet*. Fechou-a atrás de si.

Linus ficou no meio do quarto, inseguro sobre tudo. Achava que sabia como as coisas funcionavam, como o mundo funcionava, qual era o seu lugar nele.

Agora, já não tinha tanta certeza.

Lucy voltou vestindo umas calças de pijama e uma *T-shirt* branca. Tinha o cabelo espetado como se tivesse passado a mão por ele. Os seus pés descalços eram tão pequenos.

— Vai escovar os dentes — instruiu Linus gentilmente.

Lucy olhou para ele desconfiado.

— Vai estar aqui quando eu voltar?

Linus assentiu.

— Prometo.

Lucy saiu para o corredor. Linus ouviu Chauncey gritar que Theodore estava novamente a comer a pasta de dentes e Theodore a trinar em resposta que *não* estava.

Linus escondeu o rosto nas mãos.

Já se recompusera quando Lucy voltou para o quarto com a cara recém-lavada. Bocejou novamente.

— Estou tão cansado — disse.

— Viver aventuras é um trabalho árduo, suponho.

— Mas foi uma boa aventura.

— A melhor — concordou Linus.

Pegou na mão de Lucy e levou-o para o seu quarto. Os discos que tinham voltado a colar meticulosamente estavam pendurados na parede (embora um pedaço que não tinham conseguido encontrar do disco de Buddy Holly ainda estivesse em falta; Theodore agira

rapidamente, ao que parecia). Linus puxou as cobertas da cama e Lucy gatinhou por cima delas, enfiando-se depois lá dentro e aconchegando-se na sua almofada.

Linus voltou a puxar as cobertas para cima, tapando-lhe os ombros. Lucy virou-se de lado, olhando para Linus.

— Não quero que se vá embora.

Linus engoliu em seco enquanto se agachava ao lado da cama.

— Eu sei e lamento muito por isso, mas o meu tempo aqui está quase no fim.

— Porquê?

— Porque tenho responsabilidades.

— Porquê?

— Porque sou um adulto e os adultos têm empregos.

Lucy fez uma careta.

— Nunca vou querer ser um adulto. Parece chato.

Linus estendeu a mão e afastou uma madeixa do cabelo de Lucy da sua testa.

— Acho que serás um bom adulto, embora isso não vá acontecer ainda durante muito tempo.

— Não vai deixar que eles nos levem daqui, pois não?

Linus abanou a cabeça.

— Não. Vou fazer de tudo para que isso não aconteça.

— Vai?

— Sim, Lucy.

— Oh. É muito simpático da sua parte. — E depois: — Já não vai estar cá quando eu acordar.

Linus desviou o olhar, mas não respondeu.

Sentiu a mão de Lucy roçar no seu rosto.

— Os outros não sabem, mas eu sei. Consigo ver coisas, às vezes. Não sei porquê. O senhor, o Arthur. Ele queima. Sabia disso?

Linus inspirou bruscamente.

— Ele contou-te?

— Não. Acho que não pode, mas nós sabemos, todos nós. Assim como sabemos o que vocês os dois fizeram quando saíram daqui no outro dia. Ele é um de nós, tal como o senhor.

— Receio não ter magia.

— Tem sim, Sr. Baker. O Arthur disse-me que pode haver magia no comum.

Olhou novamente para Lucy.

Este tinha os olhos fechados.

Linus respirou fundo.

E levantou-se.

— Obrigado — sussurrou.

Fez questão de deixar a porta um pouco aberta quando saiu, de modo que uma nesga de luz entrasse para afugentar os pesadelos, caso estes tentassem perturbar o menino adormecido.

As outras portas estavam todas fechadas. Tocou em cada uma delas enquanto percorria lentamente o corredor.

A única luz que estava acesa vinha de baixo da porta de Sal.

Pensou em bater.

Não o fez.

Parou no topo da escada.

Respirou fundo.

E depois desceu.

Havia uma discussão sussurrada a decorrer no rés do chão. Hesitou, sem saber se devia dar a conhecer a sua presença. Não conseguia ouvir o que estava a ser dito, mas sabia que não era sobre ele.

Zoe estava junto da porta da frente, a bater com um dedo contra o peito de Arthur de testa franzida e olhos semicerrados. Parecia aborrecida. Não exatamente zangada, mas... alguma coisa. Parou quando o último degrau rangeu sob o peso Linus.

Olharam para ele.

— O Lucy está a dormir — disse ele, coçando a nuca.

— Homens — rosnou Zoe. — Inúteis, todos vocês. — Afastou-se de Arthur e a sua expressão era tensa quando olhou para Linus. — Bem cedo, não é?

Linus assentiu.

— O comboio parte às sete em ponto. O Merle espera-nos às seis e um quarto.

— E tem de ir nele, não é?

Ele não disse nada.

— Muito bem — murmurou ela. — Estarei aqui. Não me deixe à espera. — Girou nos calcanhares e saiu sem dizer mais nada. Deixou a porta escancarada.

Arthur ficou a olhar para ela com os maxilares contraídos.

— Está tudo bem?

— Não, acho que não.

A cabeça doía-lhe.

— Se estão preocupados com o meu relatório final, deixe-me garantir que...

— Não é o maldito relatório.

— Está bem — disse Linus lentamente. Não tinha a certeza de ter ouvido Arthur praguejar antes. — Então, o que é?

Arthur abanou a cabeça.

— Teimoso — murmurou Linus, não conseguindo evitar o tom carinhoso na sua voz. Não sabia o que mais fazer e, então, fez a única coisa que podia.

Avançou em direção à porta.

Pensou que algo aconteceria no momento em que estivesse ombro a ombro com Arthur. O quê, não sabia, mas nada aconteceu. Era um covarde.

— Boa noite, então — conseguiu dizer e continuou até à porta.

E então Arthur disse:

— Fica.

Ele parou e fechou os olhos. Tinha a voz trémula quando perguntou:

— O quê?

— Fica. Aqui, connosco. Fica aqui comigo.

Linus abanou a cabeça.

— Sabes que não posso.

— Não, não sei. *Não sei nada disso.*

Linus virou-se e abriu os olhos.

Arthur estava pálido e a sua boca era uma linha fina. Linus pensou que conseguia ver o contorno ténue de asas a arder atrás dele, mas podia ser apenas uma ilusão devido à luz fraca.

— Foi sempre temporário — disse Linus. — Eu não pertenço aqui.

— Se não podes pertencer aqui, então, onde é que *podes* pertencer?

— Eu tenho uma vida — disse Linus. — Tenho uma casa, tenho...

A nossa casa nem sempre é o local onde vivemos. São também as pessoas pelas quais escolhemos rodear-nos. Pode não morar na ilha, mas não me pode dizer que esta não é a sua casa. A sua bolha, Sr. Baker, foi rebentada. Porque é que permitiria que voltasse a crescer em seu redor?

— Tenho um trabalho a fazer — terminou desajeitado. — Há pessoas a contar comigo. Não só... não só aqui. Há outras crianças que podem precisar de mim, que podem estar na mesma posição em que estiveste em tempos. Será que não devo fazer tudo o que posso para os ajudar?

Arthur assentiu tenso enquanto desviava o olhar.

— Claro. Claro que é isso que importa. Desculpa. Não tive intenção de fazer isto parecer o que não era. — Quando olhou para Linus novamente, a sua expressão era suave, quase... inexpressiva. Curvou-se ligeiramente. — Obrigado, Linus. Por tudo, por nos veres como realmente somos. Serás sempre bem-vindo aqui à ilha. Eu sei que as crianças vão sentir a tua falta. — A sua

expressão estremeceu ligeiramente. — Eu sei que vou sentir a tua falta.

Linus abriu a boca, mas nada saiu. *Desprezou-se* por isso. Aqui estava este homem, um homem maravilhoso, a expor o seu coração. Linus tinha de lhe dar algo, não importava o quão pequeno fosse.

Tentou novamente, dizendo:

— Se as coisas fossem... se isto fosse diferente, eu... tens de saber, Arthur. Tens mesmo. Este sítio, estas crianças, *tu*. Se apenas eu pudesse...

Arthur sorriu suavemente.

— Eu sei. Boa noite, Linus. E boa viagem. Cuida bem de ti.

Fechou a porta, deixando Linus parado na varanda, no escuro.

Linus sentou-se na varanda. Havia uma luz fraca a Leste. As estrelas brilhavam. A sua bagagem estava ao seu lado, assim como *Calliope*, na sua caixa, embora ela não estivesse nada satisfeita com a hora matutina. Linus conseguia sentir pena, especialmente porque não dormira nada.

Respirou fundo. O ar saiu em vapor.

— Acho que está na altura.

Levantou-se. Pegou na sua bagagem e na caixa e desceu da varanda.

Como prometido, Zoe estava à espera junto do seu pequeno carro. Ela tirou-lhe a mala da mão e colocou-a no porta-bagagem sem dizer uma palavra.

Sentou-se no banco do passageiro, pousando a caixa de *Calliope* no colo.

Zoe sentou-se e ligou o carro.

Então, partiram.

Linus observou a casa pelo espelho lateral enquanto esta ia diminuindo lentamente atrás deles.

Merle estava à espera nas docas. Os faróis do carro iluminaram-lhe o rosto carrancudo. Ele baixou a rampa.

— O preço para esta hora da manhã é o dobro — disse.

Linus surpreendeu-se a si mesmo:

— Cale-se, Merle.

Os olhos de Merle arregalaram-se.

Linus não desviou o olhar.

Merle cedeu primeiro, resmungando enquanto se dirigia de volta para a casa do leme.

A travessia foi tranquila. O oceano estava quase plano. O céu tornou-se mais claro. Zoe não falou. Quando chegaram à vila, Merle nem sequer olhou para eles enquanto baixava a rampa.

— Espero que volte depressa — disse Merle quando saíam do *ferry*. — Tenho um dia cheio e...

Zoe fez acelerar o motor e o que Merle tivesse a dizer perdeu-se.

O comboio ainda não tinha chegado quando eles alcançaram a plataforma. As estrelas iam desaparecendo à medida que o Sol nascia. Linus conseguiu ouvir o bater distante das ondas quando Zoe desligou o carro. Fletiu as mãos sobre os joelhos.

— Zoe, eu...

Ela saiu do carro e dirigiu-se à parte de trás. Ouviu-a abrir o porta-bagagem. Suspirou enquanto abria a porta. Atrapalhou-se com a caixa de *Calliope*, mas conseguiu sair sem a deixar cair. Zoe pousou as suas malas ao lado da plataforma antes de voltar para o porta-bagagem e fechá-lo com força.

— Eu percebo — disse.

Ela riu-se, embora sem humor.

— Percebe? Porque eu questiono-me.

— Não espero que compreenda.

Zoe abanou a cabeça.

— Ótimo, porque não compreendo.

— Eu não posso simplesmente *ficar* aqui. Existem regras a seguir, regulamentos que devem ser...

— Para o inferno com as suas regras e regulamentos!

Linus ficou boquiaberto a olhar para ela. Então, disse a única coisa que podia dizer:

— A vida não... não é assim que funciona.

— Porque não? — retorquiu ela. — Porque é que a vida não pode funcionar da maneira que queremos? Qual é o sentido de vivermos se só fazemos o que os outros querem que façamos?

— É o melhor que podemos fazer.

— E este é o seu melhor? — zombou ela. — *Isto?*

Ele não disse nada e, nesse momento, ouviu-se o apito de um comboio que se aproximava.

— Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Linus Baker — disse, apoiando as mãos cerradas no topo da porta do condutor. — Há momentos na vida em que é preciso arriscar. É assustador porque há sempre a possibilidade de falharmos, eu sei disso. Eu *sei*. Em tempos, dei uma oportunidade a um homem a quem tinha falhado antes. Eu estava *assustada*, estava *apavorada* e pensei que poderia perder tudo, mas o facto é que não estava a viver na altura. A vida que eu tinha antes não era *viver*, era ir andando, e nunca me arrependerei das oportunidades que agarrei, porque elas me levaram até eles, a todos eles. Eu fiz a minha escolha e o Linus está a fazer a sua. — Abriu a porta e entrou no carro. O motor foi ligado. Olhou para ele uma única vez quando disse: — Não gostaria que as coisas pudessem ser diferentes?

— Não gostarias de estar aqui? — sussurrou ele, mas ela já não o podia ouvir. Quando acabou de falar, ela já tinha partido, fazendo saltar areia com os pneus.

Linus olhou para o telefone cor de laranja na plataforma enquanto esperava pelo comboio. Pensou que seria fácil pegar nele e fazer uma chamada para dizer a quem respondesse que queria voltar para casa.

— Só o senhor? — perguntou alegremente o funcionário descendo do comboio. — Não vejo normalmente pessoas a sair daqui depois da época alta.

— Vou para casa — murmurou Linus enquanto entregava o bilhete.

— Ah — disse o funcionário. — Não há nenhum lugar como a nossa casa, segundo me dizem. Eu gosto de andar pelos carris. Vejo coisas maravilhosas, sabe? — Olhou para o bilhete. — De volta à cidade! Ouvi dizer que há uma grande tempestade lá, não para de chover há imenso tempo! — Sorriu quando devolveu o bilhete. — Posso ajudá-lo com a sua bagagem, senhor?

Linus pestanejou perante o ardor.

— Sim. Pode ser, obrigado. Eu levo a caixa. Ela não gosta da maioria das pessoas.

O funcionário olhou para baixo.

— Ah, percebo. Sim, eu levo a sua bagagem. A sua carruagem é por aqui, senhor, e, felizmente para si, está vazia. Nenhuma outra alma à vista. Pode dormir um pouco, se precisar.

Assobiou enquanto levantava a mala e a levava para o comboio.

Linus olhou para a caixa.

— Pronta para ir para casa?

Calliope virou-se e apresentou-lhe o traseiro.

Linus suspirou.

Duas horas depois, as primeiras gotas de chuva começaram a cair.

Referência à canção *Smile* de Nat King Cole (*N. da T.*).

DEZOITO

Chovia fortemente na cidade quando ele desceu do comboio.

Apertou mais o casaco em redor do corpo, erguendo os olhos semicerrados para o céu cinzento-metalizado.

Calliope bufou quando a água começou a pingar pelas frechas no topo da sua caixa.

Pegou na mala e dirigiu-se à paragem de autocarro.

O autocarro estava atrasado.

Claro que estava.

Tirou o casaco e pousou-o em cima da caixa de *Calliope*.

Funcionou, por agora.

Espirrou.

Esperava não estar a ficar doente. Seria mesmo falta de sorte.

Vinte minutos depois, o autocarro chegou com os pneus a espalhar água.

As portas abriram-se.

Linus estava encharcado quando entrou no autocarro.

— Olá — disse ao motorista.

Este grunhiu em resposta enquanto Linus se debatia para passar o passe na máquina.

O autocarro estava quase vazio. Havia um homem na parte de trás, com a cabeça encostada contra a janela, e uma mulher que olhou para Linus com desconfiança.

Sentou-se longe deles.

— Quase em casa — sussurrou para *Calliope*.

Ela não respondeu.

Ele olhou pela janela enquanto o autocarro se afastava da estação de comboios.

Um cartaz ao lado da estação chamou a sua atenção.

Nele, havia uma família num piquenique no parque. O Sol brilhava. A família estava sentada num cobertor de xadrez e a cesta de vime entre eles estava aberta e a transbordar de queijos, uvas e sandes com as côdeas cortadas. A mãe ria, o pai sorria e o menino e a menina olhavam com adoração para os pais.

Acima deles, o cartaz dizia: MANTENHA A SUA FAMÍLIA SEGURA! VEJA ALGUMA COISA, DIGA ALGUMA COISA!

Linus desviou o olhar.

Teve de mudar de autocarro uma vez e quando desceu do segundo já eram quase cinco da tarde. O vento tinha aumentado e estava frio e desagradável. Estava a três quarteirões de casa. Esperara sentir algum alívio neste momento.

Não sentia, não de verdade.

Bufou enquanto levantava a caixa e a mala.

Estava quase lá.

A sua rua estava silenciosa quando entrou nela.

As luzes estavam acesas e havia gotas de água coladas aos vidros.

A casa do 86 Hermes Way estava às escuras. O caminho de tijolos até à casa era o mesmo, o relvado era o mesmo, mas, ainda assim, parecia... sombria.

Levou um momento para perceber que o pequeno toque de cor que existira em tempos — os seus girassóis — desaparecera.

Linus ficou a olhar para a parte da frente da sua casa por um instante.

Abanou a cabeça.

Preocupar-se-ia com isso amanhã.

Avançou pelo caminho e chegou à varanda. Pousou a mala enquanto procurava as chaves. Estas caíram no chão e ele resmungou ao mesmo tempo que se inclinava para as apanhar.

Através da chuva, ouviu:

— É você, Sr. Baker?

Ele suspirou enquanto se endireitava.

— Sou, Sra. Klapper. Voltei. Como está?

— As suas flores morreram. Afogadas, se é que dá para acreditar. Pedi a um rapaz para as vir tirar. Estavam a apodrecer. Prejudica o valor de revenda de um bairro quando uma casa parece tão degradada. Tenho o recibo do que paguei ao rapaz. Espero ser reembolsada.

— Claro, Sra. Klapper. Obrigado.

Ela vestia o mesmo roupão felpudo e fumava o mesmo cachimbo. O cabelo apresentava o mesmo coque volumoso. Era tudo igual, cada bocadinho.

Começara a inserir a chave na fechadura quando ela falou novamente.

— Voltou de vez?

Linus sentiu vontade de gritar.

— Sim, Sra. Klapper.

Ela semicerrou os olhos para ele do outro lado da vedação.

— Parece ter apanhado algum sol. Não está tão pálido como antes e perdeu algum peso, também. Teve umas férias e tanto.

As suas roupas *estavam* um pouco mais folgadas no corpo do que antes, mas, pela primeira vez em muito tempo, ele deu por si a não se importar com isso.

— Não foram férias. Eu disse-lhe que ia para fora trabalhar.

— Hum, pois disse. No entanto, suponho que não há nada de errado em perder a cabeça no escritório, ameaçar matar toda a gente e ser depois mandado para uma clínica de reabilitação.

— Não foi isso que aconteceu!

Ela acenou com a mão na direção dele.

— Não tenho nada que ver com o assunto, mas é melhor que saiba que o bairro todo só fala disso. — Franziu a testa enquanto o fitava. — Prejudica o valor de revenda.

Linus segurou a maçaneta com força.

— Está a pensar em vender a sua casa?

Ela pestanejou, olhando para ele enquanto o fumo se enrolava em redor do seu rosto enferrujado.

— Não. Claro que não. Para onde é que eu iria?

— Então, por amor de todos os santinhos, porque é que se importa com o maldito valor de revenda?

Ela fitou-o perplexa.

Linus encarou-a irritado.

Ela deu uma tragada no cachimbo.

— Tenho o seu correio. A maior parte eram anúncios. Você não parece receber muita correspondência pessoal. Usei os cupões. Tinha a certeza de que não se importaria.

— Vou buscá-lo amanhã.

Tinha a certeza de que aquilo seria o fim da conversa, mas é claro que ela continuou.

— Tenho de lhe dizer que perdeu a sua oportunidade! O meu neto conheceu um bom homem enquanto esteve fora. É pediatra. Estou à espera de um casamento na primavera. Será numa igreja, é claro, porque são ambos homens religiosos.

— Que bom para eles.

Ela assentiu enquanto enfiava a ponta do cachimbo novamente entre os dentes.

— Bem-vindo a casa, Sr. Baker. Mantenha esse animal imundo fora do meu quintal. Os esquilos tiveram um mês de paz e eu gostava que assim continuasse.

Não se incomodou em dizer adeus. Era má-educação, mas estava cansado. Entrou em casa e bateu com a porta atrás de si para

reforçar.

Dentro de casa, o ambiente era bafiento. O cheiro de um local que não era habitado há algum tempo pairava no ar. Pousou a mala e a caixa antes de acender a luz.

Estava tudo igual, talvez um pouco empoeirado.

Lá estava a sua cadeira, o seu gira-discos, os seus livros.

Era tudo igual.

Baixou-se e abriu a porta para *Calliope*.

Ela saiu disparada com o rabo em pé atrás dela. Estava molhada e não parecia nada satisfeita. Desapareceu no corredor da lavandaria onde estava a sua caixa de areia.

— É bom estar em casa — sussurrou ele.

Perguntou-se quantas vezes teria de o dizer antes de acreditar.

Pousou a mala na ponta da cama.

Despiu a roupa molhada.

Enfiou o seu pijama sobressalente.

Alimentou *Calliope*.

Também tentou comer, mas não estava com muita fome.

Sentou-se na sua cadeira.

Levantou-se da sua cadeira.

— Um pouco de música — decidiu. — Talvez devesse ouvir música.

Escolheu o *Ol' Blue Eyes*. Frank fazia-o sempre sentir-se feliz.

Retirou o disco da manga e levantou a tampa do gira-discos. Colocou o disco no prato e ligou o aparelho. Os altifalantes estalaram. Baixou o braço e fechou os olhos, mas o que saiu do gira-discos não foi Frank Sinatra.

Devia ter trocado as capas antes de se ir embora.

O som nítido de trombetas fez-se ouvir.

Uma doce voz masculina começou a cantar.

Bobby Darin, cantando sobre algum lugar para lá do mar.

Lembrou-se do modo como Lucy baloiçava na cozinha, gritando as palavras a plenos pulmões.

Escondeu o rosto nas mãos.

Enquanto Bobby cantava, os ombros de Linus tremiam.

Foi para a cama.

Os cobertores e as almofadas estavam um pouco bolorentos, mas ele estava demasiado cansado para se preocupar com isso agora.

Ficou a olhar para o teto durante bastante tempo.

Finalmente, adormeceu.

Sonhou com uma ilha no oceano.

No domingo, fez limpezas. Abriu as janelas para arejar a casa, embora estivesse a chover, esfregou o chão, limpou as paredes, lavou os balcões e trocou os lençóis da cama. Usou uma escova de dentes para esfregar a sujidade das junções dos azulejos da casa de banho, varreu e passou a esfregona.

Quando terminou doíam-lhe as costas. A tarde estava no início e ele pensou em almoçar, mas o seu estômago pesava como chumbo.

Roupa, precisava de lavar a roupa.

E ainda tinha de terminar o seu relatório final.

Foi até à mala na ponta da cama. Colocou-a de lado e destravou as fivelas. Levantou a tampa e gelou.

Ali. Em cima das suas roupas dobradas, em cima dos dossiês, em cima das *REGRAS E REGULAMENTOS*, estava um envelope castanho.

Não o tinha posto lá.

Pelo menos, achava que não tinha.

Levantou o envelope. Parecia duro nas suas mãos.

No topo havia duas palavras escritas em maiúsculas pretas: NÃO SE ESQUEÇA.

Abriu o envelope.

Dentro havia uma fotografia.

Os seus olhos arderam quando olhou para ela.

Zoe devia ter tirado a fotografia. Nem sequer se recordava de a ter visto com uma câmara. Fora na primeira aventura que tiveram pela floresta até à casa dela. Na fotografia, Lucy e Talia riam, Sal estava sentado com Theodore ao colo, Chauncey e Phee lutavam pelo último pãozinho e Arthur e Linus estavam sentados juntos. Linus observava as crianças divertido.

E Arthur observava Linus, com aquele sorriso calmo no rosto.

Foi dor, então, aquilo que Linus sentiu na sua pequena casa em Hermes Way. Uma dor intensa e vítrea, diferente de tudo o que já experimentara antes. Ele era apenas papel, frágil e fino, e apertou a fotografia contra o peito, abraçando-a.

Mais tarde, muito mais tarde, sentou-se na sua cadeira com o relatório final no colo. Ainda só tinha uma frase escrita nele após a introdução.

Achou que era o suficiente.

Colocou-o de lado.

Ouviu o Big Bopper cantar. Acabou por adormecer e desaparecer num oceano, com as ondas a bater abaixo dele, e pareceu-lhe que estava em casa.

Lá fora, a chuva caía sem parar.

O despertador tocou bem cedo na manhã de segunda-feira.

Levantou-se.

Alimentou a gata.

Tomou um banho.

Vestiu um fato e gravata.

Pegou na sua pasta.

Lembrou-se do seu guarda-chuva.

O autocarro estava cheio. Mal havia espaço de pé, muito menos para sentar.

As pessoas não olhavam para ele, exceto para franzir o sobrolho quando ele ia acidentalmente contra elas. Depois, voltavam a olhar para os seus jornais enquanto ele se desculpava.

Ninguém o cumprimentou quando ele entrou no DRPJM.

Passou por entre as mesas e ninguém disse: «Bem-vindo, Linus. Sentimos saudades suas.»

Não havia fitas na Fila L, Mesa Sete. Nenhum balão, nenhuma lanterna de papel.

Sentou-se, pousando a pasta ao seu lado.

O Sr. Tremblay olhou para ele da Fila L, Mesa Seis.

— Pensei que tinha sido despedido.

— Não — disse Linus num tom o mais calmo que conseguiu. — Estive em missão.

O Sr. Tremblay franziu a testa.

— Tem a certeza? Podia jurar que tinha sido despedido.

— Tenho a certeza.

— Oh! — Parecia aliviado e Linus começou a sentir-se um pouco melhor. Talvez tivessem sentido falta dele, afinal. — Isso significa que pode ficar com todos os seus casos, novamente. Graças a Deus. Não tive tempo nenhum para eles, portanto, terá muito trabalho para recuperar. Vou procurá-los para si assim que puder.

— É muito simpático da sua parte — disse Linus rigidamente.

— Eu sei, Sr. Barkly.

Respondeu:

— É Sr. Baker, seu idiota. Não me faça corrigi-lo outra vez.

O Sr. Tremblay olhou para ele boquiaberto.

Linus abriu a pasta. Pegou nos dossiês que tinha recebido e no seu relatório final. Hesitou antes de tirar a única coisa que restava.

Colocou a fotografia emoldurada na mesa perto do computador.

— O que é isso? — perguntou o Sr. Tremblay, esticando o pescoço. — É uma coisa *pessoal*? Sabe que não pode ter nada disso!

— Talvez deva considerar meter o nariz na sua própria vida — retorquiu Linus sem olhar para ele.

— Problema seu — resmungou o Sr. Tremblay. — Vai ver se volto a ser simpático consigo.

Linus ignorou-o. Endireitou a fotografia até esta ficar como ele queria.

Ligou o computador e começou a trabalhar.

— Sr. *Baker*!

Ele gemeu para si mesmo. O dia de hoje estava a correr... Bem, estava a correr. Não olhou para cima quando ouviu o som de saltos a bater no chão, aproximando-se cada vez mais.

Uma sombra caiu sobre a sua mesa.

O barulho das teclas em seu redor parou, enquanto os seus colegas de trabalho se punham à escuta. Provavelmente, isto era a coisa mais emocionante que acontecera no último mês.

A Sra. Jenkins estava debruçada sobre ele, com a mesma expressão severa no rosto. Gunther, é claro, estava um pouco atrás dela com a sua sempre presente prancheta. Sorria de modo enjoativamente doce para Linus.

— Olá, Sra. Jenkins — disse Linus respeitosamente. — É bom voltar a vê-la.

— Sim, presumo que seja — disse ela com uma fungadela. — Você voltou.

— As suas capacidades de observação permanecem incomparáveis.

Os olhos dela semicerraram-se.

— Desculpe?

Tossiu e limpou a garganta.

— Eu disse, sim, voltei.

— Da sua missão.

— Sim.

— A sua missão *secreta*.

— Suponho que sim.

A pele debaixo do olho esquerdo dela contraiu-se.

— Só porque a Direção Extremamente Superior nos fez um favor e se livrou de si durante um mês, isso não significa que as coisas tenham mudado por aqui.

— Consigo perceber isso.

— Espero que esteja a par de todo o seu trabalho até ao final da semana.

Era impossível, claro, mas ela sabia disso.

— Sim, Sra. Jenkins.

— Os seus casos ser-lhe-ão devolvidos até à hora do almoço.

— Sim, Sra. Jenkins.

Ela inclinou-se para a frente, apoiando as mãos sobre a mesa dele. As suas unhas estavam pintadas de preto.

— Está à procura de uma promoção, não é? Acha que tem o que é preciso para ser um Supervisor?

Ele riu-se. Não fora sua intenção, mas saiu-lhe.

A Sra. Jenkins pareceu escandalizada.

O sorriso de Gunther desapareceu-lhe do rosto. Parecia chocado.

— Não — conseguiu dizer Linus. — Não estou à procura de uma promoção. Não acho que tenha talento para ser Supervisor.

— Por uma vez concordamos — disse a Sra. Jenkins maldosamente. — Não consigo pensar em ninguém mais desadequado. Tem sorte de ainda ter uma mesa para onde voltar. Por vontade minha, teria... sido... seria... Sr. *Baker*! O que é *aquilo*?

Apontou com uma unha preta para a fotografia.

— É minha — disse ele. — É minha e gosto dela.

— É *proibido* — disse ela estridentemente. — De acordo com as *REGRAS E REGULAMENTOS*, os assistentes sociais *não* têm permissão para ter pertences pessoais, a menos que sejam sancionados pelo Supervisor!

Linus olhou para ela.

— Então, sancione.

Ela deu um passo atrás, levando a mão à garganta. Gunther rabiscou furiosamente na sua prancheta.

— O que é que disse? — perguntou num tom perigoso.

— Sancione-a — repetiu Linus.

— De modo *nenhum*. Isto irá para o seu ficheiro permanente! Como é que ousa falar comigo assim... Gunther! Deméritos! Deméritos para o Sr. Baker!

O sorriso de Gunther voltou.

— Claro. Quantos?

— Cinco! Não, *dez*. *Dez* deméritos!

Os assistentes sociais em redor deles começaram a sussurrar fervorosamente.

— Dez deméritos — disse Gunther, num tom de voz satisfeito. — Sim. Tão sábia, Sra. Jenkins. Tão sabedora.

— Essa... essa *coisa* irá desaparecer até ao final do dia — disse a Sra. Jenkins. — Preste atenção às minhas palavras, Sr. Baker. Se não desaparecer, farei de tudo para que não tenha um emprego para o qual voltar.

Linus não disse nada.

Aquilo não caiu bem junto dela.

— Está a compreender?

— Sim — disse com os dentes cerrados.

— Sim, o *quê*?

— Sim, Sra. Jenkins.

Ela fungou novamente.

— Está melhor. A insolência não será tolerada. Eu sei que estive... onde quer que seja que estive durante o último mês, mas as regras não mudaram. Faria bem em lembrar-se disso.

— Claro, Sra. Jenkins. Há mais alguma coisa em que a possa ajudar?

As palavras dela pareciam pingar veneno quando respondeu:

— Sim, há. Você foi convocado pela Direção Extremamente Superior, *novamente*. Amanhã, às oito horas em ponto. Não se atrase. Ou então atrase-se e livre-me do problema.

Virou-se bruscamente.

— Para onde é que estão a olhar? Voltem ao trabalho!

Os assistentes sociais recomeçaram imediatamente a digitar nos teclados.

A Sra. Jenkins lançou outro olhar irritado para Linus por cima do ombro, antes de se afastar com Gunther atrás dela.

— Pergunto-me quem será o meu novo vizinho de mesa? — perguntou o Sr. Tremblay.

Linus ignorou-o.

Olhou para a fotografia.

Logo abaixo estava o tapete do rato com uma imagem desbotada de uma praia de areia branca e o oceano mais azul do mundo.

Dizia, é claro, NÃO GOSTARIA DE ESTAR AQUI?

Pela hora do almoço, os dossiês estavam empilhados na sua mesa. Dezenas deles. Abriu o de cima. As últimas notas eram suas.

Ninguém lhes tinha tocado no último mês. Ele suspirou e fechou-o.

O escritório estava vazio quando ele saiu, um pouco antes das nove da noite. Guardou a fotografia na pasta e foi para casa.

Estava a chover.

O autocarro estava atrasado.

Havia um saco plástico na sua varanda cheio com a sua correspondência. Eram tudo contas. Havia uma nota no topo, um recibo da Sra. Klapper a pedir o reembolso por ter eviscerado o seu canteiro de flores.

Tirou a fotografia da pasta e pousou-a na mesa de cabeceira ao lado da sua cama.

Ficou a olhar para ela até adormecer.

Às oito menos um quarto da manhã seguinte, Linus pressionou o botão dourado número cinco no elevador.

Todos dentro do elevador olharam para ele.

Ele devolveu o olhar.

Eles desviaram primeiro os olhos.

O elevador esvaziou-se lentamente até ele ser o único que restava.

DIREÇÃO EXTREMAMENTE SUPERIOR APENAS COM HORA MARCADA

Premiu o botão ao lado da grade de metal.

Esta deslizou para cima, chocalhando.

A Mna. Pastilha Elástica soprou um balão cor-de-rosa. Este estalou de modo perfeito enquanto ela o sugava de volta por entre os dentes.

— Posso ajudar?

— Tenho uma reunião.

— Com quem?

Ela tinha de saber.

— Com a Direção Extremamente Superior. Sou o Linus Baker.

Ela franziu os olhos para ele.

— Eu lembro-me de si.

— Hã... okay?

— Achei que tivesse morrido ou algo assim.

— Não, ainda não.

Ela pressionou algumas teclas no seu computador antes de voltar a olhar para ele.

— Tem o relatório final?

Abriu a pasta. Lá dentro, os seus dedos roçaram sobre a moldura de uma fotografia antes de ele encontrar o que procurava. Retirou o dossiê e fê-lo deslizar por baixo do vidro.

Ela franziu o sobrolho enquanto lhe pegava.

— É isto?

— É.

— Espere um momento.

A grade de metal fechou-se novamente com estrondo.

— Tu consegues fazer isto, meu velho — sussurrou ele.

Desta vez, demorou mais até a Mna. Pastilha Elástica regressar. Tanto tempo, na verdade, que Linus teve a certeza de que se tinham esquecido dele. Perguntou-se se deveria ir-se embora, mas não conseguiu descobrir como fazer que os seus pés se movessem. Pareciam estar presos no chão.

Passaram-se vários minutos. Vinte, pelo menos.

Estava prestes a ceder à tentação e espreitar para dentro da sua pasta para ver a fotografia quando a grade de metal se abriu.

A Mna. Pastilha Elástica tinha o sobrolho franzido.

— Eles estão prontos para o receber agora.

Linus assentiu.

— Eles... não estão satisfeitos.

— Não, não esperava que estivessem.

Ela soprou um balão que estalou de modo sonoro.

— Você é um homem muito estranho.

Uma campainha soou e as portas de madeira abriram-se.

A Mna. Pastilha Elástica não falou enquanto o conduzia, passando pela fonte, em direção à porta preta com a placa dourada. Abriu-a e deu um passo para o lado.

Ele não olhou para ela enquanto passava pela porta. Esta fechou-se atrás de si. As luzes acenderam-se no chão, mostrando-lhe o caminho. Seguiu-as até se espalharem num círculo. Havia um pódio no centro do círculo e nele estava o seu relatório. Linus engoliu em seco.

Várias luzes ganharam vida acima dele.

E, ali, a observá-lo no topo do muro de pedra, estava a Direção Extremamente Superior.

A mulher, o Papada, o homem dos óculos.

E Charles Werner.

— Sr. Baker — disse ele com uma voz suave como seda. — Bem-vindo de volta.

— Obrigado — disse Linus, mexendo-se nervosamente.

— Os seus relatórios foram... Bem, têm sido um tema de conversa interessante.

— Têm?

O Papada tossiu, uma tosse húmida.

— É uma maneira de o dizer.

— Sabe como me sinto em relação a eufemismos — disse o homem dos óculos franzindo o sobrolho.

— Sr. Baker — disse a mulher. — Aquilo que vê diante de si é o relatório final?

— Sim.

— De verdade?

— Sim.

Ela recostou-se na cadeira.

— Desconcertante. Acho-o insuficiente, quando comparado com os seus outros relatórios. Muito insuficiente mesmo.

— Acho que fui direto ao ponto — rebateu Linus. — O que é, afinal, o que me pediram. Fiz a minha recomendação após um mês de observação. Não é por isso que estou aqui?

— Cuidado, Sr. Baker — disse o Papada, semicerrando os olhos. — Não gosto do seu tom.

Linus reprimiu uma resposta torta, algo que há algumas semanas nem sequer teria tido necessidade de fazer.

— As minhas desculpas. Eu simplesmente... acredito que fiz o que me foi exigido.

Charles inclinou-se para a frente.

— Porque é que não o lê para nós? Talvez se o ouvirmos em voz alta isso nos transmita algum significado que se tenha perdido na tradução.

Muito bem, entraria no jogo. Fizera-o durante anos, sempre o funcionário obediente. Abriu o dossiê e olhou para baixo.

— Juro solenemente que o conteúdo deste relatório é preciso e...

— Nós sabemos isso, Sr. Baker — disse o homem dos óculos com bastante impaciência. — Todos os relatórios começam do mesmo modo, nunca varia para ninguém. É na parte seguinte que estamos mais interessados.

Olhou para eles.

— Os senhores sabem o que diz.

Charles sorriu-lhe.

— Leia, Sr. Baker.

Linus leu:

— «É minha recomendação que o Orfanato Marsyas permaneça aberto e que as crianças ali alojadas continuem sob a tutela de Arthur Parnassus.»

Era tudo. Aquilo era tudo o que escrevera.

Fechou o dossiê.

— Hum — disse Charles. — Não me disse nada de novo. Alguém tem outras perceções?

O Papada abanou a cabeça.

O homem dos óculos recostou-se na cadeira.

A mulher cruzou as mãos à sua frente.

— Não achei que tivessem — disse Charles. — Sr. Baker, talvez me possa explicar, o que é que o levou a essa conclusão?

— A minha observação das crianças e o modo como elas interagem umas com as outras e com Arthur Parnassus.

— Vago — disse o Papada. — Exijo mais.

— Porquê? — perguntou Linus. — O que é que procura?

— Não estamos aqui para responder às suas perguntas, Sr. Baker — disse a mulher bruscamente. — O senhor está aqui para responder às nossas. Não se esqueça do seu...

— Do meu lugar? — Linus abanou a cabeça. — Como é que posso esquecer, quando sou constantemente recordado disso? Fiz este trabalho durante dezassete anos. Nunca pedi mais, nunca *desejei* mais. Fiz tudo o que me foi pedido sem me queixar e agora estou aqui, diante dos senhores, e estão a exigir *mais* de mim. O que mais poderia eu ter para dar?

— A verdade — disse o homem dos óculos. — A verdade sobre o que...

Ele bateu com as mãos no pódio. O som foi imediato e seco e ecoou pela sala.

— Eu *dei-vos* a verdade. Em cada um dos meus relatórios semanais, não leram nada *além* da verdade. Em todas as missões que fiz, fui sempre honesto, mesmo que isso me doesse.

— Objetividade — disse o Papada. — Conforme escrito nas *REGRAS E REGULAMENTOS*, um assistente social deve ser objeti...

— Eu sei disso e fui-o. Lembro-me deles, de todos, de todos os nomes, as *centenas* que observei, e mantive a minha distância, erguendo uma parede. Os senhores podem dizer o mesmo? Quais

são os nomes das crianças da ilha? Sem olharem para as notas que têm, quais são os nomes deles?

O Papada tossiu.

— Isto é ridículo. Claro que sabemos os nomes deles. Há a criança Anticristo...

— Não lhe chame isso — rosnou Linus. — Isso não é quem ele é.

Charles tinha um sorriso presunçoso no rosto.

— É Lucy. Um diminutivo bastante ridículo para o que ele é.

— E? — perguntou Linus. — Os outros cinco?

Silêncio.

— Talia — vociferou Linus. — Um gnomo que adora jardinar. Ela é feroz, engraçada e corajosa. É irascível, mas, assim que ultrapassamos isso, há uma lealdade por baixo que nos deixa sem fôlego. E depois de tudo o que passou, depois de tudo o que lhe foi tirado, ela ainda encontra alegria nas mais pequenas coisas.

A mulher disse:

— Sr. Baker, o senhor devia...

— Phee! A fada da floresta. Ela age como se fosse dura e distante, mas tudo o que sempre quis foi um lar. Foi encontrada na *miséria* porque a sua espécie tinha sido segregada sem apoios. Sabiam disso? Leram o dossiê dela, ao menos? Porque eu li. A mãe morreu de fome diante dela e a própria Phee quase morreu também e, no entanto, quando os homens vieram ao acampamento para tentar afastá-la do corpo da mãe, ela conseguiu transformá-los em árvores com as suas últimas forças. As florestas da ilha são densas por sua causa e ela faria qualquer coisa para proteger aqueles que ama. Ensinou-me sobre raízes e como estas podem estar escondidas, à espera do momento certo para irromper na terra e mudar a paisagem.

A Direção Extremamente Superior permaneceu em silêncio enquanto Linus começava a andar de um lado para o outro.

— Theodore! Uma serpe, um dos poucos que restam. Sabiam que ele consegue falar? Algum de vocês sabe disso? Porque *eu* não sabia. Nunca me disseram, nunca foi dito a ninguém, mas ele consegue. Não fala em inglês, mas fala, e se o escutarem o suficiente, se lhe derem tempo, começarão a compreendê-lo. Ele não é um animal, não é um predador. Tem pensamentos complexos, sentimentos e *botões*. Tantos botões! — Linus estendeu a mão para o bolso do casaco e sentiu o botão de latão lá dentro, marcado por uns dentes afiados.

»Chauncey! Um... bem, ninguém sabe o que ele é, mas isso não importa! Não importa porque ele é capaz de ser mais humano do que qualquer um de nós. Foi-lhe dito a vida toda que é um monstro, que é a coisa que se esconde debaixo das camas, um *pesadelo*. Isso não pode estar mais longe da verdade. Ele é um menino curioso que tem um sonho e, meu Deus, como é simples, como é espantosamente *encantador*. Quer ser um carregador, quer trabalhar num hotel e cumprimentar as pessoas e transportar as suas bagagens. É *isso*. Mas será que algum de vocês o permitiria? Algum de vocês lhe daria a oportunidade?

Eles não responderam.

— Sal — rosnou Linus. — Abusado e negligenciado, despachado de um lado para o outro sem atenção alguma ao seu bem-estar por causa do que é capaz. Ele mordeu uma mulher, sim, e transformou-a, mas ela bateu-lhe. *Bateu numa criança*. Se levantarmos a mão vezes suficientes, eles encolher-se-ão, mas, de vez em quando, acabarão por contra-atacar porque é tudo o que lhes resta. Ele é tímido e sossegado e preocupa-se com todos mais do que se preocupa consigo mesmo. E escreve. Oh, Senhor, ele escreve as palavras mais belas. São *poesia*, uma *sinfonia*. Comoveram-me mais do que qualquer outra coisa que já ouvi.

— E o Anti... e a última criança? — perguntou a mulher em voz baixa.

— Lucy — disse Linus. — O nome dele é Lucy e tem aranhas no cérebro. Sonha com a morte, o fogo e a destruição e isso despedaça-o. Mas sabem o que descobri? Descobri um menino, um menino de seis anos, que adora aventuras e tem uma imaginação descontrolada. Ele dança e *canta*. Ele vive para a música e esta percorre-o como o sangue nas suas veias.

— Independentemente de gostar ou não de o ouvir — disse o Papada —, ele ainda é o que é. Isso nunca poderá mudar.

— Não pode? — retorquiu Linus. — Recuso-me a acreditar nisso. Somos quem somos não por causa do nosso direito de nascença, mas por causa do que escolhemos fazer nesta vida. Não pode ser reduzido a preto e branco, não quando há tanta coisa no meio. Não podemos dizer que algo é moral ou imoral sem entendermos as particularidades por trás.

— Ele é imoral — disse o homem dos óculos. — Talvez nunca tenha pedido para ser, mas é o que ele é. A sua linhagem exige-o. Há maldade nele e essa é a definição de imoralidade.

— E quem é você para decidir isso? — perguntou Linus através de dentes cerrados. — Quem é você? Nunca o conheceu. A moralidade é relativa. Só porque achamos que algo é abominável, isso não significa que o seja realmente.

A mulher franziu a testa.

— Muitas coisas são amplamente aceites como abomináveis. Com que é que disse que ele sonha? Morte e fogo e destruição? Se me lembro do seu último relatório, os pesadelos dele eram capazes de se manifestar. Alguém poderia ter-se magoado.

— Poderia — concordou Linus —, mas ninguém se magoou. E não foi porque *e/le* quisesse ferir alguém. Ele é uma criança que veio das trevas, mas isso não precisa de ser quem se tornará. E não será, não com quem ele tem por perto.

— Deixaria as outras crianças com ele? — perguntou o Papada. — Num quarto trancado sem supervisão.

— Sim — disse Linus imediatamente. — Sem hesitação. *Eu* ficaria fechado num quarto com ele, porque confio nele, porque sei que, não importa de onde veio, ele é mais do que o título que lhe deram.

— E o que acontece quando ele crescer? — perguntou Charles. — O que acontece quando ele se tornar um homem? E se ele decidir que este mundo não é o que ele quer que seja? Sabe muito bem quem é o pai dele.

— Sei — disse Linus. — O pai dele é Arthur Parnassus e é o melhor pai que Lucy tem e, no que me diz respeito, o único.

A Direção Extremamente Superior soltou uma exclamação em uníssono.

Linus ignorou-os. Estava apenas a começar.

— E o que dizer do Arthur? Porque acho que é por isso que estou realmente aqui, não é? Por causa do que ele é. Vocês classificaram estas crianças como uma ameaça de nível quatro quando, na verdade, elas são como todas as outras crianças do mundo, mágicas ou não. Mas isto nunca teve que ver com elas, pois não? Foi sempre o Arthur.

— Cuidado, Sr. Baker — avisou Charles. — Eu disse-lhe uma vez que não gosto de ser desapontado e o senhor está muito perto de me desapontar.

— Não — disse Linus. — *Não* vou ter cuidado. Pode não ter sido pela vossa mão que ele sofreu, mas foi pelos vossos ideais. Os ideais do DRPJM, de um registo, do preconceito contra eles. Vocês permitem que esse preconceito fermenta, vocês e todos os outros antes que se sentaram onde estão agora. Mantêm-nos segregados de todos os outros porque eles são diferentes de nós. As pessoas *temem-nos* porque assim são ensinadas: veja alguma coisa, diga alguma coisa. Isso inspira ódio. — Semicerrou os olhos enquanto olhava para Charles Werner. — Vocês acham que podem controlá-los; acham que podem *controlá-lo* para o usar para conseguir o que

querem, para o manter escondido com os vossos outros segredinhos sujos, mas estão errados, estão todos *errados*.

— Já chega — retorquiu o homem dos óculos. — O senhor está a entrar em terrenos traiçoeiros, Sr. Baker, e não parece estar a sentir o chão fugir-lhe debaixo dos pés.

— De facto — disse a mulher. — E, obviamente, não ajuda que tenhamos recebido um relatório de um cidadão preocupado sobre um confronto entre Arthur Parnassus e...

Linus cerrou os dentes.

— Oh, estavam preocupados? Digam-me, ao transmitir a sua *preocupação*, eles explicaram o que estavam exatamente a fazer no cais? Quais eram os seus planos? Porque, pelo que pude ver, eles eram os agressores. Se Arthur Parnassus não tivesse intervindo, nem quero imaginar o que teria acontecido. Independentemente do que ele e as crianças sejam ou do que possam fazer, *ninguém* tem o direito de lhes causar danos. A menos que alguém aqui pense o contrário?

Foi recebido com silêncio.

— Foi o que pensei — disse Linus, pousando a mão em cima do seu relatório final. — A minha recomendação mantém-se. O orfanato *deve* permanecer aberto. Para o bem deles e para o vosso. E prometo-vos que farei tudo ao meu alcance para garantir que isso aconteça. Podem despedir-me, podem tentar censurar-me, mas eu não vou parar. A mudança começa com as vozes de poucos e eu serei um desses poucos porque eles me ensinaram como sê-lo e sei que não estou sozinho. — Fez uma pausa, inspirando antes de continuar: — Além disso, e falando de eufemismos, por amor de tudo o que é sagrado, parem de lhes chamar orfanatos, pois isso implica algo que nunca foi o caso. Estes são *lares*. Foram sempre lares. Alguns deles não eram bons e foi por isso que recomendei que fossem fechados, mas não este, nunca este. Estas crianças não precisam de um lar porque já têm um, quer vocês gostem ou não.

— Ah — disse Charles. — Aí está, a desilusão. Tão aguçada, tão profunda.

Linus abanou a cabeça.

— O senhor disse-me uma vez que tinha interesse no que eu encontraria. Acreditei em si, então, embora ache que tenha sido mais por medo do que qualquer outra coisa. Não acredito em si agora, porque o senhor só quer ouvir o que *acha* que quer ouvir. Qualquer outra coisa é insatisfatória aos seus olhos. Aí não posso ajudar. A única coisa que posso fazer é mostrar-lhe que o caminho que ajudou a definir para este mundo se desviou da rota e, um dia, espero que o consiga ver tal como realmente é. — Olhou de modo desafiador para Charles. — Só porque não é o que esperava, não significa que esteja errado. As coisas mudaram, Sr. Werner, e eu sei que é para melhor. *Eu* mudei e não tem nada que ver consigo. O que quer que esperasse encontrar nos escombros que deixou naquela ilha não faz diferença alguma para mim. Eu sei o que eles se tornaram. Vi o coração de todos eles e ele bate com força, apesar de tudo o que passaram, quer seja pela sua mão ou pela de outros. — Estava ofegante quando terminou, mas a sua mente estava clara.

— Acho que terminámos aqui, Sr. Baker — disse Charles friamente. — Acho que temos uma compreensão clara da sua posição. Tinha razão, o seu relatório dizia tudo.

Linus sentiu frio, embora estivesse a suar profusamente. Todo o combate pareceu fugir dele e tudo o que restava era exaustão.

— Eu... eu apenas...

— Já chega — disse a mulher. — O senhor... já chega. Consideraremos a sua recomendação e teremos uma decisão final nas próximas semanas. Saia, Sr. Baker. Agora.

Pegou na sua pasta. Ouviu a moldura chocalhar lá dentro. Olhou mais uma vez para a Direção Extremamente Superior antes de se virar e fugir.

A Mna. Pastilha Elástica estava à espera dele do lado de fora das salas. Tinha os olhos arregalados e a boca aberta.

— O que foi? — perguntou Linus irritado.

— Nada — conseguiu ela dizer. — Absolutamente nada. Você foi muito... hum, ruidoso.

— Sim, bem, às vezes é necessário algum volume para atravessarmos crânios espessos.

— Uau — sussurrou ela. — Eu preciso de ligar... não importa a quem preciso de ligar. Consegue encontrar a saída, não consegue?

Ela afastou-se apressadamente e desapareceu atrás da porta que levava à sua cabina.

Ele afastou-se lentamente. Quando passou pelos escritórios da Direção Extremamente Superior, ouviu-a a falar animadamente, mas não conseguiu entender as palavras.

Linus pensou em ir-se embora. Simplesmente... deixar tudo para trás.

Não o fez.

Voltou para a sua secretária.

Sussurros furiosos cessaram assim que ele entrou na sala.

Todos o fitaram.

Ignorou-os, dirigindo-se para a Fila L, Mesa Sete. Nem se desculpou quando as suas ancas largas foram contra coisas.

Sentiu os olhares de dezenas de pessoas acompanhando cada passo que dava, mas manteve a cabeça erguida. Depois de tudo o que passara, depois de tudo o que vira e fizera, o que os seus colegas pensavam dele não importava nem um pouco.

Quando chegou à sua mesa, sentou-se e abriu a pasta. Tirou a fotografia e colocou-a na sua mesa.

Ninguém disse uma palavra.

A Sra. Jenkins estava diante do seu gabinete a olhar carrancuda para ele. Gunther rabiscava furiosamente na sua prancheta. Linus

pensou que ele podia enfiar os seus deméritos no raio que o partisse.

Pegou num dossiê do topo de uma pilha e voltou ao trabalho.

DEZANOVE

Três semanas depois, nada tinha mudado.

Ah, sim, ele sonhava com o mar e com uma ilha com praias de areia branca. Sonhava com um jardim e um bosque de árvores que escondiam uma casinha. Sonhava com uma porta de cave queimada, com o dia em que a música morrera e com a maneira como Lucy se ria, com a forma como Talia resmungava em gnomês, a maneira como Sal podia ser tão grande, mas parecia tão pequeno nos seus braços, e o modo como Chauncey se punha diante do seu espelho, dizendo *Olá, senhor, bem-vindo, bem-vindo, bem-vindo*, enquanto inclinava o seu chapéu de carregador. Sonhava com a forma como as asas de Phee brilhavam à luz do Sol, com botões e serpes chamados Theodore e com Zoe e o seu cabelo a abanar ao vento enquanto ela percorria estradas arenosas no seu carro.

E com Arthur, é claro. Sempre Arthur. Sonhava com fogo a queimar e asas cor de laranja e douradas bem abertas, com um sorriso tranquilo e a inclinação divertida da sua cabeça.

Ah, como ele sonhava.

A cada manhã estava a ficar cada vez mais difícil sair da cama. Estava sempre a chover e o céu era sempre de um cinzento metálico. Sentia-se como papel, frágil e fino. Vestia-se, ia de autocarro para o trabalho e sentava-se à sua mesa, tratando de dossiê após dossiê. Comia alface murcha ao almoço, voltava para o trabalho e ia de autocarro para casa. Sentava-se na sua cadeira a ouvir Bobby Darin a cantar sobre algum lugar além do mar, algures à espera de mim.

Pensou na vida que tinha. Como é que alguma vez poderia ter pensado que seria o suficiente.

Os seus pensamentos eram todos cerúleos.

Todos os dias em que ia trabalhar, parava para tocar na fotografia na sua mesa, a fotografia sobre a qual ninguém ousava dizer nada. Até a Sra. Jenkins se mantinha calada e, embora Linus recebesse demérito após demérito (Gunther escrevinhava alegremente na sua prancheta), ela não dizia uma palavra. Na verdade, era ignorado, mas Linus não tinha nenhum problema com isso. Suspeitava de que a Mna. Pastilha Elástica tinha algo que ver com a situação, considerando a fama de coscuvilheira que tinha.

Nem tudo era chuva e nuvens. Demorava o seu tempo, analisando os seus dossiês antigos, revendo os relatórios que tinha escrito para todos os orfanatos que visitara, fazendo anotações e preparando-se para um futuro brilhante que nem sequer tinha a certeza se estava ao seu alcance. Estremecia perante algumas das coisas que tinha escrito (a maior parte, para ser sincero consigo mesmo), mas achava que era importante. A mudança, recordava a si mesmo, começava com as vozes de poucos. Talvez não levasse a nada, mas não saberia a menos que tentasse. No mínimo, poderia procurar algumas das crianças que conhecera antes e descobrir onde estavam agora e, se tudo corresse como esperava, não as deixaria para trás ou esquecidas.

E foi por isso que começou a levar relatórios consigo. Todos os dias, levava mais alguns. Ficava completamente a suar sempre que punha mais um na pasta, certo de que a qualquer momento alguém gritaria o seu nome, exigindo saber o que ele estava a fazer, principalmente quando começou a levar dossiês de *outros* assistentes sociais.

Mas nunca ninguém disse nada.

Não se devia ter sentido tão animado por infringir a lei. Aquilo deveria tê-lo deixado com o estômago às voltas e o coração apertado, e talvez o tenha feito, até certo ponto, mas não conseguiu abater a sua determinação. Tinha os olhos abertos e os breves

momentos de euforia que sentia contribuía bastante para moderar as suas ilegalidades à medida que os dias se arrastavam.

No vigésimo terceiro dia após o seu regresso da ilha, o bater das teclas dos computadores e o murmúrio das vozes silenciaram-se mais uma vez quando uma figura apareceu à porta dos escritórios dos assistentes sociais.

Era a Mna. Pastilha Elástica, fazendo estalar a sua pastilha e segurando um dossiê contra o peito.

Ela olhou para as filas de mesas à sua frente.

Linus afundou-se na cadeira. Estava prestes a ser despedido, ele sabia.

Observou enquanto ela avançava em direção ao escritório da Sra. Jenkins. Esta não pareceu satisfeita por a ver e a sua carranca apenas se aprofundou em resposta à pergunta que a Mna. Pastilha Elástica lhe fez. Ela respondeu e apontou para as mesas.

A Mna. Pastilha Elástica virou-se e percorreu as filas de mesas, com as ancas a baloiçar deliciosamente. Os homens ficaram a olhar para ela, algumas das mulheres também. Ela ignorou-os a todos.

Linus pensou esconder-se debaixo da mesa.

Não o fez, mas foi por pouco.

— Sr. Baker — disse ela descontraidamente. — Aí está o senhor.

— Olá — disse, pousando as mãos no colo para que ela não as visse a tremer.

Ela franziu a testa.

— Já alguma vez lhe disse o meu nome?

Abanou a cabeça.

— É Doreen.

— Muito prazer, Doreen.

Ela fez estalar a pastilha elástica.

— Quase acredito em si. Tenho algo para si, Sr. Baker.

— Tem?

Pôs o dossiê em cima da mesa dele, empurrando-o na sua direção.

— Acabou de chegar esta manhã.

Linus olhou para ele.

Doreen inclinou-se, aproximando os lábios da orelha dele. Cheirava a canela. Bateu com uma unha no seu tapete do rato.

— Não gostaria de estar aqui? — Ele observou enquanto o dedo dela subia para a fotografia e deslizava ao longo da moldura. — Hum, que tal? — Beijou-lhe a face, doce e quente.

E depois foi-se embora.

Linus mal conseguia respirar.

Abriu o dossiê.

Lá estava o seu relatório final.

E, na parte inferior, havia quatro assinaturas.

CHARLES WERNER

AGNES GEORGE

JASPER PLUMB

MARTIN ROGERS

E, por baixo delas, havia um selo vermelho.

RECOMENDAÇÃO APROVADA.

Leu novamente.

Aprovada.

Aprovada.

Aprovada.

Isto era...

Podia...

Será que tinha o suficiente para levar o seu plano adiante?

Achava que sim.

Levantou-se da sua mesa, fazendo a cadeira raspar ruidosamente contra o chão de cimento frio.

Todos se viraram para olhar para ele.

A Sra. Jenkins saiu novamente do seu gabinete com Gunther atrás dela.

Aprovado.

O orfanato ficaria como estava.

Ouviu o mar.

Não gostaria de estar aqui?, sussurrava ele.

Sim.

Sim, gostaria.

Mas essa era uma coisa engraçada sobre os desejos; às vezes, para os tornarmos realidade, bastava um primeiro passo.

Levantou a cabeça.

Olhou em redor.

— O que é que estamos a fazer? — perguntou, fazendo a voz ecoar alto pela sala.

Ninguém respondeu, mas isso não era um problema, ele não esperava que respondessem.

— Porque é que estamos a fazer isto? Para quê?

Silêncio.

— Estamos a fazê-lo mal — disse, levantando a voz. — Tudo isto. É errado. Estamos a alimentar uma máquina que nos vai devorar a todos. Não posso ser o único a vê-lo.

Aparentemente, era.

Se fosse um homem mais corajoso, talvez tivesse dito mais. Talvez tivesse pegado na sua cópia das *REGRAS E REGULAMENTOS* e a atirasse para o lixo, anunciando grandiosamente que era altura de deitar fora todas as regras. Literalmente, mas também de modo figurado.

Nessa altura, a Sra. Jenkins exigiria o seu silêncio e, se ele fosse um homem muito mais corajoso, dir-lhe-ia que não. Gritaria a todos os que quisessem ouvir que tinha visto qual é o aspeto de um mundo com cores, com felicidade, com alegria. Este mundo em que

viviam aqui não era o verdadeiro e eles eram todos tolos se pensavam o contrário.

Se fosse um homem mais corajoso, subiria para cima das mesas e gritaria que era o Capitão Linus e que era altura de partir numa aventura.

Eles viriam atrás dele, mas ele saltaria de mesa em mesa, com Gunther a guinchar enquanto tentava alcançar as pernas de Linus, falhando.

Aterraria perto da porta, este homem corajoso. A Sra. Jenkins gritar-lhe-ia que estava despedido, mas ele rir-se-ia dela e gritaria que não podia ser despedido porque era ele quem se ia embora.

Mas Linus Baker era um homem suave com um coração que ansiava por um lar.

E, então, saiu tão silenciosamente como chegara.

Pegou na sua pasta e abriu-a sobre a mesa. Guardou com carinho a fotografia lá dentro antes de a fechar. Não havia mais dossiês para retirar do DRPJM. Ele tinha tudo o que precisava.

Respirou fundo.

E começou a andar por entre as mesas em direção à saída.

Os outros assistentes sociais começaram a sussurrar febrilmente.

Ignorou-os, de cabeça erguida. Mal esbarrou numa mesa.

Então, no momento em que chegava à saída, a Sra. Jenkins gritou o seu nome.

Parou e olhou por cima do ombro.

A expressão no rosto dela era de fúria.

— E onde é que pensa que *vai*?

— Para casa — disse simplesmente. — Vou para casa.

E, então, deixou o Departamento Responsável pela Juventude Mágica pela última vez.

Estava a chover.

Esquecera-se do seu guarda-chuva lá dentro.

Voltou o rosto para o céu cinzento e riu sem parar.

Calliope pareceu surpreendida ao vê-lo quando ele irrompeu pela porta da frente. Fazia sentido; nem sequer era meio-dia.

— Sou capaz de ter perdido a cabeça — disse-lhe. — Não é maravilhoso?

Ela miou uma pergunta, a primeira vez que falava desde que tinham deixado a ilha.

— Sim — disse ele. — Sim, sim.

A vida, Linus Baker sabia, resumia-se ao que fazemos dela. Tinha que ver com escolhas, grandes e pequenas.

Bem cedo na manhã seguinte — uma quarta-feira, conforme descobriu — Linus fechou a porta de uma vida em busca de outra.

— Outra viagem? — perguntou a Sra. Klapper do outro lado da vedação.

— Outra viagem — concordou Linus.

— Quanto tempo desta vez?

— Espero que para sempre, se eles me aceitarem.

Os olhos dela arregalaram-se.

— Perdão?

— Vou-me embora — disse, e nunca tivera tanta certeza de nada em todos os seus anos de vida.

— Mas... mas — balbuciou ela. — E a sua casa? E o seu *emprego*?

Sorriu-lhe.

— Deixei o meu emprego. Quanto à casa, bem, talvez o seu neto e o encantador noivo dele queiram morar ao seu lado. Considere-o um presente de casamento. Mas isso não importa agora. Resolvo o assunto mais tarde. Tenho de ir para casa.

— Você *está* em casa, seu tolo!

Abanou a cabeça enquanto pegava na caixa de *Calliope* e na sua mala.

— Ainda não, mas estarei em breve.

— Por amor de... perdeu a cabeça? E que raio tem *vestido*?

Olhou para si mesmo. Camisa bege, calções bege, meias castanhas. Em cima da sua cabeça estava um chapéu em estilo de capacete. Riu-se novamente.

— É o que devemos usar quando vamos numa aventura. Parece ridículo, não é? Mas pode haver canibais e cobras devoradoras de homens e insetos que se enterram debaixo da minha pele e comem os meus olhos de dentro para fora. Quando confrontados com essas coisas, temos de estar adequadamente vestidos. Adeusinho, Sra. Klapper. Não sei se nos voltaremos a ver. Os seus esquilos conhecerão apenas paz a partir de agora, e perdoo-lhe pelos girassóis.

Desceu da varanda e avançou pela chuva, deixando o 86 Hermes Way para trás.

— Vai viajar? — perguntou o funcionário do comboio, olhando para o seu bilhete. — Até ao fim do percurso, estou a ver. Um pouco fora de época, não é?

Linus olhou pela janela da carruagem, enquanto a chuva escorria pelo vidro.

— Não — disse. — Vou voltar para onde pertenço.

Quatro horas depois, a chuva parou.

Uma hora mais tarde, viu o primeiro azul através das nuvens.

Outras duas horas passaram e ele achou que sentia o cheiro a sal no ar.

Linus foi o único a sair do comboio, o que fazia sentido, já que era o único que restava.

— Oh, céus — disse ele, olhando para a estrada vazia ao lado da plataforma. — Sou capaz de não ter pensado bem nisto. — Abanou a cabeça. — Não importa. O tempo não espera por ninguém.

Pegou na mala e na caixa e começou a caminhar em direção à vila enquanto o comboio se afastava.

Estava encharcado em suor quando viu os primeiros edifícios. Tinha o rosto vermelho e a sua mala parecia estar cheia de pedras.

Tinha a certeza de que estava prestes a desmaiar quando alcançou o passeio da rua principal da vila. Pensou em deitar-se no chão (talvez permanentemente) quando ouviu alguém exclamar o seu nome.

Olhou para cima semicerrando os olhos.

De pé diante da sua loja, com um regador na mão, estava Helen.

— Olá — conseguiu dizer. — Que bom vê-la de novo.

Ela deixou cair o regador, espalhando o seu conteúdo pelo cimento. Correu para ele enquanto Linus se sentava pesadamente na sua mala.

— Veio *a pé* até aqui? — quis ela saber, fazendo uma careta quando sentiu as mãos húmidas assim que lhas colocou sobre os ombros.

— A espontaneidade não é exatamente o meu forte — admitiu.

— Seu homem tolo — disse ela. — Seu homem maravilhosamente tolo. Caiu em si, não foi?

Assentiu.

— Acho que sim. Ou isso ou o meu bom senso abandonou-me completamente. Ainda não tenho a certeza.

— Eles não sabem que veio?

— Não, daí a espontaneidade. Ainda não sou muito bom nisso, mas espero tornar-me melhor com a prática. — Ofegou enquanto ela lhe dava pancadinhas nas costas com as pontas dos dedos.

— Acho que começou bem, pelo menos, embora imagine que isso signifique que o Merle também não sabe que está aqui.

Ele estremeceu.

— Oh, certo, o *ferry*. É uma coisa importante, não é? É uma ilha, afinal.

Ela revirou os olhos.

— Nunca vou perceber como é que conseguiu chegar até aqui.

— Rebentei a minha bolha — disse ele, precisando que ela entendesse. — Ela mantinha-me seguro, mas também me impedia de viver. Eu não me devia ter ido embora.

A expressão dela suavizou-se.

— Eu sei. — Endireitou os ombros. — Mas está aqui agora e isso é tudo o que importa. Felizmente para si, eu sou a presidente da câmara, o que significa que quando eu quero que algo seja feito, é feito. Fique aqui. Tenho de fazer um telefonema.

Correu de volta para a loja.

Linus fechou os olhos pelo que pensou ser apenas um instante, mas despertou sobressaltado de uma sesta quando uma buzina soou à sua frente.

Abriu os olhos.

Uma velha carrinha verde estava parada junto ao passeio. Estava salpicada de ferrugem e os pneus com risca branca pareciam já quase não ter rasto. Helen estava sentada atrás do volante.

— Então? — perguntou ela pela janela aberta. — Ou vai ficar aí o resto da noite?

Não. Não ia.

Colocou a mala na parte de trás da carrinha. *Calliope* ronronou quando ele a pôs dentro da cabina, sobre o banco. A porta rangeu atrás dele quando ele a fechou.

— É muito simpático da sua parte.

Ela soltou uma risada.

— Acho que lhe devia um favor ou dois. Considere-os saldados.

A carrinha gemeu quando ela se afastou do passeio. Doris Day estava no rádio, cantando para sonhar um pequeno sonho sobre mim¹³.

Merle estava à espera nas docas, parecendo tão desagradável como sempre.

— Eu não posso simplesmente largar tudo quando me pedes — disse carrancudo. — Eu tenho... Sr. *Baker*?

— Olá, Merle. É bom vê-lo. — Era quase verdade, surpreendentemente.

Merle ficou de boca aberta.

— Não fiques aí parado — disse Helen. — Baixa a rampa.

Merle recuperou.

— É melhor que saibam que os meus preços *quadruplicaram*...

Helen sorriu.

— Oh, acho que não. Isso seria absurdo. Baixa a rampa, antes que eu a atravesse.

— Não te atreverias.

Ela acelerou o motor.

Merle correu para o *ferry*.

— Homem horroroso — disse ela. — Não me importava se ele caísse do barco um dia e o mar o levasse.

— Isso é horrível — disse Linus. E depois: — Podíamos provocar um acidente.

Ela riu-se, parecendo surpreendida.

— Ora, Sr. Baker, nunca pensei ouvir uma coisa dessas vinda de si. Estou a gostar. Vamos levá-lo a casa, pode ser? Suponho que tenha algumas coisas que precisa de dizer.

Ele encolheu-se no assento.

A ilha parecia a mesma em relação a quando a deixara. Tinham passado apenas algumas semanas, mas parecia uma vida inteira.

Merle murmurou qualquer coisa sobre Helen ter de se despachar e ela disse-lhe que demorariam todo o tempo de que precisassem e que não queria ouvir nem mais uma palavra vinda dele. Ele fitou-a, mas assentiu lentamente.

Helen conduziu pela estrada de terra familiar, serpenteando em direção à parte de trás da ilha enquanto o Sol se começava a pôr.

— Estive aqui algumas vezes desde que você partiu.

Olhou para ela.

— Por causa do jardim?

Ela encolheu os ombros.

— E para ver o que você deixou para trás.

Linus virou-se para a janela.

— Como... como foi?

Ela estendeu a mão por cima da caixa entre eles e apertou-lhe o braço.

— Eles estavam bem. Tristes, é claro, mas bem. Fiquei para jantar da primeira vez. Havia música. Foi encantador. Eles falaram bastante sobre si.

Ele engoliu apesar do nó na garganta.

— Oh.

— Você teve um grande impacto nas pessoas desta ilha durante o tempo em que esteve aqui.

— Eles fizeram o mesmo comigo.

— É engraçado como estas coisas funcionam, não é? Podemos encontrar as coisas mais inesperadas quando nem sequer estamos à procura delas.

Linus apenas pôde assentir.

Havia luzes acesas no andar de cima da casa principal.

As lanternas de papel na pérgula do jardim estavam acesas.

Eram cinco e meia, o que significava que as crianças estariam envolvidas nas suas atividades pessoais. Sal, pensou ele, estaria a

escrever no seu quarto, Chauncey estaria a praticar em frente do espelho, Phee estaria com Zoe nas árvores, Theodore estava provavelmente debaixo do sofá e Talia estaria no seu jardim. Lucy e Arthur estariam no andar de cima, a conversar sobre filosofia e aranhas no cérebro.

Conseguia respirar pela primeira vez em semanas.

Helen parou diante da casa. Sorriu para ele.

— Acho que é aqui que nos separamos por enquanto. Diga ao Arthur que venho cá no sábado. Aparentemente, vai haver algum tipo de aventura.

— Há sempre, aos sábados — sussurrou Linus.

— Não se esqueça da sua mala.

Olhou para ela.

— Eu... obrigado.

Ela assentiu.

— Eu é que lhe devia agradecer. Você mudou as coisas, Sr. Baker, quer o quisesse ou não. É um pequeno começo, mas acho que vai crescer e eu não me vou esquecer disso. Vá. Acho que há algumas pessoas aqui que gostariam de o ver.

Linus mexeu-se nervosamente.

— Talvez devêssemos...

Ela riu-se.

— Saia da minha carrinha, Sr. Baker.

— É Linus. Chame-me apenas Linus.

Helen sorriu docemente.

— Saia do raio da minha carrinha, Linus.

Ele saiu, levando *Calliope* consigo. Enfiou a mão na parte de trás da carrinha e tirou a sua mala. O cascalho estalou debaixo dos pneus da carrinha quando Helen se afastou com um aceno.

Ficou a olhar para ela até as luzes traseiras desaparecerem por entre as árvores.

— Muito bem, meu velho — murmurou. — Tu consegues fazer isto.

Calliope miou dentro da caixa. Inclinou-se e abriu-a.

— Agora, não vás para longe...

Ela saiu disparada em direção ao jardim.

— Claro — suspirou.

Seguiu-a.

As flores tinham desabrochado e pareciam mais luminosas do que ele se lembrava. Linus caminhou pelo carreiro até ouvir resmungar numa língua estranha. Contornou um arbusto e viu um pequeno gnomo barbudo a cavar na terra.

Parou.

— Olá — disse suavemente.

Ela endireitou brevemente os ombros antes de continuar a cavar.

Calliope estava sentada ao seu lado.

Deu outro passo em direção a ela.

— As ferramentas novas funcionam bem?

Ela não respondeu, mas a terra voava em seu redor.

— A Helen disse-me que ficou impressionada com o teu jardim.

Disse que era um dos melhores que já viu.

— Sim, bem — disse Talia com irritação —, eu *sou* um gnomo. É normal ser boa nisto.

Ele soltou uma risadinha.

— Claro que és.

— Porque é que estás aqui?

Hesitou, mas apenas por um instante.

— Porque é aqui que pertenço. Nunca me deveria ter ido embora. Só o fiz para ter a certeza de que vocês estariam a salvo, todos vocês. E agora...

Ela suspirou, pousando a pá antes de se virar para o encarar.

Estava a chorar.

Linus não hesitou e pegou nela ao colo.

Talia enterrou o rosto no pescoço dele, fazendo-lhe cócegas na garganta com a barba.

— Vou enterrá-lo aqui mesmo — soluçou. — Estou a cavar a sua cova, só para que saiba.

— Eu sei — disse ele, acariciando-lhe as costas com a mão. — Não esperava menos.

— Ninguém será capaz de o encontrar! E, mesmo que o *encontrem*, será tarde demais e o senhor será apenas ossos!

— Talvez possamos adiar isso, pelo menos durante algum tempo. Tenho algo importante para vos dizer a todos.

Ela fungou.

— Talvez, mas se eu não gostar do que ouço, voltamos logo para aqui e o senhor vai entrar no buraco sem discutir.

Ele riu-se, um riso livre e cintilante.

— Combinado.

Talia correu adiante, com *Calliope* a persegui-la. Linus tirou um instante para inspirar os aromas do jardim em seu redor. Escutou o barulho das ondas. Se tivesse alguma dúvida antes deste momento, ela teria desaparecido. Só esperava que os outros sentissem o mesmo.

Já era tempo.

Deixou o jardim, contornando a lateral da casa. Parou quando viu o que o esperava.

Eles tinham-se reunido diante da casa. Zoe parecia exasperada ao vê-lo, abanando a cabeça com carinho, e Phee fitava-o irritada. Esperava que ela não o transformasse numa árvore ou, se o fizesse, pelo menos que não fosse uma macieira. Não gostava da ideia de ser comido por eles quando florescesse.

Chauncey mexia-se nervosamente como se quisesse correr em direção a Linus, apesar de saber que a sua lealdade estava com aqueles que o rodeavam. Sal tinha os braços cruzados sobre o peito e Theodore estava sentado no seu ombro com a cabeça inclinada.

Talia enxugava os olhos e murmurava em gnomês. Linus pensou tê-la ouvido dizer que teria de alargar a sua cova, visto que ele ainda era rotundo.

E Lucy, é claro. Lucy que estava à frente dos outros todos, com uma expressão estranha no rosto. Linus perguntou-se se estaria prestes a ser abraçado ou se o seu sangue ia começar a ferver, fazendo os seus órgãos cozinhar dentro dele. Podia dar para os dois lados.

Arthur estava atrás deles e, embora o seu rosto fosse inexpressivo e as suas mãos estivessem cruzadas atrás das costas, Linus sabia que ele estava a ser cauteloso. Podia ver isso na rigidez dos seus ombros. O facto de Linus ter desempenhado um papel nisso fê-lo sentir-se mal. Arthur nunca deveria sentir-se inseguro, não em relação a isto.

Linus manteve a distância, embora *Calliope* parecesse não ter esse problema. A gata miava bem alto, enquanto se esfregava nas pernas de Sal. Era o mais faladora que estava desde que tinham deixado a ilha.

Como é que ele poderia ter sido tão tolo? Como é que poderia ter pensado que podia deixar este sítio? Era cor, luz e calor e o seu coração parecia estar finalmente a bater de novo. Não tinha percebido que o tinha deixado para trás. Devia ter sabido, devia ter percebido.

— Olá — disse suavemente. — É bom ver-vos a todos outra vez.

Eles não falaram, embora Chauncey se contorcesse com os olhos a baloiçar animadamente.

Linus pigarreou.

— Não espero que compreendam, não sei se eu compreendo. Cometi erros, alguns maiores do que outros, mas eu... — Respirou fundo. — Ouvi algo uma vez, algo importante, embora ache que não sabia o *quão* importante era de facto. Uma pessoa muito sábia pôs-se de pé diante de terceiros e, embora estivesse muito nervosa,

disse a coisa mais profundamente bela que já ouvi. — Linus tentou sorrir, mas falhou. Continuou: — Sou apenas papel. Frágil e fino. Ergo-me contra o Sol e este brilha através de mim. Escrevem sobre mim e nunca mais poderei ser usado. Estes rabiscos são uma história. São história. Contam coisas para os outros lerem, mas estes só veem as palavras e não aquilo no qual as palavras estão escritas. Sou apenas papel e, embora existam muitos como eu, nenhum é exatamente o mesmo. Sou um pergaminho ressequido. Tenho linhas. Tenho buracos. Molhem-me e derreto. Incendeiem-me e ardo. Peguem-me com mãos endurecidas e amachuco-me. Rasgo-me. Sou apenas papel. Frágil e fino.

Os olhos de Sal arregalaram-se.

— Ficou-me na cabeça — continuou Linus. — Por ser tão importante, como todos vocês são importantes. — A voz falhou-lhe e abanou a cabeça. — Não há nada a temer do Departamento Responsável pela Juventude Mágica. Este lugar é a vossa casa e permanecerá como vossa casa. Podem ficar aqui o tempo que quiserem e, se eu conseguir o que quero, outros como vocês conhecerão a mesma paz.

Talia e Phee soltaram exclamações, a boca de Chauncey abriu-se de espanto, Lucy sorriu enquanto Theodore abria as suas asas e dava um pequeno rugido de excitação e Sal deixou cair os braços, descontraindo o corpo, aliviado.

Zoe inclinou a cabeça.

Arthur ficou onde estava.

Não era suficiente. Linus sabia disso.

Então, deu tudo o que lhe restava.

— Acho que vocês são encantadores, todos. E, embora eu tenha vivido num mundo onde vocês não existiam durante a maior parte da minha vida, não acredito que esse seja um mundo em que possa continuar a viver. Começou com o Sol e ele era quente, depois veio o mar e era diferente de tudo o que eu já tinha visto antes, seguiu-se

este lugar, esta ilha tão misteriosa e maravilhosa, mas foram vocês quem me deu paz e alegria como eu nunca senti antes. Vocês deram-me uma voz e um propósito. Nada teria mudado se não fosse por todos vocês. Acho que eles me ouviram, mas a única razão pela qual eu sabia o que dizer foi por causa do que vocês me ensinaram. Não estamos sozinhos, nunca estivemos. Temo-nos uns aos outros. Se eu me fosse embora de novo, ia desejar estar aqui e não quero continuar a desejar. Se me aceitarem, eu gostaria de ficar. Para sempre.

Silêncio.

Esfregou a nuca nervosamente, perguntando-se se deveria dizer mais.

— Dê-nos licença por um instante, Sr. Baker — disse Lucy. Ele virou-se para os outros e fez-lhes sinal para se aproximarem. As crianças baixaram as cabeças e começavam a sussurrar furiosamente. Zoe escondeu uma gargalhada com as costas da mão.

Arthur nunca desviou o olhar de Linus.

Linus sabia que era falta de educação tentar ouvir uma reunião da qual não fazia parte. Isso, no entanto, não o impediu de tentar. Infelizmente, as crianças não pareciam importar-se que ele estivesse prestes a ter um ataque cardíaco. Observou enquanto eles realizavam o seu congresso. A certa altura, Lucy passou um dedo pelo pescoço, revirando os olhos e pondo a língua de fora da boca. Talia concordou acenando com a cabeça. Linus pensou ter ouvido Chauncey dizer algo sobre alimentar os canibais, mas era capaz de ter ouvido mal. Theodore fez estalar as mandíbulas. Phee olhou com irritação para Linus por cima do ombro antes de se voltar novamente para os outros. Sal murmurou algo baixinho e as crianças olharam para ele com adoração.

— Então, estamos de acordo? — perguntou Lucy.

As crianças assentiram.

Voltaram-se novamente para ele.

Foi Lucy quem falou por eles:

— Mais alguém sabe que o senhor está aqui?

Linus abanou a cabeça.

— Então, podíamos matá-lo e ninguém saberia.

— Sim, embora eu gostasse de evitar isso, se possível.

— Claro que gostaria — disse Lucy. — Temos condições.

— Não esperava menos do que isso.

Talia disse:

— Tem de me ajudar no meu jardim na primavera e fazer exatamente o que eu digo.

Não houve hesitação.

— Sim.

Phee disse:

— Tem de passar um dia por mês comigo e com a Zoe na floresta.

— Sim.

Chauncey disse:

— Tem de me deixar lavar a sua roupa!

Oh, como o seu coração parecia que ia explodir.

— Se é o que queres.

— E tem de me dar uma gorjeta!

— Claro.

Theodore gorjeou e fez estalar a língua, movendo a cabeça para cima e para baixo.

— Todos os botões que conseguir encontrar — concordou Linus.

Sal disse:

— Tem de nos deixar chamar-lhe Linus.

Os olhos dele ardiam.

— Adoraria que o fizessem.

Lucy sorriu diabolicamente.

— E tem de dançar comigo e, quando eu tiver pesadelos, tem de me dizer que vai ficar tudo bem.

— Sim. Sim. Sim a tudo isso. A cada coisa. Por vocês, eu faria qualquer coisa.

O sorriso de Lucy desapareceu. Parecia tão jovem.

— Porque é que se foi embora?

Linus baixou a cabeça.

— Às vezes, não sabemos o que temos até o perdermos. E eu precisava de ser a vossa voz para que aqueles que estão longe vos ouvissem por tudo aquilo que são.

— Crianças — disse Arthur, falando pela primeira vez. — Importam-se de entrar e ajudar Zoe com o jantar? Preciso de dar uma palavrinha ao Sr. Baker.

Eles protestaram imediatamente.

— Agora.

Lucy ergueu as mãos.

— Não sei porque é que não o beija e acaba logo com isso. Os adultos são tão burros.

Zoe sufocou uma gargalhada.

— Vá lá. Vamos deixar os adultos burros tratar do assunto. Vamos entrar e começar o jantar e não vamos, de modo nenhum, espreitá-los pelas janelas.

— Ooh — disse Talia. — Já percebi. Sim, vamos ver... quero dizer, fazer o jantar.

Eles subiram apressadamente os degraus da casa. Sal lançou-lhes um olhar antes de fechar a porta atrás de si.

E apareceu imediatamente à janela com os outros, embora tentassem todos, sem sucesso, esconder-se atrás das cortinas. Até Zoe.

Linus amava-os imenso.

As estrelas estavam a começar a aparecer. O céu estava riscado em tons de cor-de-rosa e cor de laranja e azul, azul, azul. As aves marinhas piavam e as ondas batiam contra as rochas.

Mas a única coisa que importava neste momento era o homem diante dele. Este homem maravilhoso.

Linus esperou.

— Porquê agora? — perguntou Arthur finalmente. Parecia cansado.

— Era a altura certa — disse Linus. — Eu... regresssei pensando que era o mais correto. Apresentei os resultados da minha investigação à Direção Extremamente Superior. — Fez uma pausa, considerando. — *Apresentar* é capaz de ser um eufemismo. Fui bastante severo, para ser sincero.

Os lábios de Arthur contraíram-se.

— Foste?

— Não sabia que era capaz.

— Porque é que o fizeste?

Linus abriu as mãos à sua frente.

— Porque eu... Eu vi coisas, aqui. Aprendi coisas que não sabia e isso mudou-me. E só soube quanto quando o perdi. Quando já não podia acordar e ir até à casa para o pequeno-almoço, ou ouvir-te ensiná-los, ou discutir contigo as tuas ideias ridículas sobre filosofia, ou ir numa aventura aos sábados usando roupas ridículas ao mesmo tempo que era ameaçado com uma morte horrível.

— Não sei — disse Arthur. — Não pareces ter problemas em as usar agora.

Linus puxou a camisa.

— Estou a habituar-me a elas. O que quero dizer é que me fui embora porque estava com medo do que poderia ser e não do que já era. Já não tenho medo.

Arthur assentiu e desviou o olhar, contraindo os maxilares.

— E o orfanato?

Linus abanou a cabeça.

— Não é... sabes, disseste-me uma vez que a palavra orfanato é um equívoco, que ninguém vem aqui à procura de adotar.

— Eu disse isso, não foi?

— Disseste, sim. E, conforme eu disse à Direção Extremamente Superior, isto não é um orfanato, é um lar, e é assim que vai ficar.

— A sério?

— A sério.

— E os outros? Disseste que achavas que podias ajudar todos os outros.

Linus coçou a nuca.

— Sou capaz de ter feito uma coisa... ilegal? Roubei alguns dossiês. Talvez mais do que alguns. Tenho uma ideia, mas vai demorar.

— Ora, Linus Baker. Estou absolutamente surpreendido contigo. Roubar, realmente. Não é correto.

— Sim, bem — murmurou ele. — Ponho a culpa toda em vocês aqui. Vocês corromperam-me.

Linus pensou ter visto um lampejo de fogo nos olhos de Arthur.

— Fizeste realmente isso tudo?

— Sim. Estava com medo, mas era a coisa certa a fazer. — Hesitou, mas depois continuou: — E também me despedi.

Arthur pareceu surpreendido.

— Porquê?

Linus encolheu os ombros.

— Porque não era onde eu pertencia.

— E onde é que pertences, Linus?

E, com o que restava da sua coragem, Linus Baker disse:

— Aqui, contigo. Se me aceitares. Pergunta-me outra vez. Por favor, imploro-te. Pede-me para ficar novamente.

Arthur assentiu de modo rígido. Pigarreou. Estava rouco quando disse:

— Linus.

— Sim, Arthur?

— Fica aqui. Connosco, comigo.

Linus mal conseguia respirar.

— Sim, sempre. Sim. Por eles, por ti, por...

Estava a ser beijado. Nem sequer tinha visto Arthur mover-se. Num instante, achava que estava prestes a desmoronar e, no seguinte, o seu rosto estava a ser envolvido por umas mãos quentes e uns lábios estavam a ser pressionados contra os seus. Sentiu-se como se estivesse a arder, a queimar de dentro para fora. Estendeu as mãos, pousando-as sobre as de Arthur, mantendo-as no lugar. Não queria que este momento acabasse. Apesar de todas as canções de amor que ouvira na vida, não estava preparado para o que um momento como este podia ser.

Arthur afastou-se e começou a rir enquanto Linus lhe beijava freneticamente o queixo, as faces, o nariz e a testa. Arthur deixou cair as mãos e colocou os braços em redor de Linus, apertando-o contra si. Linus podia ouvir as crianças a aplaudir dentro de casa quando eles começavam a baloiçar à luz do Sol poente.

— Desculpa — sussurrou Linus contra a garganta de Arthur, não querendo que o momento terminasse.

Arthur apertou-o com mais força.

— Como és tolo e adorável. Não há nada de que te desculpares. Tu lutaste por nós. Eu nunca poderia ficar zangado contigo por isso. Oh, como te adoro.

Linus sentiu o seu coração acalmar-se no peito.

Enquanto continuavam a baloiçar ao som de uma música que só eles podiam ouvir, o Sol afundou-se finalmente no horizonte e tudo ficou perfeito naquele pequeno canto do mundo.

Não gostarias de estar aqui?

Referência à canção *Dream a Little Dream of Me* (N. da T.).

EPÍLOGO

Numa quinta-feira à tarde, um dia quente de primavera, o som de uma carrinha velha que subia a estrada que conduzia à casa encheu o ar.

Linus ergueu os olhos de onde estava a arrancar ervas daninhas, passando a mão na testa e deixando para trás uma mancha de sujidade.

— Parece a Helen — disse. — Ela vem para te ver?

Talia não ergueu os olhos enquanto acariciava amorosamente o solo em redor de um canteiro de petúnias.

— Não que eu saiba. Ela falou de outra revista que quer ver as minhas flores, mas disse que não seria antes do próximo mês. Não disse nada quando estivemos na vila no fim de semana passado.

Linus levantou-se com um gemido.

— É melhor ir ver o que ela quer.

— Se for o meu público que me adora, diga-lhes que não estou preparada para receber neste momento e que é má-educação virem com tão pouco aviso.

Ele soltou uma risada.

— Eu digo-lhes.

Talia olhou para ele, semicerrando os olhos.

— Não pense que isto o livra de arrancar ervas daninhas.

Deu-lhe uma palmadinha no topo do gorro.

— Nem em sonhos. Continua, eu não demoro.

Talia resmungou baixinho em gnomês.

Abanou a cabeça, sorrindo para si mesmo. Ela estava a ficar cada vez mais criativa com as suas ameaças. Achava que a culpa era toda de Lucy.

Limpou as mãos à camisa e saiu do jardim em direção à parte da frente da casa. O Linus de há um ano não reconheceria o homem que existia hoje. A sua pele tinha-se queimado e descascado e queimado e descascado até ele ficar com o que poderia ser descrito como um ligeiro bronzeado. Usava calções (por escolha sua!) e tinha os joelhos sujos por ter estado ajoelhado no jardim durante a última hora. Ainda era rotundo e aceitara-o a contragosto quando Arthur lhe dera a conhecer que apreciava esse facto. Ostentava ainda menos cabelo do que antes, mas tinha pouco tempo para coisas tão triviais. Sentia-se confortável na sua própria pele pela primeira vez na vida. Talvez a sua tensão arterial ainda estivesse um pouco elevada, mas a vida era muito mais do que preocupar-se com um pneu sobressalente ou com cabelos nas almofadas.

Estava a cantarolar um tema de Buddy Holly quando a carrinha chegou e parou com um solavanco, fazendo o motor tossir e gaguejar ao ser desligado.

— Parece estar prestes a arrumar as botas — observou Linus enquanto Helen descia da carrinha. Ela usava um fato-macaco com manchas de erva.

— Eh. Dá para o trabalho. — Sorriu-lhe. — Está todo sujo. A Talia está a obrigá-lo a cumprir o vosso acordo, não é?

Linus suspirou.

— Consegui que ela reduzisse para três dias por semana, agora. Não me atrevo a tentar reduzir mais. Ela ainda não tapou o buraco que deveria ser o meu túmulo. É uma ameaça bastante eficaz vinda de alguém tão pequeno.

— Fica-lhe bem — disse ela, dando-lhe uma palmadinha no ombro. — O Arthur está lá dentro? Preciso de falar com vocês os dois. E o J-Bone queria que eu dissesse ao Lucy que os discos que ele encomendou chegaram.

— Está tudo bem?

O sorriso dela desapareceu.

— Acho que sim, mas é melhor se vos contar aos dois ao mesmo tempo.

Linus não gostou do som daquilo.

— Tem que ver com a vila? Achei que as coisas estavam a melhorar. No último fim de semana, quando lá estivemos, só recebemos alguns olhares furiosos.

Helen abanou a cabeça.

— Não, não tem nada que ver com a vila. E quem é que vos aborreceu?

Ele encolheu os ombros.

— Os suspeitos do costume, mas está a ficar mais fácil ignorá-los. As crianças são notavelmente resilientes quando precisam de ser.

Ela franziu a testa.

— Não *deviam* precisar. Prometi que faria o meu melhor para garantir que nada desse género voltasse a acontecer.

— Você fez maravilhas — assegurou-lhe Linus. — Mas estas coisas demoram.

E nem toda a gente *queria* que as coisas mudassem, embora ele achasse que não precisava de lho dizer. Desde que viera até à ilha, ver as coisas por si mesma, Helen assumira a missão de tornar a vila um lugar acolhedor para todos. Primeiro, os cartazes de VEJA ALGUMA COISA, DIGA ALGUMA COISA foram retirados de toda a vila. Esse acontecimento fora recebido com resistência mínima, mas houve resmungos maiores quando ela anunciou a sua intenção de posicionar a vila de Marsyas como um local de férias para todos, seres humanos e mágicos. Só quando ela recordou aos empresários que mais pessoas significava mais dinheiro para a vila, é que os resmungos começaram a diminuir. Linus sentiu uma satisfação sombria com a forma como o preconceito era incapaz de fazer frente ao lucro, especialmente dado que os pagamentos que a vila recebia pelo seu silêncio em relação à ilha tinham sido cortados.

Ele considerou uma vitória quando o conselho da vila votou a favor, por mais vazia que essa decisão pudesse ser.

Era um começo.

E então, depois do Natal, veio o anúncio surpreendente do Departamento Responsável pela Juventude Mágica referente à demissão da Direção Extremamente Superior, depois de uma investigação externa ter revelado que as escolas que eles administravam tinham sido consideradas discriminatórias. A investigação fora desencadeada por um relatório anónimo que delineava práticas desagradáveis envolvendo jovens mágicos, citando exemplos específicos de crianças sob a orientação do DRPJM que tinham sido tratadas como cidadãos de segunda classe. Um novo conselho de administração fora nomeado e, embora falassem de enormes mudanças abrangentes, as engrenagens da burocracia giravam de facto muito devagar, especialmente quando enfrentavam uma resistência vocal. Ultrapassar décadas de preconceitos levaria tempo. No entanto, se pudessem começar com o DRPJM, isso poderia levar a que outros departamentos que lidavam com seres mágicos comesçassem a mudar de acordo com os tempos.

Tinham de começar por algum lado.

Uma repórter chegara à ilha em fevereiro, tendo aparentemente descoberto Linus depois de saber da sua saída dramática do DRPJM. Ela perguntara se ele sabia alguma coisa sobre o relatório anónimo que causara ondas de choque no governo.

— Um delator — disse ela. — Alguém com conhecimento interno sobre o funcionamento do Departamento Responsável pela Juventude Mágica.

Ele rira-se nervosamente.

— Eu pareço-lhe alguém capaz de causar uma confusão?

Ela não se deixou enganar.

— Aprendi a nunca julgar aquilo de que uma pessoa é capaz apenas com base nas aparências. Eu protegeria o seu anonimato.

— Protegeria?

— Tem a minha palavra. Protejo ferozmente as minhas fontes.

Ele pensou em todas as outras crianças do mundo em lugares como Marsyas. Os que conhecera e os milhares que nunca tivera o prazer de conhecer, embora tivesse lido sobre muitos deles nos dossiês que roubara. Talvez isto ajudasse o fogo a continuar a arder com a maior intensidade possível. Era um homem calmo, sim, com um coração calmo, mas pensou na fénix de asas abertas numa cave escura e depois num cais onde todos a podiam ver. Se esta repórter conseguira encontrá-lo, era provável que outros também conseguissem, mas Linus decidiu que estava farto de se esconder nas sombras.

— Então, ouça bem, pois a história que tenho para lhe contar será diferente de tudo o que já ouviu.

Ela sorriu.

Quando se fora embora, cinco horas depois, tinha os olhos a brilhar e parecia faminta. Dissera que tinha o suficiente para uma série inteira e que os iria avisar quando estivesse prestes a ser publicada. Achava que estaria pronta no verão.

— Sabem o que é que isto vai fazer? — perguntara-lhes diante da casa. — Têm alguma ideia do que isto vai significar?

— Mais do que imagina — disse Arthur.

Observou-o por um longo momento antes de assentir. Virou-se na direção do carro, mas parou com a mão na maçaneta da porta. Olhou novamente para eles.

— Uma última pergunta.

— Malditos repórteres — murmurou Linus.

Ela ignorou-o, tendo olhos apenas para Arthur.

— Ouvi de uma fonte que um homem diferente de qualquer outro concordou em testemunhar sobre as suas próprias experiências de

estar sob a alçada do Departamento Responsável pela Juventude Mágica. Sabe alguma coisa sobre isso?

— Um homem diferente de qualquer outro — disse Arthur. — Que curioso.

— É verdade?

— Suponho que o tempo o dirá.

Ela abanou a cabeça. Algo que Linus não conseguiu analisar passou-lhe pelo rosto. Disse:

— Tenho de permanecer objetiva, o meu trabalho é relatar os factos e nada mais.

— Mas? — perguntou Arthur.

— Mas, como um ser humano e alguém que viu vislumbres de luz em toda a escuridão, espero que esse homem saiba que há muitas, muitas pessoas que acreditam que o que ele tem a dizer trará a mudança de que este mundo tão desesperadamente precisa. Bom dia.

Partiu, então, voltando para o *ferry*.

Eles ficaram na varanda, de mãos dadas, enquanto o carro dela desaparecia pela estrada de terra.

Linus falou:

— Eu disse-te.

Arthur sorriu.

— Disseste, sim. Talvez tivesses razão, afinal. Achas realmente que eles vão ouvir?

Linus não era tolo; ele sabia que o DRPJM estava provavelmente a observá-lo tanto como observava os outros moradores da ilha. Embora não tivesse nada de mágico, deixara o DRPJM e viera para um sítio ainda tecnicamente considerado confidencial, embora isso fosse uma espécie de piada agora. As crianças não escondiam quem eram e, embora ainda enfrentassem algum conflito, eram bem-vindos na aldeia sempre que desejavam. Helen garantira-o.

Oh, ele não era ingênuo o suficiente para pensar que seria assim em todo o lado. Ainda via a raiva e a causticidade que os seres mágicos recebiam nas cidades maiores. Havia comícios e marchas a favor do registo, mas o que o fazia ter esperança de que as coisas estivessem a mudar eram os *contramanifestantes* que se reuniam em maior número. Eram principalmente jovens, uma mistura de seres mágicos e humanos, e Linus sabia que a velha guarda em breve estaria nas últimas.

Era simplesmente uma questão de tempo.

— Sim — disse ele. — Vão acabar por ouvir.

Arthur assentiu.

— Tu acreditas em mim.

Linus pestanejou.

— Claro que acredito. Acredito em vocês todos. Mas tu és uma fénix, Arthur, conheces o fogo. É altura de queimarmos tudo e vermos o que pode crescer das cinzas.

— Uma confusão — disse Arthur e riu-se baixinho. — Se eles soubessem do que somos capazes.

Linus sorriu.

— Vão saber.

Estava à espera de ver se o DRPJM enviaria um novo assistente social para a ilha, especialmente depois da petição que Arthur tinha apresentado recentemente. Até agora, não houvera notícias de tal coisa, embora Helen estivesse aqui agora. Talvez ela tivesse descoberto alguma coisa e os viesse avisar.

— Vou continuar a trabalhar nisso — disse ela.

Ele sorriu suavemente para ela.

— Nós sabemos e estamos gratos por isso.

Conduziu-a para dentro de casa. Podia ouvir os sons de uma casa cheia de felicidade em redor deles. Rangia e gemia como as casas fazem quando são velhas e bem habitadas. Viu a ponta de um rabo

a bater alegremente debaixo do sofá. Enquanto subiam as escadas, ouvia-se o som das teclas de uma máquina de escrever a matraquear furiosamente e de um alegre «Como está?» vindo do quarto de Chauncey. Ele estava a praticar cada vez mais por estes dias, especialmente depois de o gerente do hotel lhe ter perguntado se gostaria de passar um dia por mês a trabalhar com o carregador deles. Parecia que o homem que dera o seu boné a Chauncey estava a envelhecer e em breve ia começar a pensar em reformar-se. Chauncey colapsara numa poça trémula, algo que Linus e Arthur não sabiam que ele era capaz de fazer. Por fim, quando se recompôs, aceitou em lágrimas. Tivera o seu primeiro dia de trabalho no sábado.

Linus ouviu Lucy a exclamar alto quando chegaram à porta do quarto. Olhou para Helen, que arqueou uma sobrancelha para ele.

— Lucy foi o primeiro a dizer alguma coisa a Arthur sobre o que ele era — explicou Linus. — Toda a gente já sabia, mas Lucy decidiu ser mais direto sobre o assunto. Tem andando a pedir a Arthur para pôr coisas a arder há já algumas semanas.

— Oh, céus — disse Helen.

Ele empurrou a porta, abrindo-a.

— ... e *pense* só nisso, Arthur! Pense em todas as coisas que ardem! Papel! Cartão! Árvores! Espere. Não, árvores não. A Phee mata-me se queimarmos árvores. Mas *podíamos* se quiséssemos. Entre nós os dois, podemos *incendiar tantas coisas*... Olá, Linus!

Linus abanou a cabeça.

— Lucy, já conversámos sobre isso.

Lucy franziu o sobrolho.

— Eu sei, mas o Linus também me disse que a única maneira de aprendermos coisas novas é perguntando sobre elas.

Arthur sorriu.

— Disseste isso, de facto.

— Arrependo-me de tudo — murmurou Linus.

— Está a mentir — disse Lucy. — O Linus *ama-me*. — Aquele sorriso assumiu um tom sinistro. — Tal como *aaaaama* o Arthur.

Linus sentiu-se a ficar vermelho, mas não tentou argumentar. Todos na sala saberiam que ele estava a mentir.

— Seja como for, acho que há um prato de biscoitos com o teu nome na cozinha. Porque é que não vais ver se o Sal e o Chauncey querem juntar-se a ti?

Lucy olhou para ele desconfiado.

— Estão a expulsar-me para falar sobre mim? Porque, se estiverem, eu não fiz o que pensam que fiz.

Os olhos de Linus semicerraram-se.

— Fizeste alguma coisa que eu devesse saber?

— Biscoitos! — exclamou Lucy, saindo a correr do quarto. — Olá, Helen! Adeus, Helen! — Chamou pelos irmãos enquanto batia com a porta atrás de si. Uma pintura na parede — a de um lémure numa pose incrivelmente lasciva, que Arthur achava inexplicavelmente deliciosa — ficou torta.

— Um diabinho, não é? — perguntou Helen, olhando maravilhada para a porta fechada.

— Literalmente — respondeu Arthur. — Helen, acho que não a esperávamos.

— Desculpem por isso — disse ela. — Eu... não podia esperar. Precisava de vos ver. — Olhou para Linus. — Aos dois, é importante.

— Com certeza — disse Arthur, indicando com a cabeça a cadeira que Lucy tinha desocupado. Ela sentou-se enquanto Linus se colocava ao lado de Arthur. Ficou ainda mais vermelho quando Arthur estendeu a mão e lhe pegou na sua, beijando-a nas costas, mas não a retirou.

— Isso vai indo, não é? — perguntou Helen com um brilho nos olhos de que Linus não gostou.

— Estamos a levar as coisas um dia de cada vez — disse Linus rigidamente.

— Ah, claro. Eu percebo. A Talia disse-me no fim de semana passado que o Linus não dorme na casa de hóspedes desde o Natal e que eles foram dormir várias vezes a casa de Zoe, embora eu ache que ela não entende bem porquê.

Arthur riu-se enquanto Linus gemia.

— Miúdos intrometidos.

— Fica-vos bem esse ar — disse ela calmamente. — Aos dois. Estou feliz por se terem encontrado. — Ficou séria. — Esperei para vir falar com vocês sobre isto. Queria ter a certeza, mas acho que está quase na altura.

Linus ficou confuso. Olhou para Arthur antes de voltar a fitar Helen.

— Do que está a falar?

— Uma criança — disse Arthur. — Não é? Encontrou uma nova criança.

Linus sentiu arrepios na nuca.

Helen assentiu.

— Ele não está documentado, mas não tem mais ninguém. Está com... alguns amigos, pessoas em quem confio, mas eles não têm espaço suficiente e a intenção foi sempre ser temporário. E dado... o que ele é, vai precisar de mais do que eles alguma vez poderiam fornecer. — Sorriu, embora fosse um sorriso trémulo. — Eu sei que é pedir muito e pode atrair mais atenção para vocês do que aquela que gostariam, mas ele não tem para onde ir. Eles procuraram parentes, mas sem sucesso. Acho que está sozinho. É tímido, receoso e não fala muito. Faz-me lembrar um pouco o Sal, na verdade, ou, melhor, como ele costumava ser. Acho que nunca ouvi aquele rapaz falar tanto como tem feito nos últimos meses.

— Um verdadeiro fala-barato — disse Linus com voz fraca. — Qual é o nome dele?

— E é por isso que eu sei que este pode ser o sítio certo para ele — disse Helen com um sorriso crescente. — Porque não me perguntaram o que ele era, apenas quem é. Não sei se alguém alguma vez fez isso por ele. — Enfiou a mão no bolso do fato-macaco e tirou uma fotografia. Olhou para ela antes de a entregar. — O nome dele é David, tem onze anos e é um...

— Um *yeti* — disse Linus maravilhado. Olhou para a foto na mão de Arthur, onde se via um menino sorridente coberto de grossos pelos brancos. No entanto, foram os seus olhos que Linus notou mais do que tudo.

Eram cerúleos.

— Nós ficamos com ele — disse Linus imediatamente. — Assim que estiver pronto. Podemos ir buscá-lo hoje? Onde é que ele está? Tem muita coisa? Oh, vamos ter de descobrir onde ele vai dormir. A casa de hóspedes pode funcionar, mas... esperem. Será que ele vai ficar bem aqui? Não vai preferir o frio? Acho que podemos arranjar alguma coisa. Tudo o que pudermos fazer para o deixar confortável...

Sentiu Arthur apertar-lhe a mão.

Olhou para baixo.

— Passei-me, não é?

E Arthur disse:

— Meu querido, querido homem. Como te adoro.

Linus tossiu.

— Hum, sim. Tu também, o mesmo.

Helen sorria para eles.

— Eu sabia. Sabia que estava a fazer o mais correto. E, sim, ele gosta de frio, embora tenha sobrevivido mais sem o ter.

— Não devia estar apenas a *sobreviver* — disse Linus irritado. — Devia estar a *viver*.

— A cave — disse Arthur e Linus ficou boquiaberto. — Podíamos converter a cave numa câmara fria. Só para ele.

— Tens a certeza?

Arthur assentiu.

— Sim. Acho que está na altura de deixar o passado descansar, de pegar em algo cheio de raiva e tristeza e torná-lo melhor.

Linus Baker amava Arthur Parnassus mais do que era capaz de dizer em palavras.

— Será que isto poderá causar problemas para a vossa petição para adotar os outros? — perguntou Helen parecendo preocupada.

— Não quero que seja posta em risco.

Arthur abanou a cabeça.

— Não vejo como poderia ser. Este lugar ainda é considerado um orfanato, embora o DRPJM esteja a rever as suas diretrizes, ou assim dizem. E ele é... incomum, tal como o resto de nós. Se decidir que gosta de estar aqui e quiser ficar, faremos o que pudermos para passar pelos canais apropriados. Se não gostar, encontrar-lhe-emos um sítio onde possa pertencer.

Helen pareceu aliviada.

— Há mais, sabem, muitos mais.

— Nós sabemos — disse Linus. — E, embora não os possamos ajudar a todos, faremos o máximo que pudermos por todos aqueles que forem colocados no nosso caminho.

Ela deixou-os um pouco mais tarde com a promessa de entrar em contacto em breve. Havia planos a ser feitos e ela achou que seria melhor se Arthur e Linus fossem ter com David primeiro para não o deixar avassalado com os outros todos.

Eles concordaram.

Linus observou a carrinha pela janela do quarto. Helen estava a falar com Zoe pela janela aberta. Ambas sorriam. Linus não tinha visto o relacionamento delas florescer, embora parecesse ser o único. Só quando tropeçara nelas a beijar-se é que descobriu por que razão Helen parecia vir cada vez mais à ilha.

Zoe beijou as costas da mão de Helen antes de se afastar. A carrinha deu a volta e o motor roncou, enquanto ela começava a percorrer a estrada de volta ao cais. Linus sobressaltou-se quando uns braços o envolveram pela cintura. Virou ligeiramente a cabeça para esfregar o nariz na face de Arthur.

— Tu consegues fazê-lo — sussurrou ele. — Trazê-lo para aqui, fazê-lo feliz.

— Nós conseguimos fazê-lo — corrigiu Arthur gentilmente. — Porque ele vai precisar de ti tanto quanto de mim. Vai precisar de todos nós, acredito. E estaremos prontos.

Linus virou-se. Beijou a ponta do nariz de Arthur.

— Obrigado.

— Pelo quê?

— Por isto, por tudo. Por toda esta cor.

Arthur sabia o que ele queria dizer.

— Foram os olhos dele, não foi? Foi o que viste primeiro.

Linus assentiu.

— Lembraram-me o mar. É um sinal. Ele pertence aqui e faremos tudo o que pudermos para garantir que ele saiba disso.

— Achas que devemos contar às crianças?

— Sobre o David? Claro. Elas precisam...

Ele abanou a cabeça.

— Sobre o pedido de adoção e dizer que o teu nome também está lá.

Linus hesitou.

— Ainda não. Não até termos a certeza de que vai passar com ambos os nossos nomes lá. Detestava dizer algo para depois o pedido ter de ser alterado apenas para o teu nome se o DRPJM o rejeitar porque somos... — Tossiu grosseiramente. — Tu sabes. — Linus desejou poder enfiar-se num buraco. Esperava que Arthur o ignorasse.

Arthur não ignorou.

— Porque não somos casados.

— Sim, isso. — E não, Linus não estava de modo nenhum a pensar nisso, nem um pouco. Ora, a própria ideia era absurda. Não só era demasiado cedo, como havia...

— Talvez tenhamos de mudar isso, então.

Linus ficou a olhar para ele boquiaberto enquanto Arthur se afastava em direção à porta.

— Desculpa?

Arthur olhou para ele por cima do ombro.

— Vens, meu querido Linus?

— Ouve só uma coisa! Não devias... não podes simplesmente *dizer* algo como... mas que *raio*...

Arthur abriu a porta do quarto. Estendeu a mão para Linus.

Linus, ainda a gaguejar, é claro, aceitou o que lhe era oferecido.

Acontece que não precisavam de se preocupar. Quando chegaram ao fundo das escadas, as crianças e Zoe tinham-se reunido na cozinha e Lucy estava já a explicar com um entusiasmo feroz que Linus também ia ser pai deles e que Arthur e Linus iam casar. Teriam de falar novamente com ele sobre escutar às portas.

Quando as crianças se atiraram para cima dos dois, com exclamações de felicidade acompanhadas de algumas lágrimas, Linus descobriu que não estava nem um pouco aborrecido.

Às vezes, pensou para consigo mesmo, numa casa no mar cerúleo, podíamos escolher a vida que queríamos.

E, se fôssemos uma pessoa com sorte, às vezes essa vida escolhia-nos também.

AGRADECIMENTOS

Escrever pode ser uma viagem solitária. Os escritores estão muitas vezes presos nas suas próprias cabeças enquanto colocam febrilmente os seus pensamentos em palavras. E só quando nos preparamos para lançar as nossas histórias para o mundo é que se torna claro que não precisamos de passar por essa viagem assustadora e emocionante sozinhos.

Às minhas leitoras beta, Lynn e Mia, as primeiras a ler esta história: a vossa contribuição foi inestimável, como sempre. Vocês fizeram de *A Casa no Mar Cerúleo* mais do que aquilo que eu esperava e, por isso, terão sempre a minha gratidão. Sou um sortudo por vos ter.

À minha agente, Deidre Knight: tu foste e és uma dádiva. Lembra-te de quando me contactaste depois de leres o meu livro sobre os lobos? Eu lembro-me. Foi uma experiência que mudou a minha vida. Apoiaste-me e empurraste-me para lá do que eu achava que era capaz. Por causa do teu trabalho duro em meu nome, este livro e os seguintes encontraram um lar com uma editora que me entende, que entende a importância da experiência *gay*. És um espetáculo e nunca deixes que te digam o contrário.

À minha editora, Ali Fisher: miúda, amo-te. Eu estava *tão nervoso* quando falámos ao telefone pela primeira vez. Estava fora de pé e, embora Deidre estivesse lá para me dar a mão, eu estava prestes a vibrar para fora de mim. Mas tu viste além do meu discurso confuso e, depois de conversarmos, eu soube que não havia melhor lugar para contar as minhas histórias do que contigo e com a Tor. Obrigado por me dares uma das maiores emoções da minha vida. O teu trabalho em *Cerúleo* tornou-a a melhor história possível e eu não poderia pedir uma melhor editora. Vamos arrasar.

E a todos os outros:

Obrigado à Tor por me mostrar que uma editora acredita em contar histórias *gay* sinceras (por meio do Anticristo).

Obrigado à Saraciea Fennell, a minha relações-públicas, com o apoio de Anneliese Merz e Lauren Levite, por me venderem (no bom sentido).

Obrigado ao diretor de arte, Peter Lutjen, e ao Red Nose Studio por criarem uma das capas mais bonitas que já tive. A sério. Quando terminarem de ler isto, vão olhar um pouco mais para ela. É arte.

Além de Ali, a editora assistente, Kristin Temple, garantiu que eu não descarrilasse, coisa que tenho tendência para fazer. Obrigado, Kristin.

Obrigado a Melanie Sanders e Jim Kapp na produção, à equipa de vendas da Macmillan, à equipa de *marketing* da Tor (Rebecca Yeager — és uma estrela fantástica) e à equipa de *marketing* digital.

Portanto, sim, embora escrever um romance seja solitário, como podem ver, não estou sozinho. Tenho boas pessoas atrás de mim. Isso é algo pelo qual sempre serei grato. Eles fazem de mim um escritor melhor.

Mais uma coisa: para si, leitor. Se chegou até aqui, espero que tenha gostado da viagem. Alguns de vocês podem ser novos para mim enquanto autor. Outros estão comigo desde o início. Valorizo cada um de vocês, porque sem vocês, não teria ninguém a quem contar as minhas histórias. Obrigado por me permitirem fazer o que mais adoro.

TJ Klune

22 de agosto de 2019

Obrigado por leres na DESROTINA!

A CASA NO MAR GERÚLEO

Os desrotinadores que tomaram este livro possível:

João Gonçalves
publisher overlord

António Fonseca Tavares
project management jedi

Miguel Cardoso Pereira
editor extraordinaire

Ana Gaspar Pinto
design & marketing wizard

Alexandra Cardoso
translation mastermind

Daniela Maciel
proof-reader sensation

Teresa Barreiros
rock-star sales manager

Romão Cunha
do-it-all ninja

... e, claro, tu
o nosso fiel leitor

Ajuda-nos na divulgação e descobre todos os nossos livros em:

Site: www.desrotina.pt

Facebook: @desrotinaeditora

Instagram: @desrotinaeditora

DESROTINA. CRIA UMA. 